

**À Luz das Palavras Quase Esquecidas**  
Contributo para o estudo dos  
regionalismos na Ponta do Sol

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Maria Florentina Silva Santos**

MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

janeiro | 2013

T/M LMA  
80  
SAN Luz

72818

**À Luz das Palavras Quase Esquecidas**  
Contributo para o estudo dos  
regionalismos na Ponta do Sol

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Maria Florentina Silva Santos**

MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS

UNIVERSIDADE DA MADEIRA  
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO  
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO  
Naidea Nunes Nunes

À minha família (mãe, irmãos, sobrinhos, tias e primos).

À memória da minha tia Conceição, entretanto desaparecida,  
que muito inspirou este estudo e cujas palavras fazem parte dele, dando-lhe nova vida.



Ponta do Sol, foto de Hugo Reis

## **Agradecimentos**

A todos aqueles que pacientemente se dispuseram a responder às entrevistas e ao longo inquérito aplicado, pois sem eles não seria possível realizar este trabalho.

Aos familiares, amigos e conhecidos que contribuíram para a recolha de “palavrinhas”.

Ao Nélio Freitas, um agradecimento muito especial, pela ajuda prestada na realização de entrevistas e aplicação de inquéritos.

Aos Amigos cujo apoio e contributo, das mais variadas formas, me motivam a seguir em frente, não só neste, mas em todos os projetos a que me proponho, pessoais ou profissionais.

À Professora Helena Rebelo, pela preciosa ajuda e aconselhamento aquando da delimitação do tema e tipo de abordagem a aplicar neste trabalho, bem como pela bibliografia cedida.

E, finalmente, à Professora Naidea Nunes, pela bibliografia cedida, pelo apoio incansável e, sobretudo, pela disponibilidade, dedicação e amizade, que fizeram com que este percurso fosse de alegria, mesmo nas alturas de cansaço, e não de dificuldades.

Bem hajam.

## Resumo

Este trabalho de investigação pretende ser um contributo para o estudo dos regionalismos utilizados no concelho da Ponta do Sol (ilha da Madeira). Para levar a cabo este projeto, seleccionámos um conjunto de cento e sessenta palavras e, através da aplicação de um inquérito semasiológico, procuramos aferir a sua vitalidade, nomeadamente junto das novas gerações.

Neste estudo abordamos alguns aspetos lexicais e semânticos do português falado na Madeira (ou dialeto madeirense), centrando-nos no(s) falar(es) da Ponta do Sol e / ou variedades locais. Evidenciamos ainda algumas diferenças no uso dos regionalismos estudados nas diversas localidades do concelho e damos conta da variação linguística por faixas etárias e por níveis de escolaridade.

O estudo dos regionalismos levanta sempre muitas questões, nomeadamente a distinção entre linguagem regional e linguagem popular, pois, muitas vezes, a maior parte dos vocábulos que são considerados regionalismos são, na verdade, corruptelas ou variantes populares utilizadas em todo o país, sobretudo nos meios rurais, pelas camadas menos escolarizadas da população. Contudo, na prática, distingui-las não é uma tarefa fácil. Esse foi um dos nossos desafios.

A sistematização de toda a informação lexical e semântica recolhida é feita através do glossário dos regionalismos estudados e mostra-nos bem a riqueza ou variedade dos mesmos, pois, se por um lado constatamos a conservação de palavras antigas, embora algumas estejam a cair em desuso junto das novas gerações, por outro lado encontramos vocábulos que têm vindo a ganhar novos significados, atestando a sua vitalidade.

**Palavras-chave:** variação linguística, regionalismos, dialeto madeirense, linguagem popular, falar da Ponta do Sol, língua portuguesa.

## Abstract

This research work intends to contribute to the study of regionalisms used in the municipality of Ponta do Sol (Madeira Island, Portugal).

In order to accomplish this project, we have selected a group of one hundred and sixty words and by the application of a semasiological survey, we have tried to check its vitality, mainly amongst the younger generations.

In this study we have approached some lexical and semantic aspects of the spoken Portuguese in Madeira (or Madeiran dialect), focusing on the speaking in Ponta do Sol and / or local varieties. We also point out some differences in the use of the studied regionalisms in the diverse locations of the municipality and we perceive the linguistic variation by age groups and school education levels.

The study of regionalisms always brings several questions up, such as the distinction between regional and popular language, as many times, most words which are considered regionalisms are, indeed, corruptions or popular variants used all over the country, mainly in rural areas, by the least schooled population. Nevertheless, to differentiate them is not an easy task. That has been one of our challenges.

The systematization of all lexical and semantic information that was gathered is made by the glossary of the studied regionalisms and shows us quite well the abundance or variety of those. So, if in one hand we find out the preservation of ancient words, though some of them are falling into disuse among the new generations, on the other hand we find words that have been gaining new meanings, attesting their vitality.

**Keywords:** linguistic variation, regionalisms, Madeiran dialect, popular language, variety of spoken European Portuguese (Ponta do Sol), Portuguese language.

“Muitas palavras serão corruptelas do bom português. Algumas, português bárbaro do século quinze e outras, formadas pelo mesmo povo pela necessidade que tem de se exprimir, visto desconhecer os termos técnicos, terminologia correcta etc.”

F. C. de Meneses Vaz, “À maneira de prefácio”, *Vocabulário Popular da Madeira*, do Pe. Fernando Augusto da Silva, 1950, p. XIII.

“Uma língua viva é um organismo em incessante transformação. Nela, a cada momento, alguma coisa nasce e alguma coisa morre. Os seus léxicos, inventários etimológicos e históricos das riquezas vocabulares, envelhecem, não apenas porque o afluxo das palavras novas é constante e porque a evolução semântica atribui às velhas palavras novos valores; mas ainda porque os regimes ortográficos se sucedem, consequentes muitas vezes de vicissitudes da política da língua; e, finalmente, porque os próprios processos e a própria técnica lexicológica se modificam sem cessar no sentido da maior perfeição.”

Júlio Dantas, “Prefácio”, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo, 1986, vol. I, p. IX.

## Índice Geral

I – Introdução .....	8
1. Justificação do tema e objetivos .....	8
2. Contextualização geográfica, histórica e socioeconómica da Ponta do Sol .....	8
3. Metodologia de trabalho.....	12
4. Estrutura da dissertação.....	16
II – Revisão da literatura .....	17
1. Dialectologia: dialeto, falar e variedade.....	17
2. Estudos sobre o dialeto madeirense.....	19
3. Linguagem regional e linguagem popular .....	25
III – Os regionalismos na Ponta do Sol .....	31
1. Descrição e análise dos dados .....	31
2. Apresentação dos resultados .....	32
2.1. Resultados obtidos por localidade .....	32
2.1.1. Alunos do 5º, 6º e 10º anos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol .....	32
2.1.2. Jovens e adultos do concelho da Ponta do Sol .....	38
2.2. Resultados obtidos por faixa etária .....	43
2.3. Resultados obtidos por escolaridade .....	48
IV- Glossário dos regionalismos estudados .....	56
1. Elaboração do glossário.....	56
2. Abreviaturas .....	57
3. Glossário.....	58
V – Conclusões.....	124
VI - Bibliografia .....	129
VII – Apêndices (em CD) .....	133

## **I – Introdução**

### **1. Justificação do tema e objetivos**

A proposta deste trabalho nasce de uma velha paixão pelos “falares” do nosso povo. Desde muito cedo fui confrontada com as diferenças entre “bairrismos linguísticos”. Filha de pais de freguesias diferentes, apesar de pertencentes ao mesmo concelho (Ponta do Sol), fui sempre chamada à atenção pelos familiares de uma e outra freguesia por falar como as pessoas da freguesia oposta. Isto fez com que, desde então, me distanciasse de um e outro “falar”, como forma de alcançar uma existência mais harmoniosa entre os dois polos familiares. Por outro lado, este facto despertou o meu interesse para essas diferenças, quer ao nível da pronúncia quer dos vocábulos utilizados por uns e por outros, contribuindo para o desenvolvimento da minha consciência linguística. Mais tarde, ao frequentar escolas com alunos de concelhos diferentes, esse interesse aumentou, pois comparava as diversas pronúncias, o que se agudizou ao frequentar o Curso de Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses, na Universidade da Madeira.

Assim, é meu intuito, desde que terminei a licenciatura, elaborar um trabalho que dê a conhecer esses vocábulos, os quais considero “pérolas linguísticas”, muitos deles a cair em desuso e, por outro lado, analisar a sua evolução, através do estudo da sua utilização pelas camadas mais jovens, constatando a sua vitalidade e atual significado. A delimitação geográfica ao concelho da Ponta do Sol deve-se às razões acima descritas e também ao limite de tempo, que impossibilita um estudo mais abrangente.

Tendo em conta a justificação do tema acima apresentado, os objetivos da presente dissertação são os que se seguem: identificar regionalismos ainda utilizados pelas faixas etárias mais idosas do concelho da Ponta do Sol; aferir a vitalidade desses regionalismos nas faixas etárias mais jovens; conhecer a variação formal e semântica dos vocábulos estudados.

### **2. Contextualização geográfica, histórica e socioeconómica da Ponta do Sol**

#### **2.1. Localização geográfica**

O concelho da Ponta do Sol está situado a 18 Km do Funchal. Localizado na costa sul da Ilha da Madeira, é limitado a oeste pelo concelho da Calheta, a norte pelos concelhos de São Vicente e Porto Moniz, e a leste pelo concelho da Ribeira Brava.

Atualmente, este concelho possui três freguesias: Ponta do Sol (sede do concelho), Canhas e Madalena do Mar.



Da freguesia da Ponta do Sol fazem parte várias localidades: Livramento, Monte, Lombada e Lugar de Baixo. As localidades do Monte e Livramento são delimitadas a oeste e a noroeste pela Ribeira de S. Tiago (seguindo-se os Canhas), a leste e sudeste pela Ribeira da Ponta do Sol e a sul pela vila da Ponta do Sol. Já a Lombada é delimitada a oeste pela Ribeira da Ponta do Sol, a norte pelo Paul da Serra, a leste pela Ribeira da Caixa e a sul pelo Lugar de Baixo. Este, por seu turno, situa-se junto ao mar e, hoje, encontra-se separado da vila da Ponta do Sol, a oeste, apenas por um túnel, tendo a leste a Tabua, concelho da Ribeira Brava.

A freguesia dos Canhas é limitada a norte pelo Paul da Serra, a leste pela Ribeira de S. Tiago, a sul pelo oceano Atlântico e Madalena do Mar e a oeste pela Ribeira da Madalena, abrangendo uma área de 13,3 km<sup>2</sup>, que corresponde a 30,4% do concelho da Ponta do Sol. (PITA, 2003).

A Madalena do Mar, freguesia mais pequena do concelho, com 2,07 km<sup>2</sup> de área, situa-se à beira mar e encontra-se separada da vila da Ponta do Sol, atualmente, apenas por um longo túnel. A oeste e a noroeste, faz fronteira com o concelho da Calheta e a nordeste e a leste com a freguesia dos Canhas.

## 2.2. Alguns aspetos da sua histórica

Segundo Gaspar Frutuoso, o nome Ponta do Sol surge quando, em 1420, João Gonçalves Zarco, em viagem de reconhecimento da costa da Madeira, chegou a uma ponta

que entrava no mar e sobre a qual se avistava uma rocha que, de tão polida pela rebentação do mar, parecia iluminada pelo reflexo dos raios solares. Desta constatação lhe advém o nome de Ponta do Sol.

A freguesia da Ponta do Sol foi criada em 1450, tendo-lhe sido concedida a categoria de vila e concelho municipal em 1501, por decreto do Rei D. Manuel I. No entanto, o concelho foi suspenso por desobediência entre 1546 e 1548. Pois, devido a uma situação de fome generalizada, em 1546, os pontassolenses obrigaram ao desembarque, na vila, de um navio carregado de trigo com destino ao Funchal. Este seria o primeiro dos muitos tumultos que fazem parte da sua história.

Em 1835, de acordo com a legislação de Mouzinho da Silveira, o concelho da Ponta do Sol passou a integrar as freguesias da Ribeira Brava, Tabua, Ponta do Sol, Canhas e Madalena do Mar. Contudo, com a criação do concelho da Ribeira Brava, em 1914, o concelho da Ponta do Sol perdeu as freguesias da Ribeira Brava e Tabua.

Em 1838 foram criadas duas comarcas, a ocidental e a oriental, ambas com sede no Funchal. A 12 de Novembro de 1875, uma nova ordenação judicial dividiu a Madeira em quatro comarcas: Funchal, Ponta do Sol, S. Vicente e Santa Cruz. (PITA, 2003)

Devido ao seu porto e terras férteis, este povoamento progrediu tão rapidamente que, antes de 1486, já a população tinha a sua igreja, de invocação a Nossa Senhora da Luz, sede da paróquia, mantendo-se assim até hoje.

### **2.3. Contexto socioeconómico**

Na base da prosperidade económica que levou a Ponta do Sol à categoria de concelho em 1501 estiveram as plantações de cana sacarina, embora a cultura de cereais, nomeadamente do trigo, representasse um rendimento significativo. Com efeito, o açúcar foi a principal moeda de troca com o reino. Em finais do século XV, o chamado “ouro branco” já era suficiente para o consumo das ilhas e do reino e era exportado para o estrangeiro.

A vila da Ponta do Sol é onde se situa o tribunal e todos os serviços administrativos e camarários. Atualmente, possui três hotéis, um centro de saúde, a escola básica e secundária e estabelecimentos comerciais diversos. O surgimento de vários prédios de apartamentos nos últimos anos fez com que a sua área habitada crescesse para norte, ao longo da linha da Ribeira da Ponta do Sol.

Sobre a Lombada, Adriano Ribeiro, na Introdução do livro *Ponta do Sol, subsídios para a história do concelho*, escreve “Nela, em tempos recuados, refugiavam-se os foragidos à alçada da jurisdição da Ponta do Sol.” e acrescenta “O contacto entre elementos de diversas

raças na Lombada dos Esmeraldos, incutiu na população nascida dessa miscigenação um carácter de especial pugnacidade pelos seus legítimos direitos.” Pois, “ali afluía uma mão-de-obra diversificada, tanto escrava como de livre condição.” (1993: 15). Este facto explica, *quiçá*, o motivo por que o maior número de vocábulos da nossa lista tenha sido recolhido nesta localidade. No que respeita à sua economia, o cultivo da cana-de-açúcar ocupou um lugar de destaque, mas também o dos cereais e outros produtos hortícolas e frutícolas. Ainda hoje a maioria da população depende da atividade agrícola. O bordado foi sempre outra das ocupações das mulheres, a par com o trabalho no campo. No que respeita ao Livramento e Monte, ali se cultivava, sobretudo, a vinha, a banana e, nas zonas cimeiras do Monte, a cana.

Nos últimos anos, porém, em todo o concelho, uma grande parte da população, em especial as faixas etárias mais jovens, tem procurado trabalho noutros setores, públicos e privados, abandonando o campo. A atual situação económica do país e a falta de emprego tem levado, contudo, ao retorno aos campos, pois aqui e ali surgem cultivados terrenos que antes se encontravam baldios.

Os Canhas, localidade antes fundamentalmente rural e agrícola, tem vindo a perder estas características. Com efeito, apesar de metade da população ainda depender da agricultura, muitas outras atividades têm vindo a desenvolver-se, quer pela dificuldade em encontrar mão de obra para o trabalho no campo quer pela crescente construção de redes de estradas, que levaram ao surgimento de explorações agrícolas com processos modernos de cultivo e em regime de estufa, nas áreas de floricultura e horticultura, e de algumas empresas, no setor secundário e terciário.

Segundo Pita (2003: 21), “Com estas transformações, o modo de viver e de pensar dos canhenses está a alterar-se profundamente e a um ritmo rápido. Até os blocos de apartamentos começam a chegar aos Canhas.”.

Devido à proximidade com a Madalena do Mar, onde os habitantes dos Canhas antigamente iam trocar os produtos agrícolas por peixe, e vice-versa, existe ainda hoje uma grande identificação linguística entre as populações destas duas freguesias, como pudemos constatar através do nosso estudo. O mesmo acontece entre as localidades da Lombada e do Lugar de Baixo, por motivos idênticos.

A atividade principal praticada na Madalena do Mar e no Lugar de Baixo, por serem as regiões mais quentes, quer devido às características do relevo quer devido à proximidade do mar, é o cultivo da banana. A atividade pesqueira, antigamente desenvolvida nestas duas localidades, é hoje inexistente.

Apesar das atuais redes de estradas facilitarem e permitirem um maior contacto entre as populações, nem sempre foi assim. Ainda que pertencentes ao mesmo concelho, as

delimitações geográficas das várias localidades, outrora mais do que hoje, levaram a que existisse entre elas diferenças relevantes, não só a nível do léxico, mas sobretudo a nível fonético. Por outro lado, a Lombada, os Canhas e o Monte, por serem localidades mais a norte e, portanto, mais isoladas, são as mais conservadoras relativamente ao seu léxico.

### 3. Metodologia de trabalho

Como ponto de partida para este trabalho, começamos por fazer entrevistas de prospeção a alguns idosos (homens e mulheres com idades compreendidas entre os 76 e os 86 anos) naturais e residentes das três freguesias do concelho. Da freguesia da Ponta do Sol: uma mulher da Lombada (76 anos), uma do Lugar de Baixo (86 anos) e um homem do Livramento (86 anos); da freguesia dos Canhas: duas mulheres (81 e 85 anos) e um homem (82 anos); da freguesia da Madalena do Mar: um homem (81 anos). Posteriormente, e à medida que o trabalho foi avançando, foram muitas as pessoas que contribuíram com várias das “palavrinhas” que constam da nossa lista.

Após esta recolha de vocábulos e expressões, fizemos o confronto da lista obtida com a lista de vocábulos apresentada na tese de Ana Cristina Figueiredo, intitulada *Palavras d'aquintrodia*, e também da obra publicada com o mesmo título, em 2011 (onde foram incluídos novos vocábulos). Excluímos todos os vocábulos que já constam do referido estudo, com o intuito de que o nosso trabalho seja mais um contributo ao trabalho já realizado.

Feito isto, seguiu-se uma nova seleção, desta vez com a ajuda de uma pessoa do Continente português, uma de Machico, uma do Funchal e uma da Ponta do Sol. Desta forma, estando o Continente português e as três partes da ilha representadas, foram excluídos os vocábulos conhecidos dos representantes do Continente, de Machico e do Funchal, restando aqueles que, à partida, são mais utilizados no concelho da Ponta do Sol.

Com uma lista mais reduzida, decidimos confrontá-la com os vocábulos presentes na tese de Deolinda Macedo, *Subsídios para o estudo do Dialecto Madeirense*, datada de 1939, verificando a existência de alguns dos vocábulos e o respetivo significado atribuído naquela data. Constatamos a alteração de significados de alguns deles.

Passamos, então, a uma nova fase do processo de prospeção, a verificação da existência dos vocábulos no dicionário. Usamos para isso o *Dicionário da Língua Portuguesa 2006*, Porto Editora, Edição revista e atualizada pelo Departamento de Dicionários da Porto Editora. Utilizámos este dicionário como instrumento de prospeção, por ser muito completo e utilizado nas escolas, para verificar se as palavras a estudar estavam dicionarizadas e se apresentavam outro significado ou o mesmo. Uma vez que vários deles ali se encontravam,

com significado igual ou parecido, ainda que alguns fossem referidos como regionalismos, foram excluídos da nossa lista.

A lista resultante desta seleção de vocábulos e expressões foi apresentada e enviada a várias pessoas dos vários concelhos da Madeira, das várias regiões do continente Português e dos Açores, para verificar se eram conhecidos e utilizados com o significado apresentado ou com outro, excluindo-se todos aqueles que eram reconhecidos e utilizados nessas regiões do país. Outro fator de exclusão foi a constatação de que alguns vocábulos eram apenas variantes populares ou corruptelas do português padrão, comuns a todo o país. Esta tarefa não foi, contudo, assim tão simples, pois a pesquisa de outros vocábulos foi constante, junto de familiares e amigos, ao mesmo tempo que muitos iam sendo excluídos pelos motivos acima expostos. Após um longo processo, e dada a necessidade de concluir a lista para elaboração do questionário semasiológico a aplicar na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, às crianças do segundo ciclo e jovens do secundário, antes do término do ano letivo (maio), verificamos que seria muito difícil atingir o número mínimo de vocábulos específicos apenas da Ponta do Sol, não só por desconhecermos todos os vocábulos e expressões ali utilizadas, mas também porque o método de exclusão era falível (questionar um falante de cada um dos restantes concelhos da ilha), pois nenhum falante ou residente conhece todas as palavras e suas variantes do concelho onde vive, à semelhança do que nos acontece. Além disso, as fronteiras atuais entre os diversos concelhos e localidades são quase inexistentes, devido aos meios de transporte e redes de estradas, que permitem a grande movimentação de pessoas de umas zonas para outras e, deste modo, transmitindo e recolhendo todo o tipo de conhecimentos, inclusive linguísticos. Assim, decidimos incluir na nossa lista alguns vocábulos que, apesar de usados neste concelho, tinham sido excluídos por serem comuns a outras partes da ilha.

Inicialmente, optámos por aplicar os inquéritos para aferir o conhecimento dos vocábulos selecionados e respetivos significados, ou seja, verificação do conhecimento, uso e significado atual dos vocábulos, por localidades, por faixas etárias, género e nível de escolaridade ou níveis socioeconómicos (crianças do 6º ano, jovens do 10º e adultos dos 35 aos 55 e dos 55 aos 75 anos de todo o Concelho da Ponta do Sol). No entanto, ao iniciar a aplicação dos inquéritos, verificamos que as profissões não poderiam ser uma variável fixa no confronto entre as várias faixas etárias. Pois, é muito difícil encontrar profissões homólogas, por faixa etária, dentro de cada freguesia do concelho. Além disso, apercebemo-nos também que ao excluir a faixa etária dos 18 aos 35 anos, estávamos a colocar de parte a grande maioria dos residentes com o nível secundário, no que se refere às habilitações. Por outro lado, tornar-se-ia muito difícil, em termos de leitura de dados, considerar todas as variáveis

previstas: freguesia, faixa etária, sexo, habilitações literárias e profissão ou ocupação. A distribuição do número de inquéritos também não poderia ser idêntica em todas as freguesias, pois o número de habitantes difere, o que adulteraria a amostra pretendida.

Neste ponto, decidimos calcular o número de inquéritos a partir dos dados estatísticos provisórios dos Censos de 2011, disponíveis no site <http://estatistica.gov-madeira.pt>, fazendo o encontro entre a distribuição da população residente, segundo grupos etários e sexo, e a distribuição da população residente, segundo o nível de instrução mais elevado completo e o sexo. Feito isto, optamos por considerar como variáveis de leitura dos inquéritos apenas a freguesia, a faixa etária (que inclui o sexo, distribuído de forma equitativa) e o nível de instrução (que poderá revelar o nível socioeconómico da população, apesar deste fator não corresponder à realidade, atendendo à conjuntura política e económica atual). Para que a nossa amostra seja representativa, incluímos, nesta última variável, pessoas com ocupações ou profissões diversas (ver quadro 4.4, alínea d) em apêndice). Assim, as faixas etárias de base serão os habitantes dos 0 aos 14 anos (crianças), dos 15 aos 24 anos (jovens), dos 25 aos 64 anos (adultos) e com 65 ou mais anos (idosos). Ao fazer o encontro de dados entre a distribuição da população e a sua habilitação, verificamos que, na primeira faixa (dos 0 aos 14 anos), apenas podemos considerar as crianças escolarizadas. Optamos por inquirir crianças que tenham concluído o primeiro ciclo (a frequentar o 5º e 6º anos), partindo dos inquéritos aplicados na escola. Da mesma forma, é impossível encontrar crianças até aos 14 anos com habilitações além do 3º ciclo.

Por outro lado, nas faixas mais avançadas, sobretudo a partir dos 65 anos, dificilmente encontramos residentes com escolaridade além do 2º ciclo. Outro dado importante verificado é a distribuição da população, pois na população mais jovem, o número de homens é superior ao de mulheres, o que se inverte nas populações mais idosas. Todos estes fatores foram considerados, aquando da distribuição de inquéritos, de maneira que fosse proporcional à população real e suas habilitações. Por esse mesmo motivo, também decidimos não excluir os jovens adultos com curso superior, apesar das influências e contactos linguísticos exteriores. Pois, embora menos representativos do falar local, são uma camada importante da população para determinar até que ponto os regionalismos apresentam ou não prestígio social e, conseqüentemente, vitalidade.

Uma vez que, por esta altura, já tinham sido aplicados os inquéritos aos alunos de 5º, 6º e 10º anos (uma turma de cada ano) da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, incluindo crianças e jovens das três freguesias do Concelho: Ponta do Sol, Canhas e Madalena do Mar, optámos por utilizar os mesmos como base da nossa pesquisa, já que o intuito deste

trabalho é precisamente atestar o conhecimento, uso e vitalidade dos regionalismos nas camadas mais jovens e garantir a comparabilidade com as outras faixas etárias.

Aquando da elaboração do inquérito, optámos por colocar os vocábulos descontextualizados, não só para não o tornar muito longo, mas também para dar aos inquiridos a liberdade de colocarem outros significados por nós eventualmente desconhecidos. Verificámos, no entanto, que esta opção não foi a melhor em grande parte dos casos, pois, como pudemos constatar, ao aplicar os inquéritos pessoalmente aos adultos, a sua contextualização foi importante para o sucesso da identificação dos vocábulos.

Depois da realização de todos os inquéritos, começamos a elaboração do glossário. Para isso, registámos num quadro comparativo todas as respostas obtidas para cada um dos regionalismos estudados, numerando os informantes, assinalando as diferentes aceções encontradas e anotando as ocorrências dos vocábulos nos seus contextos de uso e em expressões populares. De seguida, confrontámos as formas e os significados recolhidos dos regionalismos a estudar com o seu registo nos estudos linguísticos e vocabulários madeirenses, bem como nos dicionários de língua portuguesa referidos no glossário.

Posteriormente ao levantamento dos dados recolhidos nos inquéritos realizados junto da população escolar e da população de jovens adultos, adultos e idosos do Concelho da Ponta do Sol, procedemos à sistematização dos mesmos por localidades, faixas etárias e níveis de escolaridade, através de tabelas elaboradas de forma a permitirem a comparabilidade dos resultados obtidos (ver apêndices). Seguidamente, iniciamos o tratamento dos dados, apresentando os resultados sobre a vitalidade e desuso dos regionalismos na Ponta do Sol (ver capítulo terceiro).

Inicialmente, era nosso intuito consultar também outros estudos e/ou vocabulários sobre os falares regionais do Minho, Trás-os-Montes, Alentejo, etc. Assim como, confrontar os regionalismos estudados com os glossários da linguagem regional e popular já publicados para os Açores, o que seria muito interessante e enriquecedor para um melhor conhecimento das semelhanças e diferenças lexicais existentes entre os dois arquipélagos. No entanto, por falta de tempo e espaço, tivemos de limitar a consulta apenas aos vocabulários mais significativos sobre os regionalismos da ilha da Madeira.

#### **4. Estrutura da dissertação**

A natureza sobretudo descritiva deste estudo, bem como a limitação de extensão e de tempo para a realização do mesmo, fez com que não adotássemos um enquadramento teórico, abordando apenas algumas questões pertinentes no âmbito da dialetologia portuguesa, em geral, do dialeto madeirense, em particular, e da linguagem regional e linguagem popular.

Seguidamente, no terceiro capítulo, fazemos a descrição e análise dos dados recolhidos por localidades, por grupos etários e por escolaridade, dando conta da variação social dentro do falar da Ponta do Sol. No capítulo seguinte, apresentamos os passos para a elaboração do glossário dos regionalismos estudados, a estrutura dos seus artigos, as abreviaturas e o próprio glossário.

Para terminar, registamos todas as conclusões do nosso estudo, quer quanto ao uso dos vocábulos estudados, quer quanto à evolução dos seus significados, cujas informações recolhidas foram sistematizadas através da elaboração do glossário. Finalmente, apresentamos a bibliografia consultada e, em formato digital, os apêndices e um anexo.

## II – Revisão da literatura

### 1. Dialeto: dialeto, falar e variedade

Como já referimos na introdução, este pretende acima de tudo ser um trabalho descritivo do uso e desuso dos regionalismos estudados no Concelho da Ponta do Sol. Assim, não nos deteremos muito em questões teóricas relativas ao enquadramento deste estudo. No entanto, sendo um estudo sobre regionalismos e enquadrando-se numa variedade regional, o dialeto madeirense, não podemos deixar de fazer um breve resumo sobre a classificação das variedades geográficas da língua portuguesa. Não desenvolveremos todas as questões teóricas relativas à disciplina da dialetologia, dado que o nosso estudo não se limita a esta abordagem.

Não podemos deixar de começar por referir a mais antiga proposta de classificação dos dialetos portugueses continentais de Leite de Vasconcelos, no *Mapa Dialectológico do Continente Português* de 1897, onde a descrição de “Portugal Dialectológico” é precedida por uma “Classificação sumária das línguas”, feita por Gonçalves Viana. Leite de Vasconcelos, nesta sua classificação dialetológica, utiliza as denominações: *dialectos*, *subdialectos* e, dentro destes, *variedades*. Em 1901, na publicação da *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise* do mesmo autor, os dialetos são os mesmos, mas já não considera a existência de subdialetos e de variedades. Assim, as principais variedades da língua portuguesa são classificadas segundo o domínio geográfico – “dialetos continentais”, “dialetos insulares” e “dialetos do ultramar”. O autor considera que a classificação geográfica é também linguística e histórica: “La classification que je viens d'établir de tous les dialectes portugais est, comme on l'a vu, surtout géographique, mais elle est en même temps glottologique (...) et aussi historique: en effet, les dialectes continentaux sont une évolution du latin vulgaire dans un certain milieu; les dialectes insulaires sont une évolution du portugais du continent, dès l'époque de la colonisation, aussi dans un certain milieu, mais différent du premier, et indépendamment de toute influence étrangère; les dialectes d'outremer sont encore une évolution du portugais de la même époque, cependant dans des milieux différents de ceux dont je viens de parler, et qui ont agi sur notre langue d'une manière particulière.” (Vasconcelos 1901 [1987]: 29-30). Como podemos ver neste estudo, Vasconcelos considera a existência do “dialeto açoriano ou dos Açores” e do “dialeto madeirense ou da Madeira” dentro do grupo de “dialetos insulares”. Para o dialeto do Arquipélago da Madeira, o autor apresenta apenas traços fonéticos característicos da denominada “linguagem da Madeira”.

A publicação em 1959 e 1962 do *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal* de Paiva Boléo e de Maria Helena Santos Silva afasta-se da classificação dos dialetos portugueses de

Leite de Vasconcelos, ao usar de forma distinta os termos: *dialetos*, *falares* e *variedades*. Deste modo, no mapa, são apenas denominados dialetos: o “quadramilês”, o “rionorês” e o “mirandês”, ou seja, “variedades locais não galego-portuguesas, pertencentes, como se sabe, ao domínio leonês, embora faladas em parcelas politicamente portuguesas desse domínio.” (Cintra, 1995: 129). O termo *falares* é, assim, utilizado para classificar as variedades geográficas, denominadas *dialetos* por Leite de Vasconcelos, dentro dos quais se encontram os *subfalares* e as *variedades*. Segue-se a classificação dos dialetos portugueses do Continente de Pilar Vázquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz na *Gramática Portuguesa* de 1961. As autoras, influenciadas pelos estudos de Paiva Boléo, chamam sempre *variedades* ou *falares*, *hablas* (e não *dialetos*), distribuídos por três “zonas dialetais”: norte, centro e sul, sendo uma classificação mais geográfica do que linguística, não referindo os Arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Na classificação dos dialetos e falares galego-portugueses, encontramos vários termos para classificar as diferenças linguísticas existentes dentro do território da língua portuguesa. Assim, por vezes, os termos *dialecto*, *falar* e *variedade*, confundem-se: “Às variedades regionais do português a que Leite de Vasconcelos dava o nome de dialectos, chama Paiva Boléo falares, tendo em conta o seu reduzido afastamento entre si e em relação ao português considerado padrão.” (Cintra, 1995: 129). Lindley Cintra segue a terminologia de Leite de Vasconcelos: “Na minha proposta, deliberadamente, não acompanho Paiva Boléo no hábito (que difundiu em Portugal) de não empregar dialecto senão para variedades que se afastam muito profundamente umas das outras ou da língua padrão e de usar falar ou variedade para as que apresentem um menor grau de afastamento (...) prefiro seguir o costume bastante corrente (e que, em Portugal, já era o de Leite de Vasconcelos) de chamar dialecto a toda e qualquer variedade regional de uma língua, seja qual for o seu grau de afastamento em relação ao padrão.” (Cintra, 1995: 141). Como refere Lindley Cintra, trata-se “de noções relativas (...) sendo muito difícil encontrar um critério objectivo para determinar onde acaba o que se pode chamar falar e começa aquilo a que se pode chamar dialecto.” (Cintra, 1995: 140-141).

Na “Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses”, Lindley Cintra utiliza o termo *dialecto* para denominar as grandes variedades regionais da língua galego-portuguesa: os “dialetos galegos”, os “dialetos portugueses setentrionais” ou “grupo de dialectos do Norte” e os “dialetos portugueses centro-meridionais” ou “grupo de dialectos do Sul”, não referindo os dialetos dos Arquipélagos da Madeira e dos Açores. Quanto à subdivisão dos grandes grupos de dialetos, estes subdividem-se em *dialetos*, *subdialetos* ou *variedades*. No mapa 2, “Classificação dos dialectos galego-portugueses”, cada variedade surge como “região subdialectal com características peculiares bem diferenciadas”. (Cintra,

1995: 162). Salientamos ainda o facto de o autor utilizar, por vezes, o termo *falares* (“falares regionais” e “falares setentrionais”) como sinónimo de *dialetos*.

Celso Cunha e Lindley Cintra, na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, ao abordar o tópico “Língua e sociedade: variação e conservação linguística”, referem a diversidade existente dentro de uma língua, sublinhando que o seu estudo reveste-se de “extrema complexidade, não podendo prescindir de uma delimitação precisa dos factos analisados para controle das variáveis que actuam em todos os níveis, nos diversos eixos de diferenciação.”. Os autores apresentam três tipos de variação linguística: “1.º) diferenças no espaço geográfico, ou variações diatópicas (falares locais, variantes regionais e, até, intercontinentais); 2.º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou variações diastráticas (nível culto, língua padrão, nível popular, etc.); 3.º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou variações diafásicas (língua falada, língua escrita (...) etc.)” (1999: 3). Seguidamente, sobre “Diversidade geográfica da língua: dialecto e falar”, explicam que “As formas características que uma língua assume regionalmente denominam-se dialectos. (...) dialecto seria «um sistema de sinais desgarrado de uma língua comum, viva ou desaparecida; normalmente com uma concreta delimitação geográfica, mas sem uma forte diferenciação diante dos outros da mesma origem». (...) Falar seria a peculiaridade expressiva própria de uma região e que não apresenta o grau de coerência alcançado pelo dialecto. Caracterizar-se-ia, do ponto de vista diacrónico, segundo Manuel Alvar, por ser um dialecto empobrecido, que, tendo abandonado a língua escrita, convive apenas com as manifestações orais. Poder-se-iam ainda distinguir, dentro dos falares regionais, os falares locais, que, para o mesmo linguista, corresponderiam a subsistemas idiomáticos «de traços pouco diferenciados, mas com matizes próprios dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente com carácter administrativo». Os autores acrescentam ainda “No entanto, à vista da dificuldade de caracterizar na prática tais modalidades diatópicas, empregaremos (...) o termo dialecto no sentido de variedade regional da língua, não importando o seu maior ou menor distanciamento com referência à língua padrão.” (1999: 4-5).

## **2. Estudos sobre o dialeto madeirense**

Lindley Cintra e Celso Cunha, na mesma obra, no capítulo sobre o “Domínio actual da língua portuguesa”, apresentam “Os dialectos das ilhas atlânticas”, ou seja, “Os dialectos falados nos arquipélagos atlânticos dos Açores e da Madeira representam – como era de esperar da história do povoamento destas ilhas, desertas no momento em que os portugueses as descobriram – um prolongamento dos dialectos portugueses continentais.” Os autores

referem os traços fonéticos peculiares que afastam os dialetos insulares dos grupos dialetais do continente português, acrescentando: “Quanto à ilha da Madeira, os seus dialectos apresentam características fonéticas singulares, que só esporadicamente (e não todas) aparecem em dialetos continentais.” (Cunha & Cintra, 1999: 19). Como podemos constatar, aqui já ocorre a atribuição do nome no plural “dialectos” relativamente à ilha da Madeira. Mas, é mais tarde, no último trabalho dialetal de Lindley Cintra, “Os dialectos da ilha da Madeira no quadro geral dos dialectos galego-portugueses”, que surge de forma explícita no título a denominação “dialectos da ilha da Madeira”. Logo no início deste estudo, apresentado no Congresso de Cultura Madeirense, realizado em 1990, o autor justifica esta denominação ao escrever: “Os dialectos da ilha da Madeira estão ainda muito longe de ter sido estudados cientificamente como merecem. E digo que o merecem, pela sua verdadeiramente extraordinária variedade interna, surpreendente num território que não tem mais que 728km<sup>2</sup> de superfície (maior comprimento de 58km e largura máxima de 23km), mas também pela originalidade de certos traços linguísticos, principalmente fonéticos, que caracterizam não só o conjunto dos dialectos da ilha (e que não têm paralelo em traços fonéticos continentais), como certas particularidades de algumas das variedades locais.” (Cintra, 2008: 95).

Este estudo, tal como a maior parte dos estudos dialetais anteriores que refere sobre o Arquipélago da Madeira, também apresenta uma descrição predominantemente fonética dos “dialectos madeirenses”. O próprio autor reconhece que “É com base na utilização conjunta das informações contidas nestas fontes, já que infelizmente me falta a experiência do contacto directo com as variedades regionais madeirenses, que me proponho fazer algumas observações que me parece poderem servir para uma mais correcta situação dos dialectos da ilha da Madeira dentro do conjunto dos dialectos galego-portugueses.” (Cintra, 2008: 99). De seguida, o autor reafirma a classificação de “dialectos madeirenses”: “Antes de mais nada, insisto neste plural: *dialectos madeirenses*, *grupo de dialectos madeirenses* e não *dialecto madeirense* (no singular), como se vem habitualmente dizendo desde Leite de Vasconcelos na sua *Esquisse d'une Dialectologie* de 1901. Na realidade, a consulta dos materiais disponíveis provam à saciedade que não existe uma unidade linguística a que possamos chamar correctamente *Dialecto da Madeira*, designação que tem como fundamento (como tantas outras designações usadas para falares continentais) a geografia (ou a geopolítica) e não a realidade linguística. O que encontramos na ilha da Madeira, como logo de início disse, é um complexo conjunto de dialectos de um modo ou de outro distintos e por vezes muito divergentes entre si.” (Cintra, 2008: 99). Segundo Lindley Cintra, trata-se de traços fonéticos

distintivos: alguns gerais, mas a maior parte observados em áreas limitadas da ilha da Madeira, o que o leva a considerar a existência de “dialectos madeirenses”.

Os estudos sobre o dialeto madeirense a que se refere Lindley Cintra são, sobretudo, monografias de licenciatura na área da dialetologia portuguesa orientadas pelo próprio, e apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Assim, destacamos a de Deolinda Bela de Macedo (1939), intitulada *Subsídios para o estudo do dialecto madeirense*, onde encontramos muitos vocábulos antigos, sendo que alguns hoje apresentam já uma aceção diferente da registada pela autora, embora com alguma relação semântica; bem como Maria Ângela Leotte Rezende (1961), no estudo *Canhas e Câmara de Lobos, Estudo etnográfico e linguístico*, que apresenta um glossário, na terceira parte, onde regista alguns dos regionalismos por nós estudados. Contudo, verificamos que muitos dos vocábulos por ela tratados constam dos vocabulários madeirenses anteriormente publicados.

Sobre estes vocabulários, no artigo «Existem palavras e locuções madeirenses?», publicado no *Arquivo Histórico da Madeira* (1950), João Cabral do Nascimento faz uma recensão crítica à publicação de Luís de Sousa: *Dizeres da Ilha da Madeira, Palavras e Locuções*, onde afirma que as palavras e em especial as frases presentes na lista de Luís de Sousa são comuns a outros territórios da língua portuguesa, as quais “abundam nesta relação alfabetada”. Quanto aos trabalhos de Emanuel Ribeiro; Antonino Pestana e Jaime Vieira Santos; e ainda Urbano Canuto Soares (1914), o mesmo refere que, na sua maior parte, estes trabalhos “pecam por excesso de registo vocabular, pois consideram madeirense palavras e expressões que, se não são usadas em todo o território nacional, pelo menos se encontram também numa ou noutra província do continente.” (1950: 205-206).

Leite de Vasconcelos (citado por Cabral do Nascimento), ao comentar a lista obtida por Emanuel Ribeiro (publicada na *Revista Lusitana*), diz: “Há aí palavras novas, isto é, não arquivadas no léxico; outras que, se estão arquivadas, apresentam significado diverso; outras que, quanto à forma, são alterações locais ou dialectais de palavras usadas no continente. A salientar o vocábulo *presilha* correspondente ao francês *punaise* e a respeito do qual o defunto professor e diretor daquela revista observa que «a Madeira dá quinau ao continente»”. (1950: 206-207).

Também o trabalho de Jaime Vieira Santos, “Vocabulário do dialeto madeirense” (1945-1947), é uma compilação importante e exaustiva, em que, segundo Cabral do Nascimento, algumas palavras são usadas no continente, com a mesma aceção. Este estudo engloba muitas corrupções e variantes de vocábulos da língua portuguesa geral e dá, entre muitos outros, o exemplo de “*cote (vestido de)* = usado todos os dias”, o qual consta da nossa lista de vocábulos. No entanto, a propósito deste estudo levado a cabo por Jaime Vieira dos

Santos, e sobre a nota preliminar em que o autor esclarece os procedimentos seguidos para a elaboração do seu vocabulário, António C. da Silva, no artigo “Alguns apontamentos sobre vocabulários madeirenses do séc. XX”, publicado na *Revista Islenha*, refere “[...] cremos que este é o caminho mais acertado para o estudo do dialecto insular: primeiro, o trabalho de levantamento dos usos da linguagem popular; segundo, o estudo comparativo dos termos recolhidos com os constantes em recolhas já efetuadas; terceiro, a elaboração e a publicação de um verdadeiro Atlas Linguístico da Madeira.” E observa que “Este é, como se sabe, um grande projeto ainda por realizar, que começou a ser prometido no início deste século com o trabalho pioneiro de Emanuel Ribeiro.” (1997: 23). O autor acrescenta ainda que “Por maiores que sejam as imperfeições destes trabalhos, eles são, porém, os melhores que já possuímos. Importante é aumentá-los, melhorá-los e fundamentá-los.” (1997: 24).

Quanto ao livro de Luís de Sousa, *Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e locuções*, depois de ter sido mostrado a várias pessoas oriundas de diferentes províncias portuguesas, verificou-se que muitos vocábulos e expressões que o autor supunha particulares da Madeira eram também empregados de norte a sul do país ou, pelo menos, numa ou noutra região. O próprio autor declarou no prefácio: “(...) quero fazer sentir a enorme dificuldade com que se depara quem, tendo nascido na Madeira e sempre na Madeira vivido, só em rápidas e trabalhosas digressões pelo continente português e pelos Açores teve ensejo de entrar em contacto com os naturais dessas paragens, faltando-lhe, portanto, o tempo para averiguar se determinada palavra ou locução é original desta ilha ou só aqui empregada, pois a consulta dos nossos dicionários e a leitura dos nossos escritores (...) não são, em muitos passos, o suficiente para a elucidação de um curioso, às voltas com um trabalho deste género.” (1950: 7). O mesmo autor, sobre o critério de seleção dos vocábulos, informa: “fugi do registo de muitas corruptelas, por se me tornar impossível precisar se esses vulgares vícios da linguagem eram apenas nossos ou se se repetiam entre os que falam português fora da nossa ilha.”. (Sousa, 1950: 8). Também, no nosso estudo, evitámos as corruptelas ou variantes populares de formas da língua padrão, exatamente por serem comuns a várias regiões do país, sendo características da linguagem popular. Embora, muitas vezes, seja difícil determinar, numa primeira abordagem, se se trata de regionalismos ou de variantes populares. Pois, como veremos mais à frente, nem sempre podemos separar claramente a linguagem regional da linguagem popular.

Seguem-se “algumas palavras, locuções, sentenças e anexins” que, segundo Cabral do Nascimento (1950), estão registados no livro de Luís de Sousa e também usados no continente com o mesmo significado: *baleias* (de espartilho), *beliscar* – comer porções mínimas, *bufarada* – lufada, *entaramelado* – enfermiço, *esgalgado* – esfomeado, *lavadeira* –

enredadeira, *pangueiro* – caloteiro. Estes vocábulos constam também do nosso inquérito sobre os regionalismos na Ponta do Sol, pelo facto de não termos consultado estes estudos antes da sua realização, incorrendo no mesmo erro.

Sobre o dicionário *Falares da Ilha, Pequeno Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*, de Abel Marques Caldeira (1961), António C. da Silva, no artigo «Apontamentos sobre gramáticas madeirenses», publicado na *Revista Islenha*, refere que “Apesar do seu grande valor para o conhecimento do dialecto madeirense, este dicionário contém certas imperfeições que são anotadas no prefácio, tais como a introdução de certos vocábulos ou expressões que, apesar de usados na Madeira, não são exclusivamente madeirenses, e a falta de localização dos termos: «Era nosso desejo localizar todos os dizeres insertos neste dicionário, mas não nos foi possível fazê-lo. Todavia os mesmos são proferidos quase totalmente em toda a Ilha». De facto, seria deveras interessante que [...] os termos fossem agrupados com referência ao local de recolha, dispondo-se a obra segundo os falares regionais da Madeira. Teríamos, deste modo, um verdadeiro dicionário do dialecto madeirense.” (1996: 102). O Dr. Emanuel Paulo Ramos, no prefácio da primeira edição da obra *Falares da ilha*, sublinha a necessidade de “lembrar a urgência da fixação de formas populares (...) por pequenas regiões e com todo o rigor científico, dos vários falares madeirenses.” (Caldeira, 1993: V). O autor do prefácio também refere algumas lacunas da obra, nomeadamente a necessidade de localização geográfica por localidades e datação dos vocábulos recolhidos, assim como das classes sociais dos informantes. Para Caldeira, as diferenças existentes entre o português falado na Madeira e a língua padrão devem-se sobretudo ao analfabetismo do povo madeirense. Na segunda edição, acrescenta-se um estudo linguístico de oito páginas sobre as características do falar madeirense, da autoria de José Neves Henriques. Este autor inicia o número 1 “O vocabulário” com a seguinte afirmação: “A Ilha da Madeira abunda em vocabulário próprio que está esperando quem o estude em profundidade (...) e quem recolha o que ainda não está, antes que se perca.” (Caldeira, 1993: XXII). Foi exatamente esta a nossa motivação, recolher e salvaguardar este rico património linguístico madeirense que está a desaparecer, nomeadamente no concelho da Ponta do Sol.

As monografias dialetais existentes e os vocabulários regionais referidos acima são de grande relevância para o nosso trabalho, dando-nos informações sobre o uso dos vocábulos regionais e os seus significados. A consulta destes estudos e glossários antigos permite-nos observar a vitalidade dos regionalismos madeirenses, ou seja, neste caso, do vocabulário popular ou tradicional do *falar* da Ponta do Sol. A comparação destes com os dados recolhidos recentemente leva-nos a constatar a evolução do uso e dos significados dos

regionalismos no concelho, dado tratar-se de zonas rurais que foram sujeitas a mudanças significativas nas últimas décadas.

Nesta dissertação, para dar conta da variação linguística regional, sempre que necessário, utilizaremos os termos *dialeto madeirense* (para denominar o português falado na Madeira em geral) e *falar* da Ponta do Sol (designando a fala do concelho). Optámos por não adotar a denominação “dialetos madeirenses” de Lindley Cintra, terminologia usada por Naidea Nunes, no artigo intitulado “Os ‘dialectos madeirenses’ e a história da língua portuguesa”, publicado no *Livro de comunicações do colóquio “Cultura de Periferias Insulares”*, em que a autora justifica a sua opção: “Falamos em ‘dialectos madeirenses’ e não em dialecto ou falares do Arquipélago da Madeira, utilizando a denominação de Lindley Cintra, no seu estudo inédito apresentado (...) em 1990, no Funchal (...)” (Nunes, 1998: 81). No artigo “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”, publicado em 1999, no livro *Lindley Cintra. Homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão*, Maria Luísa da Cruz e João Saramago adotam também a denominação “dialectos madeirenses”, apresentando os traços ou fenómenos fonéticos mais característicos destes dialetos e a comparação com os “dialectos açorianos”.

Helena Rebelo, nos seus estudos linguísticos sobre a Região Autónoma da Madeira, utiliza o termo *falar* “(do Arquipélago) da Madeira”, em vez de *dialeto*, seguindo a terminologia de Paiva Boléo, embora também utilize o mesmo termo para denominar “O falar de Porto Santo”. Thierry dos Santos, na sua tese de doutoramento sobre a obra de Horácio de Bento Gouveia, ao referir o dialeto madeirense, explica em nota: «Entendemos o termo “dialecto” em sentido lato, e empregaremos “falar”, “dialecto” e “variedade regional” como se fossem sinónimos.» (2007: 183). Outra possibilidade de denominação desta variedade dialetal, também utilizada pelo autor, é “português da Madeira”.

Apesar de haver já alguns trabalhos sobre o tema dos regionalismos na Madeira, julgamos que o interesse do nosso estudo não ficará comprometido, atendendo a que os trabalhos de recolha de materiais dialetais anteriores já são muito antigos e mesmo a recolha realizada em 1994, para o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza, não inclui como ponto de inquérito o concelho da Ponta do Sol. Além disso, é sempre uma mais-valia para nós, enquanto madeirenses, conhecermos um pouco mais das nossas tradições e características linguísticas, para melhor entendermos de onde viemos e que caminho percorremos até sermos aquilo que somos hoje, como contributo para a nossa identidade linguística e cultural.

### 3. Linguagem regional e linguagem popular

Abordaremos aqui a questão da distinção entre linguagem regional e linguagem popular. Já Leite de Vasconcellos, fundador da dialetologia científica em Portugal, escreve: “Le peuple lui-même a conscience, comme il est naturel, non seulement des variations idiomatiques selon les localités, mais aussi des différences qui existent entre la langue littéraire et le parler populaire.” (1987: 30).

Não nos foi possível consultar o artigo “O interesse científico da linguagem popular”, publicado na *Revista de Portugal* (série A - Língua Portuguesa I, nº 3, Dezembro de 1942). Contudo, Paiva Boléo, em *Unidade e variedade da língua portuguesa*, chama a atenção para a necessidade de não se confundir linguagem regional e linguagem popular, ao fazer a seguinte distinção: “A linguagem popular é a que fala o povo iletrado, em especial das aldeias; linguagem regional é a que usa o conjunto das pessoas de uma determinada região linguisticamente homogénea. É aquilo a que Leite de Vasconcelos chamou «dialectos» e a que eu prefiro dar a designação de «falares» (p. ex. o falar minhoto, beirão, algarvio, etc.)” (1974: 275). Sobre este conceito de variedades linguísticas regionais, Herculano de Carvalho, em *Teoria da linguagem*, escreve: “Assim sucede que, linguisticamente, no Minho, em Trás-os-Montes, nas Beiras, no Algarve se encontram modos de falar característicos, distintos de região para região, e que ainda dentro de cada uma delas se distingam zonas menos caracterizadas por peculiaridades linguísticas que opõem uns a outros os seus habitantes: assim um algarvio de Barlavento, dentro da mesma província ou área dialectal, tem o seu modo de falar próprio, diverso do de um algarvio de Sotavento. (...) A estas variedades imediatamente condicionadas pelo factor geográfico – que no fundo se reduz também a um factor social e histórico (grau de intimidade dos laços de convívio entre os indivíduos) – daremos pois o nome genérico de variedades geográficas ou regionais ou locais.” (1970: 298).

A linguagem regional, como o próprio nome indica, é a linguagem característica de uma determinada região geográfica, enquanto a linguagem popular é comum a todo o país, muitas vezes caracterizada como rústica, conservando traços e formas antigas junto da população idosa não escolarizada, por oposição à língua ou norma padrão. No entanto, nem sempre é fácil distinguir a linguagem popular da linguagem regional, pois esta, muitas vezes, também apresenta as mesmas características de rusticidade e falta de prestígio social, caindo em desuso. Assim, há fenómenos fonéticos de corruptela comuns na fala dos camponeses de todo o país que são variantes populares de formas padrão normalizadas e que, por isso, não são consideradas formas regionais ou regionalismos, mas sim linguagem popular. Então, como identificar os vocábulos regionais?

No estudo *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*, Evelina Verdelho, ao abordar a questão da diferenciação entre linguagem regional e linguagem popular, escreve em nota de rodapé: “É de notar que as designações de «linguagem regional» e de «linguagem popular» não devem ser entendidas em relação antagónica. Com efeito, um facto linguístico regional pode simultaneamente ser classificado de popular, se se dá o caso de se verificar apenas na expressão de falantes iletrados de determinada zona.” (1982: 58). Podemos observar que muitas vezes os regionalismos são inseparáveis dos populismos. Porém, é possível separar a «linguagem regional» da «linguagem popular», quando existem factos linguísticos com marca regional ou local e outros que, sendo característicos dos falantes não instruídos, não possuem essa marca. A autora, ao referir as “diferenciações regionais e linguísticas” em Portugal, apresenta em nota de rodapé informação sobre Amorim Girão: “que no prefácio da 1ª edição do Esboço duma carta regional de Portugal (1928-30) referia a «distinção no nosso país, desde tempos remotos, de diversas províncias, cada uma delas correspondendo a uma fracção territorial habitada por populações com identidade de cultura, usos e costumes, caracteres linguísticos, ou pelo menos, formas de pronúncia especiais (...)» (pp. 9-20).” Sobre este tema, na mesma nota, a autora refere ainda os estudos de Orlando Ribeiro. Depois afirma: “Quanto ao panorama linguístico observável no território português, é igualmente sabido que, se é certo que há apenas «uma língua única», como afirma Aquilino (...), também é verdade que do Minho ao Algarve, a par de uma unidade linguística, há uma evidente diversidade que transparece na possibilidade de se apontar e descrever linguagens regionais diversas.” (Verdelho, 1982: 31). É esta diversidade de linguagens regionais que explica a existência de uma linguagem regional madeirense.

Evelina Verdelho afirma que “não há um regionalismo único, com características fixas em todas as latitudes, mas regionalismos vários, com aspectos diversificados, a par de aspectos comuns fundamentais.” (1982: 32). A autora, ao escrever sobre os regionalismos lexicais, explica: “convém observar, antes de mais, que a sua marca local ou regional tem graduação diversificada. Assim, alguns desses vocábulos, nem na forma, nem no sentido são idênticos a vocábulos da linguagem comum, e designam ou realidades específicas e características de uma região, ou realidades não locais. Outros, são formalmente coincidentes com vocábulos da linguagem comum, e usam-se em certa região numa acepção especial, sobretudo para designar realidades próprias dessa região. Outros ainda são iguais, sob o ponto de vista formal e semântico, a vocábulos da linguagem comum, e só por se usarem preferente e frequentemente em alguma zona, em particular para designar factos ou objectos regionais, se revestem de um certo localismo.” (1982: 73). A autora conclui que a linguagem regional e

a linguagem popular têm em comum o traço do conservadorismo, distinguindo a “linguagem regional”, que designa “os factos linguísticos exclusivos ou típicos de alguma zona”, e a “linguagem popular”, que são “factos linguísticos observados na fala das pessoas iletradas de qualquer região do país.” (1982: 188).

Deste modo, o termo regionalismo remete-nos para variações regionais em relação à língua padrão, que podem ser, por vezes, também características da linguagem popular. Assim, um regionalismo é essencialmente um vocábulo característico de uma determinada região ou de várias ao mesmo tempo. No Dicionário de Cândido de Figueiredo, o termo *regionalismo* apresenta apenas uma aceção abrangente, enquanto no Dicionário de Moraes, além da aceção geral de tudo o que se refere a uma região, é um “vocábulo regional; dialectismo, provincianismo.” (1994, IV: 496). No Dicionário da Academia, *regionalismo* é um “Vocábulo, aceção, expressão própria de uma região” e, na versão portuguesa do Dicionário Houaiss, é definido como “palavra ou locução (dialectismo vocabular) ou aceção (dialectismo semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua”. No mesmo dicionário, encontramos o termo *dialectismo* que é apresentado como “elemento ou traço linguístico (fonético, morfológico, vocabular, sintáctico ou semântico) de origem popular, restrito a uma região de um país (dialectismo regional) ou a uma classe ou grupo social (dialectismo social).”. Nesta definição, o *dialectismo* é definido como sendo de proveniência popular e limitado apenas a uma região de um país. Como os *regionalismos* são também *dialectismos*, transmitidos oralmente nos meios mais isolados e menos escolarizados, é natural que se confundam com a linguagem popular. No entanto, nem sempre é verdade que os regionalismos são privativos de apenas uma região e de um país, dado que um estudo comparativo do vocabulário tradicional das diferentes regiões do país, certamente mostraria a ocorrência de determinados vocábulos em várias regiões, sobretudo devido à sua origem popular, e as palavras classificadas como *regionalismos* podem ocorrer igualmente em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e no Brasil, sendo formas conservadoras do português da época da colonização, como é o caso do vocábulo *lapinha* (v. Figueiredo 2011), conservado na Madeira e no Nordeste brasileiro.

Sobre a necessidade de distinguir os vocábulos que são verdadeiros regionalismos daqueles que são corruptelas ou deturpações populares de palavras da língua padrão, Helena Rebelo, no seu artigo “Acerca de algum vocabulário do Arquipélago da Madeira”, afirma: “mesmo se nem sempre é evidente reconhecer corruptelas (por exemplo, “zoada” poderá ter surgido de “assuada”), procurei não considerar entradas dos vocabulários onde ocorressem grafados simples registos de pronúncias. (...) É fácil compreender a não inclusão deste tipo de entrada, mas nem sempre foi evidente identificá-lo. Não foram consideradas estas corruptelas

porque registam apenas fenómenos de pronúncia próprios da linguagem popular, o que se deverá distinguir da linguagem regional.” (2009: 178).

Com efeito, nem sempre é fácil determinar se um vocábulo é ou não regionalismo madeirense, ou seja, se é característico da Região Autónoma da Madeira, não ocorrendo na língua padrão, como é o caso de alguns dos vocábulos da lista do nosso inquérito que, embora à primeira vista pareçam ser regionalismos, depois constatamos que também existem no português padrão. Também acontece o oposto, os falantes madeirenses não terem consciência que um determinado vocábulo é um regionalismo, ou seja, que existe na variedade regional, mas não ocorre na língua padrão. Helena Rebelo, num artigo publicado no *Tribuna da Madeira*, sobre a ortografia do vocábulo *pimpinela*, escreve: “Ao reflectir sobre a norma padrão do Português Europeu, este insignificante caso de ortografia, levou alguém a dizer que nunca tinha pensado que o vocábulo “pimpinela” era uma realização regional. Acrescentou que pensava ser “chuchu” um vocábulo apenas do Português do Brasil (...). Pelos vistos, “pimpinela” é um vocábulo muito usado na variedade madeirense, mas não lhe será exclusivo, já que o *Dicionário Houaiss*, por exemplo, sem fazer qualquer referência à Madeira, o considera um regionalismo de São Tomé e Príncipe. Como o comprova este episódio, enquanto falantes de uma língua viva – um sistema linguístico que integra diversos subsistemas, nomeadamente as variedades regionais – não temos plena consciência dos nossos usos linguísticos, fundindo, frequentemente, uma variedade regional com a variedade padrão.” (2011: 32). De seguida, a mesma autora refere ainda o termo *vestuário* como sinónimo de “armário”, “guarda-roupa” ou “guarda-fato(s)”, sendo incontestavelmente um regionalismo madeirense. Num outro artigo, publicado no mesmo semanário, sobre a palavra *lapinha*, regionalismo madeirense, a par de *presépio*, a mesma autora refere: “O *Dicionário Houaiss*, numa das acepções, considera-os, de certo modo, sinónimos e avança que “lapinha” é um regionalismo brasileiro da zona do Nordeste, o que revela bem as limitações e as falhas dos dicionários, mesmo dos melhores.” (Rebelo, 2011: 32).

Helena Rebelo, no texto «A arte de criar palavras ou de “bilhar” à “bilhardice”», apresentado no encontro organizado por Ricardo Barbeito no Teatro Municipal Baltazar Dias, em maio de 2008, sobre a importância dos regionalismos, escreve: «A propósito, o que é um “regionalismo”? Em sentido lato, podemos dizer que será algo característico de uma determinada área geográfica bem delimitada, encontrando-se apenas nela e não existindo, à partida, noutras. (...) Num sentido mais restrito, poderemos considerar algum vocabulário, dito, sobretudo, popular, como os regionalismos madeirenses. (...) Contudo, há termos próprios desta região que são comuns a outras, a saber, “prisão”, “batata”, “pereira”, “horário” ou “bilhardar”. Sim, “bilhardar” é uma entrada de dicionário de língua portuguesa. Então, há,

essencialmente, dois grandes tipos de regionalismos linguísticos: os originais, que não ocorrem noutras zonas, como “semilha”, “tapassol” (tapa-sol) ou “bus(z)ico” e os de sentido original, que ocorrem noutras zonas, mas não com o sentido que lhes é atribuído nesta região, como “prisão” (gancho de cabelo), “batata” (que se distingue de “semilha” porque identifica apenas a batata-doce), “pereira” (a árvore que dá pêra abacate), “horário” (o autocarro) ou “bilhardar” (falar da vida alheia).» (in <http://a-bilhardice.blogspot.com>).

A autora mostra que o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo apresenta uma entrada lexical com *bilhardeira*, indicando tratar-se de um regionalismo madeirense, a par do vocábulo popular *bilhardar* (do fr. *billarder*), “vadiar”, e *bilhardão*, “bilhardeiro, vadio”, sendo que *bilhardar*, segundo a datação existente, é do século XIX. A autora conclui que: “Portanto, tudo leva a crer que “bilhardice” será desse século ou, então, mais recente.» e acrescenta: «Estão, os termos indicados (“bilhardar”, “bilhardeiro” e “bilhardeira”), relacionados com os jogos do “bilhar” e da “bilharda”, resultando de um uso popular que aponta para “vadio”.» (in <http://a-bilhardice.blogspot.com>).

Helena Rebelo, no seu artigo “Acerca de algum vocabulário do Arquipélago da Madeira”, sistematiza de forma muito clara o trabalho que é necessário fazer para determinar se um vocábulo é ou não um regionalismo madeirense: “O que pretendo, portanto, é o estudo sistemático do vocabulário madeirense e defini, para o efeito, uma estratégia que desenvolverei, no geral, em quatro fases. A primeira centra-se na observação dos glossários e vocabulários que compilam, parcialmente, o léxico madeirense e da sua comparação, letra por letra, palavra a palavra, traduzindo-se na procura do léxico comum a todos eles. Interessar-me-á, acima de tudo, o que está repetido porque citado em mais do que um vocabulário. Será o que considerarei, à partida, realmente regional. A segunda fase consiste em verificar se este vocabulário repetido se encontra em dicionários de Língua Portuguesa. A pesquisa é principiada pelo dicionário considerado, comumente, como mais informativo, o *Houaiss*. Depois, outros seguirão, ou seja, todos os que forem viáveis consultar. A terceira fase é a mais extensa já que alarga a pesquisa a vocabulários de outras regiões onde se fala português, sem esquecer o galego, no sentido de procurar se há, aí, registo do vocabulário que se vier a considerar madeirense. A partir de então, tornar-se-á mais fiável dizer o que é e o que não é regionalismo da Madeira, visto que nem todo o léxico conservado, nestas obras, o é.” (2009: 176). A autora conclui, para a letra Z, “que grande parte não é exclusiva do Arquipélago da Madeira. Das trinta e quatro entradas listadas, reconheço, unicamente, e de momento, seis regionalismos madeirenses (...) Do exposto, parece certo que não bastará um vocabulário, um glossário, uma lista de léxico regional madeirense, ter uma entrada para esta ser considerada regionalismo. Ficou bem claro que se usa, ou usava, no Arquipélago da

Madeira, vocabulário de outras regiões e que os autores citados o registaram. Todavia, a maior parte do léxico que elencaram tem apenas a aparência de vocabulário popular, comum a outras zonas. Uma análise minuciosa terá de ser feita para reter dos glossários publicados o que é exclusivo do Arquipélago da Madeira.” (2009: 196-197).

Maria Elisete Almeida, no seu artigo «Particularidades dos falares madeirenses na obra de Horácio Bento de Gouveia», como podemos ver, usa o termo *falares* e, ao escrever sobre as particularidades regionais, diz: “De entre os particularismos que podemos observar na obra do autor, uns são inerentes à própria Ilha, outros poderão encontrar-se em diversas regiões da lusofonia.» (1999: 58). A mesma autora, no artigo «Antiguidade e modernidade na linguagem de Horácio Bento de Gouveia» (2002) refere alguns aspetos do dialeto madeirense retratados pelo escritor, abordando a questão dos arcaísmos lexicais que classifica como populares e literários.

Thierry Proença dos Santos, na sua tese de doutoramento sobre a narrativa de ficção de Horácio Bento de Gouveia, afirma: “Relativamente à riqueza do vocabulário dito madeirense, que está, na sua maioria, por investigar (apesar dos estudos recentes que começam a preencher esta lacuna), a obra de ficção bentiana é um repositório de termos que ajuda a um melhor conhecimento do arquipélago.” (2007: 191). O autor explica que o escritor usa a linguagem regional e popular como recurso literário: “Ao explorar o arcaísmo e o regionalismo, Horácio Bento (...) procura adequar melhor o discurso à verdade histórica e social da personagem no intuito de informar, dar a conhecer o falar da sua terra (...).” (2007: 183). Santos refere que a obra bentiana funde a linguagem popular e a linguagem regional. Além de referir as “habituais particularidades fonéticas da linguagem popular”, assinala que “os traços gerais do português popular ou rústico são igualmente visíveis na obra bentiana, persistências arcaicas.” ou “formas de feição arcaica” (2007: 184-185). O mesmo autor acrescenta: “As expressões arcaizantes, quer ao nível da morfologia ou da sintaxe, quer ao nível do léxico ou da fonética, a lembrar as réplicas das figuras vicentinas, revelam o meio conservador e fechado em que se encontram os seus falantes.” (2007: 194). É este ambiente isolado e fechado que explica a existência de variedades locais dentro do dialeto madeirense.

### III – Os regionalismos na Ponta do Sol

#### 1. Descrição e análise dos dados

No nosso trabalho de campo, tivemos a preocupação de inquirir informantes representativos dos vários níveis etários, de género e escolaridade das comunidades de fala, para poder determinar em que faixas sociais ainda há conservação dos regionalismos e aquelas em que estes tendem a desaparecer ou já desapareceram.

Karl Jaberg (1936), em *Aspects géographiques du langage*, é da opinião que as mulheres são mais conservadoras, porque estabelecem menos contactos linguísticos e emigram menos do que os homens. Isto ainda é realidade em relação às faixas etárias mais idosas, mas o mesmo já não acontece nas outras faixas etárias, em que a mobilidade, os contactos linguísticos e a escolaridade é praticamente idêntica entre os dois géneros. No entanto, continua a ser importante ter um número equilibrado de informantes dos dois sexos, em cada ponto de inquérito. Neste caso, contudo, tal nem sempre foi possível, pois, nas turmas inquiridas na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, verificamos existirem mais inquiridos do sexo masculino do que feminino, o que nos indica que naquele concelho têm nascido, tendencialmente, nos últimos anos, mais rapazes.

Neste estudo, foi muito importante considerar a variação entre localidades antes mais isoladas, logo mais conservadoras, como Monte, Lombada e Canhas, e localidades menos isoladas, logo menos conservadoras, como Ponta do Sol (vila), Lugar de Baixo e Madalena do Mar. Passamos, então, à descrição e análise dos materiais linguísticos recolhidos, no que se refere à vitalidade dos regionalismos e à sua relação com a localidade, a idade e a escolaridade dos falantes.

## 2. Apresentação dos resultados

### 2.1. Resultados obtidos por localidade

#### 2.1.1. Alunos do 5º, 6º e 10º anos da Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol

##### a) Vocábulo reconhecidos por localidade (5º Ano)

Lombada (1)	Monte (1)	Canhas (19)	
Assacanhhar	Cachada	Abatumado	Ementres tanto
Barreta	Cascar	Abispado	Falar de rijo
Beira do cabelo	Matina	Abispar-se	Falastrão
Botas d`água	Matinar	Apilhagem	Falsear
Broa	Roupa do cote	Apilhar	Farrapo
Cacarinho		Ar encanado	Feijão-rasteiro
Cascar		Assacanhhar	Galfarro
Cores de pau		Assoprado	Gamse
Correia		Barreta	Guardanapo
Empada		Batata-da-barbiça	Gungar
Estalar		Batelão	Ir fora
Galfarro		Bazaneira	Lanzeira
Gamse		Beira do cabelo	Lavadeira
Matina		Belisco	Manhã-de-páscoa
Matinar		Bucho virado	Marca
Noivos		Botas d`água	Matina
Roupa da missa		Broa	Matinar
Vasilha		Cachada	Menção
Vigiar		Caldeira	Noivos
Vimiada		Caminho do carro	Peimar
		Cangueira	Poita
		Casaca	Pombinha
		Cascar	Porta
		Ciganas	Precatar-se
		Coitar	Pregage
		Cores de pau	Presilha
		Correia	Prisão
		Dar amor	Quinau
		Embarcado	Rancheira
		Empada	Roupa da missa
		Enchombrado	Roupa do cote
		Engalgado	Sem destino
		Esgamoadado	Trompicar
		Espedir	Vasilha
		Estaiivado	Vazar
		Estiar	Vigiar
		Estalar	Vimiada
		Falaço	
<b>Total:</b>	<b>20</b>	<b>5</b>	<b>75</b>

**Nota:** Nas tabelas a), b) e c), o número indicado à frente de cada localidade é o do número de inquiridos da mesma, fazendo estes parte de cada uma das turmas inquiridas, por ano letivo (uma turma de 5º ano, uma de 6º e uma de 10º ano).

**b) Vocábulos reconhecidos por localidade (6º Ano)**

<b>Lombada (9)</b>	<b>Monte (2)</b>	<b>Lugar de Baixo (1)</b>	<b>Canhas (2)</b>	<b>Madalena do Mar (2)</b>
Apilhagem	Assacanhhar	Ar encanado	Apilhagem	Assacanhhar
Apilhar	Barreta	Beira do cabelo	Assoprado	Barreta
Ar encanado	Batata-da-	Botas d`água	Barreta	Beira do cabelo
Artice	barbiça	Broa	Batata-da-	Botas d`água
Assacanhhar	Beira do cabelo	Caminho do	barbiça	Broa
Barreta	Botas d`água	carro	Beira do cabelo	Bucho virado
Batata-da-	Broa	Casaca	Botas d`água	Casaca
barbiça	Bucho virado	Cores de pau	Broa	Cascar
Batelão	Cachada	Correia	Bucho virado	Cores de pau
Beira do cabelo	Casaca	Noivos	Cachada	Correia
Belisco	Ciganas	Vazar	Caminho do	Falastrão
Botas d`água	Coitar		carro	Prisão
Briosa	Cores de pau		Cangueira	Roupa da missa
Broa	Correia		Cores de pau	Vasilha
Bucho virado	Dar um vento		Correia	Vigiar
Cachada	Espedir		Estalar	
Caldeira	Estalar		Falsear	
Caminho do	Falastrão		Flor da carne	
carro	Falsear		Gamse	
Cangueira	Galfarro		Lanzeira	
Casaca	Gungar		Peimar	
Cascar	Lavadeira		Rancheira	
Coita	Marca		Roupa da missa	
Coitar	Matina		Roupa do cote	
Cores de pau	Matinar		Vasilha	
Correia	Noivos		Vazar	
Embarcado	Rancheira		Vigiar	
Empada	Vasilha			
Enfuriar	Vazar			
Engalgado	Vimiada			
Escarreirar				
Espedir				
Estalar				
Falar de rijo				
Falastrão				
Falsear				
Feijão- rasteiro				
Fura-capa				
Galfarro				
Gamse				
Grafada				
Gungar				
Lampreia				
Lanzeira				
Lapeira				
Marca				
Matina				
Matinar				

Mela				
Noivos				
Pangaio				
Peimar				
Pombinha				
Prisão				
Rancheira				
Rinchar				
Roupa da missa				
Vaqueira				
Vazar				
Vasilha				
Vigiar				
Vimiada				
<b>Total:</b>	<b>60</b>	<b>29</b>	<b>10</b>	<b>25</b>
				<b>15</b>

c) Vocábulos reconhecidos por localidade (10º Ano)

Vila da Ponta do Sol (2)	Monte (2)	Lugar de Baixo (1)	Lombada (5)	Canhas (17)
Aboseirar	Abispado	Assacanhár	Abóbora	Abispado
Apilhar	Abispar-se	Barreta	Aboseirar	Abispar-se
Ar encanado	Apilhar	Botas d`água	A carão	Aboseirar
Assacanhár	Ar encanado	Broa	Altars	Apilhar
Assoprado	Artice	Cangueira	Apilhar	Ar encanado
Baleias	Assacanhár	Ciganas	Assacanhár	Assacanhár
Barreta	Assoprado	Correia	Barreta	Assoprado
Batata-da-barbiça	Barreta	Entramelado	Batata-da-barbiça	Barreta
Bazaneira	Batata-da-barbiça	Espedir	Batelão	Batata-da-barbiça
Botas d`água	Beira do cabelo	Estalar	Beira do cabelo	Batelão
Briosa	Botas d`água	Falar de rijo	Beliscar	Bazaneira
Broa	Briosa	Falastrão	Botas d`água	Beira do cabelo
Bucho virado	Broa	Fura-capá	Briosa	Belisco
Bujão	Bucho virado	Lapeira	Broa	Botas d`água
Cachada	Bujão	Matina	Bucho virado	Broa
Caldeira	Cachada	Matinar	Bujão	Bucho virado
Caminho do carro	Caldeira	Mela	Cachada	Bujão
Cangueira	Caminho do carro	Noveiro	Caldeira	Cacarinho
Casaca	Cangueira	Prisão	Caminho do carro	Cachada
Cascar	Casaca	Quinau	Cangueira	Caldeira
Ciganas	Cascar	Temido	Casaca	Caminho do carro
Correia	Catre	Vigiar	Cascar	Cangueira
Dar um vento	Ciganas		Catre	Casaca
Embarcado	Cogiar		Ciganas	Cascar
Entramelado	Coitar		Cores de pau	Ciganas
Espedir	Cores de pau		Correia	Coitar
Estalar	Correia		Embarcado	Cores de pau
Falaço	Embarcado		Engalgado	Correia
Falar de rijo	Engalgado		Entramelado	Dar um vento

Falastrão	Espedir		Estalar	Embarcado
Falsear	Estalar		Falaço	Enchombrado
Feijão-rasteiro	Estiar		Falar de rijo	Engalgado
Galfarro	Falaço		Falastrão	Entramelado
Gamse	Falar de rijo		Falsear	Escarreirar
Lanzeira	Falastrão		Fanhungo	Espedir
Lapeira	Fanhungo		Flor da carne	Estaivado
Manhã-de-	Falsear		Fura-capa	Estalar
páscoa	Farrapo		Galfarro	Estiar
Marca	Flor da carne		Gamse	Falar de rijo
Matina	Galfarro		Gungar	Falastrão
Matinar	Gamse		Humildar	Falsear
Mela	Gungar		Ir fora	Fanhungo
Mira	Lampreia		Lanzeira	Farrapo
Noveiro	Lanzeira		Marca	Feijão-rasteiro
Passapalo	Matina		Matina	Flor da carne
Pombinha	Matinar		Matinar	Galfarro
Prisão	Mira		Mira	Gamse
Rancheira	Passapalo		Peimar	Guardanapo
Roupa da missa	Pombinha		Pombinha	Gungar
Sinagogas	Precatar-se		Pregage	Ir fora
Vazar	Pregage		Presilha	Lanzeira
	Presilha		Quinau	Manhã-de-
	Quitar		Rancheira	páscoa
	Rancheira		Roupa da missa	Marca
	Roupa da missa		Sinagogas	Matina
	Roupa do cote		Temido	Matinar
	Sinagogas		Vaqueira	Mela
	Suicinas		Vasilha	Mira
	Trompicar		Vazar	Noivos
	Trompicado		Vazios	Noveiro
	Vazar		Vigiar	Peimar
	Vazios			Pombinha
	Vigiar			Porta
				Precatar-se
				Presilha
				Prisão
				Quitar
				Rancheira
				Rinchar
				Roupa da missa
				Roupa do cote
				Temido
				Trompicar
				Trompicado
				Vaqueira
				Vasilha
				Vazar
				Vazios
				Vigiar
				Vimiada
<b>Total:</b>	<b>50</b>	<b>63</b>	<b>22</b>	<b>61</b>
				<b>79</b>

**d) Vocábulos não reconhecidos pelos alunos do 5º, 6º e 10º anos:**

5º Ano		6º Ano		10º Ano	
Vocábulos reconhecidos apenas com outro significado:	Vocábulos não reconhecidos:	Vocábulos reconhecidos apenas com outro significado:	Vocábulos não reconhecidos:	Vocábulos reconhecidos apenas com outro significado:	Vocábulos não reconhecidos:
Abóbora	Aboseirar	Abóbora	Abatumado	Abatumado	Arreceber-se
Altares	A carão	Altares	Abispado	Adejar	Bambote
Arreceber-se	Adejar	Ar de sol	Abispar-se	Algorreirinho	Batelão
Baleias	Algorreirinho	Arreceber-se	A carão	Ar de sol	Blastreira
Batizar	Ar de sol	Baleias	Adejar	Atraganhado	Corpo saio
Beliscar	Atraganhado	Batizar	Algorreirinho	Baleias	Esgamoadado
Bichinhas	Bambote	Beliscar	Atraganhado	Batizar	Fura-bardo
Caetano	Blastreira	Bichinhas	Bambote	Bufarada	Gamberna
Cana	Briosa	Caetano	Bazaneira	Bujacão	Gorgomilho
Crismar ou	Bufarada	Cana	Blastreira	Caetano	Imprivir
Dar um vento	Bujacão	Catre	Bufarada	Cana	Marmaceira
Desmentido	Bujão	Dar amor	Bujacão	Carralhotas	Pangaio
Encegueirar	Carralhotas	Desmentido	Bujão	Citado	Pangueiro
Enfuriar	Catre	Despender	Cacarinho	Coita	Promuntado
Escarro	Citado	Encegueirar	Carralhotas	Dar amor	Pugerne
Escurecer	Cogiar	Entramelado	Citado	Desmentido	Tertilho
Fazer arroz	Coita	Escarro	Cogiar	Despender	Tredo
Gorgulho	Corpo saio	Escurecer	Corpo saio	Empada	Ugalha
Grafada	Despender	Farrapo	Ementres	Escarro	
Guardanapo	Entramelado	Fazer arroz	tanto	Escurecer	
Humildar	Escarreirar	Guardanapo	Enchombrado	Fazer arroz	
Lampreia	Fanhungo	Humildar	Esgamoadado	Gorgulho	
Levadagem	Flor da carne	Ir fora	Estaivado	Grafada	
Mira	Fura-bardo	Levadagem	Estiar	Injucado	
Rosa	Fura-capa	Manhã-de-páscoa	Falaço	Lavadeira	
Sem destino	Gamberna	Mira	Fanhungo	Levadagem	
Sim-senhor	Gorgomilho	Noveiro	Fura-bardo	Pófia	
Tampa	Imprivir	Pófia	Gorgomilho	Rosa	
Temido	Injucado	Porta	Gamberna	Sem destino	
Vaqueira	Lapeira	Presilha	Gorgulho	Sim-senhor	
Vazios	Marmaceira	Quitar	Imprivir	Stique	
Verónica	Mela	Rosa	Injucado	Tampa	
Vestir	Noveiro	Sem destino	Marmaceira	Tertilheiro	
	Pangaio	Sim-senhor	Menção	Tertilhice	
	Pangueiro	Tampa	Pangueiro	Tração	
	Passapalo	Temido	Passapalo	Verónica	
	Pófia	Tração	Poita	Vestir	
	Pregana	Vazios	Precatar-se		
	Promuntado	Verónica	Pregage		
	Pugerne	Vestir	Pregana		
	Quitar		Promuntado		
	Rinchar		Pugerne		
	Sinagogas		Quinau		
	Stique		Sinagogas		

	Suicinas Tertilheiro Tertilhice Tertilho Tração Tredo Trompicado Ugalha Vazola		Stique Suicinas Tertilheiro Tertilhice Tertilho Tredo Trompicar Trompicado Ugalha Vazola		
<b>Total:</b>	<b>32</b>	<b>53</b>	<b>41</b>	<b>53</b>	<b>37</b>
					<b>18</b>

**Nota:** A lista mais exaustiva dos vocábulos conhecidos, acompanhada dos números de identificação dos inquiridos que os identificaram, encontra-se em apêndice (ver número 4.5).

Para os alunos do 5º, 6º e 10º anos, apresentamos os quadros das alíneas a), b) e c) acima, com os vocábulos conhecidos por cada turma e proveniência dos alunos. No quadro da alínea d) expomos os vocábulos desconhecidos e também aqueles que, embora tendo sido reconhecidos, nenhum dos inquiridos identificou com o sentido esperado. A pertinência desta informação prende-se com o facto dos mais jovens conhecerem estes vocábulos, certamente por os ouvirem dos mais velhos, mas, por não utilizarem, desconhecem o seu significado.

Da leitura do último quadro, verificamos serem os alunos do 10º ano os que mais vocábulos conhecem da lista apresentada. Curiosamente, a maioria dos alunos desta turma é residente nos Canhas. No entanto, apesar da turma de 5º ano ser constituída maioritariamente também por alunos dos Canhas, os vocábulos por estes conhecidos com o significado pretendido são muito poucos, o mesmo acontecendo com a turma de 6º ano, apesar de, neste caso, esta ser constituída por alunos de várias freguesias, destacando-se os alunos da Lombada, aqui em maior número.

Importa aqui referir que a aplicação dos inquéritos aos alunos dos três níveis de escolaridade foi feita de forma descontextualizada, contrariamente aos aplicados aos adultos. Por outro lado, como não nos foi possível estar presentes no momento da aplicação dos inquéritos na Escola Básica e Secundária da Ponta do Sol, não sabemos quanto tempo estes dispuseram para o seu preenchimento, e em que condições realizaram os mesmos, o que pode comprometer a precisão dos resultados. Apesar destes fatores, as diferenças são visíveis. Quanto mais novos são os falantes, menos conhecem os vocábulos por nós apresentados.

Quanto aos vocábulos completamente desconhecidos, alguns são comuns aos alunos dos três anos de escolaridade, segundo observamos no quadro da alínea d): *bambote*, *blastreira*, *corpo saio*, *marmaceira*, *pangueiro*, *promuntado*, *pugerne* / *pegerne*, *tertilho*, *tredo*, *ugalha*.

## 2.1.2. Jovens e adultos do concelho da Ponta do Sol

### a) Vocábulos reconhecidos por freguesia e localidade

Freguesia da Ponta do Sol			Freguesia dos Canhas (11)	Freguesia da Madalena do Mar (12)
Lombada (13)	Lugar de Baixo (9)	Monte / Livramento (8)		
Abatumado	Abatumado	Abatumado	Abatumado	Abatumado
Abispado	Abispado	Abispado	Abispado	Abispado
Abispar-se	Abispar-se	Abispar-se	Abispar-se	Abispar-se
Abóbora	Abóbora	Abóbora	Abóbora	Abóbora
Aboseirar	Aboseirar	Aboseirar	Aboseirar	Aboseirar
A carão	A carão	Adejar	A carão	Adejar
Adejar	Adejar	Altares	Adejar	Altares
Algorreirinho	Algorreirinho	Apilhagem	Algorreirinho	Apilhagem
Altares	Altares	Apilhar	Altares	Apilhar
Apilhagem	Apilhagem	Ar de sol	Apilhagem	Ar de sol
Apilhar	Apilhar	Ar encanado	Apilhar	Ar encanado
Ar de sol	Ar de sol	Artice	Ar de sol	Artice
Ar encanado	Ar encanado	Assacanhlar	Ar encanado	Assacanhlar
Arreceber-se	Artice	Assoprado	Arreceber-se	Assoprado
Artice	Assacanhlar	Atraganhado	Artice	Atraganhado
Assacanhlar	Assoprado	Baleias	artelhice(s)	Baleias
Assoprado	Atraganhado	Barreta	Assacanhlar	Barreta
Atraganhado	Baleias	Batata-da-	Assoprado	Batata-da-
Baleias	Bambote	barbiça	Baleias	barbiça
Bambote	Barreta	Batelão	Barreta	Batelão
Barreta	Batata-da-	Batizar	Batata-da-	Batizar
Batata-da-	barbiça	Bazaneira	barbiça	Bazaneira
barbiça	Batelão	Beira do cabelo	Batelão	Beira do cabelo
Batelão	Batizar	Beliscar	Batizar	Beliscar
Batizar	Bazaneira	Belisco	Beira do cabelo)	Botas d`água
Bazaneira	Beira do cabelo	Botas d`água	Beliscar	Briosa
Beira do cabelo	Beliscar	Briosa	Belisco	Broa
Beliscar	Belisco	Broa	Bichinhas	Bucho virado
Belisco	Blastreira	Bucho virado	Botas d`água	Bufarada
Bucho virado	Botas d`água	Bufarada	Briosa	Bujão
Blastreira	Briosa	Bujacão	Broa	Cacarinho
Botas d`água	Broa	Bujão	Bucho virado	Cachada
Briosa	Bufarada	Cacarinho	Bujão	Caetano
Broa	Bucho virado	Cachada	Cacarinho	Caldeira
Bufarada	Bujacão	Caetano	Cachada	Caminho do
Bujacão	Bujão	Caldeira	Caetano	carro
Bujão	Cacarinho	Caminho do	Caldeira	Cana
Cacarinho	Cachada	carro	Caminho do	Cangueira
Cachada	Caetano	Cana	carro	Carralhotas
Caetano	Caldeira	Cangueira	Cana	Casaca
Caldeira	Caminho do	Carralhotas	Cangueira	Cascar
Caminho do	carro	Casaca	Carralhotas	Catre
carro	Cana	Cascar	Casaca	Ciganas
Cana	Cangueira	Catre	Cascar	Citado
Cangueira	Carralhotas	Ciganas	Catre	Cogiar

Carralhotas	Casaca	Citado	Ciganas	Coitar
Casaca	Cascar	Cogiar	Citado	Cores de pau
Cascar	Catre	Coita	Cogiar	Corpo saio
Catre	Ciganas	Coitar	Coitar	Correia
Ciganas	Citado	Cores de pau	Cores de pau	Dar amor
Citado	Cogiar	Corpo saio	Corpo saio	Dar um vento
Cogiar	Coita	Correia	Correia	Desmentido
Coita	Coitar	Dar amor	Dar amor	Embarcado
Coitar	Cores de pau	Dar um vento	Dar um vento	Ementres tanto
Cores de pau	Corpo saio	Desmentido	Desmentido	Empada
Corpo saio	Correia	Embarcado	Despender	Encegueirar
Correia	Dar amor	Ementres tanto	Embarcado	Enchombrado
Dar amor	Dar um vento	Empada	Ementres tanto	Enfuriar
Dar um vento	Desmentido	Encegueirar	Empada	Engalgado
Desmentido	Embarcado	Enchombrado	Encegueirar	Entramelado
Despender	Ementres tanto	Enfuriar	Enchombrado	Escarreirar
Embarcado	Empada	Engalgado	Enfuriar	Escarro
Ementres tanto	Encegueirar	Entramelado	Engalgado	Escurecer
Empada	Enchombrado	Escarreirar	Entramelado	Esgamoado
Encegueirar	Enfuriar	Escarro	Escarreirar	Espedir
Enchombrado	Engalgado	Escurecer	Escarro	Estaivado
Enfuriar	Entramelado	Esgamoado	Escurecer	Estalar
Engalgado	Escarreirar	Espedir	Esgamoado	Estiar
Entramelado	Escarro	Estaivado	Espedir	Falaço
Escarreirar	Escurecer	Estalar	Estaivado	Falar de rijo
Escarro	Esgamoado	Estiar	Estalar	Falastrão
Escurecer	Espedir	Falaço	Estiar	Fanhungo
Esgamoado	Estaivado	Falar de rijo	Falaço	Falsear
Espedir	Estalar	Falastrão	Falar de rijo	Farrapo
Estaivado	Estiar	Fanhungo	Falastrão	Fazer arroz
Estalar	Falaço	Falsear	Fanhungo	Feijão-rasteiro
Estiar	Falar de rijo	Farrapo	Falsear	Flor da carne
Falaço	Falastrão	Fazer arroz	Farrapo	Fura-bardo
Falar de rijo	Fanhungo	Feijão-rasteiro	Fazer arroz	Galfarro
Falastrão	Falsear	Flor da carne	Feijão-rasteiro	Gamse
Fanhungo	Farrapo	Fura-bardo	Flor da carne	Gorgulho
Falsear	Fazer arroz	Fura-capa	Fura-bardo	Grafada
Farrapo	Feijão-rasteiro	Galfarro	Galfarro	Guardanapo
Fazer arroz	Flor da carne	Gamse	Gamse	Gungar
Feijão-rasteiro	Fura-bardo	Gorgulho	Gorgulho	Gorgomilho
Flor da carne	Fura-capa	Grafada	Grafada	Humildar
Fura-bardo	Galfarro	Guardanapo	Guardanapo	Ir fora
Fura-capa	Gamberna	Gungar	Gungar	Lampreia
Galfarro	Gamse	Gorgomilho	Gorgomilho	Lanzeira
Gamberna	Gorgulho	Humildar	Humildar	Lapeira
Gamse	Grafada	Ir fora	Ir fora	Lavadeira
Gorgulho	Guardanapo	Lampreia	Lampreia	Levadagem
Grafada	Gungar	Lanzeira	Lanzeira	Manhã-de-
Guardanapo	Gorgomilho	Lapeira	Lapeira	páscoa
Gungar	Humildar	Lavadeira	Lavadeira	Marca
Gorgomilho	Ir fora	Levadagem	Levadagem	Matina
Humildar	Lampreia	Manhã-de-	Manhã-de-páscoa	Matinar

Imprivir	Lanzeira	páscoa	Marca	Mela
Injucado	Lapeira	Marca	Matina	Menção
Ir fora	Lavadeira	Matina	Matinar	Mira
Lampreia	Levadagem	Matinar	Mela	Noivos
Lanzeira	Manhã-de-	Mela	Menção	Noveiro
Lapeira	páscoa	Menção	Mira	Pangueiro
Lavadeira	Marcas	Mira	Noivos	Passapalo
Levadagem	Matina	Noivos	Pangaio	Peimar
Manhã-de-	Matinar	Noveiro	Noveiro	Pófia
páscoa	Mela	Pangaio	Passapalo	Poita
Marca	Menção	Passapalo	Peimar	Pombinha
Marmaceira	Mira	Peimar	Poita	Porta
Matina	Noivos	Pófia	Pombinha	Precatar-se
Mela	Noveiro	Poita	Porta	Pregage
Menção	Pangaio	Pombinha	Precatar-se	Pregana
Mira	Pangueiro	Porta	Pregage	Presilha
Noivos	Passapalo	Precatar-se	Presilha	Prisão
Noveiro	Pófia	Pregage	Prisão	Quinau
Pangaio	Poita	Presilha	Quinau	Quitar
Passapalo	Pombinha	Prisão	Rancheira	Rancheira
Peimar	Porta	Quinau	Rinchar	Rinchar
Pófia	Precatar-se	Rancheira	Roupa da missa	Rosa
Poita	Pregage	Rinchar	Roupa do cote	Roupa da missa
Pombinha	Presilha	Roupa da missa	Sem destino	Roupa do cote
Porta	Prisão	Roupa do cote	Suicinas	Sem destino
Precatar-se	Quinau	Sem destino	Tampa	Sinagogas
Pregage	Quitar	Sinagogas	Temido	Suicinas
Pregana	Rancheira	Suicinas	Tertilheiro	Tampa
Presilha	Rinchar	Tampa	Tertilhice	Temido
Pugerne	Rosa	Temido	Tertilho	Tertilheiro
Prisão	Roupa da missa	Tertilheiro	Tropicar	Tertilhice
Quinau	Roupa do cote	Tertilhice	Tropicado	Tertilho
Quitar	Sem destino	Tertilho	Ugalha	Tração
Rancheira	Sinagogas	Tração	Vaqueira	Tropicar
Rinchar	Suicinas	Tredo	Vasilha	Tropicado
Rosa	Tampa	Tropicar	Vazar	Ugalha
Roupa da missa	Temido	Tropicado	Vazios	Vasilha
Roupa do cote	Tertilheiro	Ugalha	Vazola	Vazar
Sem destino	Tertilhice	Vaqueira	Vestir	Vazios
Sim-senhor	Tertilho	Vasilha	Vigiar	Vazola
Sinagogas	Tração	Vazar	Vimiada	Vestir
(Stique)	Tredo	Vazios		Vigiar
Suicinas	Tropicar	Vazola		Vimiada
Tampa	Tropicado	Vestir		
Temido	Ugalha	Vigiar		
Tertilheiro	Vaqueira	Vimiada		
Tertilhice	Vasilha			
Tertilho	Vazar			
Tração	Vazios			
Tredo	Vazola			
Tropicar	Vestir			
Tropicado	Vigiar			

Ugalha	Vimiada			
Vaqueira				
Vasilha				
Vazar				
Vazios				
Vazola				
Vestir				
Vigiar				
Vimiada				
<b>Total:</b>	<b>155</b>	<b>147</b>	<b>141</b>	<b>136</b>

**b) Vocábulos não reconhecidos por freguesia e localidade (adultos)**

Freguesia da Ponta do Sol			Freguesia dos Canhas	Freguesia da Madalena do Mar
Lombada	Lugar de Baixo	Monte e Livramento		
Bichinhas	Arreceber-se	A carão	Atraganhado	A carão
Pangueiro	Bichinhas	Algorreirinho	Bambote	Algorreirinho
Promuntado	Despender	Bambote	Bazaneira	Arreceber-se
Stique	Imprivil	Bichinhas	Blastreira	Bambote
Verónica	Injucado	Blastreira	Bufarada	Bichinhas
	Marmaceira	Despender	Bujacão	Blastreira
	Pangueiro	Gamberna	Coita	Bujacão
	Peimar	Imprivil	Fura-capa	Coita
	Pregana	Injucado	Gamberna	Despender
	Promuntado	Marmaceira	Imprivil	Fura-capa
	Pugerne	Pangueiro	Injucado	Gamberna
	Sim-senhor	Pregana	Marmaceira	Imprivil
	Stique	Promuntado	Pangueiro	Injucado
	Verónica	Pugerne	Pófia	Marmaceira
		Quitar	Promuntado	Pangaio
		Rosa	Pugerne	Promuntado
		Sim-senhor	Rosa	Pugerne
		Stique	Sim-senhor	Sim-senhor
		Verónica	Sinagogas	Stique
			Stique	Trédo
			Tertilheiro	Vaqueira
			Tração	Verónica
			Trédo	
			Verónica	
<b>Total:</b>	<b>5</b>	<b>14</b>	<b>24</b>	<b>22</b>

Acima, apresentamos, na alínea a), a lista de vocábulos conhecidos pelos adultos inquiridos das várias freguesias e, na alínea b), os não reconhecidos pelos mesmos. A lista mais exhaustiva dos vocábulos conhecidos, acompanhada dos números de identificação dos inquiridos que reconheceram cada um dos vocábulos, será apresentada em apêndice (ver número 4.6 do apêndice).

Nos referidos quadros, distinguimos as três freguesias, contudo, entendemos ser importante salientar as localidades da Lombada, Lugar de Baixo, Monte e Livramento, dentro da freguesia da Ponta do Sol, por considerarmos pertinentes as diferenças entre elas, e visto esta ser a maior freguesia do concelho.

Assim, da leitura dos quadros acima, verificamos que são os inquiridos da freguesia da Ponta do Sol aqueles que mais vocábulos conhecem, com especial destaque para a localidade da Lombada, onde apenas não foram identificados seis vocábulos, como podemos constatar de forma mais evidente no quadro da alínea b). Apesar de estar aqui incluído o vocábulo *stique*, houve um residente jovem que a identificou, mas apenas, segundo ele, por a ter ouvido recentemente de um amigo residente no Curral das Freiras (não nos foi possível, no entanto, investigar esta informação). Segue-se a localidade do Lugar de Baixo, onde não foram conhecidos catorze vocábulos. O facto destas duas localidades serem aquelas cujos inquiridos conhecem mais vocábulos deve-se à proximidade entre elas e, como referimos no capítulo sobre a contextualização socioeconómica, às relações entre ambas desde sempre. Por outro lado, a nossa recolha baseou-se, sobretudo, nesta freguesia, por ser a mais populosa.

As freguesias dos Canhas e Madalena do Mar foram aquelas onde os inquiridos reconheceram menos vocábulos por nós apresentados, com destaque para a freguesia dos Canhas. Concluímos, portanto, que existe na nossa lista um grande número de vocábulos que são apenas conhecidos e utilizados na freguesia da Ponta do Sol, em especial na Lombada.

Curiosamente, se comparados com os resultados dos quadros dos alunos, constatamos que é a turma com mais alunos da freguesia dos Canhas (10º ano) aquela que mais vocábulos conhece, contrariamente ao que acontece com relação aos adultos, pois são os adultos desta freguesia os que menos vocábulos identificaram com o significado pretendido.

## 2.2. Resultados obtidos por faixa etária

### Vocábulos reconhecidos e/ou utilizados por faixa etária:

Concelho da Ponta do Sol																
Vocábulos reconhecidos	0-14 anos				15-24 anos				Nº 39	25-64 anos			65 ou + anos			
	Nº 38	Utiliza			Nº 33	Utiliza				Utiliza			Nº 8	Utiliza		
		Muito	Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca
Abatumado	3	1		1	1			1	24	2	11	9	6	2	1	3
Abispado	5	1	4		14		6	4	34	5	16	13	6		3	3
Abispar-se	9	2	4	2	12		5	4	35	5	12	19	8	2	2	4
Abóbora					4		2	2	30	1	14	16	7	2	3	2
Aboseirar	2			2	14	1	7	6	34	5	11	19	7	1	4	2
A carão					2		1		16	1	3	12	3	1	2	
Adejar									16	2	4	10	6	1	2	3
Algorreirinho									6		1	5	4		3	1
Altares	1				3		2	1	33	5	9	19	7		5	2
Apilhagem	4		1	3	4		1	3	26	2	11	13	5		3	3
Apilhar	4	1		3	15	1	1	10	35	3	9	26	6	1	1	4
Ar de sol					1			1	25	3	5	17	8	3	4	1
Ar encanado	7		6		10		5	3	37	20	12	6	8	8		
Arreceber-se									5	1		4	1			1
Artice	1		1	1	5		1	3	33	2	12	19	4	2	2	
Assacanhár	18	2	9	4	20	3	10	5	37	9	23	4	8	2	3	3
Assoprado	5			2	12	1	4	4	36	11	12	10	8	4	4	
Atraganhado									12	1	2	9	4	1	1	2
Baleias	1		1		2	1		1	33	11	9	12	7	2	4	
Bambote									1		1		1			1
Barreta	32	10	16	3	27	6	14	5	39	21	11	5	8	6	2	
Batata-da-barbiça	18	6	6	4	16	2	7	5	38	24	9	6	8	7	1	
Batelão	4		1	2	10	3	4	2	34	4	15	14	5	2	1	2
Batizar									11	2	4	5	3	1	2	
Bazaneira	1			1	3		2	1	20	1	6	13	5	2		3
Beira do cabelo	28	7	14	1	21	3	12	3	38	17	14	6	8	3	4	1
Beliscar					4	1	3		35	10	16	8	6	2	4	
Belisco	3	1	1	1	7	1	2	4	37	10	16	10	8	5	2	1
Bichinhas									3			3				
Blastreira									8			8	2			2
Botas d'água	30	13	10	2	28	9	12	4	38	25	11	1	8	7	1	
Briosa	2			2	5	1	1	2	29	8	9	12	8	4	2	2
Broa	29	11	11	1	17	5	8		39	29	7		8	7	1	
Bucho virado	21	5	9	4	16	3	8	2	39	13	22	4	8	4	3	1
Bufarada									12		5	6	5	1	2	2
Bujacão					1			1	10		3	7	5		2	3
Bujão					8	2	3	2	20	1	10	10	4		4	
Cacarinho	1		1		1				8	1		7	6			6
Cachada	21	6	7	5	25	6	13	2	37	19	11	6	8	7	1	
Caetano					1			1	20			19	4		1	3
Caldeira	12	3	5	2	17	5	9	1	37	29	7	1	8	7	1	

Vocábulos Reconhecidos	0-14 anos			15-24 anos			25-64 anos			65 ou + anos						
	Nº 38	Utiliza		Nº 33	Utiliza		Nº 39	Utiliza		Nº 8	Utiliza					
		Muito	Às vezes		Nunca	Muito		Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca			
Caminho do carro	15	2	5	3	16	3	6	5	38	10	8	17	8	3	2	3
Cana					1			1	22	3	4	15	6	1	2	3
Cangueira	5	1		1	20	3	9	4	37	17	15	3	8	7	1	
Carralhotas					2	1	1		29	6	9	8	4	2	2	
Casaca	23	3	11	3	19		6	8	35	3	9	21	8	2	2	4
Cascar	24	5	10	3	22	8	7	2	38	23	9	5	8	6	1	1
Catre					3		1	2	39	4	17	11	8	1	3	4
Ciganas	2			1	10	2	3	3	33	14	15	6	8	7	1	
Citado					1			1	30	5	8	14	5	2	3	
Cogiar					1		1		2			2	4		1	3
Coita	1			1	2		1	1	15	5	5	3	3		2	1
Coitar	12	4	5		12	2	7	2	39	16	13	8	8	6	1	1
Cores de pau	31	10	12	1	22	4	12	3	39	21	13	3	8	4	2	2
Corpo saio					1			1	22	1	1	19	8		1	7
Correia	31	11	12	1	27	6	14	3	38	24	9	4	8	6	2	
Dar amor	2		2		2		2		32	13	7	12	8	6	2	
Dar um vento	1				3			3	27	8	3	16	8	3		5
Desmentido									24	9	7	7	7	4	1	2
Despender									5			5	1			1
Embarcado	12	2	5	2	15	2	8	4	39	11	17	10	8	5	3	
Ementres tanto	1	1			2		1	1	28	3	8	17	6	1		5
Empada	6		3	1					14	2	4	8	7	3		4
Encegueirar					1	1			23	8	4	11	5	1	4	
Enchombrado	2	1			2		1	1	28	9	8	11	7	5	1	1
Enfuriar	2		1		1		1		29	2	6	14	4	1	2	1
Engalgado	12	3	6	1	16	4	4	5	34	14	17	5	8	5	2	1
Entramelado					22	4	11	4	38	25	8	5	7	6	1	
Escarreirar	1		1		2			1	35	8	10	17	7	3	3	1
Escarro					1			1	18	3	4	11	5		1	4
Escurecer									11	1	2	7	5		3	2
Esgamoado	1	1							16	4	2	8	8	1	4	3
Espedir	8	3	2		13	2	5	3	35	10	16	9	7	2	5	
Estaivado	1				1				16	3	6	7	7	3	2	2
Estalar	9	1	4	1	11	1	9		33	11	15	7	8	7	1	
Estiar	2	1	3		8	1	3	2	34	19	12	3	8	8	1	
Falaço	1				3	1	1		34	11	17	6	8	4	4	
Falar de rijo	16	5	7	4	21		12	6	37	11	12	13	8	6	2	
Falastrão	9	2	3	2	22	4	9	4	37	16	18	2	8	6	2	
Falsear	4		1		20	7	8	2	25	3	2	9	3	1	1	1
Fanhungo					3	1		2	28	7	11	8	5	1	3	1
Farrapo	1		1		4		3	1	37	8	17	7	6	2	4	
Fazer arroz	1		1		5	2	2	1	30	12	19		8	6	1	1
Feijão-rasteiro	2		1		8		4	4	36	12	14	9	8	3	1	4
Flor da carne	1		1		7		4	1	37	14	14	8	8	6	1	1
Fura-bardo					1		1		23	3	14	7	7	5	1	1
Fura-capa	1	1			4	1	1	1	17	3	4	7	4	2	2	
Galfarro	12	5	6		18	3	7	5	38	10	8	18	8	6	2	

Vocábulos Reconhecidos	0-14 anos			15-24 anos			25-64 anos			65 ou + anos						
	Nº 38	Utiliza		Nº 33	Utiliza		Nº 39	Utiliza		Nº 8	Utiliza					
		Muito	Às vezes		Nunca	Muito		Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca			
Gamberna							3			3	1		1			
Gamse	11		7	2	20	4	7	4	38	6	12	19	8	2	3	3
Gorgomilho					1		1		22	2	6	15	7	1	3	3
Gorgulho									17	4	5	8	6	3	3	
Grafada	1			1					26	5	4	18	6	2	1	3
Guardanapo	1		1		3	1	2		21	8	6	6	6	3	3	
Gungar	7	1	3		12	1	6	3	36	14	13	9	8	6	2	
Humildar					2		2		26	6	9	11	7	3	4	
Imprevir									2			2				
Injucado									3			3	1			1
Ir fora	2		1		7		4	3	36	12	14	10	7	6		1
Lampreia	1	1	3	1	2	1			28	13	8	7	4	3	1	
Lanzeira	9	1	2		11		5	3	35	11	14	9	8	4	3	1
Lapeira	1				4	2	1		32	10	16	5	7	5	2	
Lavadeira	3			1	2		1		18	1	5	9	5	1	3	1
Levadagem					2		2		28	12	10	6	5	3	1	1
Manhã-de-páscoa	3	1	2		4	1	2		34	23	7	3	8	5	2	1
Marca	8	4	2		12	3	7	1	39	22	14	2	8	5	3	
Marmaceira					1		1		5	1	1	3	1		1	
Matina/matinar	15	4	4	2	18	2	9	4	38	9	12	16	8	3	2	3
Mela	1		1		6	2	3		34	17	12	5	7	5	1	1
Menção	1		1						25	7	8	9	7	3	2	2
Mira	1		1		9	2	3	2	32	18	10	4	4	3	1	
Noivos	17	3	5	2	6	1	3	2	38	18	10	10	8	2	3	3
Noveiro					5		1	2	27	6	7	15	7	5	1	1
Pangaio	1			1					14	2	3	8	2	1		1
Pangueiro									2		1	1				
Passapalo					3		1	1	24	4	6	15	5	1	3	1
Pangaio	1			1					14	2	3	8	2	1		1
Peimar	14	4	4	2	12	3	6	2	15	2	4	17	5	2	2	1
Pófia									14	2	3	9	3	1	2	
Poita	1				3		3		12	2	7	4	6	1	2	3
Pombinha	8		3	2	13	2	4	6	34	13	10	10	7	2	3	2
Porta	3		2		6	1	5		36	16	13	6	7	5	1	1
Precatar-se	2	2			7		4	1	37	5	10	21	8	4	2	2
Pregage	2	1	1		5		2	2	36	7	19	10	8	5	2	1
Pregana									12	2	2	7	4	2		2
Presilha	1	1			9		5	2	32	2	11	19	8	2	2	4
Promuntado																
Pugerne									5			5	1	1		
Prisão	5	4	1		7	2	2	1	35	15	11	8	7	4	3	
Quinau	1		1		5		3	1	35	8	14	13	8	4	4	
Quitar					1			1	10		2	7	4	1	2	1
Rancheira	12	1	1	5	14		7	4	39	7	16	14	8	3	3	2
Rinchar	1			1					20	1	6	11	5	2	2	1
Rosa									8		3	5	3	1	2	

Vocábulos Reconhecidos	0-14 anos				15-24 anos				25-64 anos				65 ou + anos			
	Nº 38	Utiliza			Nº 33	Utiliza			Nº 39	Utiliza			Nº 8	Utiliza		
		Muito	Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca		Muito	Às vezes	Nunca
Roupa da missa	21	6	10	3	22	2	12	6	27	7	15	16	8	3	1	4
Roupa do cote	9	3	3	1	7	1	1	4	35	5	11	19	8	3	2	3
Sem destino	1	1			1		1		20	7	10	4	7	4	1	2
Sim-senhor									1			1				
Sinagogas					3		2		16	2	4	10	5	1	3	1
Stique					1			1								
Suicinas					2		1		29	16	5	8	8	7		1
Tampa									14		2	11	6			6
Temido					2			1	24	4	11	9	5	3	1	1
Tertilheiro					1		1		11	1	5	4	5	4	1	
Tertilhice					1		1		12		4	8	6	2	4	
Tertilho					1			1	16	3	3	9	4		1	3
Tração									15	2	4	10	5			5
Tredo									11	2	2	7	2	1	1	
Trompicar	2		2		7		3	2	33	4	12	16	8	4	3	1
Trompicado	1				8		3	3	35	4	18	11	8	2	2	2
Ugalha					1		1		23	5	9	8	7	4	2	1
Vaqueira	1	1			5	1	2	2	19	7	3	8	4	3	1	
Vasilha	13	3	6	1	6	2	1	2	39	10	13	15	7	1	4	2
Vazar	13	1	4	2	21	2	9	5	33	5	14	12	7	2	2	3
Vazios					7	1	3	1	30	3	11	16	7	3	3	1
Vazola					1				18	1	3	12	5		4	1
Verónica																
Vestir	1			1	5		3	2	36	18	12	6	8	6	1	1
Vigiar	9	2	3	3	15	2	6	1	25	7	9	7	8	4	3	1
Vimiadas	8	1	2	1	4		3		36	10	16	8	7	2	5	
<b>Total:</b>	<b>97</b>				<b>126</b>				<b>156</b>				<b>152</b>			

**Nota:** O total apresentado para cada vocábulo corresponde ao número de inquiridos que identificaram e definiram o vocábulo com o significado procurado, no entanto, este nem sempre corresponde ao total de utilizações (utiliza muitas vezes, às vezes ou nunca) porque apesar de terem preenchido os significados, alguns inquiridos não preencheram os campos respeitantes à utilização dos respetivos vocábulos. Excluímos, assim, os inquiridos que, embora tendo assinalado conhecer a palavra, não preencheram o seu significado (total que consta do quadro inicial de recolha de dados, em apêndice. Ver 4.5. e 4.6. do apêndice).

Da observação do quadro de resultados por faixa etária, constatámos que a faixa dos 0 aos 14 anos é aquela que menos conhece e utiliza os vocábulos apresentados na nossa lista. Apenas algumas palavras, como *assacanharr*, *barreta*, *batata da barbiça*, *beira do cabelo*, *botas d'água*, *broa*, *bucho virado*, *cachada*, *casaca*, *cascar*, *cores de pau*, *correia*, *falar de rijo* e *roupa da missa* são claramente conhecidas e usadas, com maior ou menor frequência,

pelos mais novos. De resto, muitos dos vocábulos são desconhecidos ou apenas reconhecidos por um ou outro inquirido, possivelmente por influência do local onde vive. Assim, o total de vocábulos identificados com o significado previsto, nesta faixa etária, foi de 97 vocábulos.

No que respeita aos jovens dos 15 aos 24 anos, o total de vocábulos conhecidos foi de 126, portanto, superior à faixa anterior. As palavras mais conhecidas e usadas pelos jovens desta faixa são: *assacanhhar, barreta, batata da barbiça, beira do cabelo, botas d`água, broa, bucho virado, cachada, caldeira, caminho do carro, cangueira, casaca, cascar, cores de pau, correia, embarcado, engalgado, falar de rijo, falastrão, falsear, galfarro, gamse, entramelado, matina, matinar, roupa da missa, vazar e vigiar*. Curiosamente, no que respeita ao vocábulo *apilhar*, apesar de ser conhecido pela maioria dos inquiridos (15), apenas dois assinalam utilizá-lo.

Ao avançarmos para a faixa etária dos 25 aos 64 anos, verificamos que a grande maioria dos inquiridos conhece e utiliza grande parte dos vocábulos, num total de 156 conhecidos. Por este motivo, passamos a referir não os vocábulos mais conhecidos mas os desconhecidos desta faixa etária: *promuntado stique e verónica*; os menos conhecidos: *algorreirinho, arreceber-se, bambote, cacarinho e pangueiro*; e os vocábulos que, apesar de conhecidos por alguns inquiridos, não são utilizados por nenhum deles: *bichinhas, blastreira, cogiar, despende, gamberna, imprivir, injucado, pugerne e sim-senhor*. No entanto, ao observarmos os resultados, chegamos à conclusão que, apesar de conhecidos, poucos são os vocábulos muito utilizados pelos inquiridos desta faixa etária, havendo um grande grupo de palavras que só são usadas às vezes ou que nunca são utilizadas.

Finalmente, ao analisarmos os resultados da última faixa etária, inquiridos com idades a partir dos 65 anos, constatamos que, tal como na faixa anterior, são poucos os vocábulos que não são conhecidos ou utilizados. Assim, os vocábulos desconhecidos são: *bichinhas, imprivir, pangueiro, promuntado, sim-senhor, stique e verónica*. Outros vocábulos são pouco conhecidos e nunca usados: *arreceber-se, bambote, blastreira, despende e injucado*. Já as palavras *gamberna, marmaceira e pugerne* são identificadas e utilizadas apenas por um inquirido. Em suma, o total de vocábulos conhecidos, com o significado previsto, nesta faixa etária é de 152 vocábulos.

Tal como tínhamos previsto, a maioria destes regionalismos tende a desaparecer com as novas gerações. Pois, salvo um pequeno número de vocábulos de uso corrente, que em alguns casos sofreram alteração do significado inicial, a maior parte ou não é conhecida dos mais jovens ou, se o é, não é por eles utilizada, confirmando, assim, que estes estão a cair em desuso.

### 2.3. Resultados obtidos por escolaridade

Concelho da Ponta do Sol																								
Vocábulos reconhecidos	Nenhuma			1º ciclo			2ºCiclo			3ºCiclo			Secundário			Superior								
	Nº 6	Utiliza		Nº 47	Utiliza		Nº 10	Utiliza		Nº 36	Utiliza		Nº 9	Utiliza		Nº 8	Utiliza							
		Mt X	Às X		Nca	Mt X		Às X	Nca		Mt X	Às X		Nca	Mt X		Às X	Nca	Mt X	Às X	Nca			
Abatumado	4	2		2	10	3	3	3	8		5	3	1			1	5		2	3	3			3
Abispado	3		1	2	14	4	10		9	2	6	1	20		8	7	7		3	3	7		3	4
Abispar-se	6	2	1	3	17	6	6	4	10	1	4	5	19		8	7	7		2	4	7		4	3
Abóbora	5	2	1	2	9	1	6	2	8		5	3	9		3	6	7		3	3	5		2	3
Aboseirar	6	1	3	2	10	3	2	5	9		3	6	20	3	6	10	9		5	3	7		3	4
A carão	2	1	1		4		2	2	6		1	5	2		1		4		1	3	3		1	2
Adejar	3		2	1	9	2	2	5	7	1	1	5					2		1	1				
Algorreirinho	3		2	1	2		1	1	3		1	2					3			2	1		1	
Altas	6	1	3	2	10	3	4	2	8		4	4	9	1	4	3	6		1	4	4		1	3
Apilagem	5		3	2	10	1	3	6	8		4	4	5		3	2	7	1	1	4	6		3	2
Apilhar	4	2		2	14	3	2	9	10		2	8	20	1	1	14	8		2	5	7		4	2
Ar de sol	6	3	3		9	3	3	3	9		1	7	3			3	2			2	3			3
Ar encanado	6	6			17	9	7		10	6	2	2	15	2	7	3	9	1	5	2	7	1	3	2
Arreceber-se	2	1		1	1			1	1			1					1			1				
Artice	4	2	2		9	2	4	4	8		5	3	9		2	4	7		1	5	6		2	4
Assacanhhar	6	3	2	1	28	7	13	5	10	1	8	1	26	6	11	6	9		7	1	7		4	2
Assoprado	6	3	3		15	3	4	5	10	7	3		17	4	3	7	7		5	1	6		4	1
Atraganhado	1	1			5	1	1	3	5			5	1			1	2			2				
Baleias	4	1	2		9	5	4		8	5	2	1	7	5		2	6		2	4	7		2	4
Bambote	1			1													1		1					
Barreta	6	4	2		42	18	17	4	10	7	3		33	12	12	6	9	1	5	2	8		5	2
Batata-da-barbiça	6	5	1		28	15	7	4	10	10			21	6	5	8	9	2	3	2	7	1	4	2
Batelão	5	2	1	2	13	3	4	5	9		6	3	16	7	4	4	7		3	3	5		3	2
Batizar	2	1	1		3		2	1	5	2	2	1	2		1	1	3		1	2				

Vocábulos reconhecidos	Nenhuma				1º ciclo				2ºCiclo				3ºCiclo				Secundário				Superior			
	Nº 6	Utiliza			Nº 47	Utiliza			Nº 10	Utiliza			Nº 36	Utiliza			Nº 9	Utiliza			Nº 8	Utiliza		
		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca
Bazaneira	3	1		2	10	2		8	6		4	2	3		1	2	3		1	2	3		1	2
Beira do cabelo	6	4	2		38	11	18	3	10	7	3		26	7	11	5	9	1	6	1	8	1	3	3
Beliscar	5	3	2		9	6	2	1	9	1	7	1	8	1	7		6	1	4	1	7	1	3	2
Belisco	6	5	1		12	4	3	5	10	5	4	1	14	2	4	7	7	1	4	1	8	1	3	3
Bichinhas					1			1									1			1	1			1
Blastreira	2			2	2			2	5			5					1			1				
Botas d' água	6	5	1		40	23	10	2	10	8	2		34	15	12	4	9	4	4		8	2	4	1
Briosa	6	3	2	1	11	4	3	4	9	4	2	3	7	1	2	3	6		3	2	3	1		2
Broa	6	5	1		39	20	12	1	10	10			23	11	7		9	3	5		8	6	1	
Bucho virado	6	4	1	1	31	11	13	4	10	4	5	1	24	5	13	3	7	2	4		8		6	1
Bufarada	2		1	1	6	1	3	2	5		3	2					2			1	1			1
Bujacão	3		1	2	6		2	4	4		1	3					2			2	2		1	1
Bujão	3		3		5	1	1	3	7		6	1	12	3	4	4	5		1	4	2		1	1
Cacarinho	3			3	8	1	1	6	3			3	2			1								
Cachada	6	5	1		31	14	9	5	9	7	2		33	12	13	3	7	1	3	2	8	1	3	3
Caetano	3		1	2	7			7	7			7					5			5	2			2
Caldeira	6	5	1		22	13	5	2	10	10			22	11	7	2	7	3	4		8	3	4	
Caminho do carro	6	2	2	2	25	7	7	6	9	4	2	3	22	5	7	7	9		2	6	7		2	4
Cana	4		1	3	8	1	3	4	8	2		6	3			2	6		1	5	2	1		1
Cangueira	6	5	1		15	9	2	1	10	6	4		25	8	9	3	7	1	4	2	7	1	3	2
Carralhotas	4	2	2		5	1	3	1	8	2	3	3	5	4	1		4		2	2	3	1		2
Casaca	6	1	2	3	33	4	15	8	9	2	1	6	22		9	8	9		1	7	6	1	1	3
Cascar	6	4	1	1	34	14	11	3	9	8		1	29	14	7	3	8		3	3	8	4	1	2
Catre	6	1	2	3	9	1	6	2	10		7	3	9	2	1	5	6		2	3	5		3	1
Ciganas	6	5	1		12	8	2	1	10	6	2	2	16	5	5	3	8	1	4	2	6	1	3	1
Citado	4	2	2		7	2	3	2	9	3	1	5	4		2	2	6		2	3	3		1	2
Cogiar	3		1	2	3			3					1		1									
Coita	2		1	1	5	1	1	3	7	3	2	1					3	1	1	1	2		2	
Coitar	6	4	1	1	22	11	8		10	6	4		18	7	5	4	8	1	6	1	8		3	4

Vocábulos reconhecidos	Nenhuma				1º ciclo				2ºCiclo				3ºCiclo				Secundário				Superior			
	Nº 6	Utiliza			Nº 47	Utiliza			Nº 10	Utiliza			Nº 36	Utiliza			Nº 9	Utiliza			Nº 8	Utiliza		
		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca
Cores de pau	6	3	1	2	41	16	16	1	10	7	3		28	10	10	4	9	2	5	1	8	3	1	2
Corpo saio	6	1	1	4	8			8	9			9	1			1	4			3	1		1	
Correia	6	4	2		41	20	13	1	10	9		1	33	13	12	3	9	1	5	2	8	2	4	1
Dar amor	6	4	2		11	7	2	2	10	4	4	1	7	2	2	3	5		2	3	4	1	2	1
Dar um vento	6	3		3	11	5		5	9	4		5	7			7	4		1	3	5		2	3
Desmentido	5	3	1	1	9	5	2	2	9	4	1	4	4	1	2	1	1			1	3		1	2
Despender	1			1	1			1					1			1	1			1	2		1	1
Embarcado	6	4	2		22	5	12	2	10	5	3	2	21	6	7	6	9		6	2	7	1	2	3
Ementres tanto	5	1		4	11	4	1	6	8		2	6	3		2	1	6		2	4	4		2	2
Empada	5	2		3	12	2	5	3	7	1	3	3	1		1		2			2	2			2
Encegueirar	4	2	2		9	1	3	5	7	4	2	1	6	4		2	1			1	2		1	1
Enchombrado	5	4	1		11	6		3	9	3	3	3	6		3	3	5	1	1	3	3		2	1
Enfuriar	2	1	1		10	1	4	5	8	1	1	6					4		2	2	4		1	2
Engalgado	6	4	2		22	11	8	1	10	6	3	1	21	4	10	4	7		3	3	7	1	3	3
Entramelado	6	5	1		10	9	1		10	8	2		28	10	9	5	8	2	4	2	8	2	3	2
Escarreirar	5	3	2		11	3	6	2	10	5	2	3	6		1	3	7		2	4	6		2	4
Escarro	3		1	2	8	2	1	5	6		2	4	6	1		5	2		2		1			1
Escurecer	2		1	1	6		1	5	5	1	2	2	1		1		2			2				
Esgamoadado	6	1	3	2	8	3	1	4	5	2	1	2	2		1	1	3			2	1			1
Espedir	6	2	4		18	8	5	2	9	5	3	1	17	3	6	4	8		5	3	5		3	2
Estaivado	5	2	2	1	9	3	2	3	7	1	2	4	2		1		2		1	1	1			1
Estalar	6	5	1		19	8	5	3	9	5	4		18	3	13	1	4		2	2	5	1	3	1
Estiar	6	5	1		13	9	4		9	7	2		16	7	3	3	6	2	3	1	6		5	1
Falaço	6	3	3		11	7	2	1	10	5	5		8	1	4	1	5	1	2	2	5		3	2
Falar de riço	5	3	2		26	12	9	5	10	4	3	3	26	3	11	8	9		5	3	8		4	3
Falastrão	6	4	2		19	9	6	2	10	5	4	1	27	8	9	5	9	1	7		8	2	4	1
Falsear	3	1	1	1	9		3	3	4			3	22	9	8	2	4	1	1	2	4	1	1	1
Fanhungo	4	1	2	1	7	2	3	2	8	2	4	2	7	2	1	4	5	1	3	1	4	1	2	1
Farrapo	4	2	2		11	6	5		8		8		8		5	3	3	1	2		1			1
Fazer arroz	6	4	1	1	11	7	4		9	3	6		11	7	3		5	1	3	1	4		3	1

Vocábulos reconhecidos	Nenhuma				1º ciclo				2ºCiclo				3ºCiclo				Secundário				Superior			
	Nº 6	Utiliza			Nº 47	Utiliza			Nº 10	Utiliza			Nº 36	Utiliza			Nº 9	Utiliza			Nº 8	Utiliza		
		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca
Feijão-rasteiro	6	2	1	3	10	6	2	1	10	2	6	2	14	4	4	5	9	1	5	2	8		6	1
Flor da carne	5	3	1	1	11	10	1		10	4	5	1	14	1	4	6	7	2	3	2	8		6	1
Fura-bardo	4	3		1	7	2	5		8	3	4	1	4	1	1	1	2		1	1	7		2	4
Fura-capa	3	1	2		7	4	2	1	6		1	4	2			1	5	1	2	2	2		1	1
Galfarro	6	4	2		22	13	7	1	9	2	2	5	23	3	7	10	7	2	1	4	7		3	4
Gamberna	1		1						2			2												
Gamse	6	2	2	2	22	5	9	5	10		5	4	28	6	7	9	5		3	2	8		2	5
Gorgomilho	4		2	2	9	2	3	4	8		3	4	2	1		1	4		2	2	3			3
Gorgulho	5	2	3		7	5	2		5	1	1	3	2			2	3		1	2	3		2	1
Grafada	5	2	1	2	10	3	1	6	8	2		6	4		2	2	2			2	4		1	3
Guardanapo	4	2	2		10	3	4	3	7	5	2		3		3		2	1	1		5	1	2	2
Gungar	6	4	2		17	8	6		10	5	4	1	16	4	6	3	8		5	3	7	1	3	3
Humildar	5	3	2		10	3	5	2	8	2	3	3	2		2		4	1	2	1	4		1	3
Imprivilir					1			1									1			1				
Injucado	1			1					1			1					1			1	2			2
Ir fora	5	4		1	11	8	2	1	10	5	4	1	14	1	6	7	5		4	1	7		3	4
Lampreia	4	3	1		13	8	4	1	8	4	2	2	5	1		2	4	2	1	1	4		3	1
Lanzeira	6	3	2	1	19	5	7	1	10	4	4	2	16	3	4	5	8	1	3	4	6		3	2
Lapeira	5	3	2		10	4	5		9	3	1	4	11	5	4	1	4	2	2		7	1	5	
Lavadeira	3	1	2		12	2	4	4	5		1	4	2			1	3		1	2				
Levadagem	4	2	1	1	8	6	1	1	8	4	2	2	4		2	1	6	2	4		3	1	2	
Manhã-de-páscoa	6	4	2		11	8	2	1	9	7	1	2	11	6	3		5	3	2		8	3	3	1
Marca	6	4	2		18	12	4		10	8	2		17	7	7	2	8	3	5		8	1	5	1
Marmaceira	1		1		1	1			4		1	3					2		1	1				
Matina/matinar	6	3	2	1	25	8	6	6	10	4	2	4	22	3	7	8	8		5	3	7		5	2
Mela	6	4	1	1	11	7	4		9	6	2	1	13	6	4	2	4	1	2	1	6	1	4	1
Menção	5	1	2	2	9	5	2	2	5	2	2	1	5		2	2	4	1	2	1	3		1	2
Mira	3	1	2		11	7	3	1	8	6	1	1	15	7	3	2	6	3	2	1	5	1	4	

Vocábulos reconhecidos	Nenhuma				1º ciclo				2ºCiclo				3ºCiclo				Secundário				Superior			
	Nº 6	Utiliza			Nº 47	Utiliza			Nº 10	Utiliza			Nº 36	Utiliza			Nº 9	Utiliza			Nº 8	Utiliza		
		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca
Noivos	6	2	2	2	27	7	7	6	10	7	3		12	5	1	5	8	2	4	2	7	1	3	2
Noveiro	5	4	1		10	6	1	3	9		4	5	8		1	5	4		1	3	5	1	1	3
Pangaio	1			1	7	1	1	5	6	2	1	2					3			2	1		1	
Pangueiro									1		1						1			1				
Passapalo	3	1	1	1	7	3	2	2	7	1	2	4	8		3	4	4		1	3	5		1	4
Peimar	3	2	1		22	5	7	6	5	1		4	15	3	6	5	5		2	2	5			5
Pófia	2	1	1		7	1	2	4	5	1	1	3	1				1		1		1		1	
Poita	5	2	1	2	8	1	2	3	4		2	2	2		2		4		3	1	3		3	
Pombinha	5	2	2	1	18	4	7	4	10	5	2	3	20	5	4	10	5	1	3	1	6		2	3
Porta	5	3	1	1	12	8	3		10	7	3		11	3	6	2	6		5	1	6	2	2	2
Precatar-se	6	3	2	1	12	7	1	4	10	1	4	4	10		2	5	9		4	4	8		3	4
Pregage	6	4	1	1	12	7	5		10	1	8	1	11		3	6	8	1	3	3	6		3	3
Pregana	1			1	6	4		2	6		1	5					1			1	1		1	
Presilha	6	2	1	3	9	1	3	5	9	2	2	4	15		7	5	7		3	3	5		2	3
Prisão	5	3	2		15	8	4	2	9	5	1	1	13	7	1	1	8	1	4	3	8	1	3	3
Promuntado																								
Pugerne					2	1		1	3			3					1			1				
Quinau	6	2	4		11	5	6		10	2	5	2	9	1	1	5	9		4	4	6	1	4	1
Quitar	2		1	1	3	1		2	6		2	3					2			2	1		1	
Rancheira	6	1	4	1	22	5	5	7	10	3	3	3	19	1	8	6	9		5	3	8		3	4
Rinchar	3	1	1	1	6	2	2	2	9		4	4	1			1	4			3	4		2	1
Rosa	2	1	1		3		3		2			2	2		1	1	1			1	1			1
Roupa da missa	6	3	1	2	31	9	15	5	10	3	2	5	29	3	15	9	8		3	4	8		4	3
Roupa do cote	6	3	2	1	19	6	5	6	9	2	4	3	11	1	3	6	8	1	1	5	7		2	5
Sem destino	5	2	1	2	8	7	1		7	2	4	1	2			2	4		3	1	3		1	2
Sim-senhor																	1			1				
Sinagogas	3	1	1	1	9	1	4	4	6	1	2	2	3		2		1			1	1		1	
Stique																	1			1				
Suicinas	6	5		1	10	8	1	1	9	6	1	1	6	1		3	5	1	2	1	4		2	2

Vocábulos reconhecidos	Nenhuma				1º ciclo				2ºCiclo				3ºCiclo				Secundário				Superior				
	Nº 6	Utiliza			Nº 47	Utiliza			Nº 10	Utiliza			Nº 36	Utiliza			Nº 9	Utiliza			Nº 8	Utiliza			
		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca		Mt X	Às X	Nca	
Tampa	4			4	6			6	5			5				2			2						
Temido	4	3	1		7	4	2	1	7		4	3	5			4	2		1	1	2		1	1	
Tertilheiro	3	3			3	2	1		7		3	4				2		2		2		1			
Tertilhice	4	2	2		5		3	2	6		1	5				2		1	1	2		1			
Tertilho	4	1	1	2	5	1	1	3	8	1	2	5				2			2	2		1	1		
Tração	2			2	6		2	4	8	2	1	4	1		1						1				1
Tredo	2	1	1		3	1	1	1	5	1	1	2	1			1	1			1	1				1
Trompicar	6	4	2		11	2	7	2	10	2	3	4	10		3	5	5		2	2	7		4	2	
Trompicado	6	2	2	2	10	2	4	3	10	1	7	2	14		5	6	5		2	3	7	1	4	1	
Ugalha	5	3	2		8	3	2	3	9	2	4	3	1			1	4	1	2	1	3		1	2	
Vaqueira	3	2	1		7	4		3	6	4	1	1	5	1	2	2	5	1	1	2	1				1
Vasilha	5	1	3	1	23	8	7	5	10	3	4	2	11	3	2	5	4		1	2	4		4		
Vazar	6	2	2	2	21	5	6	4	9		5	3	22	3	8	6	7		3	3	4		2	2	
Vazios	5	2	2	1	10	2	6	2	8	1	2	5	12	2	3	5	5		3	2	5		1	4	
Vazola	3		2	1	5	1	2	2	6		3	2	4			2	4			3	3		1	2	
Verónica																									
Vestir	6	4	1	1	11	9	1	1	9	6	2	1	11	3	4	4	8	2	4	2	7		4	2	
Vigiar	6	3	2	1	19	7	6	5	10	1	4	4	20	4	9	1	6		3	2	3	1	2		
Vimiadas	6	2	4		18	5	8	1	8	4	3	1	10	1	7	1	7		4	2	5	1	2	1	

**Nota:** No quadro acima encontram-se discriminados os totais de inquiridos que conhecem os respectivos vocábulos com o significado pretendido, por faixa etária (nas habilitações, Nenhuma corresponde aos inquiridos que não completaram o 1º ciclo), bem como as suas utilizações dos vários vocábulos (Mt X – Muitas vezes; Às X – Às vezes; Nca – Nunca). É apresentado, ainda, no início da tabela, o número total de inquiridos com a referida habilitação.

Da leitura dos dados observados nesta tabela, e apesar do número de inquiridos por habilitação não ser distribuído equitativamente (como explicamos na metodologia de trabalho), facto que teremos em conta na descrição dos resultados, verificamos que os inquiridos sem qualquer habilitação, ou seja, que não concluíram o 4º ano (ou 4ª classe), desconhecem, no seu conjunto, oito dos vocábulos apresentados na nossa lista. Por outro lado, oito dos restantes vocábulos foram identificados apenas por um dos inquiridos (num universo de seis inquiridos). Quanto aos inquiridos com o primeiro ciclo, estes desconhecem, igualmente, oito vocábulos e vinte e uma das palavras são pouco conhecidas (só por um a cinco inquiridos, num universo de quarenta e sete). Salientamos que fazem parte desta faixa os alunos do quinto e sexto anos. Já os que possuem o segundo ciclo desconhecem nove dos vocábulos, sendo cinco dos restantes pouco conhecidos (só por um a dois inquiridos, num universo de dez).

No que respeita ao terceiro ciclo, são desconhecidos trinta e três vocábulos, sendo trinta e um dos restantes pouco conhecidos (apenas por um a quatro inquiridos, num universo de trinta e seis). Esta é a faixa que apresenta um maior desconhecimento dos vocábulos da nossa lista. Refira-se que dela fazem parte os alunos de décimo ano. Os inquiridos com o secundário desconhecem apenas seis vocábulos, contudo, trinta e sete dos restantes são deles pouco conhecidos (por um a dois inquiridos, num universo de nove). Finalmente, os inquiridos com o nível superior, desconhecem dezoito dos vocábulos e trinta e um são pouco conhecidos (apenas por um a dois, num universo de oito inquiridos).

Observamos ainda que, para além das pessoas com mais habilitações serem aquelas que menos vocábulos conhecem, atendendo ao universo de inquiridos, mesmo conhecendo os restantes vocábulos, pouco ou nunca os utilizam, o que é bem visível no secundário e superior.

Relativamente às utilizações dos vocábulos conhecidos, constatamos que os inquiridos com nenhuma habilitação utilizam muito ou às vezes a maioria dos vocábulos, confirmando o seu uso. Quanto àqueles que possuem o primeiro ciclo, há uma distribuição mais homogénea da utilização dos vocábulos. Este facto deve-se, por um lado, a estarem aqui incluídos os alunos do quinto e sexto anos (cuja utilização da maioria dos vocábulos será pouca ou nenhuma) e, por outro, à grande parte dos adultos e idosos com esta habilitação, que utilizam muito ou às vezes a maioria dos vocábulos. No segundo ciclo, verificamos que grande parte dos vocábulos conhecidos são também pouco ou nunca utilizados. Apenas as palavras mais correntes têm uma maior utilização, o mesmo acontecendo no terceiro ciclo.

Assim, dos dados observados, concluímos que não só a idade dos falantes mas a sua maior ou menor escolarização contribuem para o uso e conhecimento dos regionalismos ou,

em última análise, da linguagem popular. Se atentarmos, como pontos de referência, nos inquiridos com nenhuma habilitação e naqueles que possuem o nível secundário ou superior, temos a prova clara de que estes vocábulos deixam de ser utilizados pelos mais letrados, não só devido ao maior conhecimento da língua padrão, como também à maior utilização dos diversos meios de comunicação e ao contacto com outras culturas. Por outro lado, muitos daqueles que concluem o ensino superior fazem-no fora da ilha, o que muito contribui para o seu afastamento do uso regional da língua.

Este facto não só tem levado à mudança linguística nos jovens, que se aproximam cada vez mais do português padrão, quer em termos de léxico quer da própria sintaxe, como dos próprios familiares que, em contacto com eles, vão paulatinamente alterando também a sua linguagem. Com efeito, alguns inquiridos, aquando da aplicação dos inquéritos, referiram abertamente que “antes” utilizavam alguns dos vocábulos da nossa lista, mas que hoje já não utilizam. Questionados sobre o motivo dessa mudança, alguns atribuíram-na ao contacto com os filhos que saíram para estudar e outros aos netos que, segundo eles, agora “é que ensinam o que aprendem na escola”, e outros ainda aos meios de comunicação, nomeadamente à televisão, que vai “ensinando a dizer as coisas certas”, pois antes ninguém ia estudar e “só se aprendia o que se ouvia” daqueles que pouca ou nenhuma instrução possuíam.

## IV- Glossário dos regionalismos estudados

### 1. Elaboração do glossário

A elaboração do glossário partiu da lista de vocábulos do inquérito, das informações recolhidas junto dos informantes sobre a variação formal e semântica das palavras e das informações registadas nos vocabulários de regionalismos madeirenses e em antigas monografias de licenciatura em linguística portuguesa sobre o dialeto do Arquipélago da Madeira, bem como do confronto dos vocábulos estudados com os dicionários da língua portuguesa.

Dada a impossibilidade de consultar todos os dicionários de língua portuguesa, seleccionámos os seguintes: o Dicionário da Porto Editora que utilizámos na fase de prospeção dos regionalismos; o Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa, para dar conta do tratamento dos regionalismos neste dicionário considerado de referência; o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* do Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia – Portugal, por ser o dicionário mais completo para a língua portuguesa, tanto a nível diacrónico como sincrónico; o *Dicionário Aurélio XXI*, para averiguar a possível ocorrência dos vocábulos estudados no Brasil; o *Dicionário Priberam*, por ser o dicionário eletrónico mais consultado, nomeadamente no ensino do português; e o Dicionário de Cândido de Figueiredo, por ter sido o primeiro a incluir regionalismos madeirenses.

Os regionalismos estudados surgem no glossário organizados por ordem alfabética. Os artigos do glossário apresentam a seguinte estrutura: lema ou entrada lexical, destacado a negrito; categoria gramatical da palavra; origem da palavra entre parêntesis, sempre que pertinente; definição da palavra, com as diferentes aceções semânticas recolhidas; ocorrência da palavra no seu contexto de uso, com indicação do número de informantes que a utilizam; indicação da ocorrência de variantes da palavra, no caso de existirem; indicação da ocorrência de sinónimos da palavra, no caso de existirem; expressões populares em que a palavra ocorre; remissão para palavras relacionadas; observações com comentários sobre o vocábulo, a sua forma e aceções, bem como sobre a sua ocorrência em monografias e vocabulários madeirenses; nota com informações adicionais pertinentes sobre a palavra, quando dicionarizada nos dicionários de língua portuguesa consultados, tendo em conta o seu significado enquanto regionalismo.

## 2. Abreviaturas

### 2.1. Abreviaturas gerais

Adj.	Adjetivo
Às X	Às vezes (quadro habilitações)
Cast.	Castelhano
Der.	Derivado (palavra derivada)
Expr.	Expressão
Expr. pop.	Expressão popular
f.	Feminino
Fig.	Figurado
Fr. ou franc.	Francês
Ing.	Inglês
lat.	Latim
Loc. adv.	Locução adverbial
Loc. prep.	Locução prepositiva
m.	Masculino
Mt X	Muitas vezes (quadro habilitações)
n.	Nome
Nº	Número (quadros)
Nca	Nunca (quadro habilitações)
Obs.	Observação
Pl.	Plural
Pop.	Popular
Sin.	Sinónimo
Suf.	Sufixo
v.	Verbo
Var.	Variante

### 2.2. Abreviaturas de dicionários, vocabulários e monografias

Cristina Figueiredo	Ana Cristina Figueiredo, <i>Palavras d'aquintrodia (estudo sobre regionalismos madeirenses)</i> (2011)
<i>Dic. Aurélio XXI</i>	Dicionário Aurélio XXI
Dic. da Acad.	<i>Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea</i> da Academia das Ciências de Lisboa (2001)
Dic. de Când. Fig.	<i>Grande Dicionário da Língua Portuguesa</i> de Cândido de Figueiredo (1986)
<i>Dic. Houaiss</i>	<i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i>
Dic. Porto Ed.	<i>Dicionário da Língua Portuguesa</i> da Porto Editora
<i>Dic. Priberam</i>	Dicionário Priberam
Diz. Ilha da Mad.	<i>Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e Locuções</i> , Luís de Sousa (1950)
Falares da Ilha	<i>Falares da Ilha. (Pequeno) Dicionário da Linguagem Popular Madeirense</i> de Abel Marques Caldeira (1961, 1993)
Macedo (1939)	<i>Subsídios para o Estudo do Dialecto Madeirense</i> , Deolinda Bela de Macedo (1939)
<i>Oferendas</i>	Mariana Xavier da Silva, conto «O rapazinho da Lombada», <i>Oferendas</i> (1878)
Palavras do Arq. Mad.	<i>Palavras do Arquipélago da Madeira</i> , Emânuel Ribeiro (1929)
Rezende (1961)	<i>Canhas e Câmara de Lobos. Estudo etnográfico e linguístico</i> , Maria Ângela Leotte Rezende (1961)
Voc. Pop. da Mad.	<i>Vocabulário Popular da Madeira</i> , Pe Fernando Augusto da Silva (1950)

### 3. Glossário

#### A

**Abatumado** *adj.* **1.** Bolo que não cresceu por não ter sido bem batido ou por falta de fermento. “Bolo que não cresceu” (10); “baixou” (3); “espalmado” (2); “quando baixa o bolo (fica amassagado)” (1). **2. Fig.** Calor provocado pelo tempo nublado e abafado. “Muito calor” (1). **Sin.:** *amassagado* “pão que não está bem levedado” (3); *amaçarocado* “bolo amaçarocado” (1); *encruado* “bolo encruado, que não cresceu, meio cru meio cozido” (4); *abatatado* (1). **Obs.:** Nas ocorrências surgiram ainda as formas “o bolo **abateu**” (1) e “o bolo **afagou**, abateu” (1), em que os verbos *abater* e *afagar* são sinónimos de *abatumar*. Verificou-se que *abatumado* é mais utilizado para o bolo e *amassagado* para o pão, apesar de haver confusão de ambos em alguns casos. Em *Falares da Ilha*, *abatumado* denomina “o pão que não alteia na ocasião de coser [sic], devido à insuficiência de fermentação da massa.”. O autor acrescenta que também se diz: “O pão encolheu.”. Em *Dizeres da Ilha*, *abatumado* também se refere ao “pão que, por insuficiência da fermentação da massa, não alteou.”. No que diz respeito ao sentido figurado, a relação semântica de *abatumar* com o tempo está registada em *Falares da Ilha*, com o significado de “céu encoberto”, por ex. na frase: “O dia tá abatumado.”; em *Voc. Pop. da Mad.* com o significado de “tempo enuvelado” ou “anuvelado”, prognosticando chuva; em *Dizeres da Ilha*, aplica-se também ao “céu coberto”, por ex. na frase: “Têm estado uns dias muito abatumados.”; bem como em Macedo (1939): “diz-se do tempo quando a atmosfera está carregada, ou quando há muita névoa”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. *abatumar* é o mesmo que *abetumar*, ou seja “Cobrir com betume. Calafetar. Tornar-se macambúzio” e o adjetivo *abetumado* o mesmo que “calafetado”. Regista ainda, para este último, a aceção de “pão que, depois de cozido, fica muito compacto e pesado”, como “provincianismo trasmontano” e em sentido figurado “macambúzio”. No *Dic. da Acad.*, *abetumado* apresenta como segunda aceção “pão ou bolo que, depois de cozido, fica muito compacto e pesado.”, e como terceira aceção, pouco usada, “que está triste = macambúzio, soturno.”. O *Dic. Houaiss* também regista como segunda aceção de *abetumado*, atribuída, por metáfora, a Portugal e ao Sul do Brasil, “que fica duro, pesado ou mal cozido por insuficiência de fermentação da massa (diz-se de pão).” e, como terceira aceção, “que apresenta um estado de tristeza, de melancolia (...)”. No *Dic. Aurélio XXI*, encontramos a variante *abatumado* (particípio passado de *abatumar*), como adjetivo, com a segunda aceção, usada no Sul do Brasil (proveniente do português), “que se abatumou (o pão ou o bolo)”, o mesmo que *abetumado* (particípio de *abetumar*), também com o sentido figurado de “tristonho”. O *Dic. Priberam* regista igualmente, como segunda aceção de *abetumado* (*adj.*), “pão muito pesado e compacto.” [Portugal: Beira, Trás-os-Montes]. O vocábulo *amassagado* não se encontra em nenhuma obra lexicográfica pesquisada.

**Abispado** *adj.* **1.** Pessoa esperta, atenta, inteligente. “Esperto” (34); “um espertalhão” (2); “pessoa esperta, inteligente” (2); “esperto, vivo” (2); “criança inteligente” (1); “atento” (8); “perspicaz” (1); “despachado” (1); “atrevido” (1); “que sabe desenrascar-se, rápido em alguma coisa” (1); “que faz as coisas bem feitas” (1); “esperto, de olho aberto” (1). **2. Fig.** Pessoa com boa memória. “De boa memória, inteligente” (1). Ver **Abispar-se**.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. *abispar* é “o mesmo que bispar”; o adjetivo *abispado* o mesmo que “cauteloso, precavido” e *bispar*, na linguagem familiar, “entrever; lobrigar; avistar ao longe” ou ainda, como “provincianismo trasmontano”, a aceção de “furtar, surripiar, bifar. (Or. de gíria)”. O vocábulo *abispado* surge com este significado apenas no *Dic. Houaiss*, que regista como primeira aceção “que usa de prudência, desconfiado, avisado”, como segunda aceção “visto ou avistado de maneira pouco clara, sem nitidez, lobrigado” e, como terceira aceção, “que foi obtido, conseguido ou alcançado”. Este dicionário apresenta ainda a forma *avispado*, cuja aceção é “desconfiado do tratador, ou amedrontado por qualquer objeto (diz-se de cavalgadura)”. O *Dic. da Porto Ed.* apresenta para *abispado* a aceção “com modos de bispo, prudente, astuto”, portanto contrária ao significado dado pelos inquiridos. Nos restantes dicionários surge apenas a palavra *avistado*. No português do Brasil é usada a forma *abispinhado*, com a mesma aceção de *abispado* utilizada na Madeira.

**Abispar-se** *v.* **1.** Ficar ou estar atento, ficar alerta. “Ficar atento” (8); “estar alerta, com atenção” (2); “estar atento, tomar cuidado” (5); “espertar-se” (2); “acautelar-se” (1); “ficar alerta” (1); “estar atento, pensar no que faz” (1); “ficar esperto” (2); “acordar, prestar atenção” (1); “ser inteligente” (1); “ser esperto, abrir os olhos” (2); “estar atento às coisas” (1); “abispar-se para nós é praticar mais e estar atentos” (1). **2.** Despachar-se. “Despachar-se” (20); “pôr-se pronto” (1). **3.** Desenrascar-se, antever as coisas, ter iniciativa. “Desenrascar-se” (1); “saber as coisas com antecedência, ser esperto” (1); “ter iniciativa” (1); “lançar-se” (1); “ser rápido” (3); “antecipar-se aos outros” (1). **4. Fig.** Fugir. “Fugir” (1); ganhar coragem? “perder o medo” (1). Ver **Abispado**. **Obs.:** Em *Voc. Pop. da Mad.* o vocábulo *abispar* tem o significado de “avistar. Ver à distância”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig., *bispar-se* remete para *vispar-se*, que, na linguagem popular, tem o significado de “Safar-se. Esgueirar-se. Desaparecer. Ir-se embora rapidamente.”. Curiosamente, no sentido figurado desta palavra, registámos dois significados aparentemente opostos, “fugir” e “perder o medo”. No *Dic. da Porto Ed.*, encontramos apenas a forma verbal não reflexa *abispar*, com o significado de “avistar, conseguir, prevenir-se” e o nome *abispamento*, com o significado de cautela e prudência. O *Dic. Houaiss* apresenta como primeira aceção para o verbo *abispar* (pronominal) “agir com cautela; precaver-se”, na segunda aceção “visto de maneira pouco clara, entrever, lobrigar, bispar” e ainda uma terceira aceção “conseguir ou obter (algo necessário ou desejável)”. O *Dic. Priberam* regista *abispar* como “ver a custo”.

**Abóbora** *n. f.* **1.** Cabeça e barriga (por analogia com a forma arredondada da abóbora). “Barriga” (4); “barriga ou costas” (1); “pança” (1); “cabeça” (1). **2.** Outras partes do corpo. “Corpo” (6); “costas” (4); “aduelas” (2); “costelas” (1); “vazios” (1). **3. Fig.** Ser um abóbora –

lento, mole, preguiçoso, gordo, pesado, palerma. “Pessoa mole, malandra” (8); “pessoa mole” (6); “preguiçoso” (3); “pessoa gorda, tonta” (2); “pessoa gorda” (2); “pessoa gorda e lenta” (1); “palerma” (1); “parado, calmo, gordinho” (1); “pessoa boba, que não percebe nada, lento” (1); “pessoa muito quieta, mole, pouco esperta” (1); “pessoa tonta” (1). **Sin.:** *banana* “banana, que não faz nada” (3); *bebra* “um bebra, um mole” (1). **Exp. pop.:** *Levar na abóbora* (partes do corpo). **Obs.** Em *Falares da Ilha abóbora* surge como “nome que se dá à pessoa que não tem agilidade nem préstimo para coisa nenhuma. – *És um abóbora, nan te despachas d’ái.*” Já em Rezende (1939) tem a aceção de “barriga”, assim como em *Voc. Pop. da Mad.:* “Barriga. Ventre. Cozer a abobarinha: bater violentamente no ventre.”

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. apresenta *abóbora*, no sentido figurado, como “Homem fraco, indolente ou cobarde. Mulher gorda”. O *Dic. da Acad.* regista a aceção popular de *abóbora* com o significado de “cabeça” e regista ainda, separadamente, a entrada lexical *abóbora* com o sentido familiar depreciativo de “pessoa grande ou gorda, indolente, fraca, sem energia”. No *Dic. Houaiss* é registado na quinta aceção “cabeça humana; cachimónia” (informal jocoso) e na sexta aceção o sentido pejorativo “mulher baixa e gorda”. Em sentido figurado surge como oitava aceção “indivíduo irresoluto, preguiçoso, abúlico”. O *Dic. Aurélio XXI* regista também a forma usada na gíria “a cabeça” e os sentidos figurados “mulher gorda” e “pessoa irresoluta, preguiçosa, fraca”.

**Aboseirar(-se) v. 1.** Sentar-se. “Sentar-se” (35); “que está desejando de se sentar” (1); “sentar o rabo” (1); “estar sentado” (1). **2.** Não fazer nada, descansar. “Sentar-se sem vontade para fazer nada” (8); “sentar-se, descansar” (3); “não fazer nada” (1); “deixar-se ficar num determinado sítio ou local” (1); “que está sempre deitado” (1); “descansar” (1); “sentar-se como malandro” (1); “relaxar” (1); “pessoa que se senta muito cansada” (1); “ficar sentado, sem pachorra de se levantar” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* surge a forma *emboseirado* “indivíduo que está sempre sentado sem fazer nada. – *A tua vida é andar por`i emboseirado*” e a expressão “**Tá p`ra` ali emboseirado**. O mesmo que referir-se a boseira. Indolência. Exemplo: - *Qu`é d`Águsto, qu`ainda nan o vi hoje? – Olha, `tá p`r`ali emboseirado.*” Já em *Voc. Pop. da Mad.* é apresentada a forma verbal *emboseirar* “Acumular cousas sem nexo. O tomar assento como uma pessoa muito gorda. Estar estendido a descansar”.

**Nota:** Nenhum dicionário apresenta este vocábulo.

**A carão loc. prep. 1.** Sem protecção, em contacto directo com o corpo (por exemplo, sentar-se directamente no chão, sem colocar nada por baixo, ou colocar um peso ao ombro sem colocar algo para amortecer o contacto). “Em contacto directo (ex. com o chão)” (4); “a carão do corpo ou do chão (sem protecção)” (3); “sentar-se no chão, sem almofada, por exemplo” (1); “sem nada por baixo, sem protecção” (11); “deitar no chão” (1); “sentar sem nada por baixo do rabo” (1). **Sin.:** *estrême* “estrême” (3), *no estrêmo* “sentar-se no estrêmo” (1). **Obs.:** Verificou-se que a forma “a carão” ocorre na zona da Lombada, Lugar de Baixo e parte do Monte, ao passo que nos Canhas e Madalena do Mar, assim como na zona fronteiriça do Monte com a freguesia dos Canhas, surgiu como alternativa a forma “*estrême*” ou “*no estrêmo*”, com o

significado equivalente a “*a carão*”. O vocábulo *estrême* é utilizado na Lombada e Lugar de Baixo apenas com o significado de comer algo sem acompanhamento. Por exemplo, “comer o pão *estrême*” é comer o pão simples, sem nada dentro. Relativamente ao vocábulo *estrême*, aqui apresentado como sinónimo de *a carão*, os dicionários registam com o significado de algo “caraterizado pela não contaminação, pela pureza; puro” ou “sem mistura”. No entanto, em *Falares da Ilha* este surge com o significado de “em contacto directo. – *Há filho, andas c`a camisa estreme no corpo, nan tens frio?*”, assim como em *Dizeres da Ilha* ocorre como “em contacto directo. Exemplo: a) *Estava deitado estreme no soalho.* b) *Trazia o bolo estreme na mão.*”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. **acarão** (advérbio antigo) está registado como “Na frente, em frente, de frente. (De carão, de cara)”. Na terceira entrada da palavra **carão**, como provincianismo algarvio e antigo, usado na locução prepositiva “*a carão de*, o mesmo que *a carel de*, rente, contra. (V. *Carel*)”. No *Dic. da Acad.*, em *carão* (de cara + sufixo *-ão*, aumentativo de *cara*), encontramos as formas: *a carão de* como locução prepositiva com o significado de “junto a, pegado a, rente a” e *ao carão de* com o mesmo significado de *a carão de*.

**Adejar** v. **1.** Ruído feito pelos galináceos quando estão com sede, ao mesmo tempo que batem as asas. “Galinhas a bater as asas” (8); “galinhas a cantar” (1); “galinha adejando com sede, a bater as asas e com o bico aberto” (2); “galinhas com calor, de bico aberto a fazer um som **gôgo**” (1); “galinhas a bater as asas e com um barulho esganiçado” (1); “galinhas a bater as asas com o calor” (2); “dar às asas” (2); “galinhas com as asas no ar e a **cucar** / fazer barulho” (1); “galinhas a fazer barulhos diferentes e a dar às asas” (1); “aves a bater as asas e a fazer barulho” (1). **2.** Pessoa que gesticula muito. “Pessoa asada, que anda sempre com os braços no ar” (1); “esbracejar” (1); estar aflito (1).

**Nota:** No Dic. de Când. Fig., **adejar** é definido como “Librar as asas. Pairar. Esvoaçar, voejar. (Por *alejar*, do lat. *ala*, asa)”. No *Dic. da Acad.* o verbo **adejar** (Talvez por *alejar*, do lat. *ala* ‘asa’) surge com as aceções “movimentar as asas, para cima e para baixo; bater as asas, voando ou não. = ESVOAÇAR, VOEJAR”; “movimentar ou movimentar-se como as aves movimentam as asas quando voam. *Adejar os braços*” e apresenta ainda, como Regionalismo da Madeira, “Andarem as crianças brincando, com movimentos livres e desordenados.” O *Dic. Houaiss* regista o vocábulo também com a significado de “agitar as asas para se manter no ar durante o voo; voar” e ainda como sexta aceção “mover ou agitar algo à maneira do bater de asa; abanar.” Quer o *Dic. Aurélio XXI* quer o *Dic. Priberam* registam o vocábulo também com o significado de “bater as asas; esvoaçar”. Nenhum deles apresenta na aceção a relação com o som emitido pelas aves, como referido pelos inquiridos.

**Algorreirinho** adj. **1.** Pessoa contente, que gosta de brincar e dizer piadas. “Engraçadinho, que só diz tontarias” (2); “gozão” (1); “engraçadinho” (1); “pessoa que ria muito” (1); “que diz piadas” (1); “contente” (1). **2.** Manhoso, atrevido. “Uma pessoa manhosa” (1); “atrevido” (1). **Obs.:** O vocábulo **algorreiro** está registado em *Falares da Ilha* com o significado de

“pessoa sabida que não se deixa enganar facilmente. Animal que não se deixa caçar ou peixe que não se deixa pescar”; em Rezende (1961) *algorreiro* surge como adjetivo “esperto, ladino” (tal como em *Voc. Pop da Mad.* e como substantivo “peixe espantadiço ou desconfiado”. Na publicação *Dizeres da Ilha*, surge a aceção de “pessoa muito avisada, que não se deixa enganar; e também do animal que não se deixa caçar ou pescar facilmente”. Já em Macedo (1939) *algorreiro* tem como significado “esperto, alegre, brincalhão. (Formação desconhecida)”. Curiosamente, o significado indicado pelos inquiridos coincide com a aceção mais antiga, registada em Macedo (1939) e é reconhecida apenas por alguns inquiridos da localidade da Lombada e por um inquirido dos Canhas.

**Nota:** Nos dicionários de língua portuguesa consultados, apenas encontramos a forma *algorrém* e não está registado este sentido.

**Altares** *n. m.* **1.** Mamas ou mamas grandes. “Mamas ou peitos grandes” (18); “pessoa mamuda” (1); “peitos ou mamas” (14); “Mamas, seios” (5); “conheço como mamas” (1). **Sin.:** *bogangas (mogangas)* “mamas grandes, também chamadas bogangas” (1); *abóboras* “mamas grandes, também mogangas ou abóboras” (2).

**Nota:** Apenas no Dic. de Când. Fig. encontramos registada a palavra *altar* com a aceção de “Grandes mamas”, usado no plural. Dos significados encontrados nos restantes dicionários, apenas podemos estabelecer relação entre o significado popular *mamas* com a aceção registada em sentido figurado “objeto venerável, santo, digno de sacrifícios”. Neste caso, digno de admiração ou desejo.

**Apilhagem** *n. f.* **1.** Jogo infantil, cujo objetivo é apanhar os restantes jogadores. “Jogo da apanhada” (15); “jogo tradicional do «apanha» ou apanhada” (12); “jogo do apanha” (3); “jogo antigo” (1); “apanhar alguém” (1); “brincadeira da canalha” (1); “apanhada ou apilhada” (1). **Var.:** *apilhada* “jogar à apilhada” (4); *apilha* “jogo do apilha” (1). Estas formas encontram-se nos Canhas e Madalena do Mar. **Sin.:** *apanha(da)* “jogo da apanhada” (15), “jogo tradicional do apanha ou apanhada” (12); *punhada* “brincar à punhada” (1); *peluda* “à peluda” (1) (estas duas formas ocorrem no Monte, freguesia da Ponta do Sol); *rolha* “jogar à rolha” (vocábulo atribuído por um dos falantes da freguesia dos Canhas). Ver **Apilhar**.

**Nota:** Apenas no Dic. *Priberam* está registada a palavra *apilhagem* (*apilhar* + *-agem*), com o mesmo significado de “apanhada”.

**Apilhar** *v.* **1.** Apanhar (agarrar) pessoa ou objeto. “Apanhar (pessoa ou objeto)” (16); “apanhar” (7); “agarrar” (17); “Agarrar, apanhar” (17); “Agarrar ou atracar” (1); “é atracar alguém” (1); “atracar os outros” (1). **Sin.:** *atracar* “agarrar ou atracar” (1); “é atracar alguém” (1); “atracar os outros” (1). Ver **Apilhagem**. **Obs.:** A forma *apilhar* surge em *Voc. Pop. da Mad.* com a aceção de “Alcançar. Apanhar. Encontrar” e com igual significado em *Dizeres da*

*Ilha* “Alcançar. Pilhar. Exemplo: Se eu começo a andar, nunca mais me apilhas.”, acompanhada da seguinte nota: “A palavra apilhar, diferentemente de pilhar, não comporta a definição de furto, saque, etc.”. Em Macedo (1939) está também registada como “apanhar, correr ao alcance de alguém. Prótese de pilhar”.

**Nota:** Apenas o *Dic. Priberam* apresenta como segunda aceção do verbo *apilhar* “[Portugal: Madeira] [Jogos] Apanhar (alguém) no jogo da apanhada”.

**Ar de sol** *n. m.* **1.** Dor de cabeça provocada pela exposição solar, cuja cura é feita colocando na cabeça uma toalha de linho e um copo com água, acompanhado de uma reza específica. “Dor de cabeça provocada pela exposição solar” (16); “agarrar muito sol na cabeça. É curado com uma toalha de linho e um copo com água colocado em cima, seguido de uma reza própria” (7); “curar de dores de cabeça por apanhar muito sol” (3); “ar de sol ou de frio, dor de cabeça que depois tem de ser curada” (2); “dores de cabeça que são “curadas” através de orações, usando uma toalha de linho e um copo de água na cabeça” (1); “cabeça **zoad**a” (1); “apanhar muito sol e ter de curar a dor (2); “uma coisa que dá na cabeça” (1); “apanhar muito sol e ficar mareado, zozzo” (1). **Obs.:** Curiosamente, um informante refere a expressão “ar de sol ou de frio”, associando a dor de cabeça não só à exposição ao sol mas também ao frio.

**Nota:** A expressão *ar de sol* não se encontra registada em nenhum dicionário ou estudo pesquisado.

**Ar encanado** *n. m.* **1.** Corrente de ar que ocorre em locais fechados, devido à existência de portas ou janelas abertas. “Corrente de ar” (42); “corrente de ar, devido a várias portas abertas” (12); “quando o ar se encontra e faz muito vento” (1); “vento” (3); “é quando o vento sopra muito” (1). **2.** Ar frio. “frio” (1). **Sin.:** *viração* “viração dentro de casa” (1). **Obs.:** Em Macedo (1939) esta palavra surge com a forma *incanado* (*ar*), com o significado de “corrente de ar”.

**Nota:** A expressão *ar encanado* encontra-se registada com o significado “corrente de ar” no *Dic. da Acad.*, no *Dic. Houaiss* e no *Dic. Aurélio XXI*. No *Dic. da Porto Ed.* está apenas registado o vocábulo *viração*, com o mesmo significado.

**Arreceber-se** *v.* **1.** Ato de contrair matrimónio. “Casar” (5); “vão arreceber-se – casar” (1). **Obs.:** A ocorrência deste vocábulo regista-se principalmente na localidade da Lombada, freguesia da Ponta do Sol, apesar de ter sido reconhecido por um inquirido da freguesia dos Canhas com idade superior a 60 anos (não escolarizada). Em Rezende (1961) surge a forma não reflexa *arreceber* “casar”, ao passo que em *Voc. Pop. da Mad.* e em Macedo (1939) é apresentada a forma reflexa *arreceber-se* “casar-se”.

**Nota:** No *Dic. de Când. Fig.*, na linguagem popular, *arreceber* é “O mesmo que *receber*: *arrecebeu-a por mulher*”. Os vários dicionários consultados apresentam na sua maioria a forma não reflexa *receber* por casar ou casar-se. O *Dic. da Porto Ed.* regista também a forma

*recebimento* por “casamento”. Curiosamente, o *Dic. Aurélio XXI* apresenta para o verbo *receber* duas aceções relacionadas: a décima primeira com o significado de “Aceitar por esposo ou esposa; casar com”, e a vigésima primeira aceção “**P.** Unir-se por matrimónio; casar-se: «os noivos recebem-se hoje»; «As moças, quando o viram na igreja receber-se com uma velha, exclamaram: mal empregado».”. No *Dic. Priberam* é registada a forma popular *arreceber*, que apresenta como segunda aceção “[Portugal: Beira, Trás-os-Montes] Casar, receber por cônjuge”. Assim, podemos verificar que a forma pronominal *arreceber-se*, registada na Madeira, aproxima-se da variante popular *arreceber*, que ocorre em algumas regiões do continente português.

**Artice** *n. f.* **1.** Manha, arte de enganar. “Manha, manhoso” (6); **2.** Brincadeira, que tem graça ou piada, asneiras para fazer rir. “Que tem graça, piada” (1); “asneiras (usa mais **arteirinho**)” (1); “bilhardice, que gosta de brincar” (2); estar a falar a brincar, não ser sério (1); “pessoa que faz tontices” (2); “brincadeira, mentira” (1); “brincadeira(s)” (2); “fazer asneiradas” (1); “malandrices” (1); **3.** Mimo, meiguice para obter algo, **basoseira**. “Uma birra, baboseira” (1); “baboseira” (2); “manha, meiguice para obter qualquer coisa” (1); “palavras babosas, alguém que fala com artices, mimo” (1). **Var.:** *artelhice* ou *arteirice* “artelhice ou arteirice – com **ablas** para enganar” (1). **Sin.:** *tertilhice* “*tertilhice*” (1). **Obs.:** Em *Voc. Pop.da Mad.* é apresentado o vocábulo *artice* com o significado de “Blandícia. Acto para iludir ou enganar”. **Nota:** No *Dic. de Când. Fig.*, *artice* é dado como nome antigo, sinónimo de *arteirice*, e esta como “Manha; astúcia; ardil. (De *arteiro*)”. Os dicionários registam a forma *arteirice* (De *arteiro* + suf. -ice) “Ação de arteiro; manha, astúcia, ardil” e também a aceção usada na variante brasileira “Maldade de criança; diabrura de criança traquina, travessa”. A forma *artice* surge nos dicionários *Houaiss* e *Priberam*, remetida para *arteirice*. A variante *artelhice* não se encontra em nenhum dicionário ou estudo pesquisado.

**Arteiro** *adj.* **1.** Pessoa brincalhona. “Arteiro(a) – pessoa que faz muitos **modilhos**. Brincadeiras” (1); “asneira, ser engraçado” (1); “**arteiro** – que diz tontices” (1). **2.** Pessoa manhosa, que se faz de desentendida “que dá manteiga, conversa para atrair as pessoas, ser arteiro” (1); “alguém que tem certas manhas” (1); “que faz conversas para enganar” (1); “Fazer-se despercebido” (1); “que não percebe” (1); “que se faz de desentendido, que se põe com conversa fiada” (1); “espertalhão” (1); “pessoa com esperteza” (1). **Var.:** *artilheiro* “artilheiro – que tem artices ou manhas para encontrar o que quer” (1); “matreiro” (1). **Obs.:** Na freguesia da Madalena do Mar ocorrem sobretudo as formas *arteiro* e *artilheiro*.

**Nota:** No *Dic. de Când. Fig.* *arteiro* é aquele “Que tem arte. Manhoso; astuto”. No *Dic. da Acad.* surge como primeira aceção para o adjetivo *arteiro,a* “Que tem arte; que é hábil, sagaz, fino” e como segunda aceção o valor depreciativo “Que é manhoso, matreiro; que faz as coisas sorratamente. = ARDILOSO, ASTUCIOSO”. O *Dic. Aurélio XXI* apresenta para o vocábulo *arteiro* (de arte + eiro) “Que revela arte ou artifício, manhoso, astucioso, ardiloso” e como segunda aceção a usada no Brasil “Que faz artes ou traquinices; traquinas, travesso”.

**Assacanh** v. **1.** Pisar, colocar o pé em cima de alguma coisa ou de alguém. “Pisar” (29); “colocar o pé em cima, de pessoas ou objetos” (6); “pisar com os pés” (2); “passar por cima” (1); “magoar” (1); “pôr os pés em cima de alguém” (1); “pisar o pé” (1); “pisar alguma coisa” (4); “pisar a relva” (1); “pisar as uvas” (1); “quando nós assacanhamos uma pessoa” (1). **2.** Maltratar alguém. “Massacrar ou maltratar as outras pessoas” (12); “maltratar os outros” (3); “pisar, abusar” (2); “sacrificar” (1); “pisar, magoar com palavras” (1); “pisar / maltratar” (1); “pôr os pés em cima dos outros” (1); “rebaixar as pessoas” (2); pôr as patas em cima (1); “massacrar, repisar” (2); “fazer represálias” (1); “abusar de alguém, maltratar” (1); pôr o pé em cima, maltratar (2); “pisar, despreitar” (1); “estar sempre a chatear” (1); bater (1). **Sin.:** *apatinhar* / *apatenhar* “apatinhar” (9); “apatinhar, pisar” (2), “apatinhar” (1), “apatinhar, magoar” (1), “apatenhar” (3); *apozenhar* / *aposenhar* “apozenhar alguém” (1), “aposenhar” (1); *calcar* “calcar” (1).

**Nota:** Este vocábulo não se encontra registado em qualquer dicionário ou estudos pesquisados, o mesmo acontecendo com *apozenhar* ou *aposenhar*. As únicas formas encontradas nos dicionários consultados foram *apatinhar* e *espezinhar*, com igual significado.

**Assoprado** adj. **1.** Pessoa que se irrita facilmente, bravo, alterado, furioso, chateado, de mau humor. “Bravo, irritado” (7); “irritado” (7); “enervado” (5); “raivoso, furioso” (4); “pessoa chateada: «Anda assoprado»” (3); “chateado” (8); “irritado, mal disposto” (1); “que está sempre mal disposto” (2); “enraivecido” (1); “pessoa braba, com ira” (1); “pessoa alterada” (1); “que não tem calma” (1); “bravo” (1); “de mau humor” (1); “um refilão” (1); “zangado” (3); “que briga por tudo e por nada” (1); atrofado (1); “pessoa que está sempre aziada” (1); “assoprado é quando queremos fazer alguma coisa e não podemos e ficamos zangados” (1). **2.** Pessoa nervosa, que faz tudo à pressa. “Alguém nervoso” (1); “despachado, que faz tudo à pressa” (1); “pessoa que não tem calma” (1). **Sin.:** *com os bofes* “irritado, com os bofes” (2); *acelerado* “mau, irritado, acelerado” (1); *com o bofe acelerado* “violento, com o bofe acelerado” (1); *reinando* “que tá reinando, com os bofes” (1). **Obs.:** Encontramos a palavra *assoprado* com o significado previsto em *Falares da Ilha* “Furioso, muito exaltado. – *Ih carágo, cuma o João vem assoprado, pôço!*”; em Rezende (1961), com a aceção de “ vaidoso, presumido, empertigado” e em *Voc. Pop. da Mad.* “Empertigado. Petulante. Atrevido”.

**Nota:** O vocábulo *assoprado* é apresentado nos vários dicionários apenas com o significado de “agitação do ar”; “expelir com força o ar”; “algo que foi soprado” ou alguém “enfatuado, vaidoso”.

**Atraganhado** adj. **1.** Mal apresentado ou mal vestido. “Mal vestido, mal arranjado” (10). **2.** Fig. Bruto, atrasado, lento, calado, tímido, que faz tudo mal. “Bruto, meio deficiente, atrasado ou lento” (1); “calmo, calado, tímido” (1); “alguém que não é desenvolvido” (1); “que faz mal feito, aldrabado” (1). **Var.:** *Ataganhado* “mal ataganhado – mal vestido” (1). **Sin.:** *mal amanhado* “mal vestido, mal amanhado” (1). Ver **Injudado** e **Bujão**.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. encontramos **atacanhar** como provincianismo, cujo sentido é “Calcar com força. (De *tacão*)”. O *Dic. Houaiss* regista apenas a forma **atacanhar** (De *a-* + *tacanho* + *-ar*) “tornar(-se) tacanho”. Os restantes dicionários apresentam apenas a forma relacionada *tacanho*, adjetivo com o significado “de pequena estatura; baixo” ou “que não revela visão, largueza de vistas, nas ideias; estúpido, inhenho” ou “sovina; mesquinho” ou ainda em sentido figurado “destituído de riqueza material; parco, pobre”; “sem importância, sem valor; insignificante...”

## B

**Baleias n.f. 1.** Aros metálicos que dão estrutura ao sutiã. “Baleias do sutiã” (24); “armações colocadas no sutiã” (1); “vergas do sutiã para empinar os peitos” (1); “aros metálicos que dão estrutura ao sutiã” (1); “parte metálica do sutiã” (1); “aros do sutiã” (1); “suporte do sutiã” (1); “suporte de arame do sutiã” (2); “aramé do sutiã” (1). **2.** Estrutura metálica do guarda-chuva. “Baleias do guarda-chuva” (22); “baleia do chapéu” (5); “estrutura metálica do guarda-chuva” (2); “peças do guarda-chuva ou objetos grandes” (1); “aros do chapéu” (1). **3.** Aros de metal. “Aros de metal” (1); “varetas de metal” (1). **4.** Estrutura que serve de molde ao colarinho da camisa dos homens, para os manter com as pontas direitas, sem dobrar. “Baleias do colarinho da camisa de homem, usadas para as pontas não dobrarem” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha*, a palavra é registada com o significado de “lâmina da boca da baleia para uso de cintas ou outra costura”; em *Dizeres da Ilha* “lâminas da boca de baleia; barbas. Exemplo: Rebentei duas baleias do espartilho” e em Macedo (1939) “barbas de baleia usadas nas cintas das senhoras. Tomou-se a parte pelo todo”.

**Nota:** Cândido Figueiredo apenas regista o significado zoológico deste vocábulo. O *Dic. da Acad.* regista o vocábulo **baleia** com os significados “mamífero cetáceo”, “pessoa gorda” ou “constelação equatorial”, o mesmo acontecendo nos restantes dicionários, à exceção do *Dic. Priberam*, que apresenta como segunda aceção de **baleia** (latim *balaena*, *-ae*) “Lâmina flexível de metal ou matéria plástica usada para reforçar certas peças de vestuário ou determinados acessórios”. Esta aceção é a que mais se aproxima dos estudos do vocabulário madeirense.

**Bambote adj. 1.** Pessoa boba, relaxada (por ser desleixada). “Pessoa boba, sem ação” (1); “relaxado” (1). **Obs.:** Este vocábulo ocorre apenas na localidade da Lombada, freguesia da Ponta do Sol. Em *Falares da Ilha* surge a forma **bombote**, definida como “Nome que se dá ao comércio feito a bordo dos vapores entre os madeirenses e a tripulação e passageiros dos mesmos barcos.”, significado idêntico ao apresentado em *Voc. Pop. da Mad.*, apesar deste apresentar a forma **bambote** e não **bombote**. Em Macedo (1939) surge apenas a forma **bamboteiro**, apresentada como “dissimilação de bomboteiro”. O vocábulo não foi encontrado em nenhum dicionário.

**Nota:** Nenhum dicionário da língua portuguesa regista este vocábulo.

**Barreta** *n.f.* **1.** Boné utilizado para proteger do sol, com pala à frente. “Boné para proteger do sol” (23); “boné” (58); “boné, boina com mola à frente” (1); “chapéu de homem” (3); “chapéu” (8); “algo que protege a cabeça do sol” (3); “boné, boina” (1); “chapéu com pala à frente” (1). **2.** Cabelo curto, espetado à frente, normalmente devido à existência de redemoinho, que fica semelhante a um boné (por analogia com o boné). “Beira do cabelo” (2); “cabelo mal cortado” (1); “quando têm o cabelo grande” (1); “é um corte de cabelo ou boné” (1).

**Nota:** Os dicionários registam o vocábulo *barreta* como sinónimo de *barrete* “Cobertura mole, ordinariamente de pano, que se ajusta à cabeça”; “carapuço, gorro” ou com o significado de “pequena barra, ger. de metal”. Aquilo a que no nosso trabalho se chama *barreta*, muito popularizado na Madeira, é o equivalente a *boné*. A *barreta* é distinta do *barrete*, feito de malha, sendo tradicionalmente conhecido o *barrete de orelhas*.

**Batata-da-barbiça** *n.f.* **1.** Batata doce inglesa. “Tipo de batata doce, amarela” (25); “batata doce” (34); “batata doce inglesa” (2); “batata doce, também chamada batata inglesa” (1); “batata doce amarela e graúda” (1); “uma variedade de batata doce” (1); “batata graúda” (1); “tipo de batata doce” (1); “batata inglesa” (3); “batata” (4); “legume” (1). **Obs.:** Normalmente, a palavra **batata** usa-se apenas para batata doce, tal como acontece no resto da ilha. Aquilo a que no continente se chama *batata*, na Madeira tem o nome de *semilha* (no entanto, diz-se “batata frita” e “puré de batata”, e não “semilha frita” ou “puré de semilha”). A expressão *batata-da-barbiça*, muito vulgar na Ponta do Sol, não consta de qualquer dicionário ou estudos pesquisados. Apenas em Macedo (1939) podemos encontrar o termo equivalente *batata inglesa*, tal como no *Dic. Houaiss*.

**Batelão** *n.m.* **1.** Pessoa gorda, forte. “Pessoa (muito) gorda” (42); “pessoa obesa” (1); “pessoa bastante gorda” (1); “uma mulher gorda” (1); “uma pessoa forte” (3); “uma pessoa muito forte” (1); “nome para chamar” (1). **2.** Pessoa ou coisa grande. “Enorme, grande” (1); “coisa grande” (1). **3. Fig.** Pessoa parada, que se movimenta pouco. “Indivíduo forte em altura, parado, que se movimenta pouco” (1). Ver **Bazaneira**.

**Nota:** Todos os dicionários pesquisados registam *batelão* unicamente com o significado de “embarcação robusta, para transporte de carga pesada”. Neste caso, parece evidente que o seu uso como adjetivo tenha surgido por analogia com o volume e peso do barco, atribuído a pessoas gordas, grandes e pesadas.

**Batizar** *v.* **1.** Atribuir uma alcunha, apelidar. “Batizar – pôr alcunha ou um apelido em alguém” (7); “batizar - dar alcunha, apelidar” (4); “batizar – dar alcunha” (1); “dar nomes feios às pessoas” (1); **2. Fig.** Estrear uns sapatos ou peça de vestuário. “Estrear (roupa, sapatos...)” (1); apatanhar uma coisa nova (1). **Sin.: crismar. Obs.:** Na obra *Oferendas*, a palavra *crismar* surge como vocábulo da Ponta do Sol com o significado de apelidar ou

atribuir alcunha a alguém. Apesar da hipótese inicial, apenas é conhecido o vocábulo **batizar** com este significado, e não **crismar**. Em contrapartida, registamos a aceção figurada da palavra (estrear uma peça de roupa ou calçado novos).

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. **baptizar** é “Administrar o baptismo a. Dar nome, alcunha ou epíteto a. Adulterar (certos líquidos), deitando-lhes água. (Do lat. *baptizare*)” e **crismar** “Conferir a crisma a. Fig. Mudar o nome a; alcunhar. Todos os outros dicionários analisados apresentam o vocábulo **crismar** com o significado de “Dar um nome ou designação nova. = ALCUNHA, APELIDAR, COGNOMINAR”. O Dic. Houaiss regista também a palavra **baptizar** com igual significado, ainda que em sentido figurado “atribuir epíteto; alcunhar”.

**Bazaneira** *n.f.* **1.** Pessoa ou coisa muito grande, pessoa alta, forte. “Pessoa ou coisa (muito) grande” (6); “homem grande” (4); “pessoa grande e alta” (4); “coisa ou pessoa grande e forte” (3); “pessoa ou coisa muito alta” (2); “uma pessoa forte” (1); “grande” (1); “coisa grande” (2); “uma coisa muito grande” (1). **2.** Pessoa malandra, que não faz nada. “Indivíduo forte em altura, que não se movimenta muito, que não gosta de trabalhar, mas que não faz mal a ninguém” (1); “que não faz nada, malandro” (1); “tonto” (1). Ver **Batelão**. **Obs.:** Este vocábulo não foi reconhecido por nenhum dos inquiridos da freguesia dos Canhas. Em *Falares da Ilha*, **bazaneira** aparece como sinónimo de *banano* ou *banzaburro* “O mesmo que banano ou banzaburro”. Por sua vez, para a palavra *banano* é apresentada a aceção “O mesmo que **bananeira** – Muito grande. – Tê cunhado é um *bananeira* dum gájo, é preciso agachar-se p’ra entrar na porta.”. Em *Dizeres da Ilha* está registada a forma **banzaneira** “Muito grande (pessoa ou coisa)”. Macedo (1939) regista o vocábulo como “**Bazaburro, Bazaneira e Bazuarte** – termos que significam, qualquer deles, desmesuradamente grande”.

**Nota:** Na pesquisa levada a cabo nos dicionários, não foi encontrada nenhuma destas formas.

**Beira do cabelo** *n. f.* **1.** Franja do cabelo. “Franja do cabelo” (58); “franja” (16); “parte da frente do cabelo quando curto” (6); “parte da frente do cabelo” (2); “cabelo curto que fica à frente da testa” (2); “cabelo à frente dos olhos” (1); “parte da frente do cabelo” (1); “beira da **guedelha**” (1); “pontas do cabelo” (1); “parte de cima do cabelo” (1).

**Nota:** A palavra isolada **beira** encontra-se registada nos vários dicionários apenas com o significado de “borda, margem, orla, orela”, “borda, limite, ponta, beiral”, entre outros. Assim, a expressão **beira do cabelo** terá surgido por analogia com a *borda* ou *beiral*, visto a franja ficar mais curta na testa, como o beiral do telhado.

**Beliscar** *v.* **1.** Comer pouco, só provar a comida, petiscar. “Comer pouco” (16); “só provar a comida” (6); “petiscar” (6); “comer aos pedacinhos” (3); “tirar às **bajas** ou tirar arestas de bolo” (1); “provar a comida, comer pouco” (1); “comer muitas vezes, aos poucos” (1); “tirar um pedaço” (1); “tirar só o melhor da comida” (1); “comer pouco ou tirar um pedacinho” (2); “comer **um nico** de pão” (1); “petiscar, comer aos bocados” (1). **Sin.:** **penicar** “penicar” (4).

**Obs.:** O verbo *penicar* é uma alteração de *depenicar* “tirar com o bico, com a boca ou com os dedos (coisas pequenas ou pequenas porções); debicar (*depenar* + -icar)”. Registámos ainda a forma “**debiqueiro**” (1), de debicar + suf. -eiro, associada ao conceito de *beliscar*.

**Nota:** Os dicionários registam a forma *beliscar* com o mesmo significado: “Tirar, sobretudo com a ponta dos dedos ou, um animal, com o bico, uma pequena porção de qualquer coisa, geralmente de um alimento” ou “Comer uma porção mínima de; debicar, lambiscar, peniscar: Nunca engordará, apenas *belisca* os alimentos.”.

**Belisco** *n. m.* **1.** Pedaco ou bocado de alguma coisa ou pequena quantidade. “Pedacinho de alguma coisa (Ex. dá-me um belisco de bolo)” (11); “bocado / bocadinho” (10); “um pedacinho” (6); “pequena quantidade” (2); “um bocado de pão, bolo...” (2); “pedaço” (2); “um pouco” (5); “migalha” (1); “pouco, pequena porção de comida, pedacinho de qualquer coisa” (1); “uma coisinha” (1); “pouca quantidade de alguma coisa” (1); “uma coisa pequenina” (1); “um pedaço de alguma coisa (ex. comida)” (1); “um pouco de algo” (1); “tirar um pouco de bolo com os dedos” (1); “um pedaço de pão ou carne” (1). **2.** Pouco tempo. “Bocado de pão, bolo... mas também tempo” (1); “bocado, também para tempo” (1); “bocado, tempo” (1). **Var.:** *Belisquinho* “um pedacinho ou belisquinho” (1); “um belisquinho de bolo” (1). **Sin.:** *Niquinha* “uma niquinha – um bocadinho” (1); *cusquita* (cusquinha) “um bocado de nada, uma cusquita” (2); “pedacinho / cusquinha –ita” (2). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* surgem as formas *belisca* ou *belisco*, “Pedaco pequeno de pão, - *Pega lá, come. – O quê, esse belisco?*”. Em *Voc. Pop. da Mad.* estão registadas as formas *belisco* “coisa muito pequena. Insignificante” e *belisquinho* “resto insignificante de certas coisas”. Em *Dizeres da Ilha* é apresentado o vocábulo *belisca* “Porção mínima de qualquer coisa. Exemplos: a) *Uma belisca de manteiga.* b) *Uma belisca de pão.* c) *Uma belisca de pano.*”, acompanhado da nota explicativa “Da definição madeirense dada à palavra BELISCAR”.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista o termo *belisco* apenas com o sentido de *beliscadura* ou ação de beliscar com as unhas. Apenas o *Dic. da Acad.* regista como segunda aceção para o vocábulo *belisco* o significado de “quantidade muito pequena de alguma coisa”. Os restantes dicionários apenas o reconhecem como sinónimo de “apertão de pele entre as unhas dos dedos; beliscão”.

**Bichinhas** *n. f.* **1.** Elemento decorativo usado nas pontas das orelhas pelas mulheres. Brincos. Forma antiga. “Arcadas” (1); “brincos” (2). **Obs.:** *Bichinhas*, tal como *arcadas*, era a denominação antiga para brincos. Este vocábulo foi identificado apenas por três inquiridos da freguesia dos Canhas, não tendo sido identificado em mais nenhuma freguesia do concelho. Em *Falares da Ilha* está registada a forma singular *bichinha*, com o significado de “pénis de criança” e a forma plural *bichinhas*, “Brincos de ouro, que os padrinhos dão aos afilhados no dia do baptizado: *Lindas bichinhas deu a madrinha à piquena!*”. Rezende (1961) regista-a como sinónimo de “brincos” e em *Voc. Pop. da Mad.* é definida como “arrecadas”. Em *Dizeres da Ilha* é também registada a forma *bichinhas* “brincos das orelhas”, acompanhada

da nota explicativa “Termo usado, muito especialmente, referindo-se aos brincos de ouro que os padrinhos dão aos afilhados no dia do batizado”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig., *bichinhas*, usado no plural, é dado como termo da Madeira para “Brincos de ouro, que os padrinhos dão às afilhadas no dia do baptismo”. O *Dic. Houaiss* também regista na sétima aceção da palavra *bichinha* o regionalismo atribuído à Madeira “brinquinho de orelha oferecido ao batizando pelos padrinhos (mais usado no pl.)”. No *Dic. Priberam* é apresentada a forma *bicha*, cuja sexta aceção é “arrecada em forma de serpente”.

**Blastreira** n. f. ou *adj.* **1.** Pessoa cusca (bilhardeira), que gosta de falar da vida das outras pessoas. “Tipo bilhardeira, que fala muito” (4); “que fala muito de um e de outro” (1). **2.** Mentirosa. “Mentirosa” (2). **3.** Pessoa que diz palavrões. “Pessoa que diz palavrões” (1). **Sin.:** **bilhardeira** “bilhardeira” (2). **Obs.:** O vocábulo foi reconhecido apenas na localidade da Lombada, freguesia da Ponta do Sol.

**Nota:** Esta palavra não se encontra registada em qualquer dos dicionários ou estudos consultados.

**Botas d`água** n. f. **1.** Botas utilizadas normalmente para a rega dos campos (da fazenda). “Botas (usadas) para regar” (58); “botas de borracha, galochas” (4); “botas de cano alto (plastificadas) para uso na rega” (2); “botas impermeáveis para regar” (2); “são botas impermeáveis para regar a terra” (2); “botas grandes” (1); “botas de ir tapar água” (1); “para proteger os pés da água” (1), “sapatos grandes ou botas de adubar” (1); “botas de borracha” (1); “botas impermeáveis” (6); “que se usa quando está chuva” (1); “botas” (1); “sapatos” (2); “calçado” (1). **Sin.:** *galochas* “galochas” (16).

**Nota:** Apenas o *Dic. da Acad.* apresenta, na aceção de *bota* (do fr. botte), a designação *bota de água*, “a que é impermeável, geralmente de borracha, de cano alto que cobre a coxa”.

**Brioso** *adj.* **1.** Pessoa vaidosa, que se veste ou apresenta bem. Bonita. “Vaidosa” (18); “pessoa bem vestida” (5); “pessoa vaidosa, bem arranjada” (5); “bonita, bem vestida” (5); “bonita” (3); “toda bonita e arranjada” (2); “elegante” (1); “orgulhosa” (1); “uma pessoa bem parecida” (1); “vaidosa, jeitosa (**arrebitesa** ou arrebitada, bem arranjada)” (1); “algo bonito” (1); “toda jeitosa, arranjada” (1). **Obs.:** Curiosamente, em *Falares da Ilha* a palavra *briosa* tem como significado “Nome que se dá às vacas na Ilha do Porto Santo” e em Macedo (1939) está registada como sinónimo de “bebedeira”. Registámos ainda a forma *arrebitesa* associada ao conceito de *briosa*. É um nome curioso, dado que parece cruzar as palavras *arrebitada* com *boniteza*.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. *brioso* tem como significado aquele “Que tem brio. Generoso. Corajoso. Orgulhoso. Garboso (falando-se do cavalo). O *Dic. da Acad.* apresenta o adjetivo *brioso, a* (de brio + suf. -oso) com as aceções “Que revela respeito por si mesmo; que tem brio, dignidade”; “corajoso, valente”; “Que manifesta altivez, galhardia, fogosidade =

FOGOSO, GARBOSO”, significados idênticos aos apresentados nos restantes dicionários consultados.

**Broa** *n. f.* **1.** Bolachas ou doces caseiros, confeccionados tipicamente na altura do Natal. “Bolachas caseiras” (13); “biscoitos” (10); “bolachas” (6); “tipo ou espécie bolachas” (4); “bolachas feitas na época do Natal” (4); “bolachas redondinhas” (3); “doçaria” (2); “bolachas da Festa” (2), “vários tipos de broas caseiras” (2); “ “biscoitos feitos na época do Natal” (2); “doces tradicionais madeirenses” (2); “doces que comemos muito no Natal” (2); “biscoitos, bolachas” (1); “bolachinhas típicas da Madeira, especialmente confeccionadas no natal (1)”; “bolachas tipicamente madeirenses” (1); “doces feitos principalmente no Natal” (1); “doces regionais” (1); “broas da Festa” (1); “género de bolacha, doce” (1); “broas que se comem, redondas” (1); “doce” (1); “petisco feito de mel, farinha...” (1); “doces feitos com massa” (1); “género de biscoitos” (1); “de mel” (1); “bolachas mas diferentes” (1); “bolacha pequena” (1); “tipo de biscoitos usados no Natal e em festas” (1); “broas redondas para comer” (1). **Sin.: doces** “doces caseiros” (10); “doces natalícios” (2); “todos os doces pequenos, bolachas” (2); “doces feitos principalmente no Natal” (1); “doces regionais” (1). **Obs.:** Na Madeira, o vocábulo *broa* é atribuído a qualquer biscoito caseiro. Em *Voc. Pop.da Mad.* a palavra está registada como “pequeno pão ou bolo, adicionando-se à farinha ovos, açúcar, mel, etc. de diferentes maneiras, isolada ou conjuntamente”.

**Nota:** Da pesquisa realizada nos dicionários, o vocábulo surge na generalidade com o significado de “broa de milho”. No entanto, Cândido Figueiredo regista *broa* como pão de milho e bolo frito de farinha de milho. O *Dic. da Acad.* apresenta, na terceira aceção, “Pequeno bolo que se faz no Natal, com farinha de milho, mel e azeite” e o *Dic. Houaiss* regista como segunda aceção “espécie de bolo, de formato elipsóide, que se faz de farinha de milho, mel, azeite, canela e outras especiarias, esp. para consumo no Natal, no Ano Novo e nas festas de Reis” (Portugal) e como terceira aceção “espécie de bolo ou biscoito feito de amido de mandioca e leite de côco que, por vezes, leva gema de ovo” (Brasil: Nordeste). O *Dic. Priberam* também regista como terceira aceção de *broa* o significado de “bolo pequeno de farinha, açúcar, ovos e de outros ingredientes variados (ex.: *broa de batata-doce*)”.

**Bucho virado** *n.m.* **1.** Indisposição abdominal que provoca falta de apetite e vômitos. “Dor na barriga” (52); “dor de estômago” (7); “dar um jeito aos intestinos” (2); “nó nos intestinos” (2); “má disposição” (2); “estômago ao contrário” (2); “é quando nós saltamos muito e dá dores de barriga” (2); “bucho encostado” (1); “bucho encostado, dor de barriga que dá vômitos, mau estar” (1); “estar mal do estômago” (1); “tripa virada que dá dores, precisa curar para passar” (1); “mau estar da barriga devido aos intestinos” (1); “tripa presa” (1); “doença (massajar a barriga)” (1); “intestinos sobrepostos” (1); “mal estar da barriga” (1); “tripa virada” (1); “quando damos uma cambalhota e pomos o buxo ao contrário” (1); “dores de barriga (que dão) quando fazemos cambalhotas” (1). **2. Fig.** Estar de mau humor. “Mau humor” (1). Ex: “Ele hoje tá com o *bucho virado*”, significa “ele está de mau humor”. **Var.:** **bicho virado** “bicho virado” (1). **Obs.:** *Bucho* é a denominação popular para o estômago, a

barriga ou ventre (das pessoas e dos animais), como registado nos vários dicionários. Logo, ter o **bucho virado** é uma suposta doença infantil, causada pelas brincadeiras das crianças (cambalhotas, saltos, pulos...) e que se cura com massagens na barriga e rezas específicas. Também existe com a forma **bucho encostado**, quando o “bucho” está encostado ao estômago. Curiosamente, a forma **bucho virado** também ocorre com a variante **bicho virado**. Em *Falares da Ilha* encontramos **buxo encostado** ou **buxo voltado**, “Entorse na barriga provocado por queda, o que é vulgar em crianças e adultos. – *Eu acho, vezenha qu`o piqueno `tá c`o buxo encostado. Vou ir a casa duma mulher intendida.*” e em *Voc. Pop.da Mad.* está registado **bucho encostado, infustado e virado** “certos incómodos nos intestinos, que se curam com massagens”.

**Nota:** O *Dic. Houaiss* regista **bucho encostado e bucho infrastado, infustado ou virado**, como denominações informais atribuídas à Madeira, remetendo para constipação (sinónimo de obstipação). Regista ainda para o Brasil a designação informal **bucho furado**, “pessoa indiscreta”.

**Bufarada n.f. 1.** O mesmo que lufada de ar, fumo, calor. “Bufarada de calor” (5); “bufarada de ar fresco” (3); “de fumo” (2); “bufarada de vento ou fumo” (2); “poeirada” (1); “de ar quente” (1). **2.** Respiração profunda “respirar fundo” (1). **3.** Ter a boca cheia “boca cheia” (1). **Sin.: golfada** “golfada” (1). **Obs.:** Em *Falares das Ilha* o vocábulo **bufarada** é apresentado com o significado de “Lufada; fumo expelido com violência. – *Deu agora uma bufarada de vento que deitou a roupa que `tava a enxugar, ao chão.*” e em *Dizeres da Ilha* tem significado idêntico “Lufada. Fumo expelido com violência. Baforada. Exemplo: a) *Bufarada de vento.* b) *Grandes bufaradas de fumo.*”

**Nota:** No *Dic. de Când. Fig. e no Dic. da Acad.* está registado apenas o verbo **bufar** (buf + -suf. -ar) “Expelir, de maneira ruidosa, o ar inspirado”, “Respirar de modo ruidoso, devido a irritação ou fadiga” ou “Expelir fumo, = FUMEGAR” e **lufada** s. m. (De *lufa* + *suf. -ada*) “Movimentação brusca e repentina de uma massa de ar. (...) **lufada de ar.** Vento leve, aragem”. O *Dic. Aurélio XXI* regista também **bufar** com igual significado. Portanto, na Madeira, parece haver um cruzamento entre as duas palavras: **bufar e lufada**.

**Bujacão n.m. 1.** Inchaço ou ferida na sola do pé. “Inchaço no pé” (3); “bexiga no pé, inchaço” (3); “inchaço no pé, que surgia por pisar mijo de cão” (3); “fungos nos pés” (1); “fungo ou inchaço no pé” (1); “ferida na sola do pé” (2); “ferida ou infeção na sola do pé” (1). **Sin.: mijacão** “mijacão, inchaço na sola do pé” (2). **Obs.:** O **bujacão** (provavelmente de buja + cão. Ver *bujinha*, Cristina Figueiredo), também conhecido em algumas zonas como **mijacão** (de mijo + cão), era provocado, segundo as pessoas mais velhas, por uma infeção por pisar mijo de cão com os pés descalços. A forma **bujacão** ocorre na freguesia da Ponta do Sol. Na freguesia da Madalena do Mar apenas foi identificada a forma **mijacão**, ao passo que na freguesia dos Canhas o vocábulo não foi identificado.

**Nota:** Cândido de Figueiredo não regista este vocábulo. O *Dic. Houaiss* regista apenas a forma **mijacão**, usada no Sul do Brasil “espécie de tumor ou abcesso na sola ou entre os dedos

dos pés dos que andam descalços que, segundo a crença popular, são causados pelo contacto com a urina do cavalo. ETIM orig. div.; segundo Nascentes, «a base é mijar, pois brota onde há urina de animais»; talvez comp. de mija (do v. mijar) + cão”. No *Dic. Aurélio XXI* também ocorre o vocábulo *mijacão* (de *mijar* + *cão*), usado no Brasil com igual significado “Tumor ou abscesso da sola ou de entre os dedos do pé, atribuído pela credence popular ao contacto com a urina do cavalo”. Também o *Dic. Priberam* regista *mijacão* com o significado de “Furúnculo, abscesso”; “Espécie de frieira nos pés dos que andam descalços”.

**Bujão** *adj.* **1.** Pessoa mal apresentada ou mal vestida. “Pessoa mal vestida” (10); “pessoa mal vestida ou mal arranjada” (6); “pessoa que usa roupas largas, mal vestida” (1); “pessoa com mau aspeto” (1); “pessoa mal feita” (1). **2.** Pessoa gorda. “Pessoa gorda e mal vestida” (5); “pessoa gorda” (2); “mulher muito gorda” (1). **3.** Rabo grande. “Rabo grande” (4); “rabo” (4); “pessoa com o rabo grande” (1). **4.** Formas ou seres sobrenaturais “também usado para fantasmas ou seres sobrenaturais” (1). **5.** Orifício por onde se retira o óleo do carro. “Buraco de onde se tira o óleo do carro” (1). **Sin.:** *mal amanhado* “mal amanhado, mal apresentado” (1). Ver **Atraghado**. **Obs.:** Em *Voc. Pop. da Mad.* encontramos apenas a palavra **bujanca**, com o significado de “pessoa gorda”.

**Nota:** Os vários dicionários pesquisados registam o vocábulo *bujão* com o significado de “Bucha com que se tapam buracos” ou “peça us. para vedar um orifício, fenda ou rombo (p. ex., bucha, tampão, etc.)”. No Brasil é utilizado com a aceção de “Recipiente, geralmente de metal, para armazenar produtos voláteis. = BIDÃO. *Bujão de gasolina*”, mas também como “pessoa gorda”.

## C

**Cacarinho** *n.m.* **1.** Qualquer vaso ou recipiente pequenino, velho ou em mau estado. “Cântaro pequenino” (2); “coisa somenos, qualquer vaso velho” (1); “caco pequenino, objeto de barro” (1); “de flores, vasilhinha, vaso muito pequenino” (1); “vaso pequeno” (1); “caco pequeno” (1). **2.** Pequeno vaso que serve para semear as searas que enfeitam o presépio (lapinha) no Natal. “Vaso pequenino, para semear as searas” (2); “caco pequeno das flores” (1). **Var.:** *caqueirinho* “caqueirinho – caco pequenino ou velhinho” (2). **Sin.:** *cantarinho* “cantarinho, cesto pequenino” (2); “cantarinho” (1). **Obs.:** O vocábulo *cacarinho* encontra-se registado em *Falares da Ilha*, com a aceção de “Recipiente pequeno para água, comer, etc. destinado às galinhas. – *Leva o cacarinho da galinha p’a deitar auga.*”; em Rezende (1961) como “pequeno recipiente de louça ou barro”; em *Voc. Pop. da Mad.* “Pequeno vaso de louça ou de barro” e em *Dizeres da Ilha* com o significado de “Pedaço de loiça utilizado em conter água ou comer, para as galinhas ou pintainhos”.

**Nota:** No *Dic. de Când. Fig.* **Cacaria** é um “Monte de cacos. Porção de objectos velhos, inúteis.” e **Caco** “Traste velho, de pouco valor.” Os vários dicionários registam apenas o vocábulo *caco*, com o significado de “objecto velho, estragado ou de pouco valor”, “vaso de barro ou outra alfaia de pouco valor”.

**Cachada** *n. f.* **1.** Nádegas, mas também bochechas (da cara), apesar de algumas pessoas as distinguirem. “Nádegas” (20); “rabo” (12); “cachadas da cara ou do cú” (11); “cachadas do rabo” (9); “cachadas do rabo e da cara” (7); “bochechas da cara ou das nádegas” (6); “bochechas” (5); “cachadas do rabo, cara – bochechas” (4); “nádegas do rabo” (3); “bochechas ou nádegas” (2); “parte do corpo” (2); “das ventas ou do cu” (1); “superfície do traseiro” (1); “partes laterais do rabo” (1); “rabo da mulher ou homem” (1); “em relação ao cú” (1); “parte redonda do rabo” (1).

**Nota:** Os dicionários de Când. Fig., *Houaiss*, *Aurélio XXI* e *Priberam* apresentam o vocábulo **cachada** com o significado de “queima da vegetação de um terreno antes do plantio para adubar a terra” ou simplesmente “queimada de mato”. O *Dic. da Porto Ed.* apresenta ainda a forma **queixada** com o significado de “mandíbula, peça móvel de uma máquina”. No *Dic. Houaiss* podemos encontrar ainda, como segunda aceção de **cachada**, a variante usada no Minho “nivelamento ou alteamento de um campo”. No nosso entender, poderá ter vindo daqui a aceção com que é usada na Madeira, pela relação com a forma das nádegas ou bochechas.

**Caetano** *n. m.* **1.** Candeeiro antigo a petróleo. Espécie de lanterna de folha, em forma de funil, que era feita pelo picheleiro ou funileiro, onde se punha uma torcida de petróleo. Era usado no dia a dia, dentro de casa. “Candeeiro a petróleo” (2); “candeeiro pequeno a petróleo” (1); “luz de folha, a petróleo” (1); “luz” (1); “luz para usar à noite” (1); “objeto que serve de luz” (1); “candeeiro” (1); “lâmparina a petróleo” (2); “caetano – candeeiro pequeno com torcida a petróleo” (2). **Var.:** **catano** “catano – luz a petróleo” (9); “catano – género de bilha com uma torcida com petróleo para dar luz” (1). **Sin.:** **polícia** “polícia, a petróleo” (1); **caga na saquinha** “polícia ou caga na saquinha” (1); **lampião** “lampião” (6). **Obs.:** Os inquiridos do Monte, freguesia da Ponta do Sol, e da freguesia da Madalena do Mar, apenas conhecem o vocábulo **lampião**, com o mesmo significado. Em *Falares da Ilha* e em *Dizeres da Ilha* é apresentado o vocábulo **caetanos**, no plural, designando os “Habitantes da freguesia da Boa Ventura”.

**Nota:** Cândido Figueiredo não apresenta este termo. No *Dic. da Porto Ed.* é registada a palavra **catano** com o significado de “órgão sexual masculino” e “expressão de contrariedade: catano!”. O *Dic. Aurélio XXI* apresenta as entradas **catano** (de catana) “Chulo. O pénis” e **Caetano** “Frade da Ordem fundada por S. Caetano”. Esta última aceção é também registada no *Dic. Priberam*.

**Caldeira** *n. f.* **1.** O mesmo que caldeirada de peixe. “Caldo de peixe” (15); “sopa de peixe” (14); “caldeira de peixe: atum, espada...” (13); “caldeira de peixe, tipo caldo” (7); “género de sopa de peixe” (6); “caldeirada” (3); “sopa de atum ou de espada” (3); “peixe cozido com muita água” (2); “tipo uma sopa” (2); “comida, tipo caldo” (1); “caldeira, que tem peixe” (1); “uma comida / comer” (5). **2.** Caldo de galinha “canja” (2). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos **caldeira**, com o significado de “Caldeirada. – *Tá-m`apetecendo hoje uma caldeira de espada, p`á ceia.*”; **Fazer uma caldeira** “Preparar uma caldeira à regional. Muito usual nas pescarias ou nas festas agremiativas” e **Vai-se fazer uma caldeira** “Caldeirada.

Prato muito usado em toda a Ilha e nos passatempos à beira mar. Exemplo: *Vai-se para o Garajau pescar e depois vai-se fazer uma caldeirada.*” Em *Dizeres da Ilha* e em *Palavras do Arq. Mad.* o vocábulo **caldeira** encontra-se registado como sinónimo de “caldeirada”. Já em Rezende (1961) e em *Voc. Pop. da Mad.* a palavra **caldeira** tem como definição “vasilha de folha em que é cozido o peixe”.

**Nota:** O vocábulo **caldeira** está registado nos vários dicionários pesquisados com o significado de “Recipiente de metal, em forma de panela, (...) usado especialmente para aquecer água, cozer alimentos...” ou “Grande tanque ou recipiente de metal para aquecer água ou outro líquido, produzir vapor, etc.”. A palavra apresentada com o significado atribuído pelos inquiridos é **caldeirada**, registada no Dic. de Când. Fig. e no Dic. da Acad. como “Guisado geralmente de peixe feito em caldeira, panelão ou tacho, (com cebola, tomate, batata e outros ingredientes, à maneira dos pescadores).”; no *Dic. Aurélio XXI* “Guisado de peixe” e também no Dic. da Porto Ed. com igual significado.

**Caminho do carro** *n. m.* **1.** Estrada. Estrada principal, por onde passa o autocarro. “Estrada” (48); “estrada regional ou principal” (11); “estrada onde passa o autocarro” (5); “estrada onde passa o **carro**” (3); “caminho onde passa carros” (2); estrada onde passa o **horário** (1); “estrada principal, onde circulavam os carros” (1); “estrada onde se apanha o autocarro” (1); “estrada de alcatrão onde passam os carros” (1); “é quando se vai para o carro (autocarro)” (1). **Obs.:** *Carro* surge ainda como sinónimo de autocarro, quando precedido de artigo definido e sem indicação de posse: “Vou apanhar o *carro*”, assim como *horário* “estrada onde passa o *horário*”, principalmente nas faixas etárias mais velhas. Assim, **caminho do carro** era atribuído inicialmente à estrada onde passava o autocarro, ou seja, à estrada regional.

**Nota:** Esta expressão não se encontra em nenhum dicionário ou estudo pesquisado.

**Cana** *n. f.* **1.** Medida que corresponde a 30 m<sup>2</sup> de terreno, surgida da utilização de canas como instrumento de medida, em substituição da fita métrica. “30 m<sup>2</sup> de terreno” (14); “medida utilizada para medir terrenos” (14); “área de terreno que corresponde a 30 m<sup>2</sup>” (1).

**Obs.:** Em *Falares da Ilha* podemos encontrar **cana** com a aceção de “Medida de superfície. Trinta metros de terra. – *O pôio deve ter cerca de cinco canas e meia.*”, o mesmo acontecendo em *Voc. Pop. da Mad.* “Medida usada na agrimensura e equivalente a trinta metros quadrados.” e em *Dizeres da Ilha*, onde se lê “Medida de superfície adoptada outrora na Madeira e correspondente a trinta metros quadrados. Nota: E. M.”.

**Nota:** Os vários dicionários registam o vocábulo **cana** apenas como espécie de botânica. O *Dic. Houaiss* acrescenta a versão brasileira “prisão”.

**Cangueira** *n. f.* **1.** Cãibra ou músculo preso. “Cãibra” (28); “músculo(s) preso(s)” (18); “perna ou pé dormente” (3); “músculos da perna presos” (3); “uma dor, quando a perna prende” (2); “cãibra, contração dos músculos das pernas” (1); “pés dormentes, cãibra” (1);

“cambreias nas pernas” (1); “espasmos musculares” (1); “cangueira nas patas” (1); “dor no músculo” (1); “não se conseguir mexer” (1); “dor nas pernas” (2); “dores nos dedos da mão” (1); “é quando os músculos prendem” (1). **2.** Picadas nos pés ou formigueiro “pé dormente” (1); “formigas nos pés” (1). **3.** Dores nas articulações “dores articulares” (1). **Sin.:** *nervo preso* “nervo preso” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* o vocábulo *cangueira* encontra-se registado com a aceção de “Caimbra. – *Dê-me uma cangueira nas pernas qu`eu nan posso andar.*” Rezende (1961) regista-o como “canseira, cãimbra”, em *Dizeres da Ilha* podemos ler “cãimbra. Exemplo: *Ontem, quando vinha para baixo deu-me uma cangueira na perna.*” e em *Voc. Pop. da Mad. e Palavras do Arq. Mad.* encontramos apenas “cãibra” ou “cãimbra”, respetivamente.

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. regista *cangueira* como provincianismo alentejano “Calosidade no pescoço de animais, resultante do uso da canga.” e *cangueiro* “Que tem canga ou que está no caso de a suportar”. No Dic. da Acad. ocorre apenas *cangueiro* “Que traz canga ou que está em condições de a poder suportar.” Os dicionários *Houaiss*, *Aurélio XXI* e *Priberam* registam o vocábulo *cangueira* com o significado de “formação calosa no pescoço de animal causada pelo uso de canga”.

**Carralhotas** *n. f.* **1.** Andar às cavalitas. Transportar algo ou alguém às costas ou sobre os ombros. “Levar ou transportar alguém às costas ou sobre os ombros” (8); “**carralhotas** – levar alguém às costas” (4); “pessoa com uma criança aos ombros” (1); “andar aos ombros de outrem” (1). **Var.:** *caralhotas* ou *carlotas* “caralhotas” (2), “caralhotas ou carlotas” (2). **Sin.:** *cavalhotas* “cavalhotas – levar outra pessoa aos ombros” (7); “cavalhotas – às costas” (1); *cavarolas* “só cavarolas” (7); *cavalitas* “andar às cavalitas” (2); *cambalhotas* “cambalhotas – às costas” (1); *cangalhotas*. **Obs.:** As ocorrências deste vocábulo são diversas, mesmo dentro da mesma localidade, variando de pessoa para pessoa. No norte da ilha, na Boaventura, por exemplo, utiliza-se *cavaroques*. Em *Voc. Pop. da Mad.*, Macedo (1939) e *Palavras do Arq. Mad.* encontra-se registado apenas o vocábulo *cangalha* “espécie de padiola sobre a qual se colocam os caixões dos mortos que devem ser conduzidos ao cemitério. Esta *cangalha* é transportada aos ombros de 4 homens, - os *acarteiros*”, de onde poderá ter derivado a forma *cangalhotas*.

**Nota:** Nenhuma das versões se encontra nos dicionários pesquisados. Contudo, consideramos pertinente a relação da variante *cangalhotas* com *cangalha*, que no Brasil significa “Armação, geralmente de madeira, colocada no dorso das bestas, para sustentar e equilibrar a carga de um lado e do outro.”, como podemos verificar nos Dic. de Când. Fig., *Dic. da Acad.*, *Houaiss* e *Aurélio XXI*. Curiosamente, no *Dic. Priberam* encontramos a seguinte definição de *cavalitas* “Usado na locução *às cavalitas*, montado sobre os ombros; encavalitado. = ÀS CARRANCHAS, ÀS CARRANCHINHAS, ÀS CARRANCHOLAS, ÀS CAVALEIRAS, ÀS CAVALINHAS, ÀS ESCARRANCHAS.”, o que nos leva a verificar as muitas variantes desta palavra, não só a nível local ou regional. Constatamos ainda que a formação destas variantes é feita por alteração do sufixo, em alguns casos (*cavalhotas*, *cavarolas*, *cavaroques*...), mas também por alteração do próprio radical (*cav-*, *car-*, *cam-*).

**Casaca** *n. f.* **1.** Casaco de malha. “Casaco” (37); “casaco de lã ou linho, soeira” (4); “casaco de lã” (3); “casaco largo, sem jeito” (2); “roupa” (2); “casaco em malha” (1); “casaco para frio” (1); “casaco velho de vestir em casa” (1); “casaco de usar no dia a dia” (1); “casaquinho” (1); “casaco mais grosso” (1); “é uma casaca que as mulheres usam” (1); “casaco grande e quente” (1); “casaco médio” (1); “casaco grande” (7). **Sin.: soeira (de malha)** “soeira” (8); “soeira ou soera” (1); “casaco de lã ou linho, soeira” (4); “casaco, soeira” (1); “casaco, soera de malha” (1); **camurcina** “camurcina” (2). **Exp. pop. Cortar na casaca** (dizer mal de alguém pelas costas) “Cortar na casaca – dizer mal” (2). **Obs.:** Sobre o termo *soeira* ver Cristina Figueiredo. O vocábulo *casaca* está registado em *Falares da Ilha* com o significado de “Intriga. – *Arranjaram-lhe uma casaca qu’ele nunca mais ganhou nada.*” e em *Voc. Pop. da Mad.* como “Habitante da cidade”. Assim, verificamos ter havido uma evolução semântica do uso de *casaca*, que passou a ter o mesmo significado que *soeira*, ou seja, casaco de malha, simples, usado quotidianamente. No entanto, a *sueira* é mais usada para as mulheres, ao passo que a *casaca* é para ambos os sexos.

**Nota:** Da consulta feita aos dicionários, apenas encontramos o vocábulo *casaca* com as aceções “Peça de vestuário masculino de cerimónia, espécie de casaco justo com lapelas largas, que à frente termina à altura da cintura e tem abas compridas na parte de trás.”; “Homem bem vestido, que usa casaca; burguês”; “Descompostura, reprimenda” ou o sentido pejorativo “para o homem do campo, o cidadão da cidade que supostamente se veste na moda”, entre outros. Encontramos também a expressão “**Cortar na casaca de alguém**, dizer mal de uma pessoa, na sua ausência”.

**Cascar** *v.* **1.** Descascar. “Descascar” (40); “tirar a casca ou a pele” (9); “cascar as sementes” (8); “tirar a pele” (1); “retirar a casca” (2); “cascar a comida” (3); “tirar a “pele” da maçã” (1); “tirar cascas de batatas, frutas...” (2); “descascar a batata” (1); “tirar a casca a um alimento” (3); “descascar fruta” (1); “tirar a casca de algo” (1); “tirar a casca” (3); “cascar um fruto” (1); “tirar a casca da semente / dos alimentos” (4); cortar (1). **2. Fig.** Dizer mal de alguém. Atirar algo à cara. “Vou-te cascar no bico = atirar à cara” (2); “dizer mal” (1); “cortar na casaca – dizer mal” (1); “dizer mal” (1); “cortar ou dizer mal de alguém” (1). **Obs.:** Os alunos do 10º ano referem ainda o sentido de magoar-se, esfolar uma perna, braço. “Dar de pau” (1), “cair e raspar a perna” (1), o que corresponde, em parte, aos significados da palavra registados no *Dicionário da Porto Editora* “descascar, censurar, desprezar, bater”. Em *Falares da Ilha* encontra-se registado *cascar*, “Aplicar; descascar. *Vou-te cascar um murro nai ventas que te vou pôr a tenir. – Vai cascar batatas, anda.*”. (Em Santana é *embulhar* – variante de *debulhar*).

**Nota:** Cândido Figueiredo regista o vocábulo *cascar* como “Tirar a casca a, descascar”. O *Dic. da Acad.* regista o vocábulo *cascar* (do lat. vulgar *quassicāre*, de *quassāre* ‘quebrar’) apenas com a aceção “Tirar a casca. = DESCASCAR”. O *Dic. Houaiss* regista-a também com os significados “retirar a casca a; descascar”; “dar pancada”; “responder rispidamente; invectivar”. No *Dic. Aurélio XXI* *cascar* surge também com as aceções “Tirar a casca a; descascar”; “Dar pancadas; bater, pespegar”. Já no *Dic. Priberam* podemos encontrar como significados: “Tirar a casca. = DESCASCAR”; “Perder a casca”; “Ir ao pêlo,

bater. = AFINFAR”; “Dizer as verdades (a alguém), geralmente em tom de crítica. = DESCOMPOR”.

**Catre** *n. m. 1.* Cama de ferro antiga. “Cama de ferro” (37); “catres” (4); “catre” (2); “cama de ferro antiga” (2); “catres - cama de ferro antiga, só a estrutura” (2); “cama pobre” (1); “é um móvel” (1); “camas” (1); “cama antiga” (1).

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. *catre* está registado como “Camilha dobradiça. Cama de viagem. Leito tosco e pobre”. No *Dic. da Acad.* encontramos registado o vocábulo *catre* (Do malaiala *kattil* ‘trono’) com as aceções “Cama de lona, dobrável, que se pode transportar”; “Cama tosca e pobre” e “Qualquer cama ou leito”. Quer o *Dic. Houaiss* quer o *Dic. Aurélio XXI* registam também *catre* com os significados de “cama de viagem, dobrável” e “leito rústico e pobre; grabato”. Já o *Dic. Priberam* apresenta como significados: “Camilha dobradiça”; “Cama de viagem”; “Leito tosco e pobre”; “[Índia] Machila ou maca de lona suspensa de um varal” e “[Brasil] Espécie de jangada”.

**Ciganas** *n. f. 1.* Provocar, gozar, fazer inveja. “Provocar” (20); “gozar de alguém” (5); “provocar outra pessoa” (4); “gozar, fazer pouco” (2); “provocar, fazer inveja” (2); “provocar com caretas” (2); “chatear” (2); “provocar inveja” (2); “gozar, provocar, ofender...” (1); “provocar, massacrar” (1); “provocar com gestos através de mímicas” (1); “provocar, passar à frente, estar no engate” (1); “irritar a pessoa” (1); “fazer partidas” (1); “provocar na brincadeira” (1); “fazer gestos para provocar outra pessoa” (1); “perseguir” (1); “provocar com gestos” (1); “gozar” (1); “é ciganar com comida ou outra coisa” (1); fazer ameaças a outros (1). **Sin.:** *fazer pouco* “fazer pouco, inorar a pessoa” (1); *fazer figas* “fazer figas” (1); *tirar a terreiro* “tirar a terreiro, fazer inveja” (1); “tirar a terreiro” (1); *tirar a fé* “tirar a fé a outra pessoa, provocar” (1); *fazer modilhos* “fazer modilhos, provocar” (1) (Ver *modilho* Cristina Figueiredo). **Exp. pop.:** *Fazer ciganas*. Ver *Encegueirar* e *Sinagogas*. **Obs.:** Em *Voc. Pop. da Mad.* encontramos apenas o vocábulo *ciganices*, definido como “Esgares. Trejeitos. Modilhos” e Macedo (1939) regista *ciganas* e *ciganices* como “momices. (Possivelmente por analogia com os gestos que fazem os ciganos)”. O vocábulo não se encontra em *Falares da Ilha*, no entanto, está registada nesta obra a palavra *modilhos*, dada pelos inquiridos como sinónimo de *ciganas* e cujo significado apresentado é “careta; trejeito. – *Nan `taes senão a fazer modilhos c`a bôca.*”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. *ciganas* são “Arrecadas de um só pingente. (de *cigano*)”, *ciganar* é referido como provincianismo “Proceder como cigano. Viver de intrujices” e *ciganice* “Traficância. Lisonja arditosa (De *cigano*)”. Os restantes dicionários consultados apresentam apenas as palavras *ciganagem*, *ciganar*, *ciganice*, todas elas relativas a cigano ou à sua “vida errante e incerta”, “agir com astúcia e falsidade; trapacear, intrujar”.

**Citado** *adj.* **1.** Culpado, calado, desconfiado, triste, quieto. “Culpado do que fez” (5); “nervoso, calado, macambúzio” (2); “envergonhado” (2); “sentir-se culpado ou visado” (2); “envergonhado, culpado” (2); “sentir-se culpado, quietinho” (2); “está zangado, triste, desconfiado...” (1); “culpado, amuado” (1); “desconfiado, calado” (1); “ter a consciência pesada, que se desvia com vergonha” (1); “assustado” (1); “ter medo de alguma coisa” (1); “estar magoado, chateado” (1); “ressentido” (1); “amuado” (1); “ficar envergonhado, sentido” (1); “aborrecido, envergonhado” (1). **Sin.:** *sentido* “sentido” (2); *semelado* “semelado, calado (porque algo se passou)” (1). **Obs.:** O sinónimo *semelado* parece ser uma variante popular de dissimulado. Em *Voc. Pop.da Mad.* está registada apenas a forma *citado* como sinónimo de “Enleado e confuso”.

**Nota:** Segundo o Dic. de Când. Fig. e o *Dic. da Acad.*, *citado* (do part. pas. do v. *citar*) tem a aceção jurídica “Pessoa que recebeu intimação, citação judicial”. Esta definição encontra-se também no *Dic. Houaiss* como segunda aceção e no *Dic. Aurélio XXI*. Já no *Dic. Priberam* podemos encontrar *citado* (particípio de *citar*) “Que ou o que se citou ou mencionou”. e “Que ou quem recebeu citação”, bem como o verbo *citar* (latim *cito, -are*, abanar, excitar, incitar, apressar, convocar, mencionar, recitar), com a primeira aceção “[Direito] Chamar solenemente para comparecer em juízo ou perante a autoridade em determinada ocasião” e também com as aceções de “Fazer menção ou referência a algo”; “Provocar (o touro)”. Julgamos que o significado atribuído pelos inquiridos “estar culpado, calado, triste” poderá derivar / ter evoluído de “Pessoa que recebeu intimação, citação judicial”, pois uma pessoa, quando citada com ordem judicial, fica preocupada, envergonhada, calada, etc.

**Cogiar** *v.* **1.** Espiar. “Espreitar outra pessoa” (1); “bilhardar” (1); “espia” (1); “vigiar uma pessoa” (1); “vigiar a vida alheia” (1); “ver o que os outros estão fazendo” (1). **2.** Copiar, na escola. “Corgiar – copiar” (1); “copiar” (1). **Var.:** *Corgiar*. **Obs.:** Em *Falares da Ilha* este verbo está presente com a forma *cugiar* “Espreitar - `Taes a cugiar o que `tou fazendo, não é?”. O *Voc. Pop. da Mad.* regista-o como *cogiar* “Espreitar. Observar sem ser visto.” e em *Dizeres da Ilha* podemos ler *cogiar* “Espreitar; vigiar. Exemplo: a) *Cogia o lume*. b) *Cogia o leiteiro*. c) *Não te ponhas para aí a cogiar o que os outros fazem.*”

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *cogiar* como provincianismo “Observar, espereitar, analisar”. O vocábulo *cogiar* não se encontra registado em nenhum dos restantes dicionários pesquisados.

**Coita** *n. f.* **1.** Pequeno pão feito acrescentando rolão e batata doce ao resto da massa do pão caseiro. / Pão pequenino, como o brindeiro, mas de forma mais alongada, que é feito com as sobras da massa do pão, às quais se junta rolão e batata doce amassada, por isso fica mais doce. “Pão feito de batata” (4); “pão de rolão com batata doce” (5); “restos da massa do pão com batata” (2); “pão” (2); “pão feito de farelo e batata” (1); “pão pequenino feito de farelo” (1); “restos de massa do pão da amassadeira com rolão e muita batata” (1); “pão comprido e enrolado, feito com o resto da massa do pão e batata doce, com banha de porco ou vinha d’alhos” (1); “baguete de pão” (1); “pão feito com a mesma massa, mas com um buraco no

meio” (1). **Sin.:** *bolo de rolo* “bolo de rolo” (1). **Obs.:** Este vocábulo é utilizado e conhecido apenas na Lombada e por algumas pessoas mais idosas do Lugar de Baixo. Relativamente ao vocábulo *amassadeira*, este corresponde não à pessoa que amassa o pão, como no continente português, mas ao recipiente onde o pão é amassado (por maceira).

**Nota:** A palavra *coita* encontra-se registada nos vários dicionários apenas com a definição de “sofrimento, pena, dor, cuidado, causados especialmente pelo amor”, “desgraça”.

**Coitar** v. **1.** Acariciar ou afagar, usado normalmente para animais. “Acariciar, afagar pessoas ou animais” (11); “acariciar” (11); “passar a mão, dar carinho” (9); “acarinhar” (5); “dar mimos (a animais)” (4); “passar a mão no pelo” (4); “dar carinho” (4); “fazer festas a um animal” (3); “dar mimos, fazer um carinho” (2); “fazer festas” (2); “fazer carícias” (2); “dar carinho (coitar o cão)” (1); “fazer festinhas, consolar, acarinhar” (1); “mimar” (1); “fazer mimos, fazer carícias” (1); “fazer festinhas, afagar” (1); “tomar atenção a alguém” (1); “fazer um carinho” (1); “acarinhar um animal” (1); “dar mimos” (1); “dar festas a um animal ou a uma pessoa” (1). **2.** Dar atenção ou mostrar interesse para obter algum proveito. “dar manteiga” (1). **Obs.:** Apenas encontramos o vocábulo com o mesmo significado em Rezende (1961) e em *Voc. Pop. da Mad.*, nos quais o verbo *coitar* tem a definição idêntica de “amansar. Tratar os animais com mansidão”.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *coitar*, termo antigo, com o significado de “Magoar; desgraçar. (De *coita*)”. O *Dic. da Acad.* apresenta a palavra *coitar*, remetida para *coutar*, e **Coutar, coitar** (De *couto, coito* + suf. *-ar*) com a aceção de “Proibir ou vedar a utilização de um terreno ou couto; torná-lo defeso, interdito” e “Esconder-se em lugar seguro ou em refúgio”. Os dicionários *Houaiss* e *Aurélio XXI* registam como significado “causar coita ou sofrimento a; magoar, afligir, desgraçar”. O *Dic. Priberam* apresenta a forma **coitar** “[Antigo] O mesmo que *acoitar*”. Para *acoitar* são apresentadas as aceções “Dar couto ou guarida a” e “Refugiar-se. Sinónimo Geral: ACOUTAR, COUTAR, COITAR. Confrontar: açoitar”. Assim, concluímos que o significado usado pelos inquiridos é contrário ao registado nos dicionários.

**Cores de pau** n. f. **1.** Lápis de cor, feitos de madeira. “Lápis de cor” (66); “(cores) para pintar” (11); “cores” (6); “cores feitas de pau” (3); “cores de madeira” (2); “cores da canalha pintar” (1); “cores de madeira para pintar” (1); “cores de madeira para pintar no papel” (1); “lapiseiras dos «piquenos» pintarem os cadernos” (1); “cores para desenhar feitas com pau” (1); “cores de pintar, feitas de madeira” (1). **Obs.:** Cristina Figueiredo regista apenas *lápiz-de-pau*.

**Nota:** No *Dic. da Acad.* encontramos apenas referência a *caixa de lápis de cor*, na entrada de *lápiz*. Não encontramos *cores de pau* em qualquer dicionário ou estudo pesquisados.

**Corpo saio** *n.m.* **1.** Sutiã antigo, sem aros, que era feito por uma costureira. “Sutiã” (22); “sutiã sem armação, antigo” (2); “sutiã de pano, com marcas à frente, feito na costureira” (1). **Sin.:** *paraquedas* “sutiã, paraquedas” (2); “paraquedas das mulheres (sutiã)” (1); *aperta-mamas* “aperta-mamas” (2); *corpete* “corpete” (1).

**Nota:** Não encontramos *corpo saio* em qualquer dicionário ou trabalho pesquisados. Apenas se encontra registado no *Dic. Priberam* o vocábulo *saio* (do latim *sagum*, -i, saio, espécie de manto, tecido).

**Correia** *n.f.* **1.** Cinto. “Cinto” (69); “cinto de apertar ou segurar as calças” (6); “objeto ou adereço para segurar as calças” (6); “cinto das calças” (5); “correia para apertar as calças” (3); “para prender as calças” (3); “cinto para meter nas calças” (3); “cinto das calças do homem” (2); “peça de vestuário” (1). **2.** Bracelete do relógio. “Bracelete do relógio, por ex.” (5).

**Nota:** Cândido Figueiredo e o *Dic. da Acad.* registam o vocábulo *correia* com as aceções “Tira de cabedal, de couro..., que serve para atar, prender, ligar”; “Tira de couro, de borracha, de tecido, que serve para transmitir movimento a numerosas máquinas” e apresenta nova entrada para **cinto** (Do lat. *cinctus*, -ûs) “Acessório de vestuário que consiste numa faixa de tecido, couro... com que se aperta a cintura”. No *Dic. Houaiss* são apresentadas várias aceções para *correia*: “tira estreita feita ger. de couro ou de outro material resistente, relativamente comprida, us. para atar, cingir (alguma coisa)”; “tira, ger. de couro us. por sapateiros para prender o sapato à forma; tirapé”; “cada uma das peças us. no arreamento de cavalo (mais us. no pl.)”; “c. de relógio, par de pequenas correias de couro ou plástico, ou sequência articulada de peças metálicas formando uma correia, presas por uma das extremidades a um relógio de pulso”. Os *Dic. Aurélio* e *Priberam* e Porto Ed. apresentam o significado “Tira ger. de couro, para atar, prender ou cingir; sogá, loro”. Assim, concluímos que o significado dado pelos inquiridos é o equivalente a **cinto** e não ao significado dicionarizado do vocábulo *correia*.

## D

**Dar amor** *expr.* **1.** Dar um jeito, endireitar as costas, afastar, mexer, dar o lugar para alguém sentar. “Dar um jeitinho, endireitar as costas, afastar” (12); “dar um jeito, afastar, desviar” (7); “vários: afastar, endireitar as costas...” (4); “dar um jeitinho, afastar ou afastar-se, dar lugar para sentar” (2); “mexer” (2); “mexer algo” (2); “dar um jeito, afastar, endireitar as costas” (1); “dar um jeito” (1); “afastar, endireitar.” (1); “mexer de um lado para outro devagar” (1); “dar alívio” (1); “mover” (1); “mexer qualquer parte do corpo” (1); “abalançar” (1); “«Não dás amor a isso» – Não consegues levantar o peso” (1); “quando uma coisa está quieta e nós vamos mexer e ela começa a abanar” (1); “abanar” (1). **2.** Parede que está a cair ou a ceder. “parede a ceder” (1); “«O muro tá a dar amor» – tá a ceder” (1); “parede a emborrallar” (4); “parede que está a cair” (12). **3.** *Fig.* Respirar de alívio “tomar um fôlego” (1). **Var.:** *Dar um amorzinho a.* **Obs.:** Em *Falares da Ilha* esta encontra-se registada como “Fazer esforço;

geito. – *Vamos que `tá quase lá. Vá... mais um amôr... pronto. O qu`è preciso é geito e dar amôr.*” Nesta obra encontramos ainda “**Dar amorzinho**, O mesmo que Dár amôr.”; “**Dar amor a si**, Acordar depois dum desmaio. – *Ela já deu amôr de si.*”; “**Dar um amorzinho**, Levantar ligeiramente, ou aliviar o peso, de qualquer volume que a pessoa conduz às costas ou quer deslocar dum lado para outro. – *Dá um amorzinho ao caixote, anda.*”. Também em *Dizeres da Ilha* se encontra registada a expressão **Dar um amor**, com o significado “Deslocar ligeiramente o corpo ou qualquer objecto. Exemplo: a) *Dá um amor ao corpo, a ver se cabemos ambos no carro.* b) *Dá um amor à mesa, mais para a direita.*”.

**Nota:** Nenhum dicionário regista a expressão **dar amor**.

**Dar um vento** *expr.* **1.** Dar um peido. “Dar um peido, peidar” (25); “gazes” (5); “flatulência” (2); “dar um fofo, flatulência” (1). **Sin.:** *peidar* “peidar” (1); *bufar* “bufar” (1); *dar um traco* **dar um fafó** “dar um fafó” (1). **Var.:** *dar um fó* “dar um fó” (1); *dar um fafó* “dar um traco ou fafó” (2). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos apenas *largar-se*, com a definição de “Dar ventos; ventosidade. – *Francisco vei`p`r`aqui largar-se.*”

**Nota:** Todos os dicionários consultados referem “flatulência” como uma das aceções de **vento**.

**Desmentido** *adj.* **1.** Osso que está fora do lugar. “Desmentido - fora do lugar” (5); “desmentido – osso fora do lugar” (3); “desmentido – ter o osso torto ou torcido” (1); “entorse” (1); “torcido” (1); “nervo fora do seu lugar” (1); “fora do sítio” (1); “distensão muscular” (1); “quando dá um trambolhão e fica com os ossos fora do lugar” (1). **Var.:** *dimentido* “dimentido – osso fora do lugar” (6); “dimentido – osso torto, ex. braço” (3); “dimentido – imegalhado, ossos fora do lugar” (1); *demintido* “demintido – entortar” (1); “demintido – osso fora do lugar” (1); *demitido* “demitido” (1); “demitido – osso desnocado” (1); “demitido – osso fora do lugar” (1). **Sin.:** *denucado* “denucado” (1); *imegalhado* “dimentido – imegalhado, ossos fora do lugar” (1). **Obs.:** A obra *Falares da Ilha* regista *desmentir* com o significado de “Entorce. *Pé desmentido. Torcer um pé, torcer o braço.* – Nota: Este vocábulo, não é de origem madeirense, embora usado popularmente na Madeira.”. Em *Voc. Pop.da Mad.* encontramos *desmentido* com a aceção “Distenção muscular. Desarticulação na mão ou pé.”. Também em *Dizeres da Ilha desmentir* se encontra com o significado de “Sofrer torcedura; luxar. Exemplo - *Desmentir o pé.*”, acompanhado da nota explicativa “Também versão brasileira, registada por H. L.”.

**Nota:** No Dic. de Cãnd. Fig. é apresentado o vocábulo *desmentir* com a aceção brasileira de “Deslocar (uma articulação: *desmentir um pé*). O Dic. da Acad. regista na quinta aceção a variante do Brasil “Provocar a deslocação de uma articulação ou o traumatismo de um músculo ou tendão. = DESLOCAR, LUXAR.”. Também no *Dic. Houaiss* encontramos, atribuído ao Norte e Nordeste do Brasil “fora das juntas, da articulação; luxado, deslocado <ombro d.>”. O *Dic. Aurélio XXI* apresenta como segunda aceção, também do Norte e Nordeste do Brasil, “Luxado, deslocado, desconjuntado”, o mesmo acontecendo no *Dic. Priberam*, onde se lê na terceira aceção “[Brasil] Deslocar (uma articulação)”.

**Despender** v. **1.** Perder sangue. “Despender sangue – perder sangue” (3). **2.** Dar alguma coisa a alguém. “dar alguma coisa” (1). **3.** Deixar cair “deixar cair” (1); ficar livre de uma pessoa (1).

**Nota:** Os dicionários registam o vocábulo *despender* apenas como sinónimo de “gastar” e, em sentido figurado, “espargir; liberalizar”, “espalhar”; “despender cuidados”.

## E

**Embarcado** n. m. **1.** Emigrante ou imigrante. Usado para as pessoas que vão para outro país viver ou trabalhar, mas também para os que voltam do estrangeiro. “Pessoas que chegam do estrangeiro ou vão” (12); “emigrantes” (9); “emigrados ou emigrantes” (8); “pessoas que foram para fora / para outro país / para o estrangeiro” (6); “pessoas que vão para o estrangeiro” (4); “pessoas que vêm de fora, do estrangeiro” (3); “que vêm de fora, imigrantes” (3); “emigrantes, turistas” (2); “pessoas que vão para fora ou que vêm” (2); “que iam ou vinham do estrangeiro” (2); “que estão no estrangeiro” (2); “imigrantes ou emigrantes” (2); “imigrados / imigrantes” (2); “que vão embarcar” (2); “viajados” (1); “que vão e vêm do estrangeiro” (1); “pessoas que vivem fora de Portugal” (1); “alguém que emigrou” (1); “aqueles que estão no estrangeiro” (1); “pessoas que vão para fora” (1); “que embarcam para outro país” (1); “gente que viajou” (1); “que viajam” (1); “que vão de navio” (1). **2.** Estrangeiros ou turistas em viagem. “estrangeiros” (2); turistas (1); viajar (2); navegar (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos *embarcado*, “Aquele que está no estrangeiro, como imigrante. – *O sê`filho, cuma vai que nan o vejo há muito tempo! – O mê`filho `tá embarcado há mai dum ano...*”

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. regista *embarcar* como “Pôr ou meter numa embarcação” e “Entrar numa embarcação, para viajar ou recrear-se”. No *Dic. da Acad.* está registado o adjetivo *embarcado, a* (do part. pas. do v. *embarcar*) com a aceção “Que está ou anda num barco; que embarcou. *Fazia parte da tripulação que embarcou. aviação + embarcada.*”. O *Dic. Houaiss* regista o mesmo vocábulo com o significado “Que embarcou, que seguiu viagem numa embarcação, num comboio, autocarro ou avião.”. No *Dic. Aurélio XXI* encontramos o adjetivo *embarcado* (part. de *embarcar*) “Que embarcou”.

**Ementres tanto** loc. adv. (do castelhano) **1.** Enquanto ou entretanto. “Enquanto” (30); “entretanto” (2); “imentres tanto – enquanto” (1); “antes de, aguardar que... esperar até que...” (1); “enquanto se vai” (1); “fazer uma coisa enquanto espera pela outra” (1). **Var.:** *Ementes* “ementes – enquanto” (1). **Obs.:** Em *Voc. Pop. da Mad.* encontra-se registado *ementes* “Enquanto. Entretanto” e, em Macedo (1939), *imentes* “enquanto (de entrementes)”. Em *Oferenda* encontramos *em mentes*, “enquanto”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. está registado o vocábulo *ementes*, como provincianismo beirão, transmontano e dos Açores, com o significado de “entrementes, emmeio, entretanto.”. Encontramos também as palavras *ementes* (advérbio) no *Dic. Priberam* com as seguintes

aceções: “[Regionalismo] Nesse tempo intermédio. = ENTREMENTES, ENTRETANTO”; “[Regionalismo] Enquanto. Sinónimo Geral: MENTES. e *emmentes* (origem controversa, talvez de *em-* + [*entre*]mentes) “[Regionalismo] Nesse intervalo de tempo. = ENTREMENTES, ENTRETANTO”; “[Regionalismo] Tempo intermédio. = ENTREMENTES, ENTRETANTO” e “[Regionalismo] Enquanto (ex.: *costumes praticados pelas mulheres emmentes eram solteiras*). Grafia no Brasil: *ementes*”.

**Empada** *n. f.* **1.** Sandes grosseira, de queijo, fiambre, carne ou outro. “Sandes” (21); “sanduiche” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* está registado o vocábulo *empada* com a aceção de “Sanduiche. Acontecimento grave. – Mãe dê-me uma empada com peixe. – Já soubeste daquela empada que caiu em cima do Francisco?”. Já em Rezende (1961) e em *Dizeres da Ilha* encontramos o simples significado de “sanduiche”. Em *Voc. Pop. da Mad.* podemos ler a definição “grosseira «sanduiche»”. Hoje, na Ponta do Sol, ainda encontramos o vocábulo com a aceção de “sandes”, mas apenas nas camadas mais velhas da população.

**Nota:** Os dicionários registam o vocábulo *empada* com o significado de “Pastel de massa, com recheio de carne, peixe, marisco... que é cozido no forno em formas.” ou “empadinha”.

**Encegueirar** *v.* **1.** Provocar, tirar do sério, gozar, fazer inveja. “Provocar” (6); “tirar a paciência, tirar do sério” (6); “irritar, provocar, pôr-se à frente de propósito” (3); “quando uma pessoa se põe à frente de outra, a tapar” (1); “fazer inveja” (1); “gozar, provocar” (1); “perseguir, estar perseguindo” (1); “provocar, tirar do sério” (1). **2.** Óculos encegueirados (por contiguidade). “Óculos encegueirados” (3). **Sin.: tirar a terreiro** “tirar a terreiro, provocar” (4); “tirar a terreiro” (2). Ver **Ciganas**. **Obs.: Perseguir**, que ocorre na Madalena do Mar, tem o mesmo significado de provocar, chatear. Em *Voc. Pop. da Mad.* está registada a forma *encegueirado* com a aceção “com a vista perturbada”. Também é usual ouvir-se popularmente “Óculos encegueirados”, quando os mesmos estão sujos ou embaciados, por extensão semântica.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig e no Dic. da Porto Ed. encontramos *encegueirar* como sinónimo de “cegar; aferrar-se, afincar-se”. Nos dicionários pesquisados encontramos apenas o adjetivo *encegueirado* (de *en* + *cegueira* + *ado*) no *Dic. Houaiss* com o significado “CE BA e P obstinado por uma ideia, sentimento ou vício; obcecado, viciado.”.

**Enchombrado** *adj.* **1.** Roupas que não estão nem secas nem molhadas ou que estão quase secas. “Roupa que não está nem seca nem molhada” (18); “roupa quase seca” (12); “entre o molhado e o seco” (2); “quase enxuta” (2); “que não tá enxuta” (2); “enxuto” (1); “pouco molhada, quase seco” (1); “meio molhada” (1); “está seco” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* está registado o verbo *enxombrar* com a definição de “Secar. Referindo-se à roupa que se lava. – A roupa tá já enxombrada, também, o tempo qu`ela `tá a enxombrar.”, assim como a expressão **Mei**

**enxombrado**, “O mesmo que *mei`enxuto*. (quase enxuto, referindo-se à roupa que está a enxugar)”. Em *Voc. Pop. da Mad. enchombrado* surge com a definição “Ligeiramente molhado. Pôr a enxugar”. Podemos verificar uma oscilação entre as formas *enchombrado* e *enxombrado*.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. encontramos atribuído ao Brasil *enchombar*, variante de *enchumbar* “O mesmo que chumbar, etc.”, e também como provincianismo “trasmontano”: “Pôr-se muito pesado, por se molhar” e ainda *enchumbado* “Pesado como chumbo, por estar molhado”. Também no *Dic. Priberam* encontramos o vocábulo *enchombrado*, cujo uso é atribuído ao Brasil “[Brasil] Encharcado (falando-se de roupas)”.

**Enfuriar** v. **1.** Procurar, remexer, tentar descobrir. “Procurar, remexer” (5); “procurar até descobrir” (4); “procurar, ser curioso” (2); “procurar em todo o lado” (2); “andar à procura (1); “*enfuriar* - procurar, fuçar” (1); “procurar” (2); “meter o nariz onde não é chamado” (1); “tentar descobrir” (1); “procurar, encontrar” (1); “procurar, por exemplo na caça é procurar nos buracos” (1); “descobrir algo pela primeira vez” (1); “*enfuriar* – mexer em tudo” (1). **Var.:** *enfruar* “enfruar” (1). **Sin.:** *refundiar* ou *refundear* “refundiar ou fuçar” (2), “refundiar” (4), “refundear” (1); *vasculhar* “vasculhar” (1), “querer encontrar, vasculhar” (1); **fuçar** “enfuriar – procurar, fuçar” (1), “refundiar ou fuçar” (2). **Der.** *enfuriadeira*. Ver **Furabardos**. **Obs.:** Curiosamente, também é utilizado na linguagem popular o adjetivo *enfuriadeira* (de *enfuriar* + suf. –deira) como sinónimo de *bilhardeira* (ver Cristina Figueiredo). Com efeito, *bilhardeira* é uma pessoa que procura saber não o que se encontra nas gavetas ou outros locais, mas o que acontece na vida das outras pessoas. Cristina Figueiredo, (em *Palavras d’aquintrodia*, regista a palavra *refundiar*, com a aceção de “procurar alguma coisa em gavetas, armários ou outros locais e deixar tudo desordenado. = desarrumar.”. O vocábulo *inventar* também ocorre como sinónimo de *enfuriar*, mas corresponde também ao conceito de mentir: “mentir” (6).

**Nota:** Todos os dicionários pesquisados registam o vocábulo *enfuriar* apenas com o significado de “enfurecer”.

**Engalgado** adj. **1.** Guloso, que quer só para si, que não dá nada a ninguém. “Guloso (26); “que não dá nada do que está a comer” (2); “esfomeado” (2); “que come tudo sozinho” (1); “pessoa que não se farta com nada” (1); “pessoa que não dá nada a ninguém” (1); “cheio” (1); “querer comida” (1); “que come sofregamente” (1); “que quer comer tudo (invejoso)” (1); “com fome” (2); “pessoa que come rápido para não dar a ninguém” (1); “que come quase tudo” (1); “que come muito” (1); “é quando temos uma coisa e comemos sós” (1); “egoísta” (1); “come muito de uma vez” (1). **2.** Invejoso. “Invejoso” (5). **Var.:** *esgalgado* “esgalgado – que come muito, que tem gula” (4); “esgalgado – guloso, que só quer para si” (3). **Sin.:** *sôfrego* ou *sofro* “sôfrego” (1), “sofro (que come muito)” (3); *guloso* “guloso, que nunca se farta” (2); *comilão* “comilão” (1); *enforcado* (para forreta) “enforcado” (2); “enforcado ou forreta, que quer tudo para si” (2); *forreta* “forreta, que não dá nada a ninguém” (2); *sovina* “sovina” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos *esgalgada*, “Diz-se da pessoa que come

muito, que não se satisfaz com pouco comer. *Crédo, rapaz, Cuma tu és esgalgado!*” e ainda a palavra *engalgada*, “diz-se da casa em construção, já concluídas as obras de pedreiro. – A casa do Martinho foi ontem *engalgada*.” e o verbo *engalgar*, “Proceder ao engalgar dum prédio”. Em *Voc. Pop.da Mad.* estão registadas as palavras *engalgada* – Vid. «Engalgar»; **Engalgar**, ar “Terreno de construção das paredes exteriores de um edifício.” e *esgalgado* “Pouco generoso. Mesquinho. Avarento”. Em *Palavras do Arq. Mad.* encontramos apenas o vocábulo *engalgada* “Diz-se da casa quando ficou terminada, da obra de pedreiro.” e em *Dizeres da Ilha esgalgado* “Esfomeado; comilão.”, acompanhado da nota explicativa “No dicionário B. P. encontra-se: ESGALGADO; COM FOME”. Assim, constatamos que apesar da forma *esgalgado* ser aquela que corresponde ao significado pretendido, as duas formas confundiram-se ao longo do tempo, passando a usar-se quer *esgalgado* como *engalgado* com o significado de “guloso”, ao passo que a aceção de *engalgado* como “casa em construção” já não se usa, ou não é do nosso conhecimento.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *engalgar* como “Mostrar (a lebre) aos galgos” e *engalgado* “Seguido por galgo ou galgos: *uma lebre engalgada*”, atribuindo à Madeira a aceção de “casa em construção, já concluída na obra de pedreiro. (De *engalgar*)”. Os dicionários *Houaiss*, *Aurélio XXI* e *Priberam* registam *engalgar* apenas com a aceção de “indicar aos galgos (a localização da caça) <e. a lebre>”.

**Entramelado** *adj.* 1. Pessoa com incapacidade física, magoado, doente ou deficiente, que não pode andar. “estar magoado, doente” (10); “que não pode andar” (4); “com deficiência ou doença, que não pode andar” (3); “que não pode trabalhar ou andar” (2); “deficiente” (2); “com qualquer deficiência” (1); “não pode andar, doente das mãos ou pés” (1); “com alguma deficiência nos membros inferiores, doente que não se desloca” (1); “incapacitado fisicamente” (1); “pessoa com mazela ou magoado” (1); “não se pode mexer” (1); “não pode mexer as pernas” (1); “com incapacidades físicas” (1); “não estar bem” (1); “pessoa com limitações físicas” (1); “pessoa com limites de locomoção” (1); “com doença” (1); “não arrastar as canelas” (1); “incapacidade motora” (1); “que não pode fazer nada” (1); “com dores, magoado” (1); “imóvel” (1); “alguém de cadeira de rodas” (1); “alguém com deficiência no andar” (1); “pessoa com o braço partido” (1); “não pode sair” (1). **Var.:** *entramelado*. **Sin.:** *entrevado* ou *entrevado* “entrevado” (1), “entrevado” (5); *trôpo* “trôpo das pernas” (1); *manco* “estar manco” (1); *cambado* “cambado” (1); “doente, cambado” (1); “cambado, magoado no pé ou braço” (1); “cambado, que não pode andar” (11); *aleijado* “aleijado” (1); *coxo* “coxo, deficiente” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontra-se registado o vocábulo *entramelado*, “Doente das pernas. – *Ando entramelado toda a minha vida sem ter cura*.”. *Voc. Pop.da Mad.* regista *entramelado* como “Doente com dificuldade nos movimentos.” e em *Dizeres da Ilha*, lemos *entaramelado*, com a definição “Diz-se do indivíduo que adoce muitas vezes; fraco das pernas.”.

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. apresenta *entaramelar* (linguagem popular) “Embaraçar, enredar. Tornar hesitante, fazer titubear. (De *taramela*)” e *taramela* “Peça de madeira (...). Fig. Língua, falatório. *Dar à taramela* falar muito, dar à língua, tagarelar”. Os únicos dicionários que registam este vocábulo são: o Dic. da Acad., onde encontramos o adjetivo **entaramelado**, **a** (do part. pas. do v. *entaramelar*) “Que tartamudeia, fala com tremura na voz, que se

exprime com dificuldade, se embaraça ao falar, devido a emoção, medo, susto, surpresa...[...] = TARTAMUDO, TITUBEANTE.” e o verbo *entaramelar* (de en- + *taramela* + suf. -ar) “Instalar uma peça com funções de estorvo, a fim de alterar o funcionamento de um mecanismo; pôr taramela.”; “Alterar ou alterar-se a capacidade física da fala, deixando ou ficando presa, embaraçada.”; “Pronunciar mal as palavras, os sons, devido a qualquer dificuldade no uso da fala.” e “+ -se. Misturar ou misturarem-se elementos de forma desorganizada e confusa. = EMBARAÇAR, ENREDAR.”; e o *Dic. Priberam* que regista *entaramelar* “[Popular] Embaraçar; enredar.”; “Tornar hesitante, fazer titubear.” e “Enredar-se; emaranhar-se.”.

**Escarreirar** v. 1. Correr de um lado para outro, normalmente usado para crianças. “Correr” (19); “andar a correr” (9); “que anda sempre a correr” (4); “correr de um lado para o outro” (3); “fazer uma corrida” (1); “correr, crianças nos jogos” (1); “correr, saltar” (1); “correr muito” (1); “correr ladeira a baixo” (1); “correr muito de um lado para outro” (1); “andar a correr (para crianças)” (1). **Sin.:** *escabritar* “correr (escabritar)” (2). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontra-se registado o verbo *escarreirar*, “andar às carreiras. – *Estes piquenos nan fazem senão escarreirar todo o dia.*”. Já em Rezende (1961) está apenas registada a expressão “**Dar uma carreira** – dar uma corrida.” Por seu lado, *Voc. Pop da Mad. e Dizeres da Ilha* apresentam o significado idêntico “*Escarreirar* – Andar às carreiras”.

**Nota:** O verbo *escarreirar* não se encontra nos dicionários analisados. Apenas encontramos *carreira*, com os significados relacionados de “corrida veloz”; “lugar por onde se pode correr”; “espaço de terreno percorrido (a correr)” ou “corrida; caminho; derrota”.

**Escarro** n.m. 1. Que é fisicamente muito parecido ou igual a outrem. “Parecido” (13); “é igual a...” (5); “é como quem pintou, é igual” (1); “parecido com alguém da família «é um escarro do pai.»” (1); “é o bico do pai escarrado” (1); “igual ou parecido «ver o cu de um e a cara do outro...»” (1); “escarrado - é igual a...” (1); “é as ventas do pai” (1). **Obs.:** Encontrámos a expressão “*é como quem pintou*” para descrever o conceito questionado. Registámos também a forma participial *escarrado* como adjetivo para o mesmo conceito. Em *Falares da Ilha*, está registado o verbo *escarrar*, com a designação “Entrar nas despesas. – *O gájo tem qu`escarrar p`r`ali cinquenta patacas qu`eu cá nan vou pagar tudo.*”.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *escarro* com a aceção popular de “coisa ou pessoa desprezível. (De *escarrar*)”. O *Dic. da Acad.* regista *escarrado, a* (do part. pas. do v. *escarrar*) com a terceira aceção, atribuída à linguagem familiar, “Que é muito semelhante, quase igual; pintado. **cuspidado e escarrado. escrito e escarrado.**”. O *Dic. Houaiss* define *escarrado* como aquele “que se escarrou” e apresenta na terceira aceção, linguagem informal, “que foi reproduzido com fidelidade ou copiado; que é semelhante a alguém ou algo <aquele menino é o pai escarrado>”. No *Dic. Aurélio XXI* o vocábulo *escarrado* (part. de *escarrar*) remete na segunda aceção para “cuspidado e escarrado”. Na entrada **cuspidado** (part. de *cuspir*) encontramos a definição “Cuspidado e escarrado. Exatamente como; tal qual; sem tirar nem pôr; direitinho, escritinho, escarrado; escrito e escarrado; escarrado e cuspidado. \*Este menino é o

avô cuspidado e escarrado.”. Por fim, o *Dic. Priberam* apresenta na segunda aceção de **escarrado** “[Popular] Reproduzido ao natural, muito semelhante.”. Neste caso, a palavra **escarro** terá surgido por derivação regressiva de escarrar.

**Escurecer** v. **1.** Esconder alguma coisa, guardar segredo sobre um determinado assunto. “Esconder, encobrir” (7); “esquecer ou esconder” (4). **2.** *Fig.* Perdoar, esquecer algo que nos magoou. “perdoar, dar por esquecido” (1); “esquecer” (2); “esquecer, perdoar” (1); “esquecer, deixar passar algo que chateou ou ofendeu” (1).

**Nota:** No *Dic. de Cand. Fig. escurecer* surge com o sentido de “Fazer escuro. Tornar difícil. Ofuscar.”, “Ficar escuro. Anoitecer”, registando também, como termo dos Açores e como “provincianismo minhoto”, a aceção de “esquecer: *a perda de um filho amado nunca escurece. (De escuro)*”. O *Dic. da Acad.* regista, na quarta aceção, o verbo **escurecer** (de *escuro* + *suf. -ecer*) com um significado de “Fazer desaparecer; deixar apagado. = ECLIPSAR, OFUSCAR.” e na quinta aceção “Não deixar perceber claramente ou com evidência; tornar obscuro. = ESCONDER, OCULTAR.”.

**Esgamoado** *adj.* **1.** Pessoa ou animal que está com muita fome. “Estar à fome / esfomeado” (10); “com fome” (11); “estar cheio de fome” (1); “pessoa que tem muita fome, muito magra” (1); “que está desejando tudo o que os outros têm, com fome” (1). **2.** Amuado, que não quer comer. “engamoado – amuado, que não quer comer” (1). **Var.:** **engamoado** “engamoado – amuado, que não quer comer” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha*, encontramos **esgamoando**, “Cheio de fome. – *O cachorro, anda esgamoando, coitado. Vê se tens an coisa que lhe deites.*”. Já Macedo (1939) regista apenas “**esgamoando** (andar) – andar com fome.”. (Em Machico e Sta Cruz – **engamoendo**)

**Nota:** O vocábulo não se encontra em nenhum dicionário consultado.

**Espedir** v. **1.** Atirar algo fora, jogar para longe. “Deitar fora, jogar” (15); “atirar” (7); “atirar fora, jogar” (5); “jogar” (4); “jogar para longe e com força” (2); “jogar, mandar algo para longe” (2); “lançar” (1); “fazer um remate que a bola vai muito para cima” (1); “mandar para longe” (1); “mandar para fora” (1); “deitar fora as coisas” (1). **2.** Arremeter um objeto contra uma parede, por exemplo, partindo-o. “bater contra uma parede” (1). **3.** Desaparecer da vista, deixar de ver-se ao longe. “Desaparecer da vista” (14); “desaparecer” (7), “desaparecer, deixar de ver-se” (4); “desaparecer, ir longe, que já não se vê” (2); “sair, fugir” (2); “deixar de ver-se, ir ao longe” (1); “ir depressa” (1); “fugir” (1); “quando já não se vê, desaparecer da vista” (1); “ir embora” (1); “ir muito longe, até desaparecer” (1). **4.** Bolo que está a crescer, no forno. Também usado para plantas, ou outros, em crescimento (por ex. pessoas – O rapaz está espedido = cresceu). “Que está a crescer (2); “crescendo «o bolo está a espedir» (1). **Sin.:** **aviar** “aviar” (1). **Obs.:** Um dos sinónimos apresentados foi também **enviar** (2). Em *Falares da Ilha*, **expedir** é definido como “escorregar. - *Socega, rapaz, que podes expedir por`i*

*abaixo*. – A *garrafa pode te expedir dai mãos.*” e *expedido* como “Comprido”. Rezende (1961) registra apenas a forma *despedir* com o significado de “atirar”. Em *Voc. Pop.da Mad.* encontramos *expedir* definido como “Soltar-se. Desprender-se. Sair”. *Dizeres da Ilha* registra para *expedir* “Diz-se quando uma coisa cai das mãos. Desenvolver-se. Exemplo: a) *O prato expediu-me da mão.* b) *O trigo vai expedindo bem.*”. Por sua vez, *Palavras do Arq. Mad.* distingue os vocábulos *espedir* “cair” e *expedir* “partir”.

**Nota:** Cândido Figueiredo apresenta *espedir* como “despedir” e registra o provincianismo duriense “Estar moribundo, despedir: *a mulherzinha está a espedir.*” e ainda *espedida*, provincianismo transmontano, “O mesmo que despedida. É também termo antigo. (De *espedir*)”. O Dic. da Porto Ed. registra *espedir* como “despedir [Reg.] estar moribundo”. No Dic. da Acad. encontramos o verbo *expedir* (do lat. *expedire* ‘libertar’) com a primeira aceção de “Fazer seguir para algum destino. = DESPACHAR, ENVIAR, REMETER.” e com a quarta aceção “Soltar com força, com violência ou intensidade. = EXPELIR, EXPULSAR, LANÇAR.”. O Dic. Houaiss registra na primeira aceção de *expedir* “remeter (algo) para (alguém ou algum lugar); destinar, despachar”; na sexta aceção “lançar para fora; expulsar, expelir <e. as fezes>”; na sétima aceção “fazer com que se afastem ou afastar-se de; despedir(-se)” e na oitava aceção “tornar(-se) livre de; desembaraçar(-se)”; da “ETIM lat. *expedio, is, ivi, iyum, ire*, lit. ‘desembaraçar o pé; donde, livrar, desembaraçar, tirar os obstáculos, livrar-se deles, tramar, preparar, executar com empenho uma coisa; ser vantajoso’; f.hist. sXV *expedir*, sXV *espedir*”. O Dic. Aurélio XXI define *expedir* (do lat. *expedire*) como “Remeter o seu destino; despachar, enviar, despedir.”; “Dar ou soltar com violência ou intensidade, expelir.”; “Despedir, afastar.”; “Livrar, desembaraçar.”; “Desembaraçar-se, livrar-se.”; “Despedir-se, separar-se.”. No Dic. Priberam, para além dos significados “Remeter”; “Fazer partir (para destino e fim determinado)”; “Despachar”; “Fazer prontamente”; “Dar resolução”; “Promulgar”; “Enunciar verbalmente”; “Soltar, proferir”; “[Portugal: Trás-os-Montes] Dar a alma ao Criador”, *expedir* encontra-se registado, na décima aceção, como “Dar-se pressa” e na décima primeira aceção “Correr”. Ainda que utilizado também com os significados dicionarizados, *espedir* / *expedir* usa-se como sinónimo de crescer (bolo, plantas, crianças), escorregar (da mão), cujas aceções não constam dos dicionários consultados.

**Estaivado** *adj.* 1. Maluco, sem juízo, irresponsável. “Pessoa louca, sem juízo” (5); “louco, aéreo, distraído, cabeça no ar” (2); “pessoa sem juízo, que não sabe o que faz” (2); “maluco” (2); “louco” (2); “desinquieto” (1); “desinquieto, maluco” (1); “distraído” (1); “pessoa que faz asneiras” (1); “irresponsável” (1); “meio louco” (1); “cabeça no ar” (1). **Sin.:** *destrambelhado* “destrambelhado, distraído” (1); *levantado* ou *alevantado* “louco, levantado” (1), “alevantado, desvairado” (1); *desvairado* “alevantado, desvairado” (1); *destravado* “destravado, maluco” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha estaivado* é registado como “Indivíduo desregrado, estroina. L. S. dá este vocábulo como provavelmente derivado do inglês *Stays*, com o nome de *destaivado*.”. Em *Voc. Pop.da Mad.* encontramos “*estaivado* – Destrambelhado” e em *Dizeres de Ilha* “**destaivado** – Indivíduo desregrado; estroina.”, acompanhado da nota explicativa “a) Talvez derivado de ESTAI. b) Do inglês STAYS.”.

**Nota:** Os vários dicionários registam apenas o adjetivo *estouvado, a* (de *estouva* <na>do) “Que não tem bom senso. Que pensa pouco. Imprudente. Folgazão. (corr. de *estavanado*)”; “Que procede precipitada e levianamente, sem reflexão, que faz as coisas no ar; que age sem pensar. = ESTABANADO, IMPRUDENTE, LEVIANO”. Neste caso, constatamos tratar-se de uma corruptela de *estouvado*.

**Estalar** v. **1.** Morrer, geralmente usado com referência a animais. “Morrer” (35); “morrer / bater as botas” (6); “morrer, para animais” (6); “morte de um animal” (3); “morrer, estar com muita fome” (2); “morrer, que está muito mal” (1); “morrer (para **cachorros**)” (1); “desfalecer” (1); “o animal estala, ex. galinha” (1); “coisa que morre” (1). **2.** Estar muito cansado, sem ar. “Muito cansado” (1). Ver **Peimar**. **Obs.:** Relativamente ao vocábulo *cachorros*, na Madeira este termo é utilizado para qualquer cão, e não apenas para um cão pequeno ou jovem, como no continente português. Em *Falares da Ilha* encontramos *estalar* por “Morrer repentinamente. – *O pôrco estalou*. – *Acudam àquele triste senão vai estalar*.” e em *Voc. Pop. da Mad.* este vocábulo é definido como “Rebentar. Morte de alguns animais.”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. encontramos *estalar*, entre outros, com o sentido familiar de “Desfalecer; acabar. Rebentar. Estar ansioso. (Cast. *estallar*)”. Os dicionários registam apenas *estalar* com os significados “Fazer emitir ou emitir um som breve, súbito e seco, semelhante ao disparo de uma arma”; “Abrir ou abrirem-se fendas ou brechas numa superfície. = FENDER, RACHAR”; “Surgir ou acontecer, de repente, com força ou intensidade, súbita e violentamente. = ESTOURAR, REBENTAR”, “Partir, quebrar, espedaçar”, entre outros, mas nenhum refere este vocábulo como sinónimo de morrer. O *Dic. Priberam*, curiosamente, regista a aceção “Ter um grande ataque ou acesso de alguma coisa (ex.: *estalar de riso, estalar de dor*). *estalar com fome*: estalar com sede, ter muita fome ou muita sede”.

**Estiar** v. **1.** Parar de chover. “Parar de chover” (47); “levantar, melhorando o tempo” (1); “situação climática (1); “tempo ficando limpo, sem chover, melhorando” (1); “deixar que a chuva pare” (1); “quando a chuva passa e deixa de chover” (1). **2.** Fig. Acalmar. “ficar mais calmo” (1), “acalmar” (1). **Obs.:** Em *Voc. Pop. da Mad.* encontramos *esteio* “Estiada. Interrupção passageira da chuva.”; *estiar* “Vid. «Esteio»” e *estio* “Vid. «Esteio»”. *Dizeres da Ilha* regista o vocábulo *estiado* “Diz-se quando a chuva cessou. Exemplo: Agora que está estiado, raspo-me.”, acompanhado da nota “DE ESTIO”. Por seu lado, em Macedo (1939) lê-se *estaio* “espaço de tempo em que não chove (de estio)”.

**Nota:** Os vários dicionários consultados registam *estiar* (de *estio* + *suf. -ar*) com o mesmo significado “Deixar de estar mau tempo; parar a chuva, tempestade, trovoadas... = SERENAR”; “Fazer diminuir ou diminuir de intensidade. = AFROUXAR, DIMINUIR, RELAXAR”; “Baixar a água de uma enchente”.

## F

**Falaço** *n.m.* **1.** Falatório ou conversa generalizada sobre um determinado assunto. “Conversa de muitas pessoas sobre um assunto, uma bilhardice” (15); “quando todos falam sobre o mesmo assunto” (3); “criticar” (2); “falatório” (2); “um assunto muito falado” (2); “falar de um assunto” (2); “boatos” (1); “falar da vida alheia” (1); “falar muito” (1); “falar muito, bilhardice” (1); “falar muito sobre uma coisa” (1); “conversa” (1); “falar demasiado” (1). **Var.:** *falanço* “falanço” (2). **Sin.:** *bilhardice* “bilhardice sobre um assunto” (4), “uma bilhardice” (2); *bilhardanço* “bilhardanço” (2), “bilhardanço sobre um assunto” (1). **Obs.:** Nos inquéritos, a par de *bilhardice* e *bilhardanço*, registámos o verbo *bilhardar* “bilhardar” (2) associado a este conceito. Em *Falares da Ilha* está registado *falaço*, “Murmuração. – Vai um falaço em casa da ti Joséfa, por causa do filho...”; em *Voc. Pop. da Mad.* encontramos “**falaço** – Grande falatório. Boato.”. Já em *Dizeres da Ilha* está registado “**falaço** – Murmuração; falatório. Exemplo: Quando ela fugiu do marido aquilo foi um falaço.”. Deolinda Macedo refere também “**falaço** – boato mais ou menos escandaloso (de falar).”.

**Nota:** Encontramos registado o vocábulo *falaço* (de *fala* + *-aço*) no Dic. de Când. Fig., atribuído ao *Brasil*, como sinónimo de “Boato, atoarda: só oiço falaço... já está vagando uma história.”, o mesmo acontecendo no Dic. *Houaiss*, atribuído ao Nordeste do Brasil, linguagem informal, com a aceção de “rumor sem confirmação; boato.” e no Dic. *Aurélio XXI*, também localizando-o como linguagem popular do Nordeste do Brasil, com o significado de “Boato, rumores”.

**Falar de rijo** *expr.* **1.** Falar alto. “Falar alto / muito alto” (75); “falar bastante ou em voz alta” (1); “falar bruto” (1); “falar alto, com força” (1); “falar com uma voz grossa” (1). **Obs.:** Apenas encontramos a expressão *falar de rijo* em *Falares da Ilha* com o significado de “O mesmo que falar d’alto. Impor-se. Dispor de razões. Zangar-se com asperezas.” e em *Voc. Pop. da Mad.* “**Rijo (de)** – falar alto.”.

**Nota:** Esta expressão não se encontra em nenhum dicionário consultado.

**Falastrão** *n.m.* ou *adj.* **1.** Pessoa muito faladora ou que tem sempre resposta para tudo. “Pessoa que fala muito” (61); “falar muito” (3); “que fala muito e bem” (1); “criança que fala cedo e muito” (1); “pessoa muito alegre” (1); “que fala pelos cotovelos” (1). **2.** Mentiroso. “que fala muito, mentiroso” (1). **Var.:** *falador* “falador” (2), “falador, alguém que nunca se cala” (1). **Sin.:** *tagarela* “tagarela” (1), “tagarela, falador” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos *falastrão ou falastrona*, “Pessoa que fala muito. – Ele é um falastrão – Ela é uma falastrona.”. Rezende (1961) refere apenas “*falastrão* – falador” e em *Voc. Pop. da Mad.* lemos “*falastrão* – Que fala muito.”. Por fim, em *Dizeres da Ilha*, temos como definição de *falastrão* “Indivíduo que fala muito. Notas: Também versão brasileira, registada por H. L.”.

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. apresenta *falastrão*, como vocábulo do Brasil, com a aceção de “Grande falador”. O Dic. *Houaiss* regista o adjetivo *falastrão* com a aceção “que ou o que

fala muito e comete indiscrições.”, feminino: *falastrona*. No *Dic. Aurélio XXI* encontramos *falastrão* (de falar + -astr(o)- + -ão) “Diz-se de, ou indivíduo que fala muito; falador. (Fem.: falastrona)”. Também o *Dic. Priberam* regista *falastrão*, linguagem informal, com a aceção “Que ou quem fala muito. Feminino: falastrona. Plural: falastrões.”

**Falsear v. 1.** Falhar, enganar-se ou errar. “Falhar” (10); “enganar-se” (6); “errar” (2); “quando algo falha” (2); “dar um passo em falso, falhar” (1). **2.** Faltar a um compromisso, escapar. “faltar a um encontro” (1); “falhar, por exemplo marcar um encontro e não aparecer” (1); “não aparecer, falhar” (1); “que um amigo chama e não quer ir” (1); “uma pessoa que diz que vai e depois falta” (1); “escapar” (1). **3.** Gozar, dizer mal de alguém (refalsear). “Que está a falar e a rir, que não fala a sério” (1); “falsear das pessoas – gozar” (1); “desconversar” (1); “ironizar” (1); “gozar, escarnecer” (1); “dizer mal de alguém” (1); “dizer mal das pessoas” (1). **Der.: refalsear** “refalsear – estar no gozo / gozar (do que os outros dizem) / fazer pouco” (12); “refalsear – dizer mal dos outros” (1). **Sin.: cortar-se** “enganar-se ou cortar-se de algo” (1); “tar a te cortar” (1). **Obs.:** As pessoas mais velhas usam *refalsear*, ao passo que as mais novas utilizam *falsear*, embora com significados diferentes (*refalsear* – brincar, provocar, gozar; *falsear* – falhar, faltar, trair). É também muito utilizada a expressão “*tirar a terreiro*”, como sinónimo de *refalsear* (em entrevista de prospeção – Canhas).

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *falsear* com as aceções “Ser falso para com; atraiçoar. Baldar.”, “Desafinar” e *falsar* “O mesmo que falsificar. Enganar alguém.”; “Mentir. Falhar”. O *Dic. da Acad.* regista *falsear* (de *falso* + *suf. -ear*) com as aceções “Induzir em erro. = ATRAIÇOAR, ILUDIR, TRAIR.”; “Dar ou transmitir um conteúdo ou um significado inexacto, falso. = ADULTERAR, DEFORMAR, DETURPAR.”; “Fazer parecer o que não é; dar aparência errada. = DESVIRTUAR, DETURPAR.”; “Colocar as extremidades dos membros em superfície pouco segura; pisar em falso.”; “Faltar, falhar, fugir.”; “Tornar vão, inútil. = BALDAR, FRUSTRAR.”; “Desafinar, desentoar.” e a variante do Brasil “Não respeitar o que foi prometido; não realizar o que estava combinado.”. No *Dic. Houaiss* encontramos *falsear* com os significados “tornar falso; falsificar <f. os factos>”; “fazer alteração em; deturpar (ideias, declarações)”; “cometer traição; enganar, trair (alguém)”; “não cumprir compromisso <f. ao encontro>”; “dar em falso; pisar em falso; resvalar <o pé falseou e ela partiu o tornozelo>” e “dar a (voz) tom de falsete”. O *Dic. Aurélio XXI* define *falsear* (de *falso* + -ear) como “Tornar falso; falsificar” e na nona aceção “Deixar de cumprir ou realizar; falhar. \* *falsear* a um compromisso” ou na décima aceção “Pisar em falso. Ao subir a escada, *falseou*.” No *Dic. Priberam*, *falsear* surge como sinónimo de “Falsar”; “Atraiçoar”; “Desvirtuar”; “Frustrar” e “Desafinar, soar desafinadamente”.

**Fanhungo adj. 1.** Pessoa que fala pelo nariz ou que tem o nariz obstruído, devido a constipação. “Pessoa que fala pelo nariz” (17); “constipado” (3); “com o nariz tapado” (2); “ter o nariz congestionado” (1); “falar com o nariz entupido” (1); “nariz entupido ou a pingar” (1); “pessoa que está sempre a fungar” (1); “que funga muito” (1); “fala com o nariz” (1); “tar constipado” (1). **2.** Que está sempre a reclamar. “que está sempre a cramar” (1). **Var.:**

**fanhongo** “fanhongo – constipado” (1), “fanhongo ou podengo (que fala pelo nariz)” (2); **fadongo** “fadongo” (1); **fangonha** “fangonha” (3). **Sin.:** **funguento** “que fala funguento, pelo nariz” (2); **podengo** “fanhongo ou podengo (que fala pelo nariz)” (2). **Obs.:** Apesar de nenhum inquirido o ter referido, um dos falantes, durante a prospeção, indicou também para este vocábulo a aceção de “feio, para animais”. Exemplo: “Que gato fanhongo! = que gato feito!” Unicamente em *Voc. Pop.da Mad.* encontramos a forma **fanhunga** “Fanhoso”.

**Nota:** Os dicionários registam **fanhoso, a** (de *fanha* + *suf. -oso*), com o significado: “Que parece falar pelo nariz, que pronuncia os sons com voz roufenha. *Ficou fanhoso com a constipação.*”.

**Farrapo** *n.m.* ou *adj.* **1.** Criança pequena. “Criança pequena” (10); “criança” (5); “criança (muito) pequena” (2); “um pequeno novo” (1); “pessoa pequena, criança” (1); “ainda é criança” (1); “pessoa nova (idade)” (1). **2.** Pessoa pequena, magra, fraca, triste. “Pessoa pequena” (6); “estar numa tristeza (em más condições físicas)” (6); “Pessoa muito pequena e magra” (5); “pessoa magra” (2); “pessoa triste” (1); “pessoa muito fraca, algo velho” (1); “pessoa abatida e, às vezes, pequena” (1); “que não cresce” (1); “que não interessa, pequeno” (1); “estado de cansaço intenso” (1); “pessoa muito cansada” (1); “estar de rastos” (1); “estar muito mal” (1); “pessoa cansada ou coisa velha” (1); “muito magrinho (criança ou velho)” (1). **Sin.:** **canalhinha** “um canalhinha que nunca tá quieto” (1). Ver **Gorgulho**.

**Nota:** Os dicionários consultados registam o vocábulo **farrapo** apenas com a aceção de “TRAPO”; “ANDRAJO”; “Pessoa que se encontra muito abatida moral e fisicamente.”; “Pedaço rasgado de um tecido ou de uma roupa.”, entre outros, mas não como sinónimo de “criança”.

**Fazer arroz** *expr.* **1.** Avaria temporária da televisão, resultante da ausência de sinal, que deixa o ecrã branco e com um ruído semelhante ao do arroz seco. “A televisão quando não apanha sinal” (20); “TV sem sinal” (8); “TV avariada” (6); “quando a televisão não funciona direito” (5); “televisão que não dá nada” (2). **2.** Cantar mal, desafinar. “Cantar mal ou desafinar” (7); “quando os cantores desafinam” (5); “cantar mal” (2); “cantar mal, enganar-se na canção, desafinar” (1); “enganar-se” (1); “desafinar” (1). **Obs.:** Apenas em *Falares da Ilha* se encontra registado o vocábulo **arroz** com o significado de “Granizo. Erro; engano. – *Ai serras tão todas cobertas d`arroz. Vai haver auguinha bastante. – O gajo tava a cantar e fez arroz.*”, bem como a expressão **fazer arroz**, “Cantar mal. Desafinação”. Concluimos que a aceção de “cantar mal ou desafinar” é anterior à da “televisão sem sinal”, apesar desta ser hoje mais utilizada.

**Nota:** Nenhum dicionário consultado regista estas aceções para a palavra **arroz**.

**Feijão-rasteiro** *n.m.* ou *adj.* **1.** Pessoa de baixa estatura, pequena. “Pessoa baixa ou baixinha” (31); “pessoa pequena, baixa” (9); “pessoa pequena” (5); “pessoa de baixa estatura” (2);

“alguém baixinho” (2); “pessoa que é baixa” (2); “baixinha” (1); “pequeno” (1). **Obs.:** Encontramos apenas em *Palavras do Arq. Mad.* a palavra composta *feijão-rasteiro* “Espécie de feijoeiro, a que chamam também feijão de vassoura.”.

**Nota:** Cândido Figueiredo apresenta, na entrada de *feijão*, a aceção atribuída à Madeira de “*Feijão de vassoira*, o mesmo que feijão rasteiro” e *feijão rasteiro*, também para a Madeira, como “Espécie de feijoeiro”. O *Dic. Houaiss* regista apenas *feijãozinho-rasteiro*, com a definição de “trepadeira da fam. das leguminosas, subfam. papilionoídea, nativa do Brasil, de flores brancas e vagens sésseis.”. Assim, verificamos que esta palavra composta não se encontra em qualquer dicionário ou estudos consultados com o significado atribuído: “pessoa de baixa estatura”.

**Flor da carne** *n. f.* **1.** Gordura da carne que se encontra entre a pele e a carne do animal. “A gordura da carne” (34); “gordura entre a pele e a carne” (3); “gordura” (4); “parte da carne de vaca que tem músculo e alguma gordura” (1); “pele que fica por baixo da de fora, branquinha” (1); “carne com gordura” (2); “gordura da carne de vaca (2); “gordura que cobre a peça de carne do lombo (vaca)” (1); “a parte com gordura num pedaço de carne” (1); “gordura da carne (melhor parte)” (1); “uma parte do **cebo**” (1); “pele da carne que é assada” (1); “pele” (1). **Obs.:** É usualmente utilizada a carne com flor para a tradicional espetada madeirense, tornando-a mais saborosa e menos seca.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista para *flor*, entre outras aceções, “Superfície exterior do coiro”. O *Dic. Aurélio* apresenta na décima segunda aceção de *flor* “Coisa excelente, ótima, de belo aspecto. \**flor de gado* (i. e. gado apurado, fino)” e na décima terceira aceção “A superfície exterior do couro.” e o *Dic. Priberam* regista *flor* com a sétima aceção de “Superfície”, a oitava aceção “Parte externa dos couros (oposta ao carnoz) e a décima aceção “Gordura entre a pele e a carne do boi, etc.”.

**Fura-bardo** *adj.* **1.** Pessoa que sabe tudo ou que se mete em tudo, que nunca para quieto. “Que sabe tudo, bilhardeira” (3); “alguém que tá em todas, que não para quieto, vida alheia” (2); “alguém que se mete em tudo” (2); “que quer ver e saber de tudo” (2); “atrevido” (1); “pessoa intrujona” (1); “despachado” (1); “(criança) que nunca tá quieta” (1); “pessoa que não para, que anda sempre suja do trabalho” (1); “que faz as coisas muito depressa, aldrabadas” (1); “que faz tudo mal feito” (1); “tipo furão, que se mete em tudo” (1); “que não tem paragem, nunca tá quieto” (1); “que **invent**a tudo” (1); “que vai a todo o lado” (1); “pessoa despachada, que se desenhencia bem” (1); “pessoa muito energética que não para” (1); “pessoa que consegue ir a todo o sítio” (1); “pessoa que nunca está quieta” (1); “que descobre tudo” (1); “que se mete em todo o lado” (1). **2.** Ave de rapina (francelho). “Ave de rapina” (1); “francelho (ave)” (1); “melro” (1). **Sin.:** *bilhardeira* “bilhardeira, enfuriadeira” (1); *enfuriadeira* “bilhardeira, enfuriadeira” (1). Ver **Enfuriar**. **Obs.:** *Inventar*, no registo “que inventa tudo” (1), é sinónimo de *enfuriar*. Apenas em *Dizeres da Ilha* se encontra registado o vocábulo *fura-bardo*, com a definição de “Gavião. Diz-se do homem que, ansioso por assentar na vida, procura e aceita o exercício simultâneo de diversas actividades.”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. surge *fura-bardo* como termo da Madeira, significando “O mesmo que gavião. O mesmo que tinge-burro.” e a palavra *furão* que, em sentido figurado, indica “Pessoa bisbilhoteira, curiosa.”; e na aceção familiar “Indivíduo esperto, fura-vidas”. Nenhum outro dicionário consultado regista esta palavra.

**Fura-capa** *n. f.* **1.** Erva cuja flor tem a forma de uma estrela cheia de picos pretos que se pregam na roupa. “Erva” (5); “fura-capas ou amor de burro” (5); “erva daninha que prega na roupa” (5); “**fura-capas** – erva que prega” (1); “amor de burro” (2); “erva com espinhos” (1); “erva selvagem” (1). **Var.:** *faracapa* “faracapas – amor de burro, erva que prega na roupa” (3). **Sin.:** *amor de burro* “fura-capas ou amor de burro” (5), “faracapas – amor de burro, erva que prega na roupa” (3), “setas ou amores de burro” (1); *setas* “setas ou amores de burro” (1). **Obs.:** Este vocábulo é apenas usado no Lugar de Baixo, apesar de ser também conhecido na Lombada, devido à proximidade e contiguidade geográfica. Nas restantes localidades do concelho, esta erva é conhecida como *amor de burro*, apesar de em algumas localidades da freguesia da Ponta do Sol também ser usado o vocábulo *setas*. Nas freguesias dos Canhas e Madalena do Mar apenas é conhecido o vocábulo “amor de burro” (8), desconhecendo-se o vocábulo *fura-capas* ou *faracapas*. Este vocábulo não se encontra registado em nenhum dos estudos consultados, contudo, encontramos em *Falares da Ilha* a palavra composta *amor-de-burro*, “Deturpação de amores-de-burro. Planta uriunda da América Meridional, (*Bideus Pilosa*).”, assim como em *Dizeres da Ilha*, onde lemos *amor-de-burro* “Planta oriunda da América Meridional, vulgarizada na Madeira. (*Bidens Pilosa*). Notas: E. M.”. (Em Machico – malpica)

**Nota:** Cândido Figueiredo apresenta *fura-capa* como “Planta gramínea”. O *Dic. Houaiss* regista *fura-capa* “planta (*Bidens riparia*) da fam. das compostas, nativa das Américas, de folhas com inúmeros segmentos, pilosas na página superior, e flores em capítulos radiados. GRAM. pl.: *fura-capas*.”. No Dic. Aurélio XXI encontra-se também registado *fura-capa* (de furar + capa), atribuído ao Brasil (Bras. PE) “Planta glabra, da família das compostas (*Bidens riparia*), de flores reunidas em capítulos radiados e pedunculados, e cujo fruto é aquênio, aristado e alado, com alas curtas, glabras e escabrosas . (Pl.: fura-capas)”.

## G

**Galfarro** *n. m.* **1.** Inseto saltitão e voador que, quando passa em grupo, devasta os campos (gafanhoto). “Gafanhotos” (39); “inseto saltitão” (5); “animal” (5); “insetos” (4); “bicho” (3); “que cantam à noite” (1). **2.** Pessoa de perna fina, alta e magra, por analogia com o animal. “Pessoa de perna fina” (1); “pessoa alta e magra” (1). **3.** *Fig.* Criança hiperativa, que anda sempre a saltitar, ou pessoa que fala ou come muito, gulosa, provavelmente por analogia com o inseto que devora as plantas. “Crianças hiperativas, com muita energia, sempre a saltar” (1); “pequenos” (1); “criança desinquieta” (2); “pessoas que só querem para si” (1); “pessoa que come muito” (2); “pessoa que nunca se farta de algo” (1); “falam muito” (1). **Sin.:** *grilos* “grilos” (8); *bicho da erva* “bicho da erva” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* estão registados os

vocábulo **cigarro**, “Gafanhoto de pequenas dimensões, que habita na cana dôce e em ervas secas.” e **galfarro**, com duas entradas, a primeira “Gafanhoto, insecto da ordem dos orthopteros salteadores.” e a segunda “Pessoa que assalta os alimentos para comer. – *Diabo, nan podes ver comer! És um galfarro...*”. Em *Voc. Pop.da Mad.* encontramos apenas **cigarros** “Gafanhotos.” e em *Dizeres da Ilha* **galfarro** “gafanhoto”. Macedo (1939) regista **cigarros** “gafanhotos. (De cigarra – extensão analógica)” e **galfarros** “gafanhotos. Formado por extensão analógica, porque os gafanhotos atacam abundantemente as plantas, especialmente as flores.”. Por fim, em *Palavras do Arq. Mad.* apenas encontramos **cigarro** “Insecto. O mesmo que gafanhoto.”.

**Nota:** A palavra **galfarro** encontra-se registada nos dicionários, mas com os significados “Oficial de diligência ou de justiça. = BELEGUIM, MEIRINHO”; “Indivíduo ávido, voraz ou interesseiro.”; “Inimigo ou perseguidor feroz.”; “Deprec. Vadio, marginal, vagabundo.”; “Garoto travesso ou turbulento.”; “o que come muito; comilão, glutão”, entre outros, que não o significado pretendido.

**Gamberna** *adj.* **1.** Malandro, que não paga o que deve e que engana os outros. “Malandro” (1); “pessoa que não paga o que deve” (1). **Sin.:** *intrujão* “intrujão” (1); *fala barato* “fala barato” (1). **Obs.:** Este vocábulo é conhecido apenas na localidade da Lombada, freguesia da Ponta do Sol, sendo desconhecido nas restantes localidades do concelho. (Santana – *gubern*) Em *Falares da Ilha* está registado **gamberna**, “Caloteiro. – *Nan se fia nada ao gájo qu`ele é um gamberna.*”, e também **engabernado ou engambernado**, “Cheio de dívidas. *O digraçado `tá engabernado até aos cabelos...*” e **engambernar**, “Que contrai dívidas sem as pagar. *Quem? Aquele. Pa`engabernar nan há outro!*”. O *Voc. Pop.da Mad.* regista apenas **gamberna** “Mau pagador. Pouca seriedade nos pagamentos.”. Já em *Dizeres da Ilha* encontramos **gamberna** “Trapaça”, acompanhado da nota “Possível corruptela de GAMBERRIA.” e **engambernar** “Trapacear”, com a nota “da palavra GAMBERRIA”.

**Nota:** Não encontramos este vocábulo nos vários dicionários consultados. Contudo, está registada a palavra **gambéria**, cujo significado popular se aproxima “Trapaça, tramoia, fraude, logro”; “Acção destinada a enganar alguém. = ARDIL, EMBUSTE, LOGRO, TRAPAÇA.”.

**Gamse** *n. m.* **1.** Chiclete ou pastilha elástica. “Chiclete” (29); “pastilha elástica, chiclete ou pirata” (28); “pastilha elástica” (10); “gamse – chiclete” (6); “da canalha mastigar” (1); “chiclete, gorila” (1); “chiclas” (1). **Var.:** *ganseme*. **Sin.:** *pirata* ou *gorila*, devido às imagens impressas no papel que embrulhava as chicletes individuais. **Obs.:** Do inglês *chewing gum*.

**Nota:** Nenhum dicionário ou estudo consultado regista este vocábulo.

**Garfada** *n. f.* **1.** Um punhado ou uma mão cheia de algo (cereais, água, etc). “Um punhado” (16); “punhado ou uma mão cheia” (3); “uma certa quantidade ou quantia” (2); “pequena

quantidade ou porção” (2); “punhado de farinha, milho ou outros cereais” (1); “porção de alguma coisa” (1); “punhado de feijão, por exemplo” (1). **Var.:** *grafada* “grafada – punhado de alguma coisa” (3); “jogar uma grafada de água, punhado” (1); “grafada de água (punhado)” (1). **Sin.:** *braçado* “um braçado” (2). **Obs.:** O significado de *garfada*, como “mão cheia de algo”, terá surgido por analogia dos dedos da mão com o garfo e com a quantidade de comida que este leva à boca de uma só vez. A obra *Falares da Ilha* regista *grafáda* com o significado de “Punhado. – Mãe, Joãozinho meteu uma grafada d`açucres na bôca.” e Macedo (1939) regista *grafada* como “mão cheia”. Curiosamente, encontramos em *Voc. Pop. da Mad.* as formas “**Garfanhotos ou grafanhotos** – Braços ou mãos estendidos para tomar qualquer objecto.”; “**Gafanhotos** – Vid. «Ganhos»” e “**Ganhos** – Dedos. Mãos.”. Em *Oferendas* encontramos *garfadinha*, com o mesmo significado.

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. apresenta *garfado* “Garfada. *Prov.* Braçado, pequena porção, mancheia. (De *garfar*)”. O *Dic. Priberam* regista igualmente a palavra *garfado* com a segunda aceção de “[Regionalismo] Braçado; pequena porção; mancheia.”, embora não a localize. Nos restantes dicionários temos apenas a aceção de “Acto de levar a comida à boca com o garfo.” ou “Porção de comida que leva de uma vez um garfo.”.

**Gorgomilho** *n.m.* **1.** Garganta ou pescoço. “Garganta” (29); “pescoço” (1). **Obs.:** Verificamos ocorrer a palatalização do -l-, quando precedido da vogal palatal -i- e o fechamento da vogal o > u. Rezende (1961) regista a palavra *gorgomilho* como “bolhas de água que aparecem à tona de água e que são o indicativo de que anda roama sob a embarcação.”.

**Nota:** Os dicionários registam a forma *gorgomilo, gorgomil* (Do lat. vulgar *gurga* ‘garganta’), linguagem popular, com o mesmo significado “Garganta; goela”; “entrada do esófago e laringe; goela, garganta”. Portanto, *gorgomilho* será uma corruptela de *gorgomilo*, com a palatalização do l precedido da vogal i.

**Gorgulho** *adj.* **1.** Criança pequena e fraca. “Criança pequena” (14); “criança pequenina” (3); “criança pequena, bebé” (2); “criança muito pequenina, fraquinha” (1). **2.** Pessoa pequena ou que nunca está quieta. “pessoa pequenina” (1); “pessoa pequena” (1); “pessoa que nunca está parada” (1). Ver **Farrapo**. **Obs.:** Em *Falares da Ilha* é apresentada na primeira entrada para a palavra *gorgulho*, “Criança de tenra idade, desembaraçada no andar. – *Por amôr-deus, vê aquele gorgulho a andar.*”. Ângela Rezende regista *gorgulho* “criança pequena, endiabrada” e em *Voc. Pop. da Mad.* o vocábulo tem por significado “Criança pequena. Grima. Diabo”. *Dizeres da Ilha* regista apenas *gorgulho* como “Criança”. Em *Oferendas* surge com a forma *gorgulhinho*.

**Nota:** Apenas o Dic. da Acad. regista a palavra *gorgulho* com o significado “Coisa ou pessoa pequena” na segunda aceção. Os restantes dicionários apresentam apenas os significados “Designação de vários insectos coleópteros da família dos curculionídeos, sendo muitas espécies parasitas dos cereais.”; no Brasil “Fragmento de rocha entre as quais se encontra o ouro.”; “Pedra miúda que se vê, por vezes, no leito do rio.”, entre outros.

**Guardanapo** *n.m.* **1.** Pano de cozinha para secar a louça ou toalha bordada que serve para cobrir a comida. “Pano de cozinha” (5); “toalha de cozinha” (5); “toalha pequena de cozinha” (3); “toalha de cozinha, bordado” (3); “toalhas de mesa” (2); “toalha pequena, pano de cozinha” (2); “pano de secar a loiça” (2); “toalha pequena” (1); “toalha pequena para tapar a comida, a loiça etc...” (1); “pano ou papel usado na mesa” (1); “pano de limpar a loiça” (1); “pano que se utiliza na cozinha” (1); “pano” (1); “toalha de se limpar” (1). **2.** Cotovelada ou chapada, no futebol. “dar uma chapada ou cotovelada no futebol” (1). **Sin.:** *naperon* “naperon” (1).

**Nota:** Os dicionários consultados registam a palavra *guardanapo* com o significado de “Pequeno quadrado de tecido ou de papel, para uso pessoal durante as refeições na limpeza dos lábios, das mãos e para proteger a roupa dos salpicos.”. Apesar de também ser utilizado com tal significado, este é diferente do verificado.

**Gungar** *v.* **1.** Falar baixinho, de forma impercetível, ou falar só, resmungar. “Falar só, resmungar” (10); “falar baixo ou baixinho” (10); “falar só, baixinho” (5); “falar baixinho, resmungar” (4); “falar só, para dentro” (4); “falar baixinho, entre dentes” (2); “resmungar” (2); “falar muito” (2); “falar baixinho, sem se entender o que é dito” (1); “falar baixo, sem se perceber o que se diz” (1); “que está sempre a falar baixo, sobre os outros” (1); “que nunca está calado” (1); “falar para dentro, para si” (1); “dizer algo entre dentes, resmungar” (1); “falar dos outros” (1); “alguém resmungão que fala para não se perceber nada” (1); “falar baixinho, mal disposto” (1); “falar baixinho a protestar” (1); “alguém sempre resmungando” (1); “falar baixo, sussurrar” (1); “falar enrolado” (1). **2.** Reclamar, fazer barulho. “Fazer barulho” (2); “gritar” (1); “um reclamão” (1); “reclamar muito” (1). **Sin.:** *cucar* “cucar baixinho” (1); *refilar* “refilar, brigar” (1); “refilar” (1); “que está sempre a refilar” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos *gungar*, “Falar baixo ao ouvido da pessoa troçando de alguns ou dizendo segredos. – *O qu`é qu`taes aí a gungar, pensas que nan percebo o que taes a dezer...*” e *gongar*, “O mesmo que gungar”. *Dizeres da Ilha* regista *gungar* “O mesmo que RESMUNGAR”, com a nota explicativa “Possível influência do vocábulo brasileiro GUNGUNAR, que H. L. regista com a definição de «rosnar, resmungar».”.

**Nota:** Este vocábulo não se encontra registado em nenhum dicionário consultado. Os dicionários de Când. Fig., *Houaiss* e *Aurélio XXI* registam apenas o vocábulo *gungunar* com a aceção de “resmungar”, no Brasil. No *Dic. Priberam* surge *resmungar* “Falar entre dentes e com rabugice”; “Dar sinais de descontentamento, dizendo coisas desagradáveis em voz baixa.”; “Murmurar-se”.

## H

**Humildar** *v.* **1.** Parede húmida, com humidade. “Parede húmida” (8); “parede com bolor, que entra água” (4); “com água ou bolor” (3); “a entrar humidade” (3); “infiltração de água” (3); “molhar ou molhada” (3); “humedecer” (2); “estar húmido, isto é, com bolor” (1); “tempo húmido, que põe as paredes a «chorar»” (1); “que escorre água” (1); “tá humildando água p`ra

fora” (1); “molhar, derrame de água” (1); “escorrer água” (1); “humildada (parede)” (1); “molhar um pouco” (1). **2.** Humilhar alguém. “envergonhar alguém” (6). **Obs.:** Em *Voc. Pop. da Mad.*, o verbo **humildar** tem o significado de “Humedecer. Lubrificar.” e, em *Palavras do Arq. Mad.*, apenas “Lubrificar”.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista **humildar** “Tornar humilde; submeter, sujeitar.” e **humar**, como provincianismo minhoto, “Ganhar humidade e estragar-se (falando-se da madeira). (Colhido em Barcelos)”. Os restantes dicionários registam o vocábulo **humildar** (do lat. *humilitâre*) apenas com a aceção de “Tornar ou tornar-se humilde”; “Deixar sujeito, submetido, humilhado”; “Rebaixar ou rebaixar-se”; “humilhar”.

## I

**Imprivir** v. **1.** Proibir. “Imprivir – proibir (**proviu** – proibiu)” (2). **Var.:** **imprevir**. **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos **improvido**, “Proibido. – *Tá improvido, nan se pode passar por acolá. Tem que s`ir p`out`lado.*” e em *Voc. Pop. da Mad.* **imprevir** “Proibir. Impedir”. Este vocábulo não foi reconhecido por nenhum dos inquiridos dos Canhas nem da Madalena do Mar. Na obra *Oferendas*, encontramos a forma **impribido** com o significado de proibido.

**Nota:** Nenhum dicionário consultado regista este vocábulo. Apenas Cândido Fig. apresenta o vocábulo **impervio**: “Que não deixa transitar. Intransitável. Impenetrável. Inacessível. (Lat. *impervius*).”.

**Injucado** adj. **1.** Mal apresentado, mal vestido ou mal feito. “Mal vestido” (3); “aldrabado, malfeito” (1). Ver **Atraganhado** e **Bujão**. **Obs.:** Este vocábulo não foi reconhecido por nenhum dos inquiridos dos Canhas nem da Madalena do Mar. Em *Falares da Ilha* encontramos a expressão **mal enxoucado**, “Mal arranjado. – *Ah crédo! Isto t`aqui tudo mal enxoucado. Vou pôr isto melhor.*”; em *Voc. Pop. da Mad.* **injocar** “Objeto mal acabado. Preparar mal uma coisa.” e em *Dizeres da Ilha* **injocado** “O mesmo que INJUCUNDO”.

**Nota:** O vocábulo não está registado em nenhum dicionário, no entanto, o *Dic. Aurélio XXI* regista o verbo **ajambrar** “arrumar(-se), ajeitar(-se)”.

**Ir fora** expr. **1.** Trabalhar a dias, para outrem, normalmente na terra. “Ir trabalhar para alguém” (13); “ir trabalhar para outra pessoa” (5); “trabalhar por conta d`outrem” (4); “trabalhar na fazenda” (3); “que trabalha na fazenda dos outros” (2); “ir trabalhar” (2); “trabalhar a dias, seja em limpezas de casa seja em agricultura” (1); “ir cavar a fazendo de outra pessoa” (1); “trabalhar na rua” (1); “trabalhar a dias” (1); “trabalhar na fazenda por conta de outrem” (1); “dar o dia de trabalho” (1); “trabalhar com um senhorio, por exemplo nas bananeiras” (1); “trabalhar fora de casa” (1); “ir trabalhar fora” (1); “trabalhar para outro lado, ou de vez em quando” (1). **Sin.:** **Dar o dia fora** “trabalhar para outra pessoa, o dia. Dar o dia fora” (9), “trabalhar, dar o dia fora” (3). **Obs.:** *Falares da Ilha* regista apenas a

expressão *dar dias fóra*, “Trabalhar uma série de dias. *Vou dar dias fóra. Vou p`a costa de baixo. Vou trabalhar nas canas.*” e em Rezende (1961) podemos ler *ir fora* “trabalhar ao dia por conta dum patrão”.

**Nota:** Os dicionários consultados não registam esta expressão.

## L

**Lampreia** *n. f.* **1.** Erva de folha fina, comprida e forte, que quando florida se torna melada e pegajosa. “Ervã” (10); “erva de fita que pega” (9); “erva da fazenda” (2); “erva daninha” (4); “tipo de erva” (1); “tipo de erva de fita que dá nos camalhões dos terrenos e que é cortada para alimento das vacas” (1); “espécie de erva” (1). **2.** Peixe. Peixe (...). **3.** *Fig.* Pessoa escorregadia. “pessoa com malícia” (5). **Sin.:** *erva de fita*. **Obs.:** Esta erva era plantada ao longo das levadas, pois os bolbos (as chamadas *socas*) ajudavam a segurar a terra, reforçando as suas paredes. Por esse motivo, é também chamada *erva do governo* ou *erva pinga* em Santana. Em Machico é conhecida como *erva rija*.

**Nota:** Os dicionários consultados registam *lampreia* (do lat. tardio *lampreada*) apenas com a aceção de “Peixe ciclóstomo, de forma cilíndrica, alongada e pele viscosa, que se desenvolve em ambientes de água doce ou salgada” ou “[Culinária] *lampreia de ovos*: bolo feito de creme e fios de ovos, ao qual se dá a forma de uma lampreia.”

**Lanzeira** *n. f.* **1.** Cabelo grande, volumoso. “Cabelo grande” (32); “cabelo (4); “cabelo grande e alto” (2); “pessoa com muito cabelo” (6); “guedelha grande” (2); “cabelo volumoso, no ar” (1); “cabelo comprido” (1); “cabeça farta de cabelo ou cabelo de homem cumprido” (1); “cabelo muito comprido, de homem” (1); “cabelo comprido ou barba” (1); “cabelo estragado e volumoso” (1); “cabelo forte” (1); “cabelo muito forte e alto, com muito volume” (1); “cabelo comprido e volumoso” (1); “cabelo longo” (1); “cabelo todo lascado” (1); “cabelo muito grande” (1); “cabelo frisado mas alto” (1). **2.** *Fig.* Preguiça. “preguiça / cabelo grande” (1). **Obs.:** Este vocábulo apresenta o significado de “preguiça” também em Viseu. Em *Falares da Ilha* encontramos *lanzeira*, “Corruptela de *lazeira*. Molura; indolência.” e em Macedo (1939) *lanzeira* “preguiça”.

**Nota:** A palavra *lanzeira* está registada apenas no Dic. de Când. Fig. com o significado de “Doença nas cabras”. Este regista ainda *lãzudo* “Pop. Indivíduo sem educação; grosseiro; bronco. O mesmo que lanudo. (Do rad. de *lã*)”; *lanudo* “O mesmo que lanoso. (Do lat. *lana*)” e *lanoso* “Relativo a *lã*; que tem *lã*”. Encontramos no Dic. da Acad. o adjetivo *lanudo, a* (do lat. *lana* *lã* + suf. -udo), com a segunda aceção “Que tem pêlos que pelo seu aspecto se assemelham aos da *lã*. = LANOSO.”; nos dicionários *Houaiss* e *Aurélio XXI* a palavra *lanzudo* “LANUDO”; “lapuz”; e na variante do Brasil “sortudo”; “Indivíduo lanzudo”. Já o *Dic. Priberam* regista *lazeira* (de origem duvidosa), com os significados “Desgraça, calamidade”; “Lepra”; em sentido figurado “Fome; miséria”, e na quarta aceção “Propensão para não trabalhar ou para ficar inactivo.= PREGUIÇA”.

**Lapeira** *n. f.* **1.** Utensílio utilizado para apanhar lapas, ou seja, para retirá-las das pedras. “Utensílio ou ferramenta para apanhar lapas” (29); “instrumento para apanha da lapa” (3); “instrumento para apanhar ou tirar lapas” (3); “de tirar lapas” (3); “faca para apanhar lapas” (1); “faca de tirar lapas” (1); “ferramenta utilizada na apanha de lapas” (1); “faca para tirar as lapas da pedra” (1). **Sin.: formão** “formão que se usa para apanhar as lapas que se fixam nas rochas” (1); **raspadeira** “raspadeira de tirar lapas” (1). **Obs.:** Em Rezende (1961) encontramos **lapeira** “lâmina de aço adaptada a um cabo de madeira que serve para arrancar lapas das rochas.” e em *Voc. Pop.da Mad.* o mesmo vocábulo **lapeira** definido como “Faca destinada à apanha das lapas e outros moluscos.” Já em *Falares da Ilha* e em *Dizeres da Ilha* está registada a palavra **lapeiros**, definida como “Alcunha dos habitantes de S. Gonçalo”; “Diz-se dos habitantes da freguesia de São Gonçalo”, respetivamente.

**Nota:** Cândido de Figueiredo regista **lapeira** apenas como “Grande lapa”. O *Dic. Priberam* regista também o vocábulo **lapeira** (*lapa* + *-eira*), com a definição de “Lapa grande”; “[Portugal: Madeira] [Pesca] Instrumento constituído por uma lâmina rectangular, afiada na extremidade e fixada a um cabo, próprio para apanhar lapas (ex.: *lapeira em inox*).” e **lapeiro** (*lapa* + *-eiro*) “[Portugal: Madeira] [Pesca] Pessoa que apanha lapas.”. No *Dic. da Porto Ed.* este vocábulo está registado como “[regionalismo] recipiente de pedra por detrás da lareira, onde se guarda a cinza. Lapa grande.”.

**Lavadeira** *adj.* **1.** Pessoa que passa a vida a falar dos outros, intriguista, ou que fala muito. “Pessoa que diz mal dos outros” (3); “pessoa que diz mal de toda a gente” (2); “que fala dos outros” (1); “pessoa que só diz mal dos outros” (1). **2.** Pássaro que se encontra usualmente junto às ribeiras. “Pássaro” (8); “pássaro que anda na água” (4); “ave” (1); “espécie de ave” (1). **3.** Nunca estar parado, por analogia com o pássaro, que está sempre a saltitar de pedra em pedra, junto da água das ribeiras, a abanar constantemente o rabo para cima e para baixo. “**rabo de lavadeira** – que nunca tá quieto” (1); “alguém que anda muito” (1). **Sin.: bilhardeira** “Bilhardeira” (8); “língua comprida, bilhardeira” (1); “é quando nós estamos a bilhardar” (1); **melro** “melro” (1). **Expr. pop.: rabo de lavadeira.** **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontra-se registado **lavadeira 1**, “Mulher de má língua. – *Aquela mulher é pior Cuma lavadeira!*” e **lavadeira 2**, “Pássaro de cauda que abunda na Madeira.”. Em *Voc. Pop.da Mad.* lemos **lavadeira** “A mulher que se ocupa em lavar as roupas brancas nas levadas e ribeiras.”. Já em *Dizeres da Ilha* está registado **lavadeira** “Mulher de má língua; enredadeira.” e em Deolinda Macedo podemos ler **lavadeira** (de lavandeira) – Vide alvéloa.” e “**Alvéloa** ou mais vulgarmente **Arvéloa** – pequeno pássaro a que o povo madeirense chada também lavandeira de Nossa Senhora. Porque este pássaro se encontra muitas vezes pousado à beira das águas, diz-se que lava com a cauda a roupa de Nossa Senhora.”.

**Nota:** Os dicionários registam duas entradas para a palavra **lavadeira**. A primeira (de *lavar* + *suf. -deiro*) “Pessoa que lava a roupa.” e a segunda, da Zoologia, “Ave aquática migratória da família dos caradriídeos, (*Tringa hipoleucus*, Lin.), que voa rente à água e põe os ovos na areia, frequente em Portugal, nos rios e praias, durante a fase de migração para o Sul, também conhecida como *maçarico-das-rochas*, *lavandeira*, *areiro* e *rola-do-mar*.”

**Levadagem** *n. f.* **1.** Valor pago pelos proprietários de terras pela utilização da água de rega. Este destina-se a pagar o *levadeiro* e os serviços de manutenção das levadas (canais que conduzem a água até aos terrenos). “Pagamento da água de giro ou de rega” (25); “comissão que se paga pela água de rega” (3); “valor pago pelos proprietários de terras pela utilização da água de rega” (1). **2.** Atribuição da água de rega aos terrenos. “Distribuição da água de rega pelo terreno” (2); “distribuição da água de rega” (1); “água de rega ordenada” (1); “água de rega” (1). **Obs.:** *Água de rega* tem como sinónimo *água de giro*. Na levada dos Moinhos, na Lombada, o valor pago pela *levadagem* é atribuído de acordo com as horas de água a que cada pessoa tem direito, calculadas pelas *canas* (ver *cana*) de terra de cada proprietário. Nas restantes levadas é paga por hora, independentemente das *canas*. O pagamento de *levadagem* é feito apenas em algumas localidades, onde a distância a percorrer pela água desde a serra até aos terrenos agrícolas justifica o cuidado a ter com a as levadas e com a correta distribuição da água (como Lombada e Lugar de Baixo), motivo pelo qual alguns habitantes dos Canhas e Madalena do Mar confundem este vocábulo com *levadeiro* “levadeiros que controlam a água de giro” (1), uma vez que nestas duas freguesias não se paga *levadagem*. Encontramos unicamente em *Voc. Pop.da Mad.* a palavra *levadage* “Tributo ou pensão que os heréus dão para as despesas da conservação das levadas.”. Em *Dizeres da Ilha* está registada apenas a palavra *levadeiro*, o mesmo acontecendo em Cristina Figueiredo, que define *levadeiro* como “Funcionário público que tem por profissão cuidar da distribuição da água de rega e da manutenção das levadas por onde esta deve passar.” e “Aquele que serve as bebidas nas festas e convívios familiares.” Na Ponta do Sol a palavra também é utilizada com estas duas aceções.

**Nota:** Os dicionários consultados não registam este vocábulo.

## M

**Manhã-de-páscoa** *n. f.* **1.** Flor vermelha característica da época de Natal. Por vezes, esta flor dura até a Páscoa, por isso ganhou este nome. “Flor ou planta” (28); “flor que dá no Natal” (10); “flor do Natal” (6); “flor” (2); “planta «estrela do Natal»”(1); “flor vermelha do natal” (1); “flor natalícia” (1); “flores da época do Natal” (1); “flor vermelha ou amarela que dá muito no Natal” (1); “planta da Festa” (1); “planta” (1). **Obs.:** A palavra *Festa*, referida por um dos inquiridos, é sinónima de Natal (ver Cristina Figueiredo). Em *Falares da Ilha* está registado o vocábulo **manhã-de-páscoa**, como “Planta Hiofobia. Ponsepio, de flôres vistosas vermelhas e brancas.”. (Na Venezuela é chamada Rosa-do-Natal)

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. encontramos *manhã-de-páscoa* como “Planta medicinal e ornamental de Cabo Verde”. A palavra composta *manhã-de-páscoa* ocorre também no *Dic. Houaiss*, com a definição “BICO-DE-PAPAGAIO (*Euphorbia pulcherrima*). [...] pl.: manhãs-de-páscoa.” e no *Dic. Priberam*, com a aceção “[Botânica] Planta euforbiácea ornamental (*Euphorbia pulcherrima*), com um conjunto de folhas semelhantes a pétalas, geralmente de cor vermelha viva, dispostas à volta das flores. = CARDEAL, ESTRELA-DO-NATAL, FLOR-DO-NATAL, POINSÉTIA. Plural: manhãs-de-páscoa.”.

**Marca** *n. f.* **1.** Botão que se coloca nas peças de vestuário. “Botões da roupa” (31); “botões” (26); “botões de camisa” (3); “botões da roupa, sinal (marco)” (1); “marcas do casaco” (1); “de pôr na roupa” (1); “objeto de roupa” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* está registado o vocábulo **marca**, com a definição “Botão de loiça para camisas. – *Milher, prega-me aqui esta marca que `tá caindo.*”.

**Nota:** Cândido Figueiredo apresenta **marca** como “Botão para calças ou ceroilas”. No Dic. da Acad. encontramos registado na décima oitava aceção do vocábulo **marca** (do germ. *marka* ‘rival’) o significado “Rodela que se forra de tecido para fazer um botão” e na décima nona aceção “Botão de ceroulas.” Os restantes dicionários registam a palavra com diferentes significados, tais como “Acto ou efeito de marcar. = MARCAÇÃO”; “Sinal num objecto, para o fazer reconhecer.”; “Nódoa causada por uma contusão.”; “Empresa que detém o direito de fabricar ou comercializar esses produtos.”, entre outros. Podemos concluir que a palavra **marca**, usada na Madeira para qualquer botão, provém da *marca* (rodela) que era forrada para fazer os botões. Uma vez passando a usar-se sem ser forrada, generalizou-se o seu nome em substituição do botão.

**Marmaceira** *n. f.* **1.** Sol que surge entre as nuvens quando o céu está encoberto. “Quando aparece o sol entre as nuvens” (1); “um pouco de sol” (1); “quando chove e depois dá um solzinho” (1); “sol não muito quente. Algumas pessoas punham a massa do pão a apanhar a *marmaceira* para **vir** mais depressa” (1). **2.** Muito sol ou calor. “Diz-se quando está muito calor, sol” (2). **3. Fig.** Malandrice ou preguiça que surge como consequência do calor. “Malandrice” (3). **Expr. Pop.: Marmaceira do sol 1.** É o sereno da madrugada que dá na altura do calor, anunciando-o. “Se de manhã está sereno, significa que vai dar um dia de calor.” (1). **2.** Neblina. “Quando está nevoeiro e está uma lubrininha, que molha tudo.” (1). **Obs.:** O vocábulo **vir** é utilizado como sinónimo de **levedar** (o pão). A palavra **marmaceira** foi identificada apenas na localidade da Lombada, freguesia da Ponta do Sol (Também é conhecida em Campanário).

**Nota:** Apenas encontramos no Dic. de Când. Fig e no *Dic. Houaiss* o vocábulo **marmazo** (de *mormazo*, sob infl. de *mar*), adjetivo atribuído ao Algarve, com a aceção de “abafadiço, quente (diz-se do tempo)”.

**Matina** *n. f.* **1.** Primeira refeição do dia. Pequeno-almoço. “Pequeno-almoço” (59); “comer” (5); “comer de manhã” (3); “comer logo ao acordar” (1); “comer alguma coisa” (1). **2.** Refeição ligeira tomada durante a tarde. “lanche / lanchar” (4). **Sin.: lanche** “lanche / lanchar” (4); **quebra jum** (1). **Obs.:** O vocábulo **quebra jum** foi registado nos Canhas (No Brasil ocorre a forma **dejejum**). Refira-se que a sua definição como **lanche** foi aplicada pelos alunos do 5º, 6º e 10º anos que, por não utilizarem o vocábulo, embora o conheçam, o confundem com a refeição ligeira da tarde e não da manhã. Em *Falares da Ilha* está registada a palavra **matina**, como “Refeição da manhã. – Em muitos lugares, a refeição é constituída por restos que ficam da ceia.”. Rezende (1961) define **matina** como “pequeno- almoço”; *Voc.*

*Pop.da Mad.* como “Refeição matutina” e *Dizeres da Ilha* como “Refeição da manhã”. Em Deolinda Macedo encontramos **matina** “1ª refeição, pequeno almoço. Muito usado em S. Vicente e Câmara de Lobos.” e **matinar** “tomar a 1ª refeição”.

**Nota:** Todos os dicionários consultados registam o vocábulo **matina**, mas com a única aceção de “Início do dia. = MADRUGADA.”.

**Matinar** v. Tomar o pequeno-almoço. “Tomar o pequeno-almoço” (2); “comer alguma coisa” (1); “é comer de manhã (1)”; “comer (1)”. **Sin.:** **lanchar** “lanche / lanchar” (4).

**Nota:** Todos os dicionários consultados registam a palavra **matinar** (de *matina* + suf. -ar), mas com a aceção de “Fazer despertar ou despertar de manhã cedo; fazer levantar ou levantar-se da cama logo de manhã. = MADRUGAR.”.

**Mela** n. f. **1.** Preguiça. “Falta de vontade para trabalhar, preguiça” (23); “preguiça” (12); “despachorrento” (1); “pessoa que está mole” (1); “sem energia” (1); “alguém que não tem vontade de trabalhar” (1); “quando não temos vontade de fazer nada” (2); “pessoa que não tem gana de fazer nada” (2); “malandrice” (2), “doença das semilhas ou pessoas que não querem trabalhar” (1); “mela ou **meleira** – preguiça” (1); “deitar-se” (1); “preguiça, sono” (1). **2.** Doença das semilhas. “doença das semilhas ou pessoas que não querem trabalhar” (1).

**Nota:** O vocábulo **mela** está registado nos vários dicionários com a primeira aceção de “Doença das plantas que lhes impede o crescimento, tornando-lhe chochos os frutos.”, entre outras, mas o *Dic. de Când. Fig.* regista ainda, em sentido figurado, a aceção “Doença. Falta de vigor”. Também o *Dic. Houaiss* regista na quinta aceção o significado figurado “falta de vigor, de vontade”, o mesmo acontecendo no *Dic. Priberam*, que regista na segunda aceção, também em sentido figurado, “Doença, falta de vigor, caquexia.”.

**Menção** n. f. **1.** Fazer gestos ou ter intenção de fazer alguma coisa. “(Fazer) gestos” (24); “falar por gestos” (1); “imitar alguém” (1); “chamar alguém por gestos” (1); “ter intenção” (2); “querer fazer” (1); “fazer referência a” (1). **Var.:** **emenção**.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista **Menção** como “Referência, registo, inscrição. *Pop.* Tenção, gestos de quem se dispõe para praticar um acto: *fez menção de me bater.* (Lat. *mentio*)”. No *Dic. da Acad.* encontra-se registada, na definição do verbo **fazer**, a expressão **fazer menção de**, “mostrar a intenção imediata de fazer alguma coisa. *Fez menção de se retirar, mas o patrão impediu-o.*”. No *Dic. Houaiss* a palavra **menção** (do lat. *menio*, *ônis* ‘acção de mencionar, menção, comemoração; proposta) tem a aceção de “Atitude, gesto, meneio que indica a disposição, a intenção de realizar algo. “ e a expressão **fazer menção de** “mostrar uma intenção por meio de movimento, gesto, etc. <*fazer menção de sorrir, falar, sair*>”. No *Dic. Aurélio XXI* podemos ler **menção** (Do lat. *mentuone*), com a segunda aceção de “Gesto(s) de quem se dispõe a praticar um ato; intento, tenção.\* *Fez menção de sair.*”. Também o *Dic. Priberam* regista **menção** “Referência (feita de pessoa ou coisa).” e “**fazer**

**menção de:** dar a entender pelo gesto que se tem vontade de. Mencionar. **menção honrosa:** diploma que constitui prémio.”.

**Mira** *n. f.* **1.** Imigrante vindo da Venezuela. “Imigrante da Venezuela” (21); “pessoa venezuelana / venezuelano” (18); “que vem da Venezuela” (2); “um português venezuelano” (1); “emigrantes na Venezuela” (1); “madeirenses que estão na Venezuela” (1); “pessoas da Venezuela” (1); “pessoa da Venezuela (nacionalidade)” (1). **Obs.:** A ocorrência deste nome, assim como de muitos outros de origem venezuelana, explica-se pela grande emigração de madeirenses para a Venezuela, sobretudo do Concelho da Ponta do Sol.

**Nota:** Os vários dicionários registam o vocábulo *mira*, mas com significados distintos daquele que é aqui apresentado, como por exemplo “Peça que (numa arma de fogo) regula a pontaria.”; “Espécie de régua graduada para fazer nivelações de terrenos.”.

## N

**Noivos** *n. m.* **1.** Casamento ou festa de casamento. “Casamento” (41); “ir à festa de um casamento / ir a um casamento” (7); “festa de casamento” (4); “pessoas a casar” (1); “é quando casam” (1). **2.** Pessoas que se casam, cônjuges. “Casados” (6); “marido e mulher (casal)” (2); “pessoas casadas” (2). **Sin.:** *casamento* “casamento” (41); “ir à festa de um casamento / ir a um casamento” (7). **Obs.:** Macedo (1939) refere que a palavra *noivos* “é sinónimo de casamento. Exemplo: «Hoje tenho ou vou a uns noivos.»”.

**Nota:** O vocábulo *noivos* está registado nos dicionários consultados com as aceções “Pessoas que casaram recentemente. = RECÉM-CASADOS. *Os noivos partiram para lua-de-mel.*”; “indivíduo que está para se casar [...] futuro esposo.”; “homem e mulher, prometidos em casamento um com o outro, durante o período do noivado, na altura da cerimónia nupcial ou ao término desta; nubentes <dar parabéns aos noivos>.”, mas não com o significado atribuído, de cerimónia ou festa de casamento (Ex: *Fui ontem a uns noivos* = fui ontem a um casamento).

**Noveiro** *n. m.* **1.** Curioso, que gosta de saber e de falar da vida dos outros. “Curioso” (23); “curioso, que gosta de saber e ver tudo” (2); “que tem sempre novidades, curioso, que sabe de tudo” (47); “pessoa que costuma saber todas as novidades” (1); “que tá inovando – curioso” (1); “ter novidades” (1); “pessoa que gosta de falar da vida dos outros” (1); “pessoa que fala tudo” (1); “quer saber de tudo” (1). **Sin.:** *bilhardeiro* “curioso, bilhardeiro” (2); “bilhardeiro(a)” (2); “pessoa que quer saber tudo, bilhardeira” (1); “pessoa vida alheia, **bilhardeira**” (2); *vida alheia* “pessoa vida alheia, bilhardeira” (2); *olheiro* “olheiro, espião” (1). **Obs.:** Para além destas, ocorrem também as formas *noveirar* “bilhardar; querer saber tudo” e *innovar* “Aquele tá inovando a vida dos outros”. Em *Falares da Ilha* encontramos *noveiro*, com a indicação “Vide novadeiro”; por sua vez *novadeiro* significa “Curioso. – És

*um novadeiro... Já te fartaste de novar.*” e **novar**, é “O mesmo que *aventar...* - *Pa`andar a novar o qu`a gente faz é um fadistinha...*”. Em *Voc. Pop.da Mad.* está registado **noveiro** “Que dá novidades. Intrometido. “ e em *Dizeres da Ilha* este vocábulo é definido como “Aquele que tem o hábito de procurar ver ou saber coisas novas.”, acompanhado da nota explicativa “De «NOVAR».”. [adj. de novo + -eiro, que gosta de saber novas, novidades]

**Nota:** Nenhum dicionário regista este vocábulo.

## P

**Pangaio** *adj.* **1.** Pessoa grande, alta. Alguém novo mas alto e grande para a idade. “Pessoa grande” (4); “pessoa alta” (4); “pessoa nova, mas muito alta, grande” (1); “muito alto” (1); “alto” (1); “muito grande” (1); grande “está a ficar um pangaio” (1). **2.** Pessoa que, apesar de grande, só faz asneiras ou age como criança. “Pessoa desajeitada” (1); “pessoa grande que faz asneiras” (1); “rapaz malandro” (1); “que anda a se abanar, que fala muito” (1). **Obs.:** Este vocábulo não foi reconhecido na Madalena do Mar. Apenas em *Voc. Pop.da Mad.* encontramos **pangaio** com o significado de “Pessoa alta e esguia”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. **pangaio** tem as aceções de “Pequena embarcação asiática”; provincianismo minhoto “Mandrião; rapaz que trabalha pouco” e transmontano “O mesmo que peralvilho. (Or. afr.)”. No Dic. da Porto Ed. está registado o vocábulo como “[Reg.] individuo ocioso, mandrião”. O *Dic. Houaiss* apresenta para o vocábulo **pangaio** duas entradas. A primeira com a aceção de “grande embarcação alterosa, resistente, rápida [...]”, entre outras. E a segunda com a aceção de “jovem que trabalha pouco, preguiçoso, indolente” (Brasil e Minho). No *Dic. Aurélio XXI* está registado **pangaio** (de or. obscura), como variante do Brasil, mas proveniente do português “Mandrião; farrista, boêmio.\* A hora é boa de virar **pangaio**.” (relativo a uma marcha carnavalesca). Também o *Dic. Priberam* regista **pangaio** como “Pequena embarcação asiática”; “[Portugal: Minho] Mandrião; peralvilho.” e “[Portugal: Algarve] Plataforma coberta nas estações de caminho-de-ferro.”. Donde se conclui que a aceção com que é utilizada pelos inquiridos provém da usada no Minho e no Brasil “mandrião, boêmio”, apesar de ter sofrido alteração.

**Pangueiro** *adj.* **1.** Pessoa que não paga as contas. **Caloteiro**. “Mau pagador” (1); “que não paga as contas” (1). **Obs.:** Os únicos inquiridos que reconheceram este vocábulo são residentes, um na Lombada e outro na Madalena do Mar. Em *Falares da Ilha* está registada a palavra **pangueiro** como “Caloteiro. – *Aquele pangueiro que vai ali que nunca mais me deu ai vinte patacas...*”. Em *Voc. Pop. da Mad.* encontramos **pangueiro** “De «panga».” e **panga** “Pequena dívida”. Por sua vez, em *Dizeres da Ilha* podemos ler **pangueiro** “Caloteiro. Exemplo: *O José é um pangueiro, já ninguém lhe fia.*”. Já Macedo (1939) e *Palavras do Arq. Mad.* definem **pangueiro** como “caloteiro”.

**Nota:** Nenhum dicionário consultado regista este vocábulo.

**Passapalo** *n.m.* **1.** Dentinho ou petisco. “Dentinho” (14); “aperitivo” (7); “dentinho, salgados” (2); “dentinho para petiscar” (2); “petisco” (3); “dentinho, também pode ser bebida” (1); “acepipe” (1); bebida (1). **2.** Fazer uma espetada. “fazer uma espetada” (1). **Var.:** *passapal*.  
**Nota:** Este vocábulo não se encontra registado em nenhum dicionário ou estudo consultado, nem mesmo nos dicionários da língua espanhola, embora pareça ser um termo importado da Venezuela.

**Peimar** *v.* **1.** Morrer, geralmente usado com referência a animais. “Morrer” (31); “morrer (Canhas e Serra d’Água)” (1); “morrer, para animais” (4); “morrer – para as galinhas” (1); “morte espontânea de um animal” (1); “um animal a morrer” (1); “quando morre alguém ou está para morrer” (1). **Sin.:** *estalar* “estalar” (1); “Morrer (Canhas), estalar” (8). Ver **Estalar**.  
**Obs.:** Vocábulo usado apenas nos Canhas e na Madalena do Mar. O único estudo onde encontramos o verbo *paimar* foi em *Voc. Pop.da Mad.*, com a definição de “Pasmal. Morrer, falando de animais. «Azougar».”.  
**Nota:** Este vocábulo não se encontra registado em nenhum dicionário consultado.

**Pófia** *n. f.* **1.** Orgulho, vaidade. “orgulho, orgulhoso” (3); “vaidade” (2); “Orgulhosa, que se faz melhor que os outros” (4); “ser presunçosa, que não fala com ninguém, que se julga melhor que as outras pessoas” (3); “que se acha superior aos outros” (1); “que tem manias” (1). **Sin.:** *cagança* “cagança” (3); “com cagança” (1). **Expr. pop.:** *Ter pófia*. **Obs.:** Encontramos o vocábulo *pófia* registado em *Falares da Ilha*, com a aceção de “Presunção, Embofia.”; em *Voc. Pop. da Mad.* como sinónimo de “Vaidoso. Atrevido.”; em *Dizeres da Ilha* “O mesmo que EMBÓFIA.” e, em Macedo (1939), “arrogância, altivez”.  
**Nota:** Nenhum dicionário regista esta palavra. Encontramos apenas *embófia* “Pessoa presumida, que age com muita petulância, com muita bazófia. = ARROGANTE, PRESUNÇOSO, VAIDODO.”.

**Poita** *n. f.* **1.** Traseiro. “Rabo” (17); “levantar o rabo ou levantar a poita” (1); “parte traseira (nádegas)” (1); “rabo, apoitou-se, abancou-se” (1); “sentar a poita é sentar o rabo” (1). **Sin.:** *rabeira* “rabeira” (1). **Obs.:** Encontramos apenas em *Voc. Pop. da Mad.* *poita* “Âncora de pequenos barcos”.  
**Nota:** Os dicionários registam *poita* ou *pouta* (Do franc. *pauta* ‘pata’, ‘garra’) como “Corpo pesado amarrado a um cabo, que serve de fateixa a pequenas embarcações de pesca.”; “peso de ferro, chumbo ou pedra, utilizado no espinel; chumbado.”; “pessoa indolente.”, entre outros, mas não com o significado usados pelos inquiridos.

**Pombinha** *n. f.* **1.** Pénis de criança ou pénis do homem e dos animais. “Pénis de criança” (18); “pénis” (11); “pénis de miúdo, pilinha” (10); “pilha” (4); “pénis pequenino” (3); “sexo masculino” (1); “pénis pequeno” (1); “dos piquenos” (1); “órgão sexual masculino” (1); “órgão do homem” (1); “em relação ao pénis de uma criança” (1); “sexo do animal ou pessoa” (1); “o que o homem tem” (1); “órgão sexual” (1); “pomba do homem” (1); “é o órgão sexual do homem” (1); “coisinha do gato” (1). **Sin.:** *grilhinho* “pénis de criança ou **grilhinho**” (2). **Obs.:** A forma *grilhinho* por *grilinho* deve-se ao facto de, no dialeto madeirense, ocorrer a palatalização do -l-, quando precedido da vogal palatal -i-. Em *Voc. Pop.da Mad.* está registada a palavra **pombinha** definida como “Pénis das crianças”. Embora usada inicialmente apenas para as crianças, este vocábulo generalizou-se, sendo usado por vezes também para homens e animais.

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. apresenta como segunda aceção de **pombinha**, do Brasil, “Partes pudendas da mulher” e dos Açores “Pénis da criança”. No *Dic. da Acad.* está registado o vocábulo **pombinha** (De *pomba* + *suf. -inha*) com a quinta aceção, popular, “As partes íntimas da mulher. = PASSARINHA.” e na sexta aceção “Region. (Açores). Pénis de criança. No *Dic. Houaiss* (terceira aceção) e no *Dic. Aurélio XXI* (terceira e quarta aceções) encontramos os significados de **pomba** atribuídos ao Brasil (B N.E. B S. B C) “O mesmo que POMBINHA (‘pénis’, ‘vulva’).”; (N.E.) Popular “o pénis” e (Bras. S.C.O.), linguagem popular “A vulva”.

**Porta** *n. f.* **1.** Casa. “Casa” (45); “morada / moradia” (2); “apartamento” (1); “ir para casa” (1); “casa / moradia” (1); “é quando entramos em casa” (1). **Expr. pop.:** *Ir para a porta*. **Obs.:** “Ir para a porta” é o mesmo que ir para casa. Neste caso, há uma tomada da parte pelo todo. Dos estudos consultados, só Rezende (1961) regista a expressão *Ficar à porta* “ficar em casa”.

**Nota:** Os vários dicionários definem a palavra **porta** (do lat. *porta*), mas não como sinónimo de casa. Apenas no *Dic. Aurélio XXI* encontramos, na quarta aceção, “Sala, casa, edifício, etc., a que pertence uma determinada porta.”.

**Precatar-se** *v.* **1.** Estar atento, precaver-se, ter cuidado. Dar-se conta ou aperceber-se de. “Ficar / estar atento” (9); “precaver-se” (7); “prevenir-se” (6); “tomar cuidado” (6); “dar-se de conta” (5); “aperceber-se” (3); “cuidar-se, ter conhecimento das coisas” (2); “estar preparado ou prevenido” (2); “lembrar-se, não se esquecer de, ficar atento” (2); “dar atenção às coisas, estar atento” (1); “aperceber-se, dar-se conta, estar atento” (1); “acautelar-se” (1); “despachar-se, estar atento” (1); “cuidar-se” (1); “prevenir-se, tomar cuidado” (1); “cuidar-se, ficar atento” (1); “preparar-se” (1); “descuidar-se de uma coisa” (1). **Sin.:** *abispar-se* “abispar-se” (1); *pôr-se a pau* “pôr-se a pau, estar atento” (1); *abrir o olho* “abrir o olho” (1). **Obs.:** O verbo **precatar** está registado em *Falares da Ilha* com a definição de “Dar por si. *Quando eu me precatar `tou em cascos de rôlhas* (longe).”

**Nota:** Encontramos nos vários dicionários a forma não reflexa **precatar** (Talvez do lat. *praecautus* ‘precavido’ + *suf. -ar*) com as aceções “Pôr ou pôr-se, alguém, de sobreaviso; fazer ter ou ter cautela, cuidado, precaução. = ACAUTELAR, ADVERTIR, PRECAVER.”;

“Impedir que algo prejudicial se verifique. = OBVIAR, PREVENIR”; “+ -se. Pôr tudo em ordem para que alguma coisa se torne possível, efectiva... = DISPOR-SE, PREPARAR-SE.”.

**Pregage** *n. f.* **1.** Dentes ou boca grande. “Os dentes” (26); “dentes (rir)” (4); “dentes grandes, boca grande” (2); “dentes grandes” (2); “dentes (arreganhar a pregage)” (2); “boca” (2); “dentuça” (1); “dentes da vaca” (1); “focinho” (1); “boca, dentes” (1). **2.** Rir com a boca aberta, às gargalhadas, mostrando os dentes. “Que ria muito” (1); “rir” (2); “rir ou mostrar os dentes” (2); “rir com os dentes de fora” (2); “arreganhar a pregage – rir” (1). **Sin.: cramalheira** “dentes ou cramalheira” (1). **Expr. pop.: Arreganhar a pregage** (equivalente a *Rir a bandeiras despregadas*). **Obs.:** Variante popular de *pregagem*... Em *Falares da Ilha* está registada a expressão *arreganhar a pregage*, “Rir descontroladamente ou por achar graça no que lhe disseram. – Lá tá o menino arreganhar a pregáge. Á mê`lindinho!” e em *Dizeres da Ilha* surge *arreganhar a pregagem* com o significado de “Rir”.

**Nota:** Nos dicionários consultados verificamos apenas o registo de **pregadura** “enfeite de pregos ou tachas enfileiradas; pregaria.”; “conjunto de pregos que prendem alguma coisa.” e de *pregagem* “acto ou efeito de pregar.”.

**Pregana** *adj.* **1.** Pessoa torta, mal disposta ou zangada, chata, desinquieta. “Que está sempre a agarrar, colado” (2); “pessoa que fala muito alto” (1); “pessoa sempre chateada” (1); “que nunca está bem, rabugento” (1); “pessoa chata” (1); “pessoa desinquieta ou que está sempre zangada” (1); “criança destravada” (1); “pessoa gozona, que ri dos outros” (1); “crua” (1). **2.** Algo que incomoda. “mato no olho” (1). **Sin.: relaxada** “Pessoa torta, **relaxada**” (2); **estupor** “estupor” (2); **canalhinha** “canalhinha” (1). **Obs.:** *relaxada* tem o significado de má e não de descontraída. *Canalhinha* (ver *canalha*, C. Fig.) é uma criança pequena. Já o vocábulo *mato*, “mato no olho” (1), tem o significado de cisco. É também utilizado como sinónimo **tentaréu**. O uso do vocábulo *pregana* como adjectivo terá vindo, em sentido figurado, da casca do trigo, que incomoda ao colar-se às roupas e ao corpo. Esta palavra é registada em *Falares da Ilha*, com a definição de “Indivíduo importuno, insistente.”; em *Dizeres da Ilha* “Pessoa importuna, por insistência de falar num mesmo assunto ou de pedincha.” e Macedo (1939) regista “**Prègana** – maçador (de prègar)”.

**Nota:** Este vocábulo não se encontra registado em nenhum dos dicionários consultados.

**Presilha** *n. f.* **1.** Mola da roupa ou do cabelo. “Mola de estender roupa” (7); “mola da roupa ou do cabelo” (5); “mola do cabelo” (3); “para prender a roupa e várias outras coisas” (1); “mola da roupa” (1); “para prender a roupa, mas mais para o cabelo” (1). **2.** Passadeira das calças, para passar o cinto. “Passadeiras das calças, para passar o cinto” (3); “passadeiras das calças” (3); “parte que prende as regeiras à correia (parte em metal)” (1); “onde se prende o gancho das calças” (1); “algo que prende (parte onde encaixa o gancho das calças)” (1). **3.** Vários: “Objeto de prender” (3); “fecho das calças” (1); “botão das calças de homem” (1);

“para prender algo” (1); “do extintor” (1); “coisa que prende algo” (1); “objeto” (1). **Sin.:** *prisão* “prisão da roupa” (3); “prisão ou mola da roupa” (1); *tranca* “tranca” (1); “tranca do cabelo” (1); “tranca” (2); “tranca da roupa” (1); “tranca – mola” (1); “tranca” (1); *mola* “mola” (1); “prisão ou mola da roupa” (1); “tranca – mola” (1); “tranca ou mola” (2); *gancho* “gancho” (1). **Obs:** Em *Falares da Ilha* encontramos *presilha 1*, “Taxa de prender papel.” e *presilha 2*, “Colchete; taxa para prender o papel á prancheta.”. Em *Dizeres da Ilha* está registado *presilha* “Tacha para prender o papel à prancheta.” e também em *Palavras do Arq. Mad.*, com a definição de “Tacha especial para prender o papel à prancheta; fr. punaise.” Acompanhado da nota explicativa “A. M. e L. U. registam esta definição madeirense.”.

**Nota:** Os vários dicionários registam a palavra *presilha* (do cast. *presilla*) com as aceções de “Cordão ou pequena tira de tecido, pele ou outro material que tem na extremidade uma espécie de casa ou aselha onde se enfia um botão ou objecto semelhante e que serve para prender, apertar, esticar... *As presilhas dos suspensórios. As presilhas dos sapatos.*”; “tira de pano ou couro que se une a outra por meio de botão, colchete, fivela, fecho ou argolas de metal, para fechar, manter firme, atar alguma coisa”; “Intrujice, logro. = EMBUSTE.”, e como regionalismo atribuído à Madeira “Tacha para prender papel.”.

**Prisão n. f. 1.** Mola da roupa ou do cabelo. “Mola da roupa ou cabelo” (19); “mola de estender roupa” (12); “mola da roupa” (10); “tranca – mola” (2); “objeto de prender a roupa” (1); “ou *tranca* da roupa ou do cabelo” (1); “tranca da roupa” (1); “mola da roupa, para pôr a secar, ou prender o cabelo” (1); “instrumento da roupa” (1); “mola de pendurar a roupa” (1); “gancho” (1); “mola do cabelo” (1); “usado no cabelo” (2). **Sin.:** *prisão, tranca*. Ver **Presilha**. **Obs.:** Em Cristina Figueiredo *prisão* tem apenas o significado de mola do cabelo.

**Nota:** Os vários dicionários registam este vocábulo, mas não com o significado de mola da roupa ou do cabelo. Apenas no *Dic. Priberam* se encontra registada a palavra *prisão* (latim *prehensio, -onis*) com a décima primeira aceção “[Portugal: Madeira] Artefacto usado para prender o cabelo ou para prender a roupa que está a secar. = MOLA.”.

**Promuntado n. m.** Nenhum inquirido reconheceu este vocábulo, apesar do mesmo ter sido recolhido da entrevista de prospeção feita a um habitante da Madalena do Mar com idade superior a 70 anos.

**Nota:** Os dicionários e estudos consultados não registam este vocábulo. Encontramos apenas a forma aproximada *promontório* “Parte mais alta; saliência, proeminência, elevação.”; e Anatomia “pequena saliência da parte de cima do tímpano.” ou “saliência que a articulação lombossacral forma na bacia.”.

**Pugerne adj. 1.** Pessoa com mau feitio ou de má índole. “Que não é muito certo” (1); “má pegerne - que tem mau feitio” (1). **Var.:** *pugerma* “pugerma – que tem mau feitio” (1); *pegerne*. **Expr. Pop.:** *ser de mau pegerne*. “*Ser de mau pegerne* – de mau fígado ou de má

raça” (3). **Obs:** Este vocábulo é conhecido apenas na localidade da Lombada, freguesia da Ponta do Sol.

**Nota:** Nem a palavra *pugerne* (ou *pegerne*, ou *pugerma...*) nem a expressão *de mau pegerne* se encontram registadas nos dicionários ou estudos consultados.

## Q

**Quinau** *n. m.* **1.** Conselho ou opinião. “Conselho ou opinião” (29); “opinião” (7); “dar uma opinião” (5); “ter opinião” (1); “dar uma ideia” (1); “aconselhar” (1); “dar uma sugestão” (1); “conselho” (1); “opinar” (1); “dizer algo do assunto abordado” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos a forma *quenhau*, “Dar o seu parecer em qualquer assunto indiscretamente; opinião. – *Também queres dar o teu quenhau? Nan faltava mai`nada.*”.

**Nota:** Os vários dicionários consultados registam a palavra *quinau* (do cast. *quinao* ‘emenda’, ‘correção’, do lat. *quin autem* ‘mas pelo contrário’) com as aceções “Acto ou efeito de corrigir”; “Repreensão que se dá a alguém com a finalidade de emendar uma falta, um erro, um comportamento... = CENSURA, CORRECTIVO, REPRIMENDA.”; “Sinal com que se indicavam os erros dos exercícios escritos escolares. **dar quinau.**”. No *Dic. Houaiss* é apresentado o sentido figurado, atribuído a Portugal, como regionalismo, “capacidade de ponderação; juízo, tento. \* **dar quinau**” e “ter notícia, dar fé. \* **dar quinau em**”.

**Quitar** *v.* **1.** Proibir ou impedir. “Proibir” (11); “proibir ou estrovar” (1); “não deixar fazer” (1); “evitar, proibir” (1). **2.** Libertar. “Desobrigar (usado para confirmar pagamentos)” (1). **Sin.:** *estrovar* “proibir ou estrovar” (1). Ver **Imprivilir**. **Obs.:** Em *Falares da Ilha* o vocábulo *quitar* é definido como “Proibir. *O qu`é quês. vais me quitar de `tar aqui?*” e já em *Voc. Pop. da Mad.* fora registado com o mesmo significado, “proibir. Impedir. Obstar.”.

**Nota:** Os dicionários consultados registam *quitar* (do fr. *quitter*, do lat. medieval *quietãre*, de *quietãre* ‘deixar em paz’) com as aceções de “Desobrigar ou ficar desobrigado alguém, daquilo que era devido ou tinha sido prometido; tornar ou ficar quite, sem compromisso.”; “Não ser necessário fazer alguma coisa; não valer a pena.”; “Separar-se de, perder, deixar.”, entre outros, e também “Não autorizar alguma coisa a alguém. = IMPEDIR, VEDAR.”; “Impedir; vedar; tolher.” (esta última em *Dic. Acad. Aurélio e Priberam*).

## R

**Rancheira** *n. f.* **1.** Táxi de seis lugares. “Carro ou táxi de seis lugares” (16); “táxi” (18); “carro de 6 lugares” (5); “carro táxi de 6 ou 9 lugares” (5); “carro de 6 lugares, táxi” (2); “táxi de 6 lugares” (2); “táxi com mais de 5 lugares” (1); “Station de 6 lugares” (1); “automóvel de aluguer” (1); “carro” (4); “carro de transporte de passageiros” (1); “modelo de carro, carrinha, «station wagon»”(1); “táxi que vai para o Funchal” (1); “carrinha de transporte” (1); “carro

que servia de táxi” (1); “táxi antigo de 7 lugares” (1); “carro grande” (1); “carro pequeno para ir à cidade” (1); “um carro velho” (3); “carro velho, táxi” (1); “tipo de táxi (vai muitas pessoas)” (1); “táxi grande” (2). **2.** Autocarro (carro) de transporte coletivo. “Camionete” (1). **3.** Tipo de música. Instrumento musical. “Música” (3); “músicas antigas” (1); “música mexicana (táxi)” (1); “instrumento musical” (1). **4.** Outros: “apelido” (1); “cozinheiro militar” (1). **Sin.:** *camionete* “camionete” (1). **Obs.:** A aceção “apelido”, dada por um dos inquiridos, provém de uma criança que, por estar constantemente a simular que conduzia uma rancheira, ganhou a alcunha “o rancheira”, com a qual ficou até a idade adulta. Já a aceção “camionete” advém do facto de ser um meio de transporte coletivo, apesar do número mais reduzido de passageiros, por confusão sobretudo por parte dos mais novos. Em *Falares da Ilha* encontramos apenas o vocábulo *rancheiro*, “Designação dada ao indivíduo que é indicado para servir à mesa, em diversas refeições de confraternização. – *Parabéns. Fostes nomeado rancheiro p`ra o ano.*”.

**Nota:** Todos os dicionários consultados registam o vocábulo *rancheira*, atribuindo-o ao Brasil (Sul), com as aceções de “dança popular, de compasso ternário, de provável origem árabe, estilizada na Argentina e difundida no Rio Grande do Sul.” e “música que acompanha essa dança.”. No entanto, Cândido de Figueiredo apresenta também o vocábulo *rancheiro* “Aquele que faz o rancho ou comida para soldados”, de *rancho*, “Grupo de pessoas, andando. Magote de gente. Grupo recreativo, carnavalesco.”.

**Rinchar** v. **1.** Rir muito, gozar com alguém. “Rir muito, gozar de alguém” (6); “rir” (5); “rir muito” (2); “gozar, rir no gozo” (2); “rir às gargalhadas” (1); “rir ruidosamente” (1); “rir muito de alguém” (1); “rir mal-educado” (1); “brincar” (1); “rir, gozar” (1); “roçar os dentes” (1); “falar e rir” (1). **2.** Brigar, gritar. “Brigar / ferrar” (1); “gritar” (2); “gritar / chorar” (1); “barulho esquisito” (1). **Sin.:** *fazer pouco* “fazer pouco, dizer mal” (1). **Obs.:** Em *Voc. Pop. da Mad.* encontramos registado o vocábulo *rinchar, ada, ão*, definido como “Rir ruidosa e prolongadamente.”.

**Nota:** Os vários dicionários registam o vocábulo *rinchar* (do lat. vulgar *rehinnitulãre*), com as aceções “Manifestar-se, o cavalo, através da voz; soltar rinchos.”; “Produzir um som idêntico ao rincho do cavalo. *Os carros de bois rinchavam sob o peso da carga.*”; “Acto ou modo de soltar rinchos.”. Também registamos nos *Dic. Houaiss* e *Aurélio XXI* a palavra *rinchada* (de *rincha* + *-ada*), termo jocoso, com o significado de “gargalhada alta, estridente, grande gargalhada; rinchavelhada.”; e burlesco “Gargalhada estridente.”.

**Rosa** n. f. **1.** Vagina, órgão sexual feminino. “Vagina, partes íntimas” (5); “rosinha – órgão feminino” (3); “sexo feminino” (1). **Sin.:** *ratinha* “rosinha ou ratinha, para crianças” (2). **Obs.:** Uso dos diminutivos *rosinha* e *ratinha*, tendência da linguagem popular.

**Nota:** Nenhum dicionário regista a palavra *rosa* com este significado.

**Roupa da missa** *n. f.* **1.** Roupa melhor ou nova, de sair. “Roupa de sair” (25); “roupa melhor” (14); “roupa de ir à igreja / à missa” (9); “roupa nova” (4); “roupa de sair, melhor” (3); “roupa boa” (3); “roupa que usamos ao domingo” (3); “roupa reservada, melhor” (2); “roupa de sair ao domingo” (2); “roupa melhor para ir à missa” (2); “roupa fina” (2); “roupa nova, só usada para sair” (2); “roupa de sair, de festa” (1); “vestuário de festas, roupa nova que não se usa nos trabalhos de casa” (1); “vestuário festivo” (1); “roupa melhor, usada para ocasiões mais especiais” (1); “boa roupa ou roupa nova” (1); “a melhor roupa” (1); “roupa mais fina” (1); “roupa de betinho” (1); “roupa própria” (1); “roupa bem vestida” (1); “roupa para ir passear” (1); “roupa boa, decente” (1). **Obs.:** Rezende (1961) regista *fato de ver a Deus*, com a definição de “fato de ir à missa”. Em Macedo (1939) encontramos “*fato da missa ou fato de ver a Deus* - fato domingueiro”.

**Nota:** O *Dic. Houaiss* apresenta na segunda aceção da palavra *roupa* “Roupa de ver Deus B N.E. B S.E. infm. indumentária mais cuidada que a de uso comum, própria para grandes ocasiões; traje domingueiro.”. No *Dic. Aurélio XXI* encontramos também na definição de *roupa* (do gót. \*raupa, ‘presa’) a expressão *roupa de ver Deus* “Bras. N.E. Pop. Roupa nova, domingueira.”. Já no *Dic. Priberam* está registada na definição de *roupa* a expressão “*roupa de domingo*: aquela que, geralmente por ser de melhor qualidade, se veste em ocasiões festivas. = ROUPA DE IR À MISSA, ROUPA DE VER A DEUS.”, bem como “*roupa de ir à missa*: o mesmo que *roupa de domingo*.” e “*roupa de ver a Deus*: o mesmo que *roupa de domingo*.”.

**Roupa do cote** *n. f.* **1.** Roupa de trabalho ou de usar no dia a dia. “Roupa de trabalhar, de andar ou usar em casa / do dia a dia” (29); “roupa de trabalho” (10); “roupa de andar em casa” (6); “vestuário de trabalho” (2); “roupa de andar em casa ou fazenda” (2); “roupa mais velha para andar em casa” (2); “roupa de todos os dias” (1); “roupa que usamos durante a semana” (1); “roupa velha” (2); “roupa para ir à fazenda” (1).

**Nota:** O *Dic. da Porto Ed.* regista a expressão *roupa do cote* como regionalismo, com o significado de “roupa de uso quotidiano”. No *Dic. Priberam* encontram-se registadas, na definição do vocábulo *cote*, as expressões “*a cote*: de uso diário (falando de roupa).” e “*de cote*: o mesmo que *a cote*.”.

## S

**Sem destino** *n. f.* **1.** Em grande quantidade. “Muita quantidade ou em quantidade” (24); “grande quantidade” (1); “bastantes” (1). **Sin.:** *sem medida* “quando carrega muito, sem medida” (1). **Obs.:** (Ex: “Esta árvore dá fruta sem destino.”; “Aquilho dá sementes sem destino.”; “É um *terrio* sem destino.”).

**Nota:** Os dicionários consultados apresentam o vocábulo *destino* e as expressões derivadas, mas não a expressão *sem destino* com a aceção de quantidade.

**Sim-senhor** *n. m.* **1.** Nádegas. “Rabo” (1). Ver **Poita**. **Obs.:** Este vocábulo foi proposto por uma pessoa da Lombada, freguesia da Ponta do Sol, tendo sido reconhecido apenas por um dos inquiridos, também daquela localidade.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *sim-senhor* como linguagem popular “Nádegas”. Encontramos também registada esta palavra composta no *Dic. Houaiss*, com a primeira aceção, atribuída a Portugal, “tab. par de nádegas” e no *Dic. Priberam*, no qual o vocábulo *sim-senhor* é definido como “[Informal] Nádegas; traseiro; rabo.”.

**Sinagogas** *n. f.* **1.** Gestos para provocar. “gozar” (4); “irritar, provocar” (2); “gestos para provocar” (2); “encegueirar, abusar” (1); “provocar” (1); “gestos de gozo, mímica (bicos)” (1); “pôr a pessoa a **reinar**” (1); “**ciganar**” (1); “fazer troça” (1). **2.** Ter inveja. “invejar” (1). **Var.:** *sinabogas*. **Sin.:** *modilhos* “gestos para irritar, modilhos” (2); “**enciganar**, fazer modilhos” (1); “ciganas, modilhos” (1); *ciganas* “ciganas, modilhos” (1); “Fazer ciganas, fazer pouco” (4). Ver **Ciganas**. **Obs.:** Para o vocábulo *modilhos* (ver *ciganas*). A palavra *sinagogas* (ou *sinabogas*) não foi reconhecida por nenhum inquirido da freguesia dos Canhas. As formas verbais *ciganar* e *enciganar* ocorrem associadas a este conceito e ao nome *ciganas*. Em *Falares da Ilha* encontramos *sinagógas*, “Trejeitos de mofa; Salamaleques para fazer irritar a pessoa. – Mãe o Gomes `tá-me a fazer sinagogas...” e a expressão *fazer sinagogas*, “Fazer Fazer trijeitos, escarnecer. – Mãe, o mano `tá-me a fazer sinagogas.”. Em *Voc. Pop. da Mad.* está registado *sinagogas* “Esgares. Modilhos. Sinais.”. Em *Dizeres da Ilha* este vocábulo é definido como “Trejeitos de moía; salamaleques.”, com a nota explicativa “L. U. e A. M. registam esta palavra e respectiva definição, como sendo de origem madeirense.”. Por sua vez, em *Palavras do Arq. Mad.* podemos ler *sinagogas* “Trejeitos de mofa”.

**Nota:** No *Dic. de Cand. Fig.* ocorre a palavra *sinagoga* como “Assembleia de fiéis, entre os Hebreus. Templo judaico”; do Basil (Minas) “Desarranjo, desordem” e Brasil, gíria, “Cabeça”, acrescentando que, no plural, é um termo da Madeira com a aceção de “Bajulação; salamaleques. (Do gr. *sunagoge*)”. No *Dic. da Acad.* está registada a palavra *sinagoga* (do lat. *synagōga* < gr.) com a aceção religiosa “Templo consagrado ao culto judaico.” e na oitava aceção, atribuída ao Brasil, “Barulho, desordem, confusão.”. Também o *Dic. Houaiss* e o *Dic. Aurélio XXI* apresentam o vocábulo *sinagoga* como “lugar onde se reúnem os israelitas para o exercício do seu culto.”, e a aceção relativa ao Brasil, na linguagem informal, “barulho, desordem, confusão.”; “festa ruidosa; pândega, pagode.”; “reunião tumultuosa; casa onde ninguém se entende.” e ainda “cabeça (‘parte do corpo humano’)” e “bajulação, salamaleque.”. Por sua vez, encontramos no *Dic. Priberam* as aceções “Templo dos israelitas.”; “Assembleia religiosa de judeus.”; “[Brasil] Desarranjo; desordem.” e “[Portugal: Madeira] Trejeitos de mofa. =SALAMALEQUES.”.

**Stique** *expr.* **1.** Bebedeira. Embriagar-se ou andar nos copos. “Andar na bebedeira” (1). **Expr. pop.:** *Andar no stique*. **Obs.:** Ouvido de um habitante da Madalena do Mar aquando das entrevistas de prospeção. O único inquirido que reconheceu esta palavra, com o mesmo

significado, foi um jovem habitante da Lombada, por a ter ouvido de um conhecido do Curral das Freiras.

**Nota:** Apenas encontramos no *Dic. Priberam* a palavra **stique** (do inglês *stick*) com as aceções “Cana flexível. = CHIBATA”; “Desporto] Taco espalmado e recurvado na extremidade inferior, usado para impelir a bola no hóquei em campo ou no hóquei em patins ou o disco no hóquei no gelo. = ESTIQUE”; “Barra cilíndrica de uma substância (ex.: *desodorizante em stique*).” e “Equipa de pára-quadristas largada pelo mesmo avião.”. Nenhuma delas, no entanto, corresponde ao significado atribuído.

**Suicinas** (de suas sinas) *expr.* **1.** Não ter consumido álcool, estar sóbrio. “Não ter consumido álcool; que não bebeu álcool” (15); “pessoa que não está bêbeda” (9); “que não bebeu” (8); “sóbrio” (5); “não estar embriagado” (1). **2.** Pessoa que já bebeu, mas ainda não está bêbeda. “Que não está bêbedo, meio quente” (1). **Expr. pop.:** *Estar em suicinas*. **Obs.:** A expressão *meio quente* é frequentemente usada como sinónimo daquele que já bebeu, mas não o suficiente para ficar bêbedo. Apenas encontramos em *Voc. Pop. da Mad.* a palavra *sinas* com a definição “Juízo. (Estar nas suas)”. Em *Oferendas* está registada a expressão “*nas suas sinas*” por, que estava em posse dos seus sentidos. Assim, *estar em suicinas* (suas sinas) é estar *no seu juízo* (sóbrio).

**Nota:** Os dicionários consultados registam apenas *sina* (Do lat. *signa* ‘os signos’), com a aceção de “Signa”; ou, na linguagem familiar, “Sorte, destino, fado, fadário”.

## T

**Tampa n. f. 1.** Espécie de cesto de vimes, baixo e amplo, que era utilizado para guardar a comida cozinhada (batatas, feijão, etc.) ou transportar a comida até ao campo, onde as pessoas trabalhavam. “Cesto antigo, de vime, onde se punha a comida cozida” (5) “cesto de vimes largo e baixinho, com ou sem asa, que servia para guardar ou levar a comida cozida” (4); “cesto antigo para guardar os alimentos cozidos (semilhas, batatas...). A tampa ficava pendurada na cozinha com a comida ou com carne salgada. Também era usada para levar para o local de trabalho” (2); “tampa de **verga** ou vime para pôr **o comer** dentro para todos comerem” (2); “género de cesto de vime antigo de pôr a comida” (1); “cesto que servia para levar comida” (1). **2.** Cesto usado como medida de trigo. “tipo alqueire para medir trigo e para servir a comida” (2). **3.** Outros: “dizer não” (1); “levar um não” (1); “enganado” (1); “palmada” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* está registado o vocábulo *tampa*, com a definição de “Cesto redondo, baixo, de vimes ou junco, sem azas, onde se deitam as batatas e feijões verdes, em volta do qual, se reúnem, no chão, os camponeses e se servem às refeições.” Rezende (1961) também define *tampa* como “espécie de ceira em vime, baixa e ampla na qual costumam deitar batatas e maçarocas cozidas e à volta da qual se costumam sentar a comer a ceia.” e, em *Dizeres da Ilha*, o mesmo vocábulo tem a aceção de “Cesto redondo, baixo, feito de vimes, onde a gente do campo costuma deitar as batatas, feijões, etc. e depois a família se serve em comum.”.

**Nota:** Os vários dicionários registam apenas este vocábulo com as aceções de “Peça que cobre utensílio de cozinha, baú, caixa, caixão, etc.”; “Peça movediça para tapar vaso ou caixa; tapador, tapadouro, tapadura.”; *apanhar ou levar tampa* “ não obter (o homem) êxito em pedido de namoro ou convite para dançar; levar tábua (B), levar a lata (B).”; *dar com a tampa* “recusar (a mulher) pedido de namoro ou convite para dançar; dar tábua (B)”, entre outros.

**Temido** *adj.* **1.** Que tem jeito para alguma coisa. “Ser jeitoso para alguma coisa, ter jeito...” (10); “que tem jeito para / jeitoso” (6); “temido para a brincadeira” (1); “jeitoso, que está sempre a...” (1); “que está sempre a brincar, por exemplo” (1); “uma pessoa que gosta de ir ou fazer alguma coisa com frequência” (2). **2.** Pessoa destemida. “que não tem medo, que alinha em tudo” (2); “despachado” (1); “viciado, sempre pronto” (1). **3.** Pessoa prevenida. “prudente” (1); “pessoa de respeito” (1). **Sin.:** *useiro* “useiro” (1); *esperto* “esperto” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha* encontramos registado o vocábulo *temido*, com o significado de “Endiabrado; entusiasmado. – *O sê velho é um temido pa`brincar às cartas.*” e, em *Voc. Pop. da Mad.*, com a definição de “Grande. Desproporcionado.”.

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. e o Dic. da Acad. registam o adjetivo *temido, a* (do part. pas. do v. *temer*) com as aceções “ASSUSTADOR, TEMEROSO, TEMÍVEL.”; “DESTEMIDO”; “MEDROSO, RECEOSO”. No *Dic. Houaiss* encontramos as aceções “que infunde medo ou terror; temeroso.”; “que nada teme: valente, destemido.”; “que sente medo, cobarde, medroso.”. O *Dic. Aurélio XXI* registam também *temido* (Part. de *temer*) como “Que causa medo; assustador.”; “Destemido, valente.”; “Que tem medo; medroso, tímido.”. O *Dic. Priberam* define também *temido* como “Que infunde medo.”; “Valente”; “Medroso, tímido”.

**Tertilheiro** *adj.* **1.** Brincalhão ou que dá conversa para seduzir e enganar. “Alegre, divertido” (3); “brincalhão” (2); “que se põe com artices” (2); “que vem com artimanhas” (1); “que tem lábia, gosta de dar conversa fiada” (1); “indivíduo que gosta de “dar manteiga” dar meiguice” (1); “que se põe com artes para seduzir” (1); “pessoa que diz asneiras, anedotas” (1); “que gosta muito de brincar, gozão” (1); “pessoa que entretém outras” (1); “que entretém muito” (1). **Sin.:** *babuseiro* “babuseiro / birra” (1); *bilhardeiro* “babuseiro e bilhardeiro” (1). Ver **Arteiro**. **Obs.:** Em *Falares da Ilha* o adjetivo *tertilheiro* é definido como “Pessoa que faz trijeitos para entreter; de modos engraçados. – *Aquele piqueno é um tertilheiro.*”. Em *Dizeres da Ilha* encontramos este vocábulo com a definição de “Adulto ou criança com modos engraçados; que faz trejeitos.” e *Palavras do Arq. Mad.* regista também *tertilheiro* como “Homem amigo de dizer trêtas”.

**Nota:** Os vários dicionários registam apenas o verbo *entreteter*. No *Dic. Houaiss* são apresentadas, para *entreteter*, as aceções: “prender; desviar a atenção de, distrair.”; “enganar (com astúcia, manha, promessas, etc.); iludir, lograr.”; “ocupar-se) de maneira prazerosa (com); distrair(-se), recrear(-se)”, entre outras.

**Tertilhice** *n. f.* **1.** Brincadeira, meiguice, conversa fiada. “Brincadeira” (3); “brincadeira, conversa fiada” (3); “conversa fiada” (2); “meiguice, ter artes para dar conversa” (2); “conversa com meiguice” (1); “fazer intrigas” (1); “coisa engraçada” (1). **Sin.:** *artice* “artices” (1); *baboseira* “uma babuseira, birra” (1); *bilhardice* “bilhardice com interesse” (3). Ver **Artice**. **Obs.:** Apenas Macedo (1939) regista a palavra *tertelhice*, com a definição de “brincadeira. (de tertilheiro)”.

**Nota:** Nenhum dicionário consultado regista este vocábulo.

**Tertilho** *n. m.* **1.** Brinquedo ou objeto sem valor para a criança se entreter. “Brinquedo” (16); “brinquedo, presente” (1); “brinquedo sem valor” (1); “brinquedo dos pequenos” (1). **Var.:** *entretelho* “Entretelho – brinquedo” (2). **Obs.:** Na Madalena do Mar apenas é reconhecido o vocábulo *entretelho*. Encontramos em *Falares da Ilha* a palavra *tertilho*, como sinónimo de “Brinquedo. – *Dá esse tertilho ao piqueno.*”. Em *Dizeres da Ilha* o vocábulo *tertilho* está registado como “Qualquer objecto ou coisa com que as crianças se entretendam. Exemplo: *Uma bola; uma caixa; uma fita, etc.*” e, em Macedo (1939), este tem a definição de “brinquedo”.

**Nota:** Este vocábulo não se encontra em nenhum dicionário consultado, o mesmo acontecendo com a variante *entretelho*.

**Tração** *adj.* **1.** Mulher da má vida ou pessoa má. “Cabra, mulher de má vida, sem vergonha” (4); “que diz mal dos outros” (2); “pessoa má, mentirosa” (2); “pessoa de que não se gosta (mulher da rua)” (1); “pessoa má” (3); “traioeira” (1); “pessoa *relaxada*, má” (1); “que faz mal” (1); “pessoa que faz algo mal” (1). **2.** Ofensa “ofensa” (1). **3.** Pessoa enervada, irrequieta. “Pessoa irritada, nervosa” (1); “que nunca tá quieto” (1). **3.** Querer fazer sexo com alguém. “Dava-lhe um tração (fazia sexo com ela)” (1). **Expr. pop.:** *Dar um tração*. **Obs.:** A definição *relaxada* significa má e não descontraída, como é usual na linguagem padrão. Este vocábulo não foi reconhecido na freguesia dos Canhas. Em *Falares da Ilha* encontram-se, para esta palavra, duas entradas: *tração 1* “Interj. Termo irónico. – *Ah sê`tração, `inda apareces adiante de mim? – Aquela gája é um tração qu`anda ali. – Ah sê` tração o que `tais aí a fazer, põe-t`andar!*” e *tração 2* “Pessoa de mau comportamento”. Em *Voc. Pop. da Mad.*, o vocábulo *tração* está definido como “Indivíduo maldoso e sem o menor crédito. Mulher de má nota.”. Em *Dizeres da Ilha*, encontramos *tração* “Mulher de mau comportamento” e, em *Palavras do Arq. Mad.*, com a definição de “Intrigante; mexeriqueiro”.

**Nota:** Os vários dicionários registam a palavra *tracção* (*tração*) (do lat. *tractio*, *-ōnis*) apenas com as aceções de “Acção de uma força que desloca um objecto móvel.”; “acto ou efeito de puxar, arrastar, movimentar.”; “FIS situação de um corpo quando submetido à acção de uma força que tende a alongá-lo.”; “MED manobra que consiste em alongar parte de um membro ou a coluna vertebral, a fim de obter um efeito terapêutico ou analgésico.”; “Modo de arrastar ou de fazer andar veículos.”; “Parte de uma exploração de caminho-de-ferro que dirige o movimento de vagões e locomotivas.”.

**Trédo** *adj.* **1.** Esperto, atento, inteligente. “Esperto” (4); “inteligente, esperto” (3); “sabido” (2); “atencioso, esperto” (1); “atento” (1); “inteligente, que aprende depressa” (1). **2.** Pessoa que gosta de aventuras. “pessoa aventureira” (1). **Obs.:** Este vocábulo apenas foi reconhecido pelos inquiridos da Lombada, freguesia da Ponta do Sol. Em Rezende (1961), encontramos **trede** com a definição de “peixe matreiro e desconfiado” e, em *Voc. Pop. da Mad.*, “Esperto. Activo. Ladino”.

**Nota:** Encontramos o vocábulo **trede** em Cândido de Figueiredo com a aceção de “Traíçoeiro; falso. (Do rad. do lat. *tradere*)”. O *Dic. Houaiss* regista-o com as aceções “que trai a confiança de outrem; traidor, traiçoeiro.”; “que age com falsidade em relação a alguém, a uma obrigação, a um dever; fingido, insincero.”; “que revela traição.”, entre outros. No *Dic. Aurélio XXI* este vocábulo surge também com as aceções de “Em que há traição; traiçoeiro.\* golpe **trede**.” e “Falso, traiçoeiro”. Também o *Dic. Priberam* regista **trede** “Que trai a confiança. = FALSO, TRAIÇOEIRO, TRAIADOR, VELHACO”.

**Trompicado** *adj.* **1.** Lixado, enganado, em maus lençóis. “Enganado” (4); “estar complicado” (5); “pessoa que não está bem, ficar mal” (2); “estar arrumado, numa complicação” (1); “baralhado” (1); “que não se concretizou” (1); “deu-se mal com alguma coisa” (1); “está difícil nº14” (1). **2.** *Fig.* Ter um desgosto. “chateado, desgostoso” (1); “caído” (3). **Sin.:** **lixado** “Lixado” (25); “estar lixado com alguém” (1); “estar lixado ou com problemas” (1); “lixado, contrariado” (1); **tramado** “estar tramado, enganado” (1); **arrumado** “estar arrumado, chateado” (1); **atrapalhado** “atrapalhado” (1).

**Nota:** Este vocábulo não se encontra registado em nenhum dicionário ou estudo consultado.

**Trompicar** *v.* **1.** Cair ou tropeçar. “Tropeçar” (17); “Embalançar, tropeçar” (1); “cair” (6); “tropeçar, cair” (4); “cambaleiar (ex. de bêbedo)” (3); “que ia cair mas não caiu” (2); “quase cair” (1). **2.** Enganar alguém. “enganar alguém” (5); “enganar” (2); “violiar os planos” (1); “complicar” (1); “tentar enganar” (1); “deixar complicado” (1). **Sin.:** **lixar** “Lixar” (7); “lixar, fazer mal” (3); “lixar alguém” (1); **tramar** “tramar, enganar outro” (1). **Obs.:** Encontramos **trompicar** em *Falares da Ilha*, com a aceção de “Cambaliar. Ir à fava. – *O gájo vem a trompicar. Já `tá «naife-naife», já `tá com a bedeira. – Sabes que mais? Vai-te trompicar, anda.*” e **trompicar o parceiro**. “Intrujar. Conseguir o que outro pretendia. Conto do vigário.”. Em *Voc. Pop. da Mad.*, **trompicar** é definido como “Cair. Escorregar. Enganar-se”.

**Nota:** Apenas o *Dic. de Când. Fig.* e o *Dic. Houaiss* registam o verbo **trompicar** como regionalismo algarvio e transmontano, cuja aceção é “tropeçar” e com a aceção informal “fazer maquinação, intriga; enganar, tramar.” (esp. *trompicar* ‘cambaleiar, tropeçar’, alt. de *tropicar* por influência de *trompazo*).

## U

**Ugalha** *n. f.* **1.** Pertença a um grupo ou raça. “Ser igual a alguém / iguais” (8); “não ser da mesma raça ou grupo de pessoas” (2); “ser da mesma espécie” (2); “pertencer ao mesmo grupo” (1); “que se junta a alguém igual” (1); “parecido com outro” (1). **2.** Pessoa que acompanha outra. “Companheiro” (1). **Var.:** *Agualha* “Agualha” (7); *gualha* “gualha – laia” (2). **Sin.:** *laia* “laia” (3); “da mesma laia” (2); *classe* “da mesma classe” (1). **Expr. pop.:** *Ser da mesma ugalha*. **Obs.:** “Ser da mesma ugalha” é ser igual a alguém. Em *Falares da Ilha* encontramos *igualha*, “Igual. - `Taes a brincar comigo. Julgas que sou da mesma igualha...” e a expressão *da mesma iguálha*, “Igual, Vide da mesma consulta.”; *da mesma consulta*, “Que é igual (com referência ao indivíduo que procede mal). – Este gájo é da mesma consulta daquele, já `tava a ver isso...” e *nan sou da tua igualha*, “O mesmo que *nan sou da tua laia*.” Já Macedo (1939) define *ugalha* como “lasca de pedra mediana, na construção de paredes de alvenaria.”

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *ugalha* como linguagem popular, “O mesmo que igualha. (De *ugar*)”, e *ugar* “Ser igual. (Por *igar*)”. O Dic. da Porto Ed. define *ugalha* como “lasca de pedra mediana”. No Dic. da Acad. está registado *ugalha* “V. *igualha*.” e *igualha, ugalha* (linguagem popular) (do lat. *aequalia*, pl. neutro de *aequalis* ‘igual’) como “Identidade ou igualdade de condição ou posição social; semelhança na maneira de ser, de sentir, de pensar. **Da sua (minha, tua...) igualha**, que são semelhantes a si na posição social ou maneira de ser.” e o *Dic. Priberam* apresenta para *igualha* a aceção “Identidade de condição social ou moral”.

## V

**Vaqueira** *n. f.* **1.** Bicho-vaca-preto. Pequeno animal preto que surge sempre após a chuva. “Bicho / bichinho preto” (13); “animal preto pequeno” (3); “bicho preto, vaca da serra” (3); “bicho preto que aparece quando chove” (1); “verme” (1); “bicho” (1); “bicho preto que parece uma minhoca” (1). **Sin.:** *vaca da serra* “vaca da serra” (1), “vaca da serra” (2); “vaca da serra” (3); *vaca preta* “vaca preta” (3); *bicho da serra* “bicho da serra” (1); “bicho da serra ou vaca da serra ou bicho de vaca” (2); *bicho de vaca* “bicho da serra ou vaca da serra ou bicho de vaca” (2). **Obs.:** O vocábulo *vaqueira* é conhecido apenas na freguesia da Ponta do Sol. Nos Canhas, registámos a denominação *vaca da serra* ou *bicho preto* e, na Madalena do Mar, *vaca preta* ou *vaca da serra*. (Curiosidade: no Funchal, é conhecido como *bicho carneiro* ou *bicho do caco*; em Santana é *corre caminho*; em Machico *carneiro*; em C. Lobos e Serra d’Água *vaca preta*; na R. Brava *bicha vaca*; em Trás-os-Montes *bicho de vaca*). Apenas em *Voc. Pop. da Mad.* encontramos registado *vaqueira*, mas com o significado de “Qualidade de couve muito vulgar”.

**Nota:** Os vários dicionários registam apenas o vocábulo *vaqueiro, a* (de *vaca* + *suf. -eiro*) com as aceções “Pessoa que trata das vacas” e no Brasil “Carne que cobre as vértebras lombares, costelas, espáduas e parte do pescoço do animal.”; “Matambre”.

**Vasilha** *adj.* **1.** Pessoa torta, que só faz asneiras, irresponsável. “Pessoa torta” (14); “pessoa torta, vasilha torta” (6); “um vasilha torta que só faz asneiras” (3); “pessoa que não presta” (2); “ofensa – pessoa torta (vasilha torta), desimportado” (1); “rapaz que faz coisas tortas” (1); “pessoa mal comportada, desinquieta” (1); “sem responsabilidade” (1); “pessoa torta, que nunca tá quieta” (1); “algo ou alguém torto” (1); “uma pessoa sem juízo” (1); “um tipo sem juízo” (1); “pessoa que faz asneiras” (1). **2.** Ofensa “ofensa – pessoa torta (vasilha torta), desimportado” (1). **Sin.:** *destrambelhado* “pessoa destrambelhada” (1); *tonto* “tonto” (1); *desimportado* “ofensa – pessoa torta (vasilha torta), desimportado” (1). **Obs.:** Também é utilizado como *forma* para bolos (*vasilha* para cozer o bolo). Em *Falares da Ilha* encontramos a expressão *vasilha torta*, “Pessoa de costumes ordinários; provocadora. – Não andes mais c`aquele gájo qu`el`é uma vasilha torta.” e, em *Dizeres da Ilha*, a mesma expressão *vasilha torta* com a definição “Pessoa de maus costumes; manhosa; trapaceira. Exemplo: *Deves evitar a companhia do Raul, porque ele é uma vasilha torta.*”.

**Nota:** O Dic. da Acad. regista na quarta aceção de *vasilha* (do b. lat. *vasilia*), de uso no Brasil, “Recipiente de uso doméstico usado especialmente para guardar ou conter alimentos. *ser uma vasilha ruim*, ser pessoa de maus instintos, de mau comportamento ou de má fama.”. Também o *Dic. Aurélio XXI* apresenta na terceira aceção do vocábulo *vasilha* (do lat. vulg. *vasilia* < *vasu*, ‘vaso’, pelo modelo de *utensilia*, ‘utensílio’), a expressão usada no Brasil “*vasilha ruim*, Fig. Pessoa má, de mau comportamento e / ou maus instintos, má fama.”. Os restantes dicionários não apresentam este significado. Concluimos que a expressão utilizada na Ponta do Sol tem a mesma origem da expressão brasileira *vasilha ruim*.

**Vazar** *v.* **1.** Contar tudo o que sabe. “Que conta tudo o que ouviu / bilhardar” (4); “mentir” (2); “que conta tudo” (2); “falar sem saber o que diz” (1); “que não guarda o que ouve” (1); “falar barato” (1); “dizer tudo o que sabe” (1); “contar tudo o que ouviu” (1). **2.** Defecar. “Cagar” (30); ); “fazer as necessidades” (9); “obrar” (5); “defecar” (4); “fazer cocó” (4); “fazer **pupu**” (3); “estar com a **furrica** ou caganeira” (3); “evacuar” (2); “deitar fora” (1); “ir a cima dos pés” (1); “deitar algo fora” (1); “**fazer os precisos** na casa de banho” (1); “ir à casa de banho” (1). **Sin.:** *bilhardar* “Bilhardar” (5); *descozer-se* “bilhardar – descozer-se (dizer tudo o que sabe)” (2). **Obs.:** Encontramos em *Falares da Ilha* o verbo *vazar*, com a definição “Dejectar; mentir. – *O qu`é que `tais aí a vazar?*” e, em *Voc. Pop. da Mad.*, com a definição de “Defecar”.

**Nota:** Cândido Figueiredo regista *vazar*, entre outros, com o significado de “Esvaziar-se. Entornar-se. Despejar-se. *Desusado* dizer tudo quanto sabe, pôr tudo em pratos limpos, revelar quanto ouviu. (De *vaziar*, de *vazio*)”. No Dic. da Acad. encontra-se registado o verbo *vazar* (de *vaz<io>* + suf. –ar), com a primeira aceção “DERRAMAR, DESPEJAR, ENTORNAR, VERTER.”; com a terceira aceção “Expressar, alguém, o que sente ou pensa, o que se tem na alma ou no espírito. = DESABAFAR, TRADUZIR.” e a décima quarta aceção “Tornar-se conhecida, determinada informação, por falta de cuidado, atenção ou por indiscrição. *A notícia da sua nomeação vazou muito antes do anúncio público.*”. Na décima nona aceção encontramos também “+ -se. *Fam.* ir-se embora de um lugar. = SAIR.”, entre outras. O *Dic. Houaiss* regista *vazar* com as aceções “fazer ou deixar sair o conteúdo de (algo tomado como recipiente), ou ficar vazio”; “fig. deixar sair, externar (os seus sentimentos),

desabafar(-se).”; “ir para fora de, sair, escapar(-se)”; “fazer correr ou correr (líquido); entornar(-se), despejar(-se), escoar(-se).” e na décima sexta aceção “chegar (uma informação sigilosa) ao conhecimento de outras pessoas, por denúncia, engano, indiscrição ou negligência.”. O *Dic. Aurélio XXI* apresenta também **vazar** (alter. de *vaziar*) como “Tornar vazio; esvaziar.”; “Entornar, despejar, verter.” e a vigésima primeira aceção “Tornar-se conhecida (notícia) por descuido, indiscrição, inadvertência, etc. \* A notícia vazou.”. O *Dic. Priberam* não apresenta esta última aceção.

**Vazios** *n. m.* **1.** Zona do final das costas, barriga, costelas. “Zona abaixo das costelas” (10); “aduelas” (6); “barriga” (7); “parte do fim das costas” (3); “abaixo das costelas” (3); “estômago” (2); “zona do fim das costas ou costelas” (2); “zona lateral das costas” (2); “parte das costelas” (2); “barriga, de baixo dos braços” (1); “costas, rins” (1); “costas” (1); “costelas” (1); “comer nos vazios – barriga” (1); “zona do abdómen” (1); “partes laterais da parte de baixo das costas” (1); “barriga dos animais” (1). **Expr. pop.: Comer nos vazios.** **Obs.:** Encontramos registado o vocábulo **vazio**, em *Voc. Pop. da Mad.*, com a definição de “Ilharga, quadril. Região superior do baixo-ventre.”.

**Nota:** No *Dic. de Când. Fig.* encontramos **vazio** com as aceções: “Que não contém nada ou que só contém ar. Despovoado. Desocupado. Despejado. Fútil. Destituído” e “O mesmo que *vazia*, espaço entre as costelas e o osso ilíaco. (...). (Do lat. *vacivus*, de *vacare*)”. No *Dic. da Acad.* encontramos a segunda entrada para o vocábulo **vazio 2** com a oitava aceção “Parte dos quartos traseiros das rezes bovinas entre as costelas e o osso ilíaco. = VAZIA.”. O *Dic. Houaiss* regista o adjetivo **vazio** com a aceção “que não contém nada ou contém apenas ar.” e na vigésima aceção “ilhargas (esp. dos animais).”. Também o *Dic. Aurélio XXI* regista **vazia** (do adj. *vazio*), com a aceção popular “Ilharga”; “Lus. Peça de carne bovina que se tira do rosbife completo.” e **vazios**, “Ilhargas da cavalgadura”. O *Dic. Priberam* também regista este significado. Julgamos que o significado com que é utilizado na Ponta do Sol está relacionado com esta aceção atribuída aos animais, por analogia.

**Vazola** *adj.* **1.** Mentiroso, gabarola, que diz tudo o que sabe. “que mente muito” (2); “que fala muito, conta tudo” (2); “que está a mentir” (1); “alguém que gosta de gozar de outrem” (1); “que diz mal dos outros” (1); “pessoa aldrabona” (1); “que só diz asneiras” (1); “gaba-se do que não tem” (1); “que sabe tudo” (1); “alguém que se gaba muito” (1); “mentiroso, não sabe guardar segredo” (1); “pessoa com muita autoestima” (1); “que mente, engana” (1); “que diz o que não deve” (1); “caga pra caramba” (1). **Sin.: bilhardeiro** “Bilhardeira(o)” (3); “que **labardava** muito, bilhardeiro” (1); **cagão** “cagão / que descobre tudo o que sabe” (2); **fala barato** “fala barato” (1). **Obs.:** Em *Falares da Ilha*, o adjetivo **vazola** tem por definição “Mentiroso. O mesmo que vazão. – *És um vazola. só vens p`r`aqui vasolar...*”. Em *Voc. Pop. da Mad.*, este está registado como **vasola, ão**, “Mentiroso e exagerado.”. Também em *Dizeres da Ilha* é apresentado este vocábulo como sinónimo de “Mentira. Mentiroso. Exemplo: a) *Isso é uma grande vazola.* b) *Ele é um grande vazola.*”. Já Macedo (1939) regista **vazola** como “mentiroso (de vazar)”.

**Nota:** Nenhum dicionário consultado regista este vocábulo.

**Verónica** *n. f.* Cara, rosto. **Var.:** *berónica*. **Obs.:** Apesar de não ter sido reconhecido por nenhum dos inquiridos, a palavra *verónica* está registada em *Falares da Ilha* com o significado de “Feição de qualquer pessoa. Deve ser sucessão da palavra verónica. Rosto. – *Olha p`á bronica dele. Parece que já tem a morte adiante de si...*”. Em *Voc. Pop. da Mad.* tem como sinónimos “Cara. Rosto. Feições. Fisionomia”. Em *Dizeres da Ilha* encontra-se registado como “Rosto. Exemplo: A Rosa tem uma linda verónica.” e em Macedo (1939) como “rosto (de Verónica). Relaciona-se certamente com a tradição religiosa de que Cristo deixou estampado o rosto na toalha com que Verónica lhe limpou os suores”.

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. o vocábulo *verónica* é definido como “Imagem do rosto de Cristo, gravada em metal. A mesma imagem, pintada ou estampada com traços vermelhos num pano branco. Antiga moeda de ouro”. O vocábulo *verónica* (De *Verónica*, antrop.) encontra-se também registado no *Dic. da Acad.* com a aceção religiosa “Relíquia constituída pelo pano em que, segundo a tradição cristã, uma mulher, de nome Verónica, enxugou a face de Jesus Cristo, quando este carregava a cruz ao Calvário, tendo aí ficado gravada a imagem do seu rosto. Santo sudário”. No *Dic. Priberam* podemos encontrar como primeira aceção da palavra *verónica* o mesmo significado “Imagem do rosto de Jesus Cristo, estampada ou pintada num tecido”, como segunda aceção “Imagem do rosto e corpo de um santo impressa ou gravada em pano, cera, metal, etc.” e como quarta aceção “[Informal] Rosto, cara”.

**Vestir** *v. 1.* Proteger a parede ou pôr cimento. “Pôr cimento na parede” (22); “deitar massa na parede” (8); “dar massa ou pôr cimento na parede” (6); “caiar a parede” (2); “pintar a parede” (2); “tapar os blocos com cimento” (2); “proteger a parede” (1); “deitar cimento” (1); “aplicar massa betuminosa” (1). **Der.:** *revestir* “revestir” (1); “revestir, cobrir” (1). **Sin.:** *cispar* ou *cespar* “proteger, cispar” (2); “caiar, cespar” (1); *estucar* “estucar” (1).

**Nota:** No Dic. de Când. Fig. *vestir* ocorre com as aceções de “Cobrir com veste. Pôr sobre si (qualquer peça de vestuário): *vestir um casaco.*” e “Cobrir, revestir, resguardar. (...). (Lat. *vestire*)”. O Dic. da Acad. regista na nona aceção de *vestir* “Fazer ficar ou ficar, uma superfície, totalmente coberta. = REVESTIR.”. No *Dic. Aurélio XXI* encontramos *vestir* (do lat. *vestire*) “Cobrir com roupa” e na sétima aceção “Cobrir, forrar, revestir; alcatifar. \* Tapetes persas vestiam o chão.”, entre outras. Também o *Dic. Priberam* regista na quarta aceção de *vestir* o significado “Cobrir, adornar, revestir.” e na oitava aceção o sentido figurado “Cobrir, revestir, atapetar, alcatifar, forrar”.

**Vigiar** *v. 1.* Ver, olhar. “Ver” (28); “olhar” (18); olhar com atenção (4); olhar, ver (4); observar (3). **Sin.:** *deitar sentido* (1). **Obs.:** Também é utilizado como expressão de surpresa: “Vigiar!?”; “Tás vendo?!” = A sério?! ou “Vigiar o que ele foi dizer!” = Olha o que ele foi dizer!. Em *Falares da Ilha*, o vocábulo *vigiar* está registado como “Ver. Vêr. Eu vigio (vejo). Tu vigias (vês). Ele ou a gente vigia (vê).”. Este vocábulo surge também na obra *Oferendas*, com o significado de “vê”.

**Nota:** O Dic. de Când. Fig. regista *vigiar* como “Estar acordado. Estar de sentinela. Tomar cuidado. Estar atento”; “Observar atentamente; espreitar. Estar atento a; velar por (...)

Acautelar-se. (...) (Do lat. *vigilare*). Os restantes dicionários consultados registam o verbo **vigiar** com as aceções “atentar em...”; “espreitar”; “fiscalizar”; “certificar-se, verificar”; “guardar”; “velar”; “acautelar-se, precaver-se”; “observar com atenção; estar atento.”; “observar secreta ou ocultamente; espreitar, espionar.”; “cuidar com atenção, olhar por; velar.”; “fazer fiscalização de; controlar, verificar.”; “permanecer atento, alerta ou desperto.”; “ficar de sentinela, de guarda, de atalaia.”; “tomar conta de; cuidar.”, entre outros, mas não apresentam a aceção de ver ou olhar.

**Vimiadas** *n. f.* **1.** Pancadas com um vime de videira. “Pancadas com um vime de videira” (26); “levar de vime” (5); “levar com um pau de vime” (4); “levar com um vime nas canelas” (2); “castigar com um vime” (2); “bater com um vime” (2); “dar com um vime” (1); “apanhar com um vime nas pernas” (1); “malha com um vime nas canelas” (1); “dar uma malha” (1); “apanhar uma tarefa com um pau” (1); “ser malhado com um vime” (1). **Var.:** **vimeadas** “vimeadas – bater com um vime” (1). **Sin.:** **trochadas** “levar umas trochadas com um vime ou pau” (2); **vregalhadas** “vregalhadas com um vime de videira” (1); **malha** “malha” (1).

**Nota:** Cândido Figueiredo apresenta **vime** “Vara tenra e flexível de vimeiro. Qualquer vara flexível que serve para atar molhos. (...). (Lat. *vimen*)”; **vimial** “O mesmo que vimieiro. (...). (Do lat. *viminalis*)”. Os restantes dicionários consultados registam apenas o vocábulo **vime** “vara de vimeiro, ger. flexível e us. em trabalhos trançados; buinho.”; “*p.ext.* qualquer vara flexível”.

## V – Conclusões

Este estudo sobre os regionalismos no concelho da Ponta do Sol, como o próprio título indica, pretende ser, acima de tudo, um contributo para a recolha e salvaguarda do nosso património linguístico madeirense que está a desaparecer, sobretudo entre as camadas mais jovens da população, como de seguida veremos.

Da análise dos dados obtidos a partir da aplicação dos inquéritos aos alunos da Escola da Ponta do Sol, verificámos que, quanto mais novos são os inquiridos, menos são os vocábulos por eles conhecidos, independentemente da localidade onde residem. Pois, apesar das turmas de quinto e décimo anos inquiridas serem constituídas maioritariamente por alunos da freguesia dos Canhas, os mais jovens (quinto ano) são aqueles que apresentam menor conhecimento do significado e uso dos vocábulos. Por outro lado, no que respeita à turma de sexto ano, apesar de ser composta por alunos, na sua maioria, da Lombada, continuam a conhecer menos vocábulos do que os de décimo ano.

Para os adultos, depois de compararmos os resultados obtidos por freguesias e localidades, observamos que são os inquiridos da freguesia da Ponta do Sol os que mais vocábulos da lista apresentada conhecem, com especial destaque para os da localidade da Lombada. Por outro lado, são os residentes dos Canhas e Madalena do Mar aqueles que menos vocábulos inquiridos reconheceram.

Da observação dos resultados por faixa etária, constatámos que a faixa dos 0 aos 14 anos é aquela que menos conhece e utiliza os vocábulos apresentados na nossa lista. De resto, muitos dos vocábulos são desconhecidos ou apenas reconhecidos por um ou outro inquirido, possivelmente por influência do local onde vive. No que respeita aos jovens dos 15 aos 24 anos, o total de vocábulos conhecidos é superior à faixa anterior. Quanto à faixa etária dos 25 aos 64 anos, verificamos que a grande maioria dos inquiridos conhece e utiliza grande parte dos vocábulos, no entanto, poucos são os vocábulos muito utilizados pelos inquiridos desta faixa etária, havendo um grande grupo de palavras que só são usadas às vezes ou que nunca são utilizadas. Finalmente, ao analisarmos os resultados da última faixa etária, inquiridos com idades a partir dos 65 anos, constatamos que, tal como na faixa anterior, são poucos os vocábulos que não são conhecidos ou utilizados.

Assim, como tínhamos previsto, a maioria destes regionalismos tende a desaparecer com as novas gerações. Pois, salvo um pequeno número de vocábulos de uso corrente, que em alguns casos sofreram alteração do significado inicial, a maior parte ou não é conhecida dos mais jovens ou, se o é, não é por eles utilizada, confirmando, assim, que estes estão a cair em desuso.

Da leitura dos resultados por habilitação, verificamos que são os inquiridos menos escolarizados, ou seja, com nenhuma habilitação, com o primeiro ciclo e com o segundo ciclo, aqueles que mais vocábulos conhecem e também os que mais os utilizam. No que respeita aos inquiridos com o terceiro ciclo, constatamos serem aqueles que menos vocábulos conhecem, sendo visível também a sua pouca utilização. Refira-se que deste nível de escolaridade fazem parte os alunos de décimo ano. Quanto aos inquiridos com o secundário ou com o nível superior, apesar de conhecerem a maioria dos vocábulos, poucas vezes ou nunca os utilizam.

Deste modo, comprovamos que estes vocábulos deixam de ser utilizados pelos mais letrados, não só devido ao maior conhecimento da língua padrão, como também à maior utilização dos diversos meios de comunicação e ao contacto com outras culturas. Por outro lado, muitos daqueles que concluem o ensino superior fazem-no fora da ilha, o que muito contribui para o seu afastamento do uso regional da língua.

Concluimos, assim, que não só a idade dos falantes mas a sua maior ou menor escolarização contribuem para o uso e conhecimento dos regionalismos ou, em última análise, da linguagem popular.

No que concerne ao glossário dos regionalismos estudados, aqui apresentado, importa referir que, uma vez que não nos foi possível fazer a prospeção nos dicionários de língua portuguesa de todos os vocábulos e expressões incluídos neste estudo, constatamos posteriormente que algumas das palavras inquiridas são comuns à língua padrão. No entanto, é muito interessante observar como muitos madeirenses consideram algumas destas palavras regionalismos, tal como acontecia no nosso caso, enquanto outras, que são regionais, muitas vezes julgam ser da língua padrão.

Assim, começamos por dar conta das palavras e expressões que, apesar de constarem da nossa lista, fazem parte do português padrão: *abispar-se* (avispar-se); *altares* (pl.); *ar encanado*; *artice* (arteirice); *arteiro*; *baleias*; *beliscar*; *belisco*; *botas d'água*; *brioso*; *broa*; *cascar* (descascar); *catre*, *batizar*; (dar um) *vento*; *embarcado* (embora possa não ter exatamente o mesmo significado); *escarro* (escarrado); *estiar*; *falastrão* (parece ser usado na linguagem familiar, embora não tenhamos encontrado nos dicionários consultados); *fura-capá*; *gorgulho*; *manhã-de-páscoa*; *marca*; *mela*; *menção*; *precatar-se*; *quitar*; *rinchar* (jocosos, burlescos); *sim-senhor*; *temido*; *vazar*; *vazios* (vazia); *vestir* (revestir).

No que diz respeito aos vocábulos e expressões exclusivos da Madeira, ou seja, regionalismos da nossa lista não registados nos dicionários de língua portuguesa, ou que não apresentam o mesmo significado, temos: *algorreirinho* (de alorreiro); *apilhagem*; *apilhar*; *ar de sol*; *assacanhár*; *bambote*; *barreta* (boné com pala, provavelmente nome antigo para novo referente); *batata-da-barbiça*; *bazaneira*; *bichinhas*, *blastreira*, *bucho virado*; *bufarada*

(antigo, no português padrão *lufada*); *bujacão* (igual a *mijacão*, este na Madeira e no Brasil); *cacarinho* (diminutivo de *cácaro*, não dicionarizado); *cachada*; *caetano*; *caminho do carro*; *cana* (nome antigo); *cangureira*; *carralhota*; *casaca*; *coita*; *coitar*; *cores de pau*; *corpo saio* (antigo); *correia* (cinto, especificação semântica); *dar amor*; *despender*; *empada* (antigo, na Ponta do Sol); *encegueirar*; *enfuriar*; *escarreirar*; *esgamoado*; *espedir* (especificação semântica); *falar de rijo*; *fanhungo* (pessoa que está sempre a reclamar, feio); *refalsear* (gozar, derivado de *falsear*); *farrapo* (criança); *fazer arroz*; *flor da carne*; *fura-bardo* (pessoa enfuriadeira); *amor-de-burro* ou *seta* (fura-capá); *gamberna* (possivelmente de *gambéria*); *guardanapo* (toalha, *naperon*); *gungar* (*gungunar* no Brasil); *humildar* (*humar* no Minho); *injucado*; *ir fora*; *lampreia* (erva); *lanzeira* (cabelo grande e preguiça); *lapeira* (utensílio); *levadagem* (de levada); *matina* (primeira refeição da manhã); *matinar* (tomar a primeira refeição da manhã); *noveiro* (curioso); *peimar*; *pregana*; *presilha* (generalização semântica); *prisão* (mola da roupa); *quinau* (conselho, opinião); *rancheira*; *roupa da missa*; *roupa do cote*; *sem destino* (expressão para quantidade); *sinagogas* (pl.); *suicinas*; *tampa*; *tertilheiro* (provavelmente de *entretreter*); *tertilhice* (de *tertilheiro*); *tertilho* (antigo, variante de *entretelho*); *tração* (mulher de má vida e pessoa má); *trédo* (esperto, atento); *trompicado* (lixado); *vaqueira* (animal rastejante); *vazola*; *vigiar* (ver, olhar) e *vimiada* (de *vime*).

Acima incluímos regionalismos lexicais (de forma) e regionalismos semânticos (de significado). No entanto, identificamos ainda, dentro destes últimos, muitos regionalismos semânticos que ocorrem por analogia (extensão semântica por metonímia ou metáfora): *abispado* (no sentido figurado); *abóbora* (barriga); *aboseirar* (de *boseira*); *adejar* (som); *assoprado* (agressivo); *barreta* (corte de cabelo); *batelão*; *bazaneira*; *beira do cabelo*; *belisco* (pouco tempo); *bujão*; *caldeira* (de peixe); *ciganas* (fazer modilhos); *citado*; *batizar* (apatanhar sapatos novos); *cachada*; *embarcado* (parece ter um sentido específico na Madeira); *enchombrado* (roupa quase seca); *feijão-rasteiro*; *galfarro*; *marmaceira* (malandrice); *noivos* (festa de casamento); *poita* (traseiro); *porta* (casa); *pregagem* (dentes, talvez por analogia com os pregos); *rosa* (vagina).

Muitos dos regionalismos por nós estudados são corruptelas da linguagem popular, usada pela população menos escolarizada em várias regiões do país, e não verdadeiros regionalismos. São disso exemplo: *abispado*; *arreceber-se* (beirão e transmontano); *atraganhado* (talvez de *atacanhado*); *estaivado* (estouvado); *fanhungo* (possivelmente de *fanhoso*); *gorgomilho* (*gorgomilo*); *impriver* (talvez de *impribir*); *entramelado* (de *entramelado*); *pófia* (talvez de *embófia*); *ugalha* (variante de *igualha*); *engalgado* (de *esgalgado*). Alguns destes vocábulos são indicados nos dicionários de língua portuguesa como fazendo parte da linguagem familiar, como é o caso de *abóbora* (cabeça) e *estalar*

(desfalecer), outros, apesar de não dicionarizados, são referidos por Cabral do Nascimento no artigo «Existem palavras e locuções madeirenses?» (1950), como não sendo exclusivos da Madeira, como *falastrão* (que fala muito), *lavadeira* (bilhardeira) e *pangueiro* (mau pagador).

Alguns dos regionalismos que constam da nossa lista também ocorrem em outras regiões do país, conforme indicações dos dicionários consultados: *abatumado* (abetumado, Beira, Trás os Montes e Brasil); *a carão de* (algarvio e antigo); *cogiar* (antigo); *enchombrado* (regionalismo transmontano e do Brasil); *escurecer* (Açores e Minho); *garfada* (braçado); *humildar* (Madeira) / *humar* (Minho); *ementes* (beirão, transmontano e dos Açores), também a variante *ementres tanto* (na Madeira); *marmaceira* (marmaço no Algarve); *pangaio* (regionalismo minhoto e transmontano e também no Brasil); *pombinha* (Açores e Brasil); *quinau* (não localizado); *roupa do cote* (não localizado) e *trompicar* (tropeçar, Trás os Montes e Algarve). Para além destes, existem ainda alguns regionalismos que apenas são comuns à Madeira e ao Brasil, como *mijacão*; *desmentir* (entorce); *falaço* e *vasilha* (pessoa torta, no Brasil *vasilha ruim*).

Incluímos também na nossa lista vocábulos que são empréstimos, por se tratar de formas que apenas ocorrem na Madeira, nomeadamente, *gamse* (do inglês); *mira* (do espanhol); *passapalo* (importado da Venezuela) e *stique* (do inglês). Refira-se, contudo, que no caso de *mira*, este é utilizado não com o significado da língua de origem, “olha, vê”, mas para denominar um venezuelano. No nosso glossário registamos também palavras caídas em desuso ou arqueísmos, nomeadamente *promuntado* (possível corruptela de promontório) e *verónica* (cara).

Para além da proliferação de significados ou polissemia dos regionalismos estudados, no glossário podemos verificar também uma grande quantidade de sinónimos, muitos deles também regionalismos: *a carão de* – *estrême* ou *no estrêmo*; *adejar* – *cucar* / *gôgo* (fazer um som) ; *assacanhár* – *apuzenhar*; *caetano* – *polícia*; *carralhotas* – *cangalhotas* / *cavalhotas*; *casaca* – *soeira*; *batizar* – *crismar*; *enfuriar* (com a forma derivada *enfuriadeira*) – *vasculhar* / *fuçar*; *fanhungo* – *podengo* e *funguento*; *guardanapo* – *naperon*; *gungar* – *cucar* (curiosamente a mesma forma que ocorre para *adejar*), entre muitos outros (ver glossário).

Em suma, apesar de muitas destas palavras serem ainda utilizadas por algumas camadas da população, e de outras terem adquirido novos significados, parece evidente que a grande maioria se encontra em risco de, a médio e longo prazo, desaparecer, pois é apenas utilizada pelos mais idosos e pelos adultos com pouca habilitação. Por outro lado, se considerarmos que a maioria dos jovens, ou não as conhece ou, se as conhece, não as utiliza, como constatamos neste estudo, facilmente chegamos à conclusão que estas palavras serão, aos poucos, esquecidas. O nosso estudo, feito à luz da vitalidade que ainda lhes resta,

pretendeu dá-las a conhecer e, acima de tudo, refletir sobre elas, trazendo-as à luz do conhecimento daqueles que as desconhecem, dando-lhes vida novamente. Por este motivo, este é um estudo feito “À Luz das Palavras Quase Esquecidas”.

Consideramos, todavia, ser este trabalho apenas uma gota de água num oceano de possibilidades ainda por estudar. Alargá-lo a todos os concelhos da ilha, mesmo se tratando de um simples contributo, trar-nos-ia um maior conhecimento do património linguístico regional que nela existe, sob pena de muito dele, entretanto, ficar esquecido. Mas essa será uma outra viagem...

## VI - Bibliografia

### Dicionários

CUNHA, António Geraldo da (2002), *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2ª edição revista e acrescida de um suplemento. Editora Nova Fronteira.

*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa, Verbo.

FIGUEIREDO, Cândido de (1986), *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Bertrand Editora (1ª ed. 1939, 23ª ed.).

*Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2005), Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia – Portugal, Lisboa, Temas e Debates.

MACHADO, José Pedro (1995), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 7ª edição. Lisboa: Livros Horizonte.

*Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (2ª ed. revista e ampliada), Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira (1ª ed. 1986).

XAVIER, Mª Francisca e MATEUS, Mª Helena (Org.) (1992), *Dicionário de termos linguísticos*. 1ª edição. Lisboa: Edições Cosmos.

Dic. Priberam da Língua Portuguesa, edição online: [www.priberam.pt/dlpo/](http://www.priberam.pt/dlpo/) (consultado em dezembro de 2012).

### Bibliografia Geral

ALMEIDA, M. Elisete (1999), “Particularidades dos falares madeirenses na obra de Horácio Bento de Gouveia”, in *Colectânea de conferências, notícias e artigos da 1ª Exposição Bio-bibliográfica na Casa-Museu Dr. Horácio Bento de Gouveia*, Ponta Delgada, Casa-Museu Dr. Horácio Bento de Gouveia, pp. 55-81.

ANDRADE, Ernesto (1991), “Algumas particularidades do Português falado no Funchal”, in *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 17-29.

BAZENGA, Aline (2011), “Concordância verbal e variantes de 3ª pessoa do plural em PE: resultados preliminares de um estudo sociolinguístico com base numa amostra de Português Falado no Funchal”, in *Línguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas / Pluricentric Languages: Linguistic Variation and Sociocognitive*

*Dimensions* (eds. Augusto Soares da Silva, Amadeu Torres e Miguel Gonçalves), Braga, Alêtheia, pp. 301-318.

BOLÉO, M. de Paiva (1974), “Unidade e variedade da língua portuguesa” in *Estudos de linguística portuguesa e românica*, volume I (Dialectologia e história da língua), tomo I, Coimbra, pp.251-287.

CALDEIRA, Abel Marques (1961, 1993), *Falares da Ilha. Pequeno dicionário da linguagem popular madeirense*. 1ª edição. Funchal: Editorial Eco do Funchal.

CARVALHO, J. Herculano de (1970), *Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas*, tomo I, Coimbra, Atlântida Editora.

CINTRA, L. F. Lindley (1995), *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora (2ª edição).

CINTRA, L. F. Lindley (2008), “Os dialectos da ilha da Madeira no quadro dos dialectos galego-portugueses”, *Cultura Madeirense. Temas e problemas* (coord. José Eduardo Franco), Lisboa, Campo das Letras, pp. 95-104.

CRUZ, Maria Luísa Segura da (1991), *O Falar de Odeleite*, 1ª edição, Série: Linguística – 16, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

CRUZ, M. L. S. e SARAMAGO, João (1999), “Açores e Madeira: autonomia e coesão dialectais”, in *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão* (org. de Isabel Hub Faria), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Edições Cosmos, pp. 707-738.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1999), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa (15ª ed.).

FIGUEIREDO, Ana Cristina (2004), *Palavras d'aquintrodia: contribuição para o estudo dos regionalismos madeirense* (Dissertação na área da Dialectologia Portuguesa sob a orientação do Professor Doutor João Malaca Casteleiro), Funchal, UMA.

GOMES, Alberto Figueira (1949), “Achegas para um estudo do dialecto insular”. Das artes e da história da Madeira (Suplemento de O Jornal). Funchal.

JABERG, Karl (1936), *Aspects géographiques du langage*, Paris, Librairie Droz.

LADEIRA, Benvinda (2000), *Ponta do Sol Lendas e Memórias* (prefácio de João David Pinto Correia), Lisboa, Edições Colibri.

MACEDO, Deolinda Bela de (1939), *Subsídios para o estudo do Dialecto Madeirense*. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

MONTEIRO, Maria de Lurdes de Oliveira (1950), *Porto Santo, Monografia linguística, etnográfica e folclórica*, Coimbra.

NASCIMENTO, João Cabral do (1950), “Existem palavras e locuções madeirenses?” *Arquivo Histórico da Madeira*, Vol. VIII. Editado pela Câmara Municipal do Funchal, imp. Lisboa, pp. 204-211.

NUNES, João da Cruz (1965), *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*, Lisboa, Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

NUNES, Naidea Nunes (1998), «Os “dialectos madeirenses” e a história da língua portuguesa», Livro de comunicações do colóquio “Cultura de Periferias Insulares”, Funchal, Departamento de Cultura da Câmara Municipal do Funchal.

PEREIRA, Maria do Carmo Noronha (1951-1952), *Tentativa de um pequeno atlas linguístico da Madeira e algumas considerações fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense*, Lisboa, Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PITA, Gabriel de Jesus (2003), *A Freguesia dos Canhas, um contributo para a sua história*, Canhas, Junta de Freguesia dos Canhas.

REBELO, Helena (2007), “Referências espanholas nos vocabulários madeirenses”, *Separata. Aula Ibérica. Actas de los Congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, pp. 451-462.

REBELO, Helena (2009), “Acerca de algum vocabulário do Arquipélago da Madeira”, *Lugares da Lusofonia. Actas do Encontro Internacional* (Por ocasião dos 25 anos da fundação da Associação Internacional de Lusitanistas, Universidade do Algarve, 26 e 27 de Janeiro de 2009), Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve, Lisboa, Edições Colibri, pp.175-198.

REBELO, Helena (2011), «Um por semana: “vestuário” / armário, guarda-roupa, guarda-fato(s), guarda-vestidos», in *Tribuna da Madeira, Revista Sexta*, 28 de Outubro 2011, p. 32.

REBELO, Helena (2011), «Um por semana. Erro: “três bolo-rei”. Correção: três bolos-reis», in *Tribuna da Madeira, Revista Sexta*, 16 de Dezembro 2011, p. 32.

REBELO, Helena (2012), «Um por semana. Erro: “afim de suprir as necessidades”. Correção: a fim de suprir as necessidades», in *Tribuna da Madeira, Revista Sexta*, 10 de Fevereiro 2012, p. 32.

REZENDE, Maria Ângela Leotte (1961), *Canhas e Câmara de Lobos, Estudo etnográfico e linguístico*. Dissertação para licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

RIBEIRO, Emanuel Paulo Vitorino (1920), “Palavras do Arquipélago da Madeira”. *Revista Lusitana*. Vol. XXIII, nº 1 – 4. Lisboa: Livraria Clássica Editora. Pp. 131 – 137.

RIBEIRO, João Adriano (1993), *Ponta do Sol, subsídios para na história do concelho*, Ponta do Sol, Câmara Municipal da Ponta do Sol.

SANTOS, Jaime Vieira dos (1945-1947), “Vocabulário do dialecto madeirense”, *Revista de Portugal*. Série A – Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Império. Volumes VIII – XII.

SARMENTO, Alberto Artur (1914), “Populismo madeirense”. Heraldo da Madeira. Funchal.

SAUSSURE, Ferdinand de (1992), *Curso de Linguística Geral* (tradução de José Victor Adragão), Lisboa, Publicações Dom Quixote.

SILVA, António Carvalho da (1997), “Alguns apontamentos sobre vocabulários madeirenses do séc. XX”. *Revista Islenha 20*. Funchal: Jan a Jun, pp. 21 – 24.

SILVA, Augusto Soares da (2006), *O mundo dos sentidos em português. Polissemia, semântica e cognição*, Coimbra, Almedina.

SILVA, Maria Paula Marques de Freitas (1994), *O falar de S. Vicente. Descrição do sistema vocálico*, S. Vicente: Câmara Municipal de S. Vicente.

SILVA, Mariana Xavier (1878), «O rapazinho da Lombada», *Oferendas*, Centro de Estudos do Atlântico, Centro de Estudos de História do Atlântico (Biblioteca virtual).

SILVA, P.e Fernando Augusto da (1950), *Vocabulário popular do arquipélago da Madeira. Alguns subsídios para o seu estudo*. Funchal: Madeira Gráfica (Tip.).

SOUSA, Luís de (1950), *Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e locuções*. Funchal: Casa Figueira (Tip.).

VASCONCELOS, J. Leite de (1987), *Esquisse d’une Dialectologie Portugaise*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (3ª edição).

VERDELHO, Evelina (1982), *Linguagem regional e linguagem popular no romance regionalista português*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

VILELA, Mário (1994), *Estudos de lexicologia do Português*, Coimbra, Almedina.

## **Internet**

REBELO, Helena (2008), «A arte de criar palavras ou de “bilhar” à “bilhardice”» in <http://a-bilhardice.blogspot.com> (consultado em janeiro de 2013).

SANTOS, Thierry Proença dos (?), «A língua padrão vs. o português da Madeira», *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: a narrativa e as suas (re)escritas (com uma proposta de edição crítico-genética e com uma tradução parcial do romance para francês)*, pp. 182-201 (tese de doutoramento apresentada à Universidade da Madeira) in <http://digituma.uma.pt/bitstream/10400.13/57/1/DoutoramentoTHIERRY.pdf> (consultado em janeiro 2013).

Site da Câmara municipal da Ponta do Sol: [www.pai.pt/camara-municipal-ponta-do-sol-ponta-do-sol](http://www.pai.pt/camara-municipal-ponta-do-sol-ponta-do-sol).

## **VII – Apêndices (em CD)**